



Há portas que nunca devem ser abertas...

Jane Fallon



Ficha Técnica

Título original: Strictly between us
Título: Aqui Entre Nós
Autor: Jane Fallon
Tradução: Inês Castro
Revisão: Domingas Cruz
Imagens da capa: Gallery Stock e Getty Images
Adaptação portuguesa da capa: Carlos Miranda/Oficina do Livro, Lda.
ISBN: 9789897416316

QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide - Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Jane Fallon, 2016
e Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

PRIMEIRA PARTE

1

- Devia ir andando - diz Patrick.

Não vou discutir. Visto o meu casaco de malha vermelha com capuz. Puxo o fecho de correr. Cruzo os braços em jeito de barreira.

Patrick está também a arranjar-se. Estamos ambos a olhar para todo o lado menos um para o outro. Para ser sincera, quero vê-lo fora do apartamento o mais depressa possível. Ele atrapalha-se com os sapatos e tenho de fazer um esforço para não me inclinar e ajudá-lo a apertar os atacadores. Nesta ocasião, manter a distância é se calhar uma boa ideia.

- A Michelle... - Ele interrompe-se, mas a palavra fica a pairar ali como uma bandeira a esvoaçar na brisa.

- Claro.

Deixem-me explicar. Michelle é a minha melhor amiga. Há uns vinte anos. Até mais. Vinte e cinco. Patrick é o marido dela.

E o que acabou de acontecer foi um erro terrível.

A bem da minha própria sanidade mental, decidi fazer uma distinção à Bill Clinton. «Não tive relações sexuais com este homem.» Sim, houve línguas, mãos e respiração ofegante. Roupas remexidas. Efeitos sonoros dignos de um filme pornográfico barato. *Okay*, fiz sexo com ele. Mas, felizmente, parámos. Caímos em nós antes de, tecnicamente, irmos até ao fim. Não serve de grande consolo, mas, de momento, é tudo o que tenho.

Mais ou menos a pior coisa que eu poderia ter feito, creio que concordarão.

Mas não é o que parece. Bem, se considerarem os factos simples, suponho que seja. Estritamente falando, aconteceu. Só que não era para acontecer. Não me propus fazê-lo e, tenho quase a certeza, ele também não. Não houve uma grande cena de sedução, nada de olhinhos por cima da mesa da cozinha de carvalho muito marcado, da última vez que passei a noite em casa deles e Michelle se virou para nos servir outro copo de vinho.

Não é que tenha sequer pensado nisso. Nunca acalentei nenhuma fantasia culposa que me tenha impedido de fitar Michelle nos olhos no dia seguinte. De qualquer modo, não desde antes de eles se conhecerem. Não me ocorreu simplesmente olhar para Patrick desse modo. Ele era, é, o marido da minha melhor amiga, ponto final. E, contudo, aqui estamos, às sete e um quarto de uma terça-feira normal de trabalho, enrolados no meu sofá creme, com peças da minha roupa onde não deveriam estar, a tentar perceber o que acabou de suceder. Mas a minha mente está desorientada por causa do vinho que bebi e pela enormidade do que aconteceu.

- Merda - digo.

- Eu sei - murmura Patrick.

Quem disse que a arte da conversação morreu?

Sinto que devia dizer alguma coisa profunda, mas não consigo encontrar as palavras que seriam adequadas à gravidade da situação. Quero dizer-lhe que isto não sou eu,

que não sou o tipo de pessoa que faria o que acabámos de fazer, mas parece que sou exatamente isso agora. Sou esse tipo de mulher. Por isso calo-me. Espero. Talvez ele consiga decifrar isto.

Na escala das coisas relevantes, isto classifica-se num nível mais alto do que o dia em que montei a minha própria empresa de produção. Ou quando fui buscar *Ron*, o meu cão resgatado, uma mistura entre *fox terrier/Jack Russell*/qualquer coisa peluda (que, reparo, está sentado a um canto da sala a fitar-me com ar crítico, os seus grandes olhos tristes a mostrarem-me que o desapontei de cem maneiras mais do que até eu consigo imaginar). Ou daquela vez que um dos programas que a minha empresa faz foi nomeado para um prémio. *Okay*, foi para Melhor Montagem de Som, que não é propriamente prestigiante, eram os Prémios Técnicos de Televisão, de que ninguém nunca ouviu falar e, no fim, nem sequer ganhou, mas, mesmo assim, foi um dia bom no escritório.

O dia de hoje não entrará para a história como um dia bom.

Sinto necessidade de me explicar. Voltar ao princípio e tentar exprimir por palavras como acabei aqui. Sei que comecei com bons intuitos, o que é a história da minha vida, a propósito. A minha intenção era boa. Michelle precisava da minha ajuda e nunca deixei de a apoiar. Pelo menos, pensava que ela precisava da minha ajuda. Talvez fosse esse o meu primeiro erro. Lição número um: deixa as boas intenções em paz. Não precisas de interferir, de assumir o controlo e tentar resolver a vida de outra pessoa por ela.

Mas foi assim que sempre foi. Eu sou a decidida, a que faz as coisas. Michelle é mais des preocupada. Não se importa que me encarregue das coisas.

Estou perfeitamente ciente de que a minha necessidade de criar ordem na vida de outras pessoas é uma espécie de distração do facto de a minha própria vida pessoal ser caótica, para não dizer pior. É o lenço a acenar que pretende garantir que não reparamos que o ilusionista está a escamotear a nossa carta. Deixei atrás de mim uma fiada de relações desastrosas. Às vezes sou eu, às vezes são eles. Na verdade, tecnicamente, sou sempre eu, porque podia evitar os maus se quisesse, mas convencer-me do mérito disso seria como tentar persuadir um viciado em heroína que seria melhor tomar uma bela chávena de chá.

Porém, nada do que fiz antes se aproxima disto. Nunca andei a roubar maridos. Nem sequer os das minhas piores inimigas, muito menos da minha melhor amiga.

- Não lhe vais dizer, pois não? - Viro-me para Patrick que ergue uma meia sobrancelha.

- Não. Claro que não - responde e eu solto um pequeno suspiro de alívio, embora não achasse de facto que ele fosse sugerir usar o Face Time neste preciso instante para fazer uma chamada de vídeo para ela e encenar uma reconstituição.

De qualquer maneira, de volta à minha tentativa para justificar o injustificável. Aqui vai.

Deem-me uma hipótese.

Pelo menos, escutem o que tenho para dizer.

2

Deixem-me fornecer-lhes os pormenores básicos primeiro. Não se preocupem, não vou aborrecê-los com a história toda da minha vida ou a história demorada e longa da minha família mais próxima (feliz, nuclear, mais nova de três, só para o caso de estarem interessados). Vou ficar-me pelo essencial. Chamo-me Tamsin Elizabeth Fordham, tenho trinta e oito anos, sou produtora executiva e cofundadora de uma pequena empresa de televisão não particularmente fascinante, detentora da hipoteca de um apartamento de dois quartos em Belsize Park, dona de um pequeno cão, tudo à custa do meu próprio esforço.

A Castle Productions especializa-se em programas sobre imóveis daqueles que passam à tarde. Séries que duram há muito tempo em que as pessoas compram casas. Produzimos várias versões: pessoas prestes a divorciar-se que têm de procurar duas casas pelo preço da sua; recém-casados que querem o seu primeiro ninho; uma em que ajudamos a encontrar casa e emprego para pessoas que querem mudar-se. É basicamente o mesmo programa com uma ligeira modificação aqui e ali. São muito populares e muito baratos de fazer. Por consequência, a coisa está a

correr bem. Isto é, em termos financeiros. Dificilmente estamos a incendiar o mundo das artes.

Neste contexto, percebem porque ficámos tão animados com a nomeação para Melhor Montagem de Som. Algumas empresas têm uma prateleira para prémios na sua sala de reuniões. Um templo ao seu sucesso. Nós nem sequer temos uma sala de reuniões. Em geral, apinhamo-nos todos num dos nossos gabinetes. Se há mais do que seis pessoas envolvidas, vamos para o *pub* na porta ao lado.

Somos dois a gerir o negócio. Eu e o meu sócio Ian. Ian era o meu chefe e, há cerca de quatro anos, montámos a empresa juntos. Funciona. Damo-nos bem, mas não tão bem que sintamos necessidade de entrelaçar demasiado as nossas vidas fora do escritório. Ian é casado, tem cinco filhos, ele e a mulher convidam-me sempre para os grandes eventos, mas, felizmente, são muito compreensivos sempre que declino. Não sou muito boa com toda essa coisa das famílias felizes.

Depois há Anne Marie, que trata da parte do expediente, os contratos e a contabilidade, todas as partes divertidas. É um pouco mais velha, sessenta e poucos, e toma conta de todos nós, quer queiramos quer não. É uma grande pasteleira (culpo Paul Hollywood) e, quase todos os dias, traz para o escritório bandejas de bolachas ou *cupcakes* que produziu na noite anterior. O que é amoroso da parte dela. Porém, ninguém os come. Não porque estejamos todos a ter cuidado com o nosso peso, mas porque, em geral, são duros como uma pedra e sabem a pouco mais do que açúcar queimado. Já perguntei a mim mesma se ela terá algum negócio extra como dentista e estará simplesmente a tentar angariar clientes.

Há três assistentes. Lucy, que trabalha para Ian, é um pouco chata e rabugenta, mas ele gosta da eficiência dela. Quando a observo a organizar os clipes em cima da secretária, sinto sempre que teria dado um ótimo oficial nazi. A Ashley, que está no balcão da receção, mas também

faz todas as coisas gerais, atende os telefones e faz trabalho administrativo para Anne Marie... Não sei, é uma das poucas pessoas no mundo sobre quem não tenho absolutamente nenhuma opinião. Não está connosco há muito tempo, mas parece estar a dar-se bem. De qualquer modo, ainda não fez nada para me irritar.

E depois há o meu braço-direito, Bea. Adoro Bea. Não faço ideia absolutamente nenhuma do que faria sem Bea. Casaria com Bea se ela fosse um homem. De facto, casaria com ela de qualquer maneira se ela me aceitasse.

E é isso. A nossa pequena família de trabalho.

O nosso quartel-general, no oásis Brook Green, na moda mas barato, em West London, consiste de dois pisos por cima de uma loja que vende mobiliário e artigos de decoração *vintage*. No primeiro andar, a receção onde Ashley se senta atrás de um balcão em frente de um sofá e duas cadeiras, uma pequena sala que alberga Bea e Lucy e a cozinha. No segundo, um gabinete para cada um de nós, Ian, Anne Marie e eu. A casa de banho no patamar.

Somos pequenos, mas perfeitos.

Fora do trabalho, sou só eu e *Ron*, por escolha própria, devo acrescentar. No dia em que percebi que estava a ganhar o suficiente para poder pôr o meu hóspede fora do quarto extra foi tão bom como o dia da nomeação. De momento, sou o que chamam «seletivamente solteira». De vez em quando, volto a pôr um dedo do pé na água, inscrevo-me nalgum *site* de encontros e passo algumas noites horríveis a sair com pessoas, antes de decidir que estou melhor assim como estou.

Um destes dias, suponho que gostaria de conhecer alguém e assentar, arranjar uma casa e uma namorada para *Ron*. Mas não estou com pressa. Não vou com certeza optar por qualquer pessoa mais velha só para ter um

companheiro. E, quanto a crianças, esqueçam. Nunca estiveram no meu radar.

Michelle, por outro lado, há anos que anda apanhada por um caso grave de desejo de ser mãe. Quando ela e Patrick se casaram, ela mal podia esperar para engravidar (fazê-lo ao contrário teria sido tão estranho para Michelle como calçar as meias por cima dos sapatos). Mas Patrick queria esperar. Tinham todo o tempo do mundo, dizia. Deviam concentrar-se nas suas carreiras durante uns anos, conquistar uma base sólida.

- Qual é o interesse de ter filhos e não se conseguir cuidar do sustento deles? - perguntou, quando o assunto veio à baila certa noite ao jantar. - Ou conseguir cuidar do sustento deles, mas nunca os ver porque andamos a trabalhar a toda a hora para arranjarmos uma posição sólida no emprego?

Michelle encolheu os ombros.

- Resolveríamos isso.

Tentei manter-me neutra. Mas Patrick não aceitou.

- Tamsin sabe que tenho razão. Não é? - Virou-se para mim e tartamudeei de forma incoerente através da minha grande garfada de puré de batata.

- Só não quero deixar para demasiado tarde, é tudo - disse Michelle.

- Tens trinta e seis anos! - exclamou Patrick, exasperado. Isto aconteceu há uns dois anos. - Agora as mulheres têm bebés aos cinquenta.

Bufei para a minha bebida e até Michelle se riu.

- Diz-me o nome de uma mulher que tenha tido um bebé aos cinquenta.

- O que queres dizer com isso, diz-me o nome de uma mulher? Claro que não sei. Mas li sobre o assunto.

- Ah! - exclamei, aliviada por a conversa estar a assumir um tom mais leve. - Patrick andou outra vez a ler o *Sport*. Bebé-milagre nascido de mulher pós-menopáusica.

- Mulher dá à luz os próprios netos - retorquiu Michelle e ambas nos desfizemos em risadas.

- Está bem, está bem. Já percebi. Talvez não cinquenta.

- Só não quero deixar para muito tarde e depois descobrir que não é tão simples, só isso - declarou Michelle, de novo séria, enquanto servia mais brócolos para o meu prato, apesar de eu ter erguido uma mão para dizer que não queria. - E se eu levar que tempos a engravidar mal começemos a tentar...

Patrick pousou uma mão por cima da dela.

- Não vamos deixar para demasiado tarde, prometo. Só ainda não.

Agora, porém, o desejo de Michelle ser mãe atingiu a massa crítica. Ela sente que o relógio está a andar muito depressa. Sobretudo porque quer ter pelo menos três. Patrick está ditosamente inconsciente deste facto.

Michelle e eu conhecemo-nos no autocarro quando voltávamos para casa, da escola. Claro que já a vira por lá. Estávamos no mesmo ano, mas em turmas diferentes, por isso só nos cruzávamos em matemática, onde ambas elanguescíamos no nível quase mais baixo. Porém, nunca tínhamos falado. Em retrospectiva, percebi que ela era tímida. Na altura, acho que pensei que ela era do género boazinha, por isso nem sequer me esforcei.

Bem, certa tarde eu vinha no autocarro para casa. Michelle estava sentada alguns lugares à minha frente, com a cabeça num livro como sempre. Duas raparigas do ano a seguir ao nosso estavam sentadas atrás dela, no gozo, a falar alto. Reconheci-as e, para ser muito sincera, tinha um pouco de receio de uma delas, Lisa, porque era conhecida por ser um bocado psicopata. Por isso mantive a cabeça baixa, a fingir que estava embrenhada no meu trabalho de casa de geografia.

Passados uns minutos, elas calaram-se um pouco e isso fez-me erguer os olhos. A psicopata Lisa empunhava uma tesoura de unhas e agarrara numa das tranças loiras de Michelle. Estava a tentar cortá-la com determinação. Ao princípio, pensei que Michelle não tinha reparado, por isso, envergonho-me de admitir, decidi que o melhor a fazer era fingir que não estava a acontecer. Mas depois reparei num rubor vermelho que lhe subia desde a nuca. Ela sabia exatamente o que elas estavam a fazer só que tinha demasiado medo para dizer alguma coisa.

Adoraria dizer que me aproximei como um furacão, confrontei Lisa e a sua sequaz e que elas pararam e pediram desculpa, prometendo nunca mais intimidar ninguém. Claro que não o fiz, tinha tanto receio delas como era óbvio que Michelle sentia e não queria que elas virassem a sua atenção para mim. Assim, levantei-me, toquei a campainha, avancei pelo autocarro de forma tão descontraída quanto consegui, rilhando um grande sorriso e bati amigavelmente no ombro de Michelle.

– Ei!

O serrar da trança parou, tinha a certeza de que apenas temporariamente, e senti os olhos de vaca louca de Lisa assestados em mim, mas mantive o meu olhar com firmeza no objetivo e nem sequer dei a entender que a tinha visto.

– Vou sair aqui para ir à cidade, queres vir? Parece que há saldos no Warehouse.

Arrastei-a praticamente do assento e pelo corredor do autocarro até às escadas antes de ela poder dizer algo do género «Quem diabo és tu?». Para dizer a verdade, eu sabia mais ou menos que, sendo-lhe dado a escolher entre descer do autocarro e perseguir a sua presa, o que significaria andar, ou ser largada na paragem mesmo à frente da sua casa, Lisa iria sempre preferir a opção do menor esforço. Não era conhecida (claro que só por trás das suas costas) como Lisa Pesadona por nada.

– Salvaste-me a vida.

Michelle lançou-me um olhar que imagino um cachorrinho nos possa lançar quando o puxamos das profundezas de um poço fundo e escuro, onde estive a passar fome durante uma semana. Creio que fiquei de imediato viciada nesse olhar, não vou mentir. Era como a droga do mundo dos olhares.

- Elas são estúpidas - disse, embaraçada por ter sido elevada tão depressa ao estatuto de heroína. - A propósito, não tens de vir ao Warehouse comigo. Nem sequer sei se há de facto saldos...

Mas Michelle já passara o braço pelo meu.

- De qualquer modo, vamos lá dar uma olhadela. Comprete uma *Coca-Cola* para te agradecer.

E o resto, como se costuma dizer, é história.

3

Depois do Caso do Autocarro, Michelle e eu tornámo-nos inseparáveis. Chegámos a viver juntas quando saímos da faculdade até que, num ataque de angústia existencial de adultas com vinte e muitos anos, cada uma de nós comprou o seu próprio apartamento minúsculo. Ambas tínhamos aterrado jovens nas nossas carreiras escolhidas, eu na televisão e Michelle no *marketing*, por isso nessa altura estávamos a começar a ganhar o suficiente para rastejarmos para o fundo da pirâmide imobiliária com a ajuda de hipotecas de cem por cento, casas do tamanho de selos do correio e zonas onde as pessoas não só tinham medo de sair de casa como de lá ficar dentro.

A propósito, devo-lhe o facto de ter acabado na indústria da televisão. Ou, de facto, ao pai dela. Sempre pensei que a coisa mais fantástica era o senhor Franklin (Julian, como por fim me obrigou a tratá-lo, apesar de ter resistido ao máximo) trabalhar para a BBC quando nós andávamos a estudar. Eu costumava imaginar os dias dele cheios de encontros glamorosos com estrelas, almoços demorados e copos de champanhe. Claro que agora já sei melhor como é, ou seja, para além dos almoços demorados. Tentem

apanhar alguém pelo telefone na BBC entre o meio-dia e as três e meia.

Bem, para encurtar a história, mais ou menos quando estávamos prestes a formar-nos, ele passou para o Canal 4. Michelle recusava, inflexível, o pé no degrau mais baixo que ele lhe oferecia. Queria fazer alguma coisa por si, dizia. Não queria que as pessoas dissessem que lhe tinham oferecido um emprego só por causa de quem o pai era. Eu, por outro lado, nem sequer pensei duas vezes. Já era bastante difícil arranjar trabalho, ainda mais numa indústria em que as pessoas teriam matado para entrar. Que dissessem que era nepotismo, que tinha sido favorecida. Não me importava mesmo nada.

- Eu vou - declarei.

Julian parecera um bocado apanhado de surpresa.

- Oh. Gostarias?

- Arrancava-te o braço à dentada - retorqui. - Figurativamente, claro.

Miriam, a mãe de Michelle, tinha rido.

- Espero bem que sim.

- Tudo o que posso fazer é abrir-te a porta - disse Julian. - O que fizeres depois é contigo.

- É só isso que preciso. Não te vou desapontar, acredita.

Assim, comecei como moça de recados e, por fim e com a bênção de Julian, fui subindo à custa de trabalho, passando para coisas maiores e melhores. Se ele estava desapontado por ser eu a sua protegida e não a filha, conseguiu não o mostrar. Anos mais tarde, quando lhe disse que ia montar a Castle, vi que os seus olhos se tinham embaciado um pouco e percebi que tinha orgulho em mim.

De qualquer modo, o interesse de vos estar a contar isto tudo é que foi assim que conheci Patrick. Ele também trabalha em televisão, mas como responsável pela contratação de programas. Isso significa que se senta num gabinete e decide a quem dar o dinheiro da empresa. É como um desses milionários do programa *Dragon's Den*,

mas não é sequer com a sua própria fortuna que está a brincar. Hoje em dia, é o patrão do canal Home Improvement Channel, um peixe enorme num laguinho muito minúsculo, mal-amado e ligeiramente malcheiroso, mas quando nos conhecemos era o vice-adjunto, ou algo assim, no Canal 5 e eu tinha lá ido propor uma ideia para uma série nova. Esqueço-me agora o que era. Ele não a aceitou. De facto, nem sequer gostou o suficiente para a passar aos seus chefes.

Tenho de confessar que, por um breve instante, quando nos conhecemos, gostei dele. Ele encaixa no meu perfil físico ideal. Mais para o alto. Magro. Olhos azuis gelados. Estupidamente bem-parecido. Estupidamente, no sentido em que, quando recuperamos do impacto inicial, se torna muito evidente, muito depressa, que não é nada encantador. É demasiado ciente do seu bom aspeto, do poder que isso lhe dá. É um clássico admirador de si próprio.

A minúscula paixoneta que tinha murchou por completo e morreu no dia em que apareci para uma segunda reunião com ele algum tempo depois. Aguardara-a com expectativa. Estava a planear fazer-lhe olhinhos por cima da secretária. A rapariga dos recados do escritório, uma rapariga tímida a quem pagavam se calhar apenas as despesas só pelo privilégio da experiência, tinha-nos trazido café. Patrick provou o seu e quase que o cuspiu.

– Caramba, é horrível – disse, franzindo o sobrolho.

A rapariga, que sem dúvida tinha também uma paixoneta por ele, pareceu abatida.

– Quer que faça outro?

– Bem, é óbvio – retorquiu ele de forma imperiosa. – Não vou beber esta merda.

Fiquei embaraçada, não sabia para onde olhar. A rapariga foi buscar também a minha caneca, mas ergui a mão para a impedir.

– O meu está bom, obrigada.

Patrick bufou.

– Deixa-a ir buscar-te um novo. É para isso que ela aqui está.

Não era possível ter uma paixoneta por aquele homem depois daquilo.

Quando o vi dar muita atenção a Michelle numa festa de pessoal da televisão (eu levava-a como minha convidada) tentei avisá-la de que ele era um pouco idiota, mas ela ficou apaixonada num instante. E, para dizer a verdade, ele também. Nessa altura, eu já o vira com uma série de namoradas perfeitas, minúsculas e loiras, por isso deveria ter percebido que Michelle seria o tipo ideal dele. Mordi a língua. Regra número um de qualquer boa amizade: nunca critiques a escolha de companheiros. Poderão acabar por casar com eles. E, infelizmente, foi isso que ela fez.

Com toda a sinceridade, sempre pensei que ela podia ter arranjado melhor. *Okay*, ele é bem-parecido, bem-sucedido, ama-a. Mas é um pouco, na realidade muito, desagradável. Já vi aquele seu lado de pequeno príncipe muitas vezes ao longo dos anos. Com criados ou empregadas de loja ou mulheres da limpeza. Pessoas que ele pensa que estão abaixo dele. É horrível, mas suponho que me habituei. Sabe Deus o que isso revela sobre mim. Quanto a Michelle, ela nem parece reparar. Mesmo passados cinco anos está cega de amor.

Oh, e qual a razão, a propósito, para Patrick acabar como um dos mandachuvas do Home Improvement Channel? O pai de Michelle, Julian. É agora o presidente de uma empresa que possui uma lista de canais por cabo. É Rupert Murdoch, sem os milhões nem o escândalo. E que melhor pessoa a quem confiar um desses canais do que o seu amado genro? E porque não? É a coisa mais parecida com Michelle interessar-se pela área dele. Sabe que pode contar com ele. Sabe que fará um bom trabalho.

Para ser sincera, ainda continuo a não gostar muito de Patrick. («Verdade?», ouço-vos a gritar. «Acabaste de fazer

sexo com ele, não foi?») Mas ele pode ser boa companhia. É divertido. Inteligente. Consegue ser apenas um pouco rude. Mais do que um pouco convencido. Porém, faz Michelle feliz e isso é o principal. E nunca pus em causa se ele a ama ou não. Isto é, até há pouco tempo. Recentemente, comecei a ter dúvidas sobre ele. Suspeitas mesmo.

E foi aí que tudo começou. De algum modo, o facto de eu desconfiar que ele podia andar a fazer alguma coisa errada levou-o a fazer coisas erradas. Comigo.

Uma porra de uma situação lixada é o que é.

Assim, Michelle e Patrick, um casamento feliz, blá, blá, blá.

Há alguns meses, no entanto, apanhei um boato estranho no trabalho. Alguém com quem eu estava a falar sobre uma ideia para um novo programa que íamos tentar vender ao Home Improvement Channel disse uma piada sobre como devíamos mandar Lucy apresentar a proposta (Lucy é alta, magra, bonita e tem apenas vinte e seis anos. Talvez seja por essa razão que sinto tanta antipatia por ela).

- Se calhar, Patrick Mitchell aceitava logo a proposta - comentou ela.

- O que queres dizer? - perguntei, genuinamente confundida.

- Parece que ele gosta delas jovens e bonitas.

Fiquei tão surpreendida que ao princípio não disse nada e depois, de forma irritante, Ian precipitou-se dizendo:

- Tenho a certeza de que isso não é verdade, ele é casado com a maior amiga de Tamsin.

Por isso não tive oportunidade de chegar ao fundo da questão.

Não liguei, porque o nosso ramo de negócio está cheio de boatos e mexeriquices e temos de ouvir todas as notícias que nos dão através de um filtro de tretas de cem *denier*. Sobretudo se têm a ver com os responsáveis pelas contratações de programas. É como em qualquer outra

atividade. As pessoas adoram criticar os chefes. Eu própria o faço e depois tenho de me recordar que, no meu próprio pequeno mundo, também sou patroa, por isso tento refrear-me.

E então aconteceu de novo. Uma pessoa diferente, o mesmo tipo de comentário. E outra vez. Começou a tornar-se difícil de ignorar. Tentei fazer perguntas, mas toda a gente se calava mal se lembrava que Patrick era o marido da minha amiga. Mudavam de assunto e começavam a atacar outro alvo incauto. Alguém em que eu não estava diretamente interessada. Por isso, durante algum tempo, não fiz nada. Para ser sincera, não podia acreditar que fosse verdade. Admitia que Patrick podia ser um bocado atiradiço, mas, se condenássemos toda a gente por causa disso, então a prisão dos vigaristas estaria cheia a transbordar. Além disso, sempre pensei que fosse uma coisa que decorresse do trabalho. Estabelecer contactos, bajular, namoriscar, qual é de facto a diferença? É tudo apenas uma maneira de conseguir o que se quer.

Assim, tentei convencer-me que era apenas especulação ociosa; não havia quaisquer provas concretas que sustentassem nada. E, além disso, eu não tinha nada a ver com o assunto. Infelizmente, aquele último argumento não era muito apelativo para mim, mas, de qualquer modo, continuei a repeti-lo a mim mesma. Construí um cartaz na minha mente: não te metas nisto! Sempre que sentia a ânsia de dizer alguma coisa a Patrick ou, Deus me livre, a Michelle, sobre o que ouvira, tentava visualizar o cartaz. Às vezes com um homenzinho a martelá-lo no solo.

Nesta altura, fazia muitas confidências a Bea. Já vos disse como adoro Bea? É indiscutivelmente a melhor assistente que já tive e já tive algumas. Com umas duas acabei por ser demasiado amigável, por isso, por fim, mal conseguia pedir-lhes para fotocopiarem um documento, porque me preocupava muito que desse a impressão que era humilhante. Outras faziam-me revelar a rainha fria e dura

de *O Diabo Veste Prada*. Não faço a mínima ideia porquê. De uma delas tinha completo pavor. As primeiras vezes que lhe pedi para fazer alguma coisa, ela mostrou uma expressão que parecia que eu tinha sugerido que limpasse a casa de banho com as mãos nuas e, depois disso, mal conseguia arranjar coragem para falar com ela. Sabe Deus o que ela fazia o dia todo, mas não tinha nada a ver comigo. Não durou muito. Claro que tinha demasiado medo para a despedir, por isso fiz-lhe muitos elogios no nosso meio e, por fim, misericordiosamente, alguém a roubou. Boas assistentes são como ouro em pó.

Com Bea, de alguma maneira, tudo se encaixou. Desde que ela apareceu para a entrevista, percebi que nos daríamos bem. Para começar não dizia «Nossa, impressionante!», como a rapariga que estava antes dela. Nem anunciou que estava de facto a fazer tempo antes de arranjar um «trabalho a sério».

- Já experimentei isso - disse, sorrindo muito. - Passei seis anos a trabalhar no setor bancário, a comparar-me com os meus contemporâneos, a preocupar-me com a rapidez com que poderia progredir e depois percebi que detestava tudo aquilo. Agora só quero fazer alguma coisa que ache que vou gostar e nem sequer pensar onde isso me poderá levar mais tarde.

- Então porquê a televisão? - perguntei. Uma das minhas perguntas normais.

- É criativo. Há um produto que surge no final, não apenas outra fila de números. Gosto da ideia de fazer parte de uma equipa, todos a tentarem alcançar a mesma coisa, mesmo que eu seja apenas uma parte pequenina. Penso que seria gratificante.

Foi assunto arrumado, antes mesmo de ela sair da sala. De facto, fui atrás dela até ao elevador e ofereci-lhe o emprego logo ali, depois de Anne Marie e eu termos rapidamente concordado que nunca íamos encontrar alguém melhor.

A questão em relação a Bea é que ela é adulta. Sim, é inteligente e poderia talvez lidar com um cargo mais sénior, mas tem o bom senso e maturidade para perceber que ainda não possui a experiência necessária. Não se importa de esperar esse tempo. Ao contrário de muitas assistentes pessoais mais novas que já tive (Bea tem trinta e um anos, as outras variavam entre vinte e três e vinte e oito e penso que esses poucos anos fazem toda a diferença), entende que isto não é uma corrida.

Nem sequer quero pensar no que sucederá quando ela decidir saltar para uma posição mais importante. Pedi-lhe para me avisar com bastante antecedência, para eu poder contratar alguém novo e ela poder treiná-la para ser um clone dela. Não vai acontecer para breve. Quando começou, disse-me que estaria satisfeita a fazer o que fazia durante três anos e o primeiro aniversário foi há pouco tempo. Estou já a planear que cargo poderei criar que a faça ficar e subir na carreira connosco. Por mim, pode ficar com o meu trabalho e eu ficava a trabalhar para ela, é esse o valor que lhe atribuo.

Senti sempre que lhe podia pedir para fazer qualquer coisa. Ao princípio, limitava a coisa estritamente aos assuntos do escritório, mas, à medida que nos fomos conhecendo melhor e ela tornou claro que não se importaria de tratar de todos os aspetos da minha vida se eu precisasse disso, comecei a sentir que não havia problema se ela fosse buscar a minha roupa à lavandaria, marcasse as sessões de depilação, desse um salto ao meu antigo apartamento uma vez para levar *Ron* a dar uma volta quando tive de trabalhar até tarde. Quando saí num raro encontro romântico há algum tempo, ela até foi ao Westfield comprar-me roupa interior *Spanx*. Nada é demasiado trabalho. Nunca reclama, nunca faz aquela coisa de revirar ligeiramente os olhos que Lucy faz tão bem sempre que Ian lhe pede algum esforço especial. Toda a sua ética tem a ver com assegurar-se que tenho apoio e que

qualquer pressão que me possa ser retirada é retirada, deixando-me à vontade para continuar com o meu trabalho.

Além disso, tornámo-nos amigas. Somos aliadas. Tiramos muitas vezes vinte minutos para ir tomar um café ou dar uma volta em Brook Green e conversar sobre qualquer coisa que esteja a acontecer. Ela tornou-se uma ótima caixa de ressonância e gostaria de pensar que represento o mesmo para ela. É muito discreta. Nunca sinto que tenho de morder a língua caso alguma coisa que diga acabe em mãos erradas. Tal como disse antes, é adulta.

Por isso, era inevitável que acabasse por lhe confessar os meus receios em relação a Patrick. Ela nunca o viu, mas conhece o nome, claro. Há apenas uns quantos responsáveis por contratações com os quais lidamos; basicamente, cada uma das estações tem uma pessoa que encomenda todos os seus programas de entretenimento factual e, durante o seu mandato, tornam-se as pessoas mais importantes para criadores de programas como eu darem graxa. Depois vão-se embora e passam num instante a ser como qualquer de nós. Muitas vezes, em pior situação se chatearam uma data de pessoas durante o seu reinado. *Karma* instantâneo.

Andávamos a ofegar à volta de Brook Green. A minha última tentativa improvisada para ficar em forma. Era o terceiro dia em que trazia os meus ténis para o trabalho e tentava «andar em passo acelerado» durante trinta minutos à hora do almoço. Métodos anteriores ditavam que, passadas mais duas sessões, eu esqueceria que alguma vez começara. Bea tinha concordado em acompanhar-me e mal transpirava, ao passo que eu já lamentava o facto de não ter trazido uma blusa limpa para vestir mais tarde.

– Não lighes a mexericos – foi a primeira coisa que lhe saiu da boca.

– Não ligo. Em geral não. Porém, é difícil ignorar quando é sobre uma amiga nossa.

- Já reparaste como as pessoas só falam de pessoas em posições acima delas? É porque têm inveja. Ou sentem azedume por ainda estarem num emprego de merda ao passo que outra pessoa conseguiu qualquer coisa melhor.

- Eu sei. Só que é tudo sobre um tema semelhante. Parece demasiada coincidência. Abranda um pouco.

Ela ignorou o meu pedido.

- Isso é porque sempre que alguém passa um mexerico, os outros aumentam a coisa. Fá-los sentir importantes. Por isso depois espalha-se como um vírus.

Parei. Aparentemente para criar um efeito dramático, mas, na realidade, para poder recuperar o fôlego. Só eu para começar a fazer exercício quando estão vinte e sete graus cá fora.

- Merda. Só queria saber se há alguma verdade por trás dos boatos.

- Ignora-os que passam, é o meu conselho.

- Faz-me só um favor e mantém os ouvidos alerta, está bem? Toda a gente se cala quando percebem que ele está casado com a minha melhor amiga.

- Está bem - retorquiu Bea, começando a andar outra vez. Acompanhei-a. - Mas continuo a dizer que não deves ligar a nada disso.

- Eu sei. Não vou ligar. Só quero saber o que «isso» é.

A partir dessa altura, ela informou-me com alguma relutância de uma coisa ou outra, mas, claro, nada fundamentado. Tudo dentro dos mesmos parâmetros: Patrick Mitchell não consegue resistir a uma mulher atraente.

Entretanto, não consegui evitar olhar para ele de forma um pouco diferente. Reparava nalgum gesto atiradiço. Começou a incomodar-me que Michelle sugerisse muitas vezes que fosse visitá-la ou que saíssemos juntas, porque Patrick estava num ou outro evento. Sei que há uma certa quantidade de encontros sociais que fazem parte do trabalho, mas meti na minha cabeça que ele andava a

inventar desculpas para sair sem Michelle o acompanhar. Estão a ver, este é que é o problema dos mexericos e das conjeturas: fazem-nos interpretar de forma errada todos os pequenos gestos. Patrick não andava a comportar-se de maneira diferente do habitual, mas, de repente, tudo tinha um significado. E fiquei um pouco obcecada, não vou mentir. Sentia que tinha de proteger Michelle como sempre a protegi. Já não conseguia ser eu quando os via juntos.

Sei que não é fácil perceber como passei deste estado de indignação moralista e fiz eu própria sexo com ele. Claro que não é. Também não faz sentido nenhum para mim. Mas o que aconteceu a seguir foi o que me estimulou a agir.

Bea e eu estávamos a almoçar no meu gabinete, a tagarelar indolentemente sobre nada de muito especial.

- Não tiveste hipótese de fazer perguntas sobre Patrick Mitchell, pois não? - perguntei, quando já tínhamos esgotado a nossa outra conversa. Não tinha querido colocar Bea numa posição desagradável, mas andara a morrer de vontade de descobrir se havia algumas notícias frescas.

Bea ficou calada.

- Que é? - perguntei. - O que aconteceu?

- Com toda a probabilidade não é verdade - disse Bea, dando uma grande dentada na sua baguete de queijo *brie* e mirtilos. Aquela mulher parece nunca precisar de ter cuidado com o que come.

Senti a garganta secar.

- Conta-me.

Bea suspirou.

- Fiz umas perguntas por aí como me pediste, o que foi se calhar uma coisa estúpida.

- Oh, merda - exclamei. Sabia que o que aí vinha não ia ser bom.

- Há uma história qualquer sobre ele e uma mulher que trabalha nos Recursos Humanos. Que tiveram uma coisa durante algum tempo...

- O que eu não entendo é como sabe toda a gente isso.

- Parece que ela contou às pessoas. Segundo se diz, ele não se portou muito bem.

- E agora acabou? - perguntei, agarrando-me desesperada à hipótese de, se era mesmo verdade, Patrick ter tido simplesmente uma rápida crise de meia-idade e depois ter logo ganho juízo.

- Penso que sim, mas... sinto muito... porém, não fiquei com a impressão que fosse a primeira.

Senti o coração bater dentro dos meus ouvidos, como se estivesse a tentar escapar-se.

- Se descubro que ele anda a traí-la... dou cabo dele.

Bea lançou-me um olhar exasperado.

- Sim, isso ia ajudar muito.

- Sabes o que quero dizer.

- Bem, vamos pensar no pior cenário. - Bea é sempre pragmática. - Michelle finalmente engravida. É tudo verdade. Patrick foge com quem quer que seja e ela acaba como mãe solteira.

- Oh, meu Deus - disse, pousando a minha sanduíche de atum e salada. Não conseguia sequer pensar em comê-la.

- Como são milhões de mulheres...

- Mas trata-se de Michelle. Para ela, faz tudo parte do conto de fadas. Posso garantir que ela nunca considerou, nem por um segundo, que poderia criar os filhos sozinha.

- Bem... e se Patrick morresse? Ou, não sei, fosse atropelado a caminho de casa ou algo assim. Então teria de o fazer.

- Não é a mesma coisa - retorqui, embora fosse difícil explicar porquê.

- Estamos em dois mil e quinze - declarou Bea, como se isso fizesse imensa diferença.

- Não a conheces. Ela não quer ter um bebé só por uma questão de ter um bebé. Quer uma família perfeita. Uma mãe, um pai, três filhos, um cão.

Bea encolheu os ombros.

- Então talvez Patrick Mitchell não seja a pessoa com quem devesse ter casado e assentado. Porque não me parece que ele queira nenhuma dessas coisas.

Voltei a pegar na minha sanduíche de atum e salada. Dei uma grande dentada.

- Exato.

4

Uns dias depois da minha conversa com Bea, Michelle e eu estávamos sentadas num jacúzi, de fatos de banho vestidos, a tentar bloquear a conversa do resto das mulheres à nossa volta. A tentar relaxar. Nunca entendi de facto os jacúzis. Para mim, é um pouco como estar deitada numa tigela gigantesca de sopa suja, alguma a ser agitada e a bater-nos contra a coluna vertebral. Preciso sempre de toda a minha concentração para manter uma posição vagamente vertical e impedir as minhas pernas de se afastarem, à deriva, e começarem com joguinhos aleatórios e inapropriados a tocar nos pés de quem quer que esteja sentado em frente. Além disso, para onde devemos olhar? Será que todas as outras pessoas ali dentro não acham que é um bocado esquisito estarmos de facto juntas no banho e nem sequer sabermos os nomes próprios umas das outras?

Bem, estávamos ali porque Michelle adora um *spa* mais do que qualquer outra coisa. É um pouco como um gato nesse aspeto. Sugere-se-lhe uns mimiños e ela vai com qualquer pessoa. Cócegas debaixo do queixo e num instante vira-se de costas a oferecer-nos a barriga. Por isso, como presente de aniversário, eu tinha comprado *vouchers*

para um dia inteiro em Syon Park. Tratamentos incluídos. Utilização integral das instalações. Fora uma boa escolha. Estava feliz ali deitada, com a cabeça para trás, bolhas em volta do maxilar, cabelo loiro espalhado em leque à sua volta como uma sereia.

- O que anda Patrick a fazer hoje? - perguntei, a tentar que a minha pergunta não parecesse armadilhada.

- Sabe Deus - respondeu em tom ligeiro. - Disse-lhe que tem de ir buscar a roupa que ficou a limpar na lavandaria, mas, para além disso, tem o dia só para ele. Está talvez a ver os canais infantis de pijama.

- Boa.

- Precisa de um dia sem fazer nada - explicou ela, reinstalando-se em frente de um dos jatos. - Anda arrasado de momento.

- Verdade? - questionei, de orelhas espetadas como um cão que consegue ouvir o *Volvo* do dono a subir a rua a um quilómetro de distância. - Porquê?

Michelle encolheu os ombros.

- Trabalho. Stresse.

- Sim, deve ser desgastante estar sentado no gabinete a decidir quem vive e quem morre. - Plantei um sorriso no rosto quando disse isto, para ela saber que estava só a brincar. Foi sempre uma das minhas coisas favoritas, comparar Patrick com um imperador romano a erguer o polegar ou a baixar o polegar para os pobres camponeses como eu.

- É muita pressão, sabes isso.

Tentei desesperadamente pensar numa introdução para a conversa que queria na realidade ter. Sabia que tinha de ter cuidado. Não podia simplesmente sair-me com qualquer coisa do género «Então, há por aí uns boatos de que Patrick anda a dormir com algumas pessoas. O que achas?». Mas também não queria deixar escapar esta oportunidade. Decidi-me por uma tática de «sê vaga e espera que ela diga alguma coisa esclarecedora».

- Mas não pior do que o habitual?

- Não. A mesma coisa... sabes.

Aguardei, com a esperança que Michelle pudesse dizer mais alguma coisa. Talvez ela tivesse alguma coisa a pesá-lhe no peito, alguma preocupação em relação a Patrick, um mal-estar não confirmado. Isso teria com certeza tornado a minha tarefa mais fácil. Ela não disse nada. Solto um pequeno gemido que presumi significava que o jato de água estava a produzir a sua magia no fundo das suas costas. Decidi forçar um pouco a coisa.

- Parece que ele tem andado muito fora nos últimos tempos. Deve ser stressante.

- *Mmmm...*

Era óbvio que, se Patrick andava a tramar alguma, Michelle ainda não tinha reparado.

- Isso nunca te chateia? Ele ter de ir a todos esses eventos e visitas e isso?

- Claro que não. Faz parte do trabalho.

- Saímos um bocado? - Os meus dedos estavam a ficar inchados e enrugados.

- Oh, isso recorda-me - disse Michelle, levantando-se e saindo a cambalear. - Acabei de me lembrar. O que vais fazer na terça à noite? Patrick tem de ir a Manchester. Há um problema qualquer com aquele programa sobre renovações que eles estão a fazer, estão muito atrasados e parece que já ultrapassaram o orçamento, e ele quer levar os produtores a jantar fora.

Senti o coração cair-me aos pés.

- Isso vai servir-lhes de lição.

- Suponho que ele precisa de perceber bem o que se está a passar. Calculo que seja mais fácil com uma garrafa de vinho.

E talvez munir-se de uma desculpa para ficar fora a noite toda?

- Certo. Com certeza. Fantástico.

- Ótimo. Faço alguma coisa lá em casa. O que te apetece? Salmão? Robalo?

Mal a ouvi porque a minha mente tinha começado a trabalhar. Fiquei aliviada quando alguém a veio chamar para o tratamento de rosto.

- E se ela reconhecer a minha voz?

Eu percebia que Bea não estava contente. Ela tem esse tique em que o olho esquerdo começa a contrair-se no canto quando está a entrar em pânico e conseguia ver que era o que estava a suceder agora. Porém, sabia que acabaria por concordar.

- Não reconhece, porque havia de reconhecer?

- Porque estou sempre a falar com ela.

- Ela fala com centenas de pessoas todos os dias e, de qualquer maneira, mesmo que ela pense, «Esta mulher parece a Bea da Castle», porque duvidaria do que lhe estás a dizer? A sério. Confia em mim.

O que estava a pedir para Bea fazer não era na realidade tão penoso, vendo as coisas num contexto mais geral. Pensava que poderia ser uma boa ideia verificar se o «encontro» de Patrick com os produtores de *Old House, New Look* era verdadeiro, por isso sugerira que ela telefonasse à assistente dele, a fingir que era da produção para confirmar os pormenores. Não havia mais ninguém em quem pudesse confiar.

Bea suspirou e percebi que podia contar com ela.

- Vou falar com sotaque - disse. - Posso fechar-me no teu gabinete?

Claro que permiti. Uns minutos mais tarde, abriu a porta outra vez e fez-me sinal para entrar.

- Então?

- Ela não descobriu quem eu era. Fiz um sotaque escocês, queres ouvir?

Bea começou a falar nalgum tipo de algaraviada incompreensível a fingir que era de Glasgow. Eu não tinha paciência para aquilo.

- O que disse ela? Quer dizer, sobre Patrick?

- Vão jantar no hotel dele às sete e trinta. E, por sinal, os produtores são ambos homens. Vi no Google.

Por alguma razão, senti-me desalentada. Tinha pensado que estava a ser tão esperta.

- Isso é bom, não é? - perguntou Bea quando não reagi.

- E se ele se for encontrar com alguém a seguir? Tem o jantar, é o disfarce perfeito, e depois vai a outro sítio qualquer... ou tem alguém escondido no quarto, sei lá.

- Merda. Ele podia telefonar para um serviço de acompanhantes - observou Bea, de repente de olhos arregalados. - Ou ir a um desses salões de massagens duvidosos. Estão por todo o lado.

- Não - retorqui. - Estamos a deixar-nos levar. Estamos a falar de Patrick. Não posso acreditar que descesse tão baixo.

- O que queres fazer?

- Nada - disse, decidida. - Estou a ser ridícula. Vamos esquecer isto.

Fazia tenções de acatar o meu próprio conselho, verdade que sim. Mas nunca fui boa ouvinte.

5

Mais ou menos uma semana depois, encontrava-me na cozinha de Michelle a cortar tomates para uma salada. Sinto-me sempre tão à vontade ali que muitas vezes começo a preparar comida se estamos perto da hora de uma refeição.

- Como foi a viagem de Patrick a Manchester? - perguntei o mais descontraidamente possível.

Michelle levantou a cabeça dos pinhões que estava a pesar para o *pesto*. Nada de frascos com coisas prontas nesta casa.

- Oh, ótima, creio. Ele não falou muito disso.

- Pois.

Não consegui pensar em mais nada para dizer.

Sinto que deveria tentar descrever-nos a todos aqui, só para terem uma visão completa das coisas, mas não sei se consigo muito mais do que o básico. No entanto, vou tentar. Só para vos dar uma ideia.

Michelle, como sabem, é loira. É de altura média, magra, olhos azuis. Sim, sei que acabei de descrever cerca de um quinto da população feminina, mas não sei bem o que dizer

mais. É definitivamente bonita. Foi sempre mais leve e graciosa do que eu. Mas não tem consciência disso. É quase como se o desafiasse a durar. Nunca conheci ninguém com tal completa falta de necessidade de se aperaltar. Não há adornos com Michelle. Foram-lhe concedidos bons genes e o resto é deixado à sorte. Vou tentar pensar numa comparação. É um pouco como Naomi Watts, se estivesse a fazer o papel de contabilista. Com isto quero dizer que Michelle tem um lado conformista que governa a forma como arranja o cabelo e também a sua maneira de vestir. Além disso, usa óculos para ler praticamente tudo. Sabem com quem ela se parece? Parece aquela personagem da secretária em que nem sequer reparamos até que tira os óculos, despenteia um pouco o cabelo e então percebemos que é linda, só que não o vimos antes.

Patrick está sempre barbeado de forma tosca. Gosta daquele aspeto da barba por fazer. O cabelo é... bem, é tipo cabelo normalíssimo de homem. O que posso dizer? Mais curto de lado do que em cima. Também tem olhos azuis, como sabem, por isso os filhos deles estão mais ou menos destinados a ser tal e qual a Juventude Hitleriana. Só que os dele são de um azul gelado penetrante. São mais pálidos do que se esperaria e ainda me apanham por vezes de surpresa. Fora do trabalho, é o tipo de homem de calças de ganga e *T-shirt* de banda retro.

Quanto a mim, aqui vão alguns dos meus pontos fortes: olhos grandes (castanhos), cabelo bom (grosso, castanho com reflexos), mais alta do que o normal (1,73). Figura boa quando vestida. Se dispo as roupas, torna-se evidente num segundo que raramente faço exercício. Um destes dias irei começar, verdade que sim. Antes de tudo começar a deslizar para baixo.

Pontos maus: boca grande. GRAANNDE. Não estou a falar aqui de Julia Roberts, mais rã de boca larga. Quando me rio, deve ser como fitar as profundezas do Grand Canyon.

Pernas curtas. Não na escala global das coisas, mas em termos proporcionais. Curtas para a minha altura. Nada de calças de ganga apertadas para mim. Tenho o formato clássico de pera, um tamanho maior em baixo do que na parte de cima, com uma tendência para aumentar de peso à volta das ancas, sem dúvida devido à minha falta de vontade de correr. Passo uma grande parte da minha vida a pensar em formas de perder alguns quilos teimosos. É um *hobby*.

Coloquem todos esses atributos juntos num programa de computador tipo E-fit e imagino que vos apareça a imagem de um orangotango. Mas no geral estou bem, acho eu. Não devemos queixar-nos, como a minha mãe sempre diz. Atenção que ela também diz muito «Anima-te, isso nunca vai acontecer», por isso faço questão de não lhe ligar.

Portanto, agora já nos podem visualizar a todos sentados em volta da mesa: Naomi Watts secretária, o irmão mais novo e mais vulgar de Clint Eastwood e o seu companheiro símio Clyde.

A casa de Michelle e Patrick é ADULTA. Têm uma máquina de café e um ralador específico para limões. As obras de arte nas paredes são de facto obras de arte e não cartazes nem fotografias antigas de férias que eles emolduraram. Entregam-lhes um jornal todos os dias (o *Independent*) e um cabaz de alimentos biológicos de quinze em quinze dias. Percebo que isto os faça parecer um par de cretinos para alguns de vocês, mas eu estou maravilhada. A minha casa, agora um apartamento de dois quartos num edifício geminado impressionante de tijolos vermelhos, com uma linda janela saliente na sala, é uma lição magistral em desorganização. Tenho uma quantidade de coisas lindas, estão apenas nos sítios errados ou enterradas debaixo de uma camada superficial de confusão. Ir a casa de Michelle e Patrick é como um templo para mim.

Porém, não tanto neste dia, porque, por mais que tentasse ignorá-los, a minha mente ainda estava a zumbir com os

boatos que andara a ouvir. Bea conseguira recolher mais alguns fragmentos de, suposta, informação. Patrick, segundo o que diziam as histórias, era um mulherengo em série. Não conseguia simplesmente resistir a uma cara bonita. Não havia só uma mulher, era mais uma série de namoricos descartados, uma litania de não-significou-nada. Parecia, disse ela, que éramos as únicas pessoas a não saber do assunto. Do conhecimento geral, foi a expressão que ela usou.

- Vais aos prémios Lifestyle Cable Choice Awards? - perguntou Michelle do nada.

Ainda estávamos a dar cabo da montanha de massa que Michelle tinha preparado rapidamente para acompanhar a salada que eu fizera. Patrick estava de serviço à sobremesa, o que significava que ia pôr algum gelado numa tigela e esguichar todo o tipo de coisas doces e pastosas em cima. Chamávamos-lhes os nossos Sábados de Ataque Cardíaco.

Eu estivera a desempenhar um bom trabalho, achava eu, a agir normalmente com os dois. Com isto quero dizer que estava a beber de mais e a dizer piadas parvas, como de costume. A minha amizade com Patrick só existe a um nível muito superficial. Um nível de sarcasmo e provocação. Conseguimos fazer o outro rir-se, mas nunca vamos mais fundo do que isso. Em geral, funciona. Tem de funcionar.

- Caramba, não. Não temos nada nomeado e essas cenas são mortalmente chatas se não houver pelo menos a possibilidade de o nosso nome ser lido em voz alta.

- Pad vai, não é? - disse Michelle e estendeu uma mão para acariciar a cabeça de Patrick, como se em solidariedade.

A minha cabeça rodou como a da miúda em *O Exorcista*.

- Vais? Então um dos teus programas foi nomeado?

- Não, mas penso que, às vezes, é bom aparecermos nestas coisas.

- A sério? Não consigo imaginar nada pior...

Patrick exibiu um sorriso desarmante. Tem uma variedade de sorrisos desarmantes. Um para cada ocasião. Hoje em dia sou-lhes bastante imune. Ou, pelo menos, pensava que era.

- Para ser sincero, eu também.

- Devias levar Michelle contigo. Pelo menos podiam rir-se.

Será que o imaginei? Ele pareceu um pouco dissimulado, ligeiramente nervoso por um segundo?

- É trabalho. Terei de passar o tempo a estabelecer contactos. Sabes como é.

Claro que sabia. Não era de facto sítio para levar o nosso cônjuge, a não ser que lá estivéssemos porque tínhamos sido nomeados para alguma categoria. Eu entendia isso. Mas ainda não conseguia entender por que razão ele ia. No que dizia respeito às cerimónias de entrega de prémios, os Lifestyle Cable Choice Awards estavam ao mesmo nível dos Prémios Técnicos. Não conseguia imaginar alguém na posição de Patrick a estabelecer contactos valiosos num jantar de costeletas de carneiro. Mas era uma desculpa ótima se ele quisesse passar uma noite fora sem qualquer possibilidade da mulher querer ir junto. O que não era propriamente um crime *per si*, mas, dadas as últimas informações que eu tinha recebido, parecia de repente perigosamente conveniente.

O meu coração emitiu um pequeno soluço. Uma minúscula pulsação perdida.

- Bem, melhor tu do que eu - retorqui, virando a minha atenção para a massa e o *pesto*. Mas o meu apetite desaparecera.

6

Bea estava a arquivar coisas no meu gabinete. Ou, para ser mais precisa, estava a limpar os detritos de uma centena de almoços e lanchinhos de cima da minha secretária, para poder localizar alguns documentos que precisavam de ser arquivados. Sempre que como no meu computador, pergunto a mim mesma se deveríamos pensar em fazer um programa sobre a limpeza de postos de trabalho. Uma coisa semelhante ao programa *How Clean Is Your House*, mas com peritos forenses a detetar todos os germes deixados pelas migalhas de velhas sanduíches de ovo com maionese e fatias dos bolos caseiros de Anne Marie. Certa vez, li algures que o teclado do computador está cinco vezes mais sujo do que a sanita. Quem descobriu isto e por que razão não saberia dizer-vos. Algumas pessoas não têm mesmo mais nada que fazer.

De qualquer modo, ela proferia pequenas exclamações de desaprovação num tom de brincadeira, armada com um toalhete antibacteriano e um saco do lixo preto, a remexer com cuidado em pedaços de papéis e, de vez em quando, a pegar num e a examiná-lo.

- Isto?

- O que é?
- Programa pós-produção para *House Wars*. Isto não foi já para o ar?

- Sim. Lixo com ele.

Espreitou para outro papelinho.

- Algum tipo de lista de compras?

- Deixa-me ver.

Passou-ma.

- Parecem coisas de supermercado.

Atirei-a para o lixo sem sequer olhar. Bea limpou o espaço que fora criado em cima da secretária. Minúsculos microrganismos letais engasgaram-se e morreram.

- Ele vai à entrega dos prémios Lifestyle Cable Choice Awards. Não achas que é um bocado esquisito?

Ela fitou-me intrigada. Era óbvio que Patrick e a sua possível falta de fidelidade não se encontravam na primeira linha da sua mente como acontecia comigo.

- Patrick.

- Oh. Bem, é trabalho, não é? Não se pode propriamente desconfiar disso.

- Ele vai fazer a viagem até Birmingham para ir a uma cerimónia de entrega de prémios onde a sua estação não tem uma única nomeação e onde não vai estar absolutamente ninguém de relevância com quem ele não tenha já uma relação de trabalho.

Bea pegou com nervosismo numa chávena de café de papel, olhou lá para dentro, cheirou-a.

- Ora, vamos lá! Talvez lhe apeteça sair à noite. Estás a tentar arranjar aqui algum tipo de arma biológica?

Tirei-lhe a chávena das mãos. Lá dentro encontrava-se uma floresta verde peluda.

- Que nojo. Desculpa. - Acrescentei-a ao saco do lixo. - Eu sei. Mas, nesse caso, não iria simplesmente ao *pub* com os amigos?

Bea encolheu os ombros.

- Não acho que seja uma grande coisa. Quero dizer, se não te tivesse contado o que ouvi dizer, pensavas duas vezes no assunto?

Refleti bem. Claro que não. Ir a eventos chatos era uma parte legítima do trabalho de Patrick.

- Não.

- Ora bem.

- Mas tu contaste-me. É essa a diferença.

- Queres que vá buscar isto à hora do almoço? - perguntou Bea, mostrando um recibo da lavandaria que eu pensava ter perdido há semanas.

- Quê? Oh, sim. Fantástico. Obrigada. E podes trazer-me uma salada do Chopped? Folhas verdes, tomates, abacate...

- Rabanetes, cebolinho, queijo *cheddar* e grão. Sim, eu sei. *Brownie* com nozes pecã? Café com leite magro?

- Já alguma vez te disse que te amo, Bea? - retorqui a rir-me. - Quero dizer, de uma forma apropriada, chefe/assistente?

- Muitas, muitas vezes, mas podes dizê-lo outra vez.

- Oh, e talvez trazes-me o novo *Broadcast* e um exemplar da revista *Glamour*? E ver se aqueles sapatos que levaste para arranjar o salto já estão prontos?

- Claro.

Continuou a vasculhar por entre os detritos. A pilha que tinha reservado para arquivar estava a começar a parecer a torre inclinada de Pisa. Matutei um pouco mais.

- É o facto de ser em Birmingham. Não consigo deixar de pensar que ele quer apenas uma desculpa para passar lá a noite.

Bea interrompeu o que estava a fazer durante um segundo. Ergueu a cabeça.

- Ele vai passar lá a noite?

- Pelos vistos.

- Mas... quê? Achas que ele vai só com a esperança de ter sorte?

- É isso exatamente o que penso.
- Parece um bocado aleatório.
- Grande peixe, lago pequeno. Alguma terceira assistente ambiciosa a trabalhar no *Britain's Smartest Caravan* ficará lisonjeada com as atenções dele. Não sei...
- Sabes o que acho? - observou. - Penso que podemos fazer todas as interpretações que quisermos a respeito de qualquer coisa. Se começares a analisar o comportamento de qualquer pessoa, arranjas todo o tipo de interpretações.
- Tens razão. Preciso de trabalhar, esquecer estas coisas.
- Vou-me embora - retorquiu ela, atando o saco preto agora muito cheio. - A que horas queres o almoço?
- Oh, quando quiseres. À uma?

Eu sabia que ela tinha razão, sabia que estava possivelmente a fabricar uma cordilheira inteira de montanhas de neve a partir de um montículo na relva, mas isso não me impediu de andar com aquilo às voltas na cabeça, enquanto tentava ler o conteúdo da minha caixa de entrada. Fiquei aliviada quando Ashley enfiou a cabeça pela porta e perguntou se eu queria uma fatia do bolo Battenburg de Anne Marie. Desde o episódio da semana passada de *Bake Off* que eu sabia que o Battenburg era uma inevitabilidade. Era apenas uma questão de quando.

- Só uma pequena, obrigada. Fininha.
- Ashley riu-se.
- Oh, não, não te safas com tanta facilidade.
 - Quanto pesa?
 - É como uma estrela colapsada.
 - Perfeito.
- Ela continuava à porta.
- Há alguma coisa de que precisas, enquanto Bea está fora?
 - Nada. Obrigada.

De facto, precisava de alguém para fotocopiar um orçamento que me tinha sido enviado para aprovação, mas, por alguma razão, apesar de Ashley trabalhar para todos nós, eu guardava sempre todos os meus trabalhos para Bea. Sinto-me mais confortável assim. Sei que vão ser feitos como deve ser.

Ashley sorriu.

- Já volto com o bolo. Estarei a usar o apoio para as costas.

Como posso descrever os meus colegas de trabalho de forma a poderem visualizá-los corretamente? Já sei, vou ver se consigo imputar a cada um deles algumas palavras ou expressões chave para vos oferecer um resumo. Apenas o suficiente para criarem um esboço nas vossas cabeças.

Ian: quarenta e quatro anos. A ficar prematuramente grisalho. A ficar prematuramente calvo. Óculos. Mas em forma, apenas no sentido atlético da palavra. Corre maratonas para se divertir.

Anne Marie: sessenta e três. Baixa. Cabelo aloirado curto com uma franja (na minha opinião, o novo corte e tonalidade azulada padrão para a mulher mais velha. Já decidi resistir a esse penteado até ao dia da minha morte). Tem a constituição de um pequeno *terrier* hirsuto. Imagino que no seu tempo teria conseguido vencer uma luta de bar.

Bea: trinta e um, como sabem. Alta, magra, comprida juba castanha, feições marcantes (isto é, nariz um pouco grande). A mulher no *Next Top Model* que descreveriam como «editorial».

Lucy: vinte e seis. Também alta, também magra, também morena. Bonita do género caixa de bombons. A mulher no *Next Top Model* que descreveriam como «comercial».

Ashley: vinte e tal. A que nem sequer entraria no *Next Top Model*. Altura normal. Rapariga de aspeto normal. Cabelo. Olhos. Braços. Pernas. Tudo presente e correto.

Quando Bea voltou, com a minha salada, revistas, roupa limpa a seco e sapatos com saltos novos a reboque, eu tivera tempo de pensar. Tinha UM PLANO. Tinha surgido na minha cabeça vindo do nada. Analisara-o. Rejeitara-o por ser uma loucura. Voltara a estudá-lo. Pesara os prós e os contra e pensara nas muitas formas em que poderia correr mal. Tudo considerado, decidira que valia a pena. Também era só o que tinha. Precisava apenas de conseguir que Bea concordasse.

- Senta-te um segundo - pedi quando ela acabou de contar o troco das trinta libras que lhe dera antes de ela sair.

- Está tudo bem?

- Ouve-me só. Não digas nada até te ter contado a coisa toda.

- Oh, meu Deus - disse Bea, afastando um velho saco do café Costa com os restos do pequeno-almoço lá dentro, para se poder empoleirar no braço do sofá. Migalhas flutuaram para o tapete e ela inclinou-se para as apanhar. - Isto não me está a soar bem. O que fizeste?

O nervosismo dela fez-me rir. Era tão pouco característico dela.

- Nada. Ainda não. E, na realidade, não serei *eu* a fazer alguma coisa.

Inspirei fundo. Preparei-me.

- Serás tu.

Bea fitou-me, de olhos arregalados.

- Não, Tamsin. Seja o que for, não.

7

- Estás a falar de uma ratoeira.

- Tecnicamente sim, suponho que sim.

Bea e eu ainda estávamos embrenhadas em aceso debate. Eu tinha exposto os pormenores da minha ideia e ela havia exposto todas as objeções de que conseguiu lembrar-se. Devo dizer que estava a começar a perder a minha determinação com todos os perigos imprevistos que ela apontava.

Ela recostou-se e cruzou os braços.

- Não há nenhum «tecnicamente» nisso. É o que é.

O esquema que eu arranjava era o seguinte. Parece que Patrick não conseguia resistir a uma cara bonita. Bea tinha uma dessas caras. Ele ia estar no evento de entrega dos prémios sem a mulher e com um quarto de hotel vazio à espera dele lá em cima. Com certeza, se os boatos fossem verdadeiros, então se uma jovem atraente basicamente se oferecesse de bandeja ele acharia difícil dizer que não? Bingo. Apanhado em flagrante. Eu teria a prova de que precisava para perceber que tipo de homem o marido da minha melhor amiga afinal era e depois... Bem, para ser sincera, não sabia muito bem o que aconteceria a seguir. Não chegara tão longe.

Alguns dos argumentos contrários de Bea tinham incluído:

- E se ele já tiver uma mulher em vista? Seria uma confusão.

- E se ele simplesmente não gostar de mim? Por pior que seja, não pode estar interessado em toda a gente, certo?

- E se ele, de algum modo, perceber quem eu sou?

Tentei rebater todos eles. Mesmo que ele já tivesse um encontro secreto organizado, ela poderia detetar com quem era, reparar nalgum comportamento inapropriado da parte dele. Ela era linda, que homem viril conseguiria resistir? (Bem, isso não provaria nada, retrucara Bea. Se qualquer velho alinhasse, então Patrick não seria pior do que o resto da humanidade.) Nunca se tinham encontrado, nunca tinham falado ao telefone, por que diabo ele adivinharia quem ela era?

- O que devo fazer se ele alinhar? Estás a pedir-me para *dormir* com ele? - Fitou-me diretamente nos olhos, com as narinas a dilatar-se. Eu sabia que não estava a lidar muito bem com isto. Se, de facto, houvesse uma boa maneira de lidar com isto.

- Não! Caramba, não. Qual é aquela expressão que usam nos jornais, podes simplesmente pedir licença e vir-te embora. Mas aí saberíamos. Tê-lo-íamos apanhado.

- Francamente, Tamsin, sabes que faria qualquer coisa por ti. Mas isto é de mais. Tenho a certeza de que deve ser ilegal ou algo assim.

- O quê? Fazer uma proposta sensual a um homem numa festa?

- Não sei. - Colocou a cabeça entre as mãos. - Por favor, não me peças para fazer isto.

Senti-me mal por ela, verdade que sim. Sabia que passara das marcas no protocolo chefe/assistente. Mas também sabia, se é para ser mesmo sincera, que ela teria dificuldade em dizer-me que não.

- Não tens de o fazer. Claro que não. Só que... não faço ideia do que mais posso fazer.

Bea soltou uma risada nervosa. Não pareceu muito convincente.

- Que tal nada?

- Mas e se for verdade?

- Porque tenho de ser eu? Lucy é uma brasa...

Aquela era fácil.

- És a única pessoa em quem posso confiar.

Bea soltou um suspiro dramático.

- Não sei se consigo fazer com que isto resulte.

Detetei uma fenda na armadura.

- Claro que consegues. Usas aquele vestido vermelho muito justo que tens.

- Não tenho bilhete. Poderá estar esgotado. - Não pude deixar de reparar no minúsculo tremeluzir de esperança na voz dela.

Eu já tratara da questão dos bilhetes. Antes de falar com Bea telefonara a perguntar e tinham-me dito que restavam de facto bilhetes. Ficara com a impressão que o homem do outro lado da linha quisera dizer «montes» ou «centenas» ou algo do género. Parecera com certeza desapontado quando eu respondera que só precisava de um.

- Duvido que tenham esgotado - repliquei agora. - Deixa-me ligar-lhes. É óbvio que eu pago. E quaisquer despesas. A viagem e o quarto e isso.

- Não quero ter de lá ficar - declarou ela e percebi que a apanhara.

- Poderá ser melhor. Dessa forma, podes arranjar-te no hotel. Caso contrário, terias de ir no comboio toda maquilhada e de saltos altos. E também à hora de ponta.

Ficámos ali sentadas em silêncio durante um instante. Eu sabia que tinha de esperar que Bea falasse.

- Merda. - Pausa. Silêncio. Nada para além do ruído branco da luz por cima de nós. Controlei os nervos.

- Está bem.

Eu não conseguia acreditar.

- Oh, meu Deus. És absolutamente fantástica. Fico a dever-te uma.

- Precisas de me dizer pormenorizadamente o que queres que faça. Quero dizer, para começar nem sequer sei como ele é.

- Tens alguns dias. Vamos rever tudo, perceber se há alguma coisa que possa correr mal e pensar numa forma de o resolver.

- E o objetivo é fazer com que ele me tente engatar. Me convide para ir lá acima ao quarto dele, algo assim? Não tenho de fazer nada?

- Caramba, não! Claro que não. Basta agir como se estivesse interessada para ver como ele se comporta.

- Isto vai correr tão mal.

Claro que ela tinha razão. O meu plano mestre tinha todo o potencial para se desviar do rumo de um milhão de maneiras diferentes. Eu nem sequer conseguia começar a calcular as variáveis que poderiam significar que não conseguiríamos interpretar bem o comportamento dele.

- É a minha única opção - declarei.

Nos dias seguintes, Bea e eu quase só falámos do PLANO. Arranjámos uma história inventada para explicar quem ela era e por que razão estaria no evento (uma pessoa do departamento de desenvolvimento de uma nova empresa independente fictícia chamada Kismet, por alguma razão. Bea tinha querido chamar-lhe Produções Ratoeira, mas eu vetara logo a ideia); tinha-lhe assegurado que deveria haver um mapa dos lugares, por isso ela conseguiria localizar a sua presa e forçara-a a ver centenas de fotos felizes de Patrick que eu tinha tirado ao longo dos anos.

- Ela parece simpática - tinha sido a sua reação quando apareceu a primeira dele e de Michelle juntos.

- É - respondi eu. - É uma querida.

Passara a noite anterior a examinar eu própria as fotografias para decidir quais mostrar a Bea. Michelle parecia ditosamente feliz em todas as fotografias dos dois juntos. Jurei castigar Patrick de uma centena de maneiras diferentes se descobrisse que ele a traíra.

Tínhamos concebido infindáveis cenários em que Bea poderia apresentar-se a Patrick: uma bebida entornada («Oh, desculpe, vou buscar um pano e limpá-lo»); um caso de confusão de identidade («Parece mesmo o meu amigo Tom. Por um segundo pensei mesmo que era ele. Talvez sejam parentes?»); um assalto muito direto («Posso sentar-me? É a única pessoa aqui que parece minimamente interessante»). Compreensivelmente, Bea recusara a última hipótese.

- Imagina que viste de facto alguém de quem gostas. O que farias?

Ela empurrou os óculos de sol no nariz. Estávamos sentadas na esplanada da loja de iogurte gelado durante o período de acalmia antes do almoço. Os carros em ponto-morto nos sinais atiravam-nos com os seus gases tóxicos.

- Não sei. Andar por ali e esperar que ele se aproximasse de mim, acho eu.

- Poderás ter de ser mais proativa nesta ocasião. Diz-lhe que queres propor-lhe uma ideia ou pergunta se ele gosta de gatos ou... danças de salão.

- Ele é *gay*?

- Claro que não. Estou só a dar exemplos. Se tudo o resto falhar, cai em frente dele. Ou, melhor ainda, em cima dele.

- Diz-me coisas que lhe interessem para eu ter pelo menos alguma hipótese.

- Boa ideia - retorqui. - É um grande fanático de coisas retro. Qualquer coisa dos anos setenta e oitenta.

- Eu podia usar uma saia de folhos. Ou calças curtas aos quadrados - sugeriu Bea em tom sarcástico. - Ou, já sei... levar um cartaz sobre os mineiros.

- Muito engraçado. Pestaneja só para ele. Se ele andar à caça, não vai ser preciso grande coisa.

- Se eu acabar por ser presa por aliciamento de clientes a culpa é tua.

Espetou a colher de plástico no que restava do seu manteiga de amendoim e banana, depois puxou-a e acenou-a na minha direção. Eu não estava inteiramente convencida que o meu suborno de meia hora de balda e um miminho de iogurte gelado a tivessem convencido.

- Vais fazer tudo bem. Vai correr tudo bem.

- Para ti é fácil dizer.

- Sinceramente, Bea, não fazes ideia de como te estou grata. Isto está acima e para além e todas essas coisas. Compensar-te-ei de alguma forma, prometo.

- Talvez seja neste momento que deva pedir um aumento de salário. - Bea riu-se para me mostrar que estava a brincar.

- Se fosse só eu que decidisse, também to daria. Podes ter a sexta-feira toda de folga, o que dizes?

Talvez devesse parar um instante para explicar por que razão a felicidade de Michelle significa tanto para mim. Porque iria a extremos tão ridículos para a garantir. O facto é que eu faria qualquer coisa por Michelle. Ela poderá pensar que a salvei naquele dia no autocarro, mas a verdade é que ela me salvou muitas vezes.

Não estou só a falar das pequenas coisas. Os telefonemas a meio da noite, ouvir-me compreensivamente ou estar ali simplesmente para me apoiar. Estou a falar das grandes coisas. Da vez em que fomos apanhadas a roubar numa loja (ideia minha. Queria muito um par de brincos da Top Shop, mas não tinha dinheiro) e ela arcou com as culpas, porque os meus pais eram cem vezes mais severos do que os dela, ou da vez que ela saiu da cama às três da manhã e conduziu por Londres inteira para me ir buscar depois de

eu ter perdido a minha mala numa saída noturna e não ter forma de voltar para casa. Ou da vez que me acompanhou à clínica quando descobri que engravidara por acidente e sabia que não podia, não devia, ir para a frente com aquilo. Foi a única pessoa a quem contei e, apesar de ela já querer um bebé mais do que tudo no mundo, nunca tentou, nem uma vez, convencer-me a não o fazer.

Quando tínhamos quinze anos o meu pai arranjou um emprego em Sheffield. Os meus dois irmãos já tinham saído de casa, por isso para eles não fez diferença. A mim apresentaram-me um facto consumado. Tinham escolhido uma escola que me aceitava. Mudaríamos nas férias de verão. Dizer a uma rapariga de quinze anos que tem de deixar todos os seus amigos e mudar-se para centenas de quilómetros de distância não é dissemelhante de dizer a um rapaz de quinze anos que nunca mais tem permissão para trancar a porta do seu quarto. É como proferir uma sentença de morte. Chorei, gritei, amuei. A minha mãe e o meu pai não cederam à pressão. E então Julian e Miriam intervieram e sugeriram que eu podia viver com eles nos períodos de escola se os meus pais concordassem. Mudei-me para casa deles, e para o quarto de Michelle, durante os três anos seguintes. Se já éramos chegadas, tornámo-nos inseparáveis então. Eu tornei-me parte da família deles. Faria qualquer coisa por ela.

Por isso, como veem, ela é mais do que uma amiga, é como uma irmã. Mas do tipo bom. Do tipo que quer o melhor para ti, não do tipo que só te telefona para te dizer que és uma merda de filha e que devias ir visitar os teus pais com mais frequência.

Não sei simplesmente o que faria sem ela. Adoro os meus irmãos, adoro a minha mãe e o meu pai, mas Michelle é a primeira pessoa a quem telefono quando alguma coisa me acontece. É a única pessoa que sabe tudo sobre mim. Isto é, até agora, como é óbvio.

Deixei Bea sair um par de horas mais cedo na quinta-feira para ela ter tempo de chegar à estação antes que as multidões que saem do trabalho fossem demasiado esmagadoras. Queria ter a certeza de que ela tinha muito tempo para se preparar. Era importante que tivesse um ar sedutor. Todos os quartos do hotel onde o evento ia decorrer estavam reservados, por isso arranjei-lhe um quarto no Premier Inn a cinco minutos de distância.

- Apanha um táxi, está bem? - disse-lhe, como um progenitor preocupado. - Não quero que vás a pé para o hotel à noite, já tarde.

- Não faço qualquer tenção de ainda lá estar quando for tarde. - Bea verificava a mala com as coisas para uma noite no meu gabinete, certificando-se que tinha tudo o que precisava. - Mal complete a minha missão, venho-me embora. Prefiro mandar vir comida do serviço de quartos e ver *Newsnight* do que passar o tempo com uma data de pessoas que não conheço e que são suficientemente desgraçadas para pensarem que a entrega dos prémios Lifestyle Cable Choice Awards representa uma noite de diversão.

- Telefona-me, está bem? Vê se carregas o telemóvel no hotel antes de saíres.

- Sim, mamã.

- Se por algum motivo não falarmos esta noite, telefona-me logo de manhã. Em que comboio vais voltar?

- Não faço ideia. Eu telefono-te. Tenta não te preocupar.

- Boa sorte - retorqui, abraçando-a com força como se ela fosse partir para a Província de Helmand e eu pudesse nunca mais a ver. - Só... tenta o teu melhor.

- É o que farei. É melhor ir andando...

- Bea - disse eu quando ela estava prestes a abrir a porta para sair do meu gabinete. - Isto é mesmo uma ideia estúpida?

- Uma porcaria. Mas, tal como disseste, qual é a pior coisa que pode acontecer?

Mal ela partiu, interiorizei com um baque o que estava realmente a fazer. A enviar a minha infeliz assistente numa caça aos gambozinos para tentar seduzir o marido da minha melhor amiga. Ou, pelo menos, permitir-lhe a ele tentar seduzi-la. Nunca iria funcionar. E se funcionasse, em que tipo de pessoa isso me transformava? Quando parti para casa (tendo roído uma das unhas até ao sabugo, um hábito que me levava anos, e muitos frascos de verniz com sabor a veneno, a perder) tinha decidido que não era melhor do que uma madama. Um chulo. Era como Fagin a aproveitar-me do bom coração da pobre Bea, mandando-a fazer o meu trabalho sujo. Quase lhe telefonei a dizer para voltar para trás e esquecer tudo. Claro que não o fiz. Agora bem desejava que assim não tivesse sido. Talvez nunca tivesse feito o que acabei de fazer.

8

Decidi que precisava de uma distração para a noite. Alguma coisa que me fizesse deixar de pensar no que estaria a acontecer em Birmingham. Ian e Fiona tinham andado a atazanar-me há que tempos para sair com um dos seus amigos solteiros.

- Ele é perfeito para ti - dissera Fiona, palavras que, é garantido, provocam temor no coração de qualquer mulher descomprometida.

Encontrar-me com quem os meus amigos pensam ser o meu par ideal é como ver-me através dos olhos deles. Aquele homem pouco atraente/aborrecido/estúpido fá-los pensar em mim. Somos tão parecidos. A menos que o homem em questão acabe por se revelar lindo de morrer e membro da Mensa, é um insulto. Por isso, geralmente, evito quaisquer tentativas para me arranjam um par. Mas tempos desesperados pedem medidas desesperadas. Telefonei a um Adam que pareceu ligeiramente surpreendido e perguntei-lhe se queria encontrar-se comigo para tomar uma bebida. Oferta só para uma noite.

Mal cheguei ao Gavin, no último andar do Hilton em Park Lane, abrindo caminho pelas hordas de pessoas de fato que

vinham beber um *cocktail* depois do trabalho, percebi que isto nunca ia ser a maior história de amor de todos os tempos. Reconheci Adam de uma foto que Fiona me mostrara. Era uma boa coisa. Já conheci tantos potenciais pretendentes que não se parecem nada com as suas fotografias. Mais como os irmãos mais velhos, mais pesados, mais desgraçados. A coisa má era que já sabia que não me sentia atraída por Adam. Ele levantou-se para me cumprimentar. Se sentiu qualquer desapontamento, isso não transpareceu no seu rosto. Sou perita a detetar os pestanejares subtis e mudanças na linguagem corporal que revelam quando alguém não está impressionado com o que vê. Ele ofereceu-me um grande sorriso, o sorriso que exibia na fotografia, e exsudava simpatia e cordialidade. Sem o sorriso, porém, o seu rosto era, bem, um pouco abatado. Um pouco indefinido.

A questão é que gosto de afiado e pontiagudo e Adam era macio e bolachudo. Não sou tão superficial que pense que a aparência é tudo, mas é alguma coisa e, já agora, uma coisa bastante significativa. Não é que queira que todos os homens com quem saio sejam bem-parecidos. No passado, já me senti atraída por homens que espantariam corvos se ficassem parados num campo tempo suficiente. Mas tinham alguma coisa que era apelativa. E Adam não tinha.

Disse comigo mesma que estava ali por uma razão. Operação Deixar de Pensar em Patrick e Bea. Tomava só umas bebidas, tagarelava um bocado e ia-me embora tendo conseguido passar grande parte da noite. Adam estendeu uma mão para apertar a minha.

– Sempre quis saber o que Ian e Fiona pensavam de mim. Agora já não tenho tanta certeza.

Regra geral, isto ter-me-ia feito rir, mas tinha demasiadas coisas na cabeça.

Afinal, ele era professor numa das escolas dos filhos de Ian e Fiona e tentou manter-me entretida com histórias do recreio. E era divertido, eu é que não estava na disposição

certa. Senti-me um pouco culpada por estar tão absorta, mas não conseguia parar de olhar para o telemóvel de poucos em poucos minutos. Bea não mandara nada a não ser uma mensagem quando chegara ao evento que dizia *A águia pousou ah ah* e a minha mente acelerava com as possibilidades do que poderia estar a acontecer.

- Estás à espera de alguma coisa importante? - perguntou Adam quando peguei no telemóvel pela décima vez.

- Oh, não, desculpa. Isto é, sim. A minha mãe está doente... - Não faço ideia por que motivo disse isto. Pareceu simplesmente a desculpa que me podia dar mais margem de manobra para continuar a verificar as mensagens.

- Oh, sinto muito - retorquiu Adam. - Nada de grave, espero.

Proferi qualquer coisa mal alinhavada e sem sentido sobre diabetes e uma queda. Adam era todo ele compreensão. Respondi às perguntas dele com monossílabos. Ele perseverou com denodo, perguntando-me pelo meu trabalho e o meu mundo. Eu sabia que devia retribuir, mas não parecia valer propriamente a pena. Por fim, ele quase desistiu e ficou ali sentado a olhar pelas grandes janelas do chão ao teto para Londres inteira que se desdobrava em baixo.

Por volta das dez e meia, mesmo quando estava a pensar desculpar-me e ir embora, o meu telemóvel tocou. Levantei-me com brusquidão, fazendo um gesto para Adam a indicar que tinha de atender. Falei antes mesmo de ver quem estava a telefonar, mas graças a Deus que era Bea porque as minhas palavras de abertura foram:

- O que raio de merda se está a passar? Tenho estado preocupadíssima.

Ouvi Bea rir-se.

- Caramba. Disse-te que podia não conseguir telefonar. E, a propósito, não se passa nada. Só agora acabaram de distribuir os prémios. Esta coisa é INTERMINÁVEL.

Afastei-me da mesa e fui até às janelas. Em qualquer outra noite a vista ter-me-ia cortado a respiração.

- Oh, meu Deus, a sério? Já o viste?

- Sim. Não te preocupes. Estou quase a ir ter com ele. Estava só a telefonar porque sabia que ias estar aí com o telefone na mão como uma jovem de catorze anos perdida de amores. Agora vai para a cama. Telefono-te quando me levantar.

- Tenta ligar mais tarde.

- Ligo quando puder. Mas pode demorar um pouco. Não posso propriamente ir fazer um telefonema quando estou a meio de o tentar impressionar. Não entres em pânico se não te conseguir telefonar, é só o que estou a dizer. Está tudo a demorar mais tempo do que eu esperava. Agora preciso de tentar apanhá-lo antes de ele se ir embora. Se tiver juízo, sai daqui disparado.

Resisti à vontade de lhe fazer um milhão de perguntas sobre se Patrick estava sozinho ou se ela o vira a namoriscar com alguém. Ia ter de esperar.

- Está bem. Vai lá apanhá-lo.

- Deseja-me sorte.

Não havia nenhuma razão para ficar mais tempo no bar. Bea provavelmente não me ia ligar senão dali a horas, se é que ligaria, por isso mais valia ir para casa tentar dormir um bocado.

- Tenho de ir embora - disse para Adam, vestindo o meu casaco. Pesquei a minha carteira de dentro da mala e pousei um par de notas de dez. - Espero que cubra a minha parte.

- A tua mãe está pior? - perguntou ele com um ligeiro elevar de sobrelanceiras que eu sabia significar que não estava a engolir nada daquela história.

- Algo do género. Obrigada por uma noite maravilhosa. Gostei muito.

- Sim - retorqui ele. - Percebi.

Comecei a desculpar-me, mas depois compreendi que não havia qualquer interesse. Nunca mais o ia ver outra vez.

* * *

De regresso a casa, levei *Ron* pelos degraus abaixo até à sua casa de banho na berma, esperei enquanto ele ficava ali a olhar para mim, convencido que, se esperasse tempo suficiente, eu cederia e o levaria a dar uma volta (apesar da proliferação de assaltantes noturnos que afetara a zona nos últimos tempos ele vivia sempre com essa esperança), representei aquele jogo em que fingia desistir e estar prestes a levá-lo outra vez para dentro, ele entrou em pânico e ergueu uma perna nos caixotes de reciclagem da porta ao lado, e depois fui para a cama com um livro e o meu telemóvel na almofada ao lado. Pensei que não ia conseguir adormecer tão depressa, mas, quando dei por isso, o despertador estava a tocar e eram horas de me levantar. Durmo sempre bem. Consigo dormir em qualquer sítio e faço-o com frequência. Um dos meus ex costumava chamar-me «rato dorminhoco» por causa do meu amor pelas sonecas. Como é óbvio, não durou muito tempo.

Arrastei-me para fora da cama mesmo na altura em que o telemóvel retiniu para me dizer que tinha uma mensagem. Bea.

«Tenho boas notícias, mas pouco sinal. Telefono-te quando chegar a algum sítio melhor. Mas tudo ótimo!»

Boas notícias. Deve ser, bem, ótimo, certo? Não me teria dito aquilo, dado aquele pedacinho de esperança, a menos que tivesse a certeza. Patrick deve ter passado o teste, deve ter provado estar inocente. Senti um peso a sair de cima de mim, como se estivesse a desapertar um espartilho apertado, a despir a minha roupa interior adelgaçante no final de uma longa noite. A respiração refez-se, enchendo-me os pulmões, fazendo-me sentir tonta.

Claro que não pude deixar de tentar ligar a Bea. Uma e outra vez. Queria ter a certeza de que mal fosse possível ter uma conversa a teríamos. Estava a começar a arrepender-me de lhe ter dado o dia inteiro de folga quando às onze e dez ainda não soubera nada dela.

Na ausência de Bea, Ashley devia substituí-la e ajudar-me, mas recusei todas as ofertas de auxílio, exceto enviá-la ao Caffè Nero para me ir buscar um café com leite magro. Tudo o resto podia esperar pelo regresso de Bea na segunda-feira. De algum modo, até o café que ela me comprou não sabia tão bem como quando é Bea a trazê-lo. Estava fraco e aguado. Bebi-o na mesma, maravilhando-me por ela ter conseguido lixar uma coisa tão simples e depois dirigi-me à cozinha para fazer uma chávena do instantâneo.

Ian já lá estava, a remexer na cafeteira.

- Como correu a noite passada? - perguntou e levei algum tempo a recordar-me do que estava ele a falar.

- Oh. Adam. Sim. Homem simpático.

- Ah! Condenado com elogios frouxos - retorquiu ele. - Oh, está bem, vou transmitir a Fiona que não é para já que vai ser dama de honor.

- Desculpa. Nós não... sabes como é. - Esperava que Adam não tivesse comunicado que eu tinha todos os modos de uma adolescente rezingona. Agora que parecia que Bea tinha boas notícias para mim, estava a sentir-me um pouco culpada em relação àquilo.

- Não se pode vencer sempre - disse ele, despejando água em duas canecas onde já deitara colheres de café.

Presumi que tentara pedir a Lucy que lhe fizesse um café e depois acobardara-se e oferecera-se para fazer ele um para ela.

- Queres uma chávena? - perguntou e eu acenei que sim. Descobri outra caneca no armário e passei-lha.

- Porém, obrigada - agradei de forma pouco convincente. - Por me teres arranjado o encontro.

Relutante, fui para uma reunião de orçamento com os produtores de um dos nossos programas, embora mal me conseguisse concentrar. A minha única contribuição foi a de sugerir que a verba para *catering* parecia um pouco elevada. Quando saí, já lá estava. Uma chamada perdida de Bea. Tranquei-me no meu gabinete e telefonei-lhe logo.

- Então? - inquiri, antes mesmo de ela ter hipótese de dizer olá. - Que é? Que aconteceu?

- Bem... - retorquiu Bea, a prolongar o *suspense*. - Ou ele me achou repulsiva ou não é de facto o sedutor que pensas que é.

- Não mordeu o isco?

- Nem um bocadinho.

- Oh, meu Deus, Bea. Então... foste até lá... - Precisava de ouvir todas as provas.

- Por fim, estava a ficar tão tarde que me aproximei, deixei-me cair ao lado dele e comecei a conversar.

- E...?

- E ele foi perfeitamente simpático. Educado. Fartei-me de me atirar a ele, nem sequer estou a gozar. Comecei até a dizer-lhe qual era o hotel em que estava e que ele devia ir lá ver o meu quarto porque era tão espetacular..., a propósito não era, era básico, para não dizer pior...

- Desculpa.

- Mas ele nem sequer me fez o favor de namoriscar também. De facto, mencionou Michelle logo nos primeiros dois minutos.

- A sério? - Senti-me tão contente que me apeteceu começar a cantar.

- Foi bastante óbvio que era a sua forma de tentar que eu parasse.

- Então e depois?

- Oh, meu Deus, Tamsin, sinto-me doente quando penso nalgumas coisas que disse. Pensei que era melhor fazer mais uma tentativa só para garantir que ele não estava

meramente a ser cauteloso. Por isso, basicamente, ofereci-me ali mesmo.

- Merda! O que disseste?

- Não tenho coragem para te contar. Mas ele sabia que vinha tudo de bandeja se estivesse para aí virado.

- E ele disse que não.

- Não disse só que não, pôs-se a andar dali para fora o mais depressa que conseguiu. Disse que não era o seu estilo. Não era o tipo de homem que fizesse isso à mulher. E a seguir foi-se embora, não muito tempo depois. Sozinho, apresso-me a acrescentar. Nem sequer o vi falar com nenhuma mulher durante mais de cerca de dois minutos.

- Então e aquelas histórias todas?

- Mexericos maliciosos, calculo. Boatos distorcidos.

- Nem podes acreditar como estou feliz. Estou tão agradecida, Bea. Sei que foi uma coisa horrível para te pedir para fazeres.

- Não vou deixar que te esqueças - retorquiu ela a rir-se.

- Está bem, vai lá e passa um bom dia de folga. Encontrarei alguma maneira de te compensar.

O alívio era esmagador. Embora, deva dizer-se, impregnado com uma dose bastante grande de constrangimento. Senti-me um pouco idiota por ter deixado as minhas suspeitas agravarem-se a tal ponto delirante e por envolver Bea no meu plano louco. Graças a Deus que ela era a única a saber daquilo. Sabia que podia confiar nela e que não revelaria nada.

As sensações boas vieram muito depressa ao de cima. O facto de Patrick ter falado de Michelle para se defender de um *flirt* excessivo dava-me uma sensação boa e calorosa. Ele pensava nela. Ele queria que o mundo soubesse que não tinha nenhuma intenção de a trair.

Estava tudo bem no meu mundo.

Eu sei, eu sei.

9

Nunca sou muito boa quando a campainha da porta toca e não estou à espera de ninguém. Metade do tempo, ignoro-a simplesmente e espero que quem quer que seja se vá embora. Detesto surpresas e isso inclui visitantes imprevistos. Além disso, quando me encontro em casa nunca estou em estado para ver ninguém. Cerca de cinco minutos depois de entrar a porta já estou de pijama, duche tomado, pronta para ir dormir e com um grande copo de *sauvignon blanc* na mão.

Desta vez, no entanto, estava vestida e mais ou menos apresentável porque decidira passar o meu precioso sábado a fazer coisas excitantes como ir ao supermercado e à lavandaria.

Reconheci logo a voz de Patrick no intercomunicador. Embora não fosse habitual ele aparecer sozinho, não era inédito. Tinha havido algumas ocasiões em que Michelle o mandara fazer algum recado ou assim. Mas era só isso. Ele e eu nunca havíamos tido uma amizade independente. Claro que ele e Michelle juntos tinham passado inúmeras noites sentados na minha sala ou a comer na minha cozinha. Bem, mas a questão é que não pensei de imediato:

«O que é que aconteceu?» Ou: «Quem morreu?» Convidei-o apenas a entrar e perguntei se queria uma chávena de chá.

– Estás sozinha? – retorquiu ele, em termos de resposta, olhando em volta como se pensasse que eu podia ter engatado algum homem na noite anterior e ele estivesse prestes a sair do meu quarto vestido apenas com uma das minhas camisas de noite (para que conste, não possuo nenhuma camisa de noite. Sou estritamente uma rapariga de pijama e *T-shirt*).

Ron, que está a ficar um bocado velho e cujas reações já não são o que eram, percebeu por fim que tínhamos uma visita e veio a toda a velocidade do quarto, atirando com todo o seu peso para as pernas de Patrick. Ele inclinou-se e afagou-lhe a cabeça crespa.

– Olá, rapaz.

Havia qualquer coisa que não estava bem com ele. Isto é, com Patrick, não com *Ron*. Qualquer coisa um pouco tensa. A sensação boa que me embalara nas últimas vinte e quatro horas começou a dissipar-se.

– Está tudo bem?

– Posso falar contigo sobre uma coisa? – perguntou Patrick, palavras que nunca ninguém quer ouvir.

Porque teria vindo sozinho e a um sábado? Tirei a pior conclusão.

– Michelle está bem?

– Caramba, sim. Não queria preocupar-te...

– Julian e Miriam?

– Sim. Estão ótimos. Toda a gente está bem. Pelo menos, penso que sim. É por isso... merda, Tamsin, não sei mesmo por onde começar...

– Vamos sentar-nos – retorquiu, sentindo de repente que podia cair para o lado se não o fizesse.

Ron ainda estava aos saltos, a fazer o seu melhor número cómico para atrair a atenção. Sem dúvida, recordava-se da vez que o seu tio Patrick favorito lhe dera um osso de borracha com sabor a carne e estava com esperança que

pudesse haver outro a caminho. Parecia pouco provável nesta altura.

- Senta, *Ron*. Fica. - Não aguentava ver os seus esforços não correspondidos. A sua alegria era demasiado esperançosa e pura para entender por que razão não estava a ser retribuída. Fez o que lhe fora pedido. Claro que sim. É um cão, não consegue evitar.

Seria agora? Era agora que Patrick me dizia que tinha outras mulheres e que precisava da minha ajuda para contar a Michelle? Não depois do que Bea relatara, com certeza? Eu não aguentava o *suspense*.

- Então...?

Patrick soltou um longo suspiro. Tive de me controlar para não me levantar e sacudi-lo, exigindo que desembuchasse logo, fosse lá o que fosse.

- Penso... penso que Michelle... isto vai parecer tão ridículo...

- Patrick, diz lá o que é, por amor de Deus.

- Acho que ela não confia em mim.

Recostou-se para trás e fitou-me como se dissesse «Pronto, agora percebeste?». Eu não percebia.

- O quê?

- Acho que ela meteu na cabeça que a atraíção ou algo assim.

Ah...

- Porque pensas isso?

- Aconteceu uma coisa esquisita na cerimónia dos prémios na outra noite.

Oh, meu Deus.

- O que queres dizer com esquisita? E o que tem isso a ver com Michelle?

- Bem, uma mulher veio ter comigo, do nada, e começou com uma conversa, a atirar-se a mim...

- Pois.

- Ao princípio, não achei nada de especial, tentei só livrar-me dela.

Eu continuei ali sentada. De respiração suspensa.

- Mas ela era muito persistente. E depois disse umas coisas que me fizeram pensar que conhecia Michelle.

Porra, Bea. Eu devia ter percebido que parecia tudo demasiado bom para ser verdade. Tentei não me sentir irritada com ela. Afinal, fora injusto da minha parte colocá-la naquela posição e esperar que ela fosse capaz de executar o plano.

- Que tipo de coisas?

- Não me consigo recordar das palavras exatas, mas ela apareceu como se não soubesse quem eu era e, depois, quando mencionei a minha mulher, porque ela estava mesmo a atirar-se a mim, ela disse qualquer coisa do género «Oh, Michelle?» e eu disse «Conheces?» e ela ficou toda perturbada.

Oh, Deus. Por favor. Não. Deixes. Que. Ele. Consiga. Perceber. Que. Fui. Eu.

- Então quem era ela?

- Não faço ideia. Chamava-se Cheryl. Não fixei o apelido. Não conheço nenhuma Cheryl e, tanto quanto sei, Michelle também não.

Muito bem, então eu podia deixar escapar um pequeno suspiro de alívio.

- Mas foi só isso? Quero dizer, tem de haver uma explicação racional. Ela se calhar ouviu-te a dizer alguma coisa... ou assim.

Fiz figas para que ele engolisse o que eu estava a dizer, senti que até tentava fazer figas com os dedos dos pés.

- Não. Perguntei-lhe isso porque parecia tão esquisito, mas ela levantou-se apenas e disse: «Queres vir ao meu quarto ou não?»

Tentei fingir uma risada. Representar não é um dos meus pontos fortes.

- Parece-me uma mulher um bocado louca. Tens a certeza de que ninguém a tinha encorajado a fazer isso? Por gozo ou algo assim?

- Não, penso que tinham, é essa a questão. Mas não como piada.

Merda. Porra.

- Penso que foi Michelle. Acho que Michelle desconfia que ando a ter ligações e por isso arranjou essa mulher para tentar apanhar-me.

Respira.

- Isso não tem pés nem cabeça! Como se...

Interrompeu-me.

- Pensei que ela te pudesse ter dito...

- Quê? Não! Não que eu acredite nisso nem por um segundo, mas não.

- Mas ela disse-te alguma coisa? Sobre não confiar em mim?

Desta vez eu podia dizer a verdade.

- Nunca.

- Não aguentava se ela não confiasse. Eu nunca... quero dizer, sabes, não sabes? Que eu nunca a trairia.

- Claro.

Oh, merda. Ele estava mesmo a levar aquilo a sério. Afastei da minha cabeça todos os pensamentos sobre as muitas maneiras de querer castigar Bea por ter revelado o jogo e concentrei-me em Patrick. Ele parecia estar à beira das lágrimas. Que porra tinha eu iniciado?

- Recuso-me a acreditar que Michelle pudesse fazer uma coisa dessas.

- Quem mais poderia? Só pode ser ela.

- Não estou a dizer que tenhas imaginado coisas, mas não achas que poderias ter interpretado mal, visto coisas que não existiam? Todos ficamos com o discernimento toldado depois de um par de bebidas.

- Eu não estava a beber. Era um evento de trabalho. E não, não acho que estivesse a exagerar. Aparece uma mulher, assim do nada, basicamente pergunta se quero dormir com ela, larga por casualidade o nome de Michelle e

depois fica toda nervosa a tentar encobrir a coisa. Ora, vamos lá, Tam. Que outra explicação poderia haver?

Debiquei uma unha, a evitar-lhe o olhar. Mordi-a até a partir. Arranquei a parte de cima.

- Michelle não é do tipo desconfiado.

- Porque nunca teve nada de que desconfiar. Talvez agora, por alguma razão, pense que tem.

- Porém, continuo a não conseguir imaginá-la a fazer isto. É tão... extremista. Para além de tudo o mais, há a questão da organização. Sabes que não é um dos pontos fortes dela. E onde ia ela arranjar a mulher?

- Não sei. Não há empresas onde podemos ir? Contrata-se uma pessoa por uma noite para dar em cima do cônjuge?

Há? Quem me dera ter sabido disso.

- Não faço ideia.

- Para ser sincero, foi por isso que pensei que ela devia ter-te envolvido na questão. És muito melhor com coisas práticas do que ela.

- Não, de forma alguma.

O rosto dele enrugou-se. Debruçou-se para a frente no assento, com os cotovelos sobre os joelhos.

- Não sei o que fazer. Pensava que éramos tão felizes.

- Eram. São. É óbvio que isto é tudo um grande mal-entendido.

- Mas falas com ela? Tentas descobrir o que se passa? Ela conta-te, certo?

- Se houver alguma coisa para contar, sim, tenho a certeza de que conta. Mas não vai haver. Tens de parar de te preocupar.

Os olhos dele tinham-se enchido de lágrimas. Eu nunca vira Patrick chorar. Nunca. Estivera perto no casamento deles. Fizera aquela coisa dos lábios a tremer que os homens antiquados fazem quando estão a tentar meter tudo para dentro. Mas controlara-se mesmo a tempo. Agora conseguia ver-lhe uma possível fuga aquosa no canto do olho. Ele tentou limpá-la e ela escorreu-lhe pela face.

Passou-lhe outra vez a mão. Desviei o olhar. Parecia um gesto tão íntimo.

Nem consigo começar sequer a dizer-vos como me sentia mal. Eu tinha criado esta coisa toda. Não havia nada de errado com o casamento deles. Nada. E agora, por causa de mim, por causa da minha estúpida vontade de acreditar em boatos que não tinham qualquer fundamento, poderia de facto haver.

Patrick fungou. Puxou de um lenço de papel e enxugou, desajeitado, os olhos. Senti-me doente de culpa.

- Deve ser tudo uma coisa de nada. Tudo o que sei é que Michelle te adora. E nem sequer me sugeriu nunca que pensa que há alguma coisa errada.

Tentei imaginar como teria reagido se não tivesse de facto sabido que Patrick tinha razão em relação às suas suspeitas. Ter-me-ia rido? Ficado zangada em nome de Michelle? Estava a achar impossível agir de forma natural.

- Como posso sentir o mesmo por ela sabendo que ela faria uma coisas dessas?

- Estás a exagerar. Estás a imaginar coisas... ela não faria...

Não fazia ideia nenhuma do que mais lhe dizer para o desviar daquela trajetória.

- Não ia aguentar se alguma coisa acontecesse... Não ia.

Uma segunda lágrima gorda aterrou-lhe na face e abriu caminho pela barba por fazer. Desta vez, ele nem sequer tentou limpá-la. Estava com um ar tão desnorteado. Isto era tão diferente do Patrick arrogante e superconfiante que conhecia. Não consegui conter-me. Levantei-me, aproximei-me e afundei-me no sofá ao lado dele. Passei-lhe um braço em volta e ele inclinou-se para o meu ombro, enquanto eu lhe afagava as costas, como fazia com *Ron* sempre que ele estava indisposto.

Já estão a ver onde isto vai parar?

10

Não aconteceu nessa altura.

Ficámos ali sentados durante talvez uns cinco minutos. Ele a chorar e a agarrar-se a mim como se a sua vida dependesse disso. Eu a afagar-lhe as costas. Olhei para o lado e vi que *Ron* ainda estava sentado ali sem se mexer, como eu lhe dissera para estar, sabe-se lá há quanto tempo. Parecia confundido. Preocupado por não reconhecer este comportamento em duas das suas pessoas favoritas. Bati no meu joelho, o sinal universal para «vem cá» para um cão, ele veio a correr e pousou a cabeça na minha perna, solidário. Pensei por instantes que devíamos parecer algum tipo de cena alternativa da natalidade e quase me ri. Mais por nervosismo do que outra coisa qualquer.

Por fim, Patrick endireitou-se e afastámo-nos. Creio que estávamos ambos a sentir-nos ligeiramente constrangidos, sem ter a certeza de como nos devíamos comportar. Acho que nunca tínhamos estado tão perto em termos físicos.

- Desculpa - disse ele, com um pequeno sorriso embaraçado a aparecer-lhe no rosto.

- Não há problema. Entendo perfeitamente. Mas vai ficar tudo bem. Prometo-te.

- Vais tentar falar com ela?

- Claro.

- Obrigado. E sinto muito ter-te envolvido.

- Para de pedir desculpa.

- Desculpa.

Felizmente, ele riu-se quando disse isto e aliviou um pouco o ambiente. Levantei-me. Para ser sincera, estava ansiosa para que ele se fosse embora. Por sorte, ele percebeu a indireta.

- Devia ir andando. Mich pensa que fui só comprar um jornal.

- Eu tenho de ir ao supermercado - retorqui.

Ele inclinou-se e abraçou-me, deu uma palmadinha na cabeça de *Ron*.

- Telefonas-me se... sabes, se ela disser alguma coisa...

- Claro. E para de te preocupares.

- Sinto-me muito melhor só por ter dito aquilo em voz alta. - Para dizer a verdade, não parecia. Estava com um aspeto horrível.

- Sempre que quiseres - disse eu, sem estar a falar nada a sério.

Acompanhei-o à porta. Voltei à sala e afundei-me no sofá. Não fazia a mínima ideia do que fazer a seguir.

Isso aconteceu no sábado passado. Hoje é terça.

É claro que telefonei logo a Bea, contei-lhe o que acabara de suceder e ela ficou devastada. Senti-me culpada por arruinar o fim de semana dela, mas queria saber se os estragos tinham sido mesmo maus, se ela revelara mais do que Patrick dera a entender. Ela admitiu por fim que mencionara acidentalmente o nome de Michelle, mas insistiu que encobrira bem a coisa e que Patrick não podia ter deduzido nada de concreto do erro dela. Por isso, tentei

agarrar-me à esperança de que toda a coisa pudesse ser uma enorme reação exagerada da parte dele. Que, de alguma maneira, tudo podia passar e desaparecer de moto próprio.

E claro que não havia nada para eu falar com Michelle, dado que já sabia todas as respostas. Porém, tratei de lhe telefonar no sábado à noite e perguntei se ela queria encontrar-se comigo para dar uma volta no mercado de Spitalfields no dia seguinte. Esperava que Patrick pensasse que era um estratagema para eu a poder interrogar sobre as suspeitas dela e recusasse vir também. Então poderia dizer-lhe que tínhamos tido «a conversa» e que estava tudo bem, Michelle não tinha qualquer preocupação, achava que o casamento deles era perfeito e «Cheryl» era obviamente algum tipo de mulher louca e psicótica que ele deveria esquecer. Tarefa concluída.

Era óbvio que ele tinha percebido os sinais, porque só Michelle estava à minha espera junto à loja dos queijos malcheirosos, o sítio combinado para o encontro.

- Estás sozinha? - perguntei, a tentar que a minha voz não traísse um tom esperançoso. Talvez Patrick tivesse entrado na loja para provar algum *cheddar* de Montgomery.

Michelle revirou os olhos de forma brincalhona.

- Ele disse que por mais que goste de ti, não queria passar a manhã de domingo a admirar roupas *vintage* de senhora. Foi correr.

- Ótimo - retorqui no mesmo tom. - Ele é que fica a perder.

Percorremos amigavelmente as filas de bancas, provámos roupas no Collectif, ou pelo menos eu provei e Michelle assistiu, e afundámo-nos em sofás que nunca conseguiríamos pagar no One Deko. Mas não parecia que éramos os nossos eus habituais, pelo menos do meu ponto de vista. Eu não conseguia afastar da cabeça a imagem de Patrick a chorar. Ou o sentimento de culpa que sentia por

causa do ambiente que devia ter criado entre eles. Esforcei-me por encontrar o nosso fácil e habitual denominador comum.

- Passa-se alguma coisa? - perguntou por fim Michelle, mal nos sentámos dentro do Canteen para um pecaminoso *brunch*. - Pareces um bocado calada.

- Não. Estou bem. Só estourada. - Esperava soar nem que fosse meio convincente. Na realidade, estava cansada. Mal dormira na noite anterior. Ao ponto a que o estado de espírito de Patrick me perturbara.

- Trabalhas demasiado.

- Trabalhamos todos.

- Bem, sim, é isso. Mas pareces um bocado em baixo, não sei.

- É verdade que estou bem. Agora o aniversário da minha mãe. Tens de me ajudar...

Michelle mordeu o isco.

- Oh, Deus, sim. Eu também devia comprar-lhe alguma coisa.

- Vamos dar outra volta depois de comermos, tem de aparecer alguma coisa.

Michelle escolheu um conjunto de chá dos anos 1950 que eu sabia que a minha mãe ia absolutamente adorar. Censurei-me por não ter pensado naquilo primeiro. Embora a minha mãe seja o tipo de pessoa que, se viesse da minha parte, o examinaria com cuidado durante cerca de três dolorosos minutos e depois diria algo do género «O que é isto?», enquanto, se Michelle o oferecesse, declararia o seu amor pelo retro chique em geral e pela porcelana dos anos 1950 em particular.

A dada altura, parámos numa banca que vendia roupas de bebé artesanais que teriam reduzido Cruella de Vil a um frangalho choco. Apliques de animais coloridos adornavam minúsculos *babygrows* numa variedade de cores

deslumbrantes. Tentei passar por eles descontraidamente. Avançar. Nada para ver ali. No entanto, Michelle tinha outras ideias.

- Oh, meu Deus! - guinchou. - Olha para estes.

- Amorosos - retorqui e arrastei os pés para a banca seguinte, o que não era tão fácil como parece. Há muito movimento aqui aos domingos.

- Espera aí - pediu Michelle e, quando me virei, ela estava a pegar num *babygrow* de um laranja neutro com uma girafa, estupidamente amorosa, tenho de admitir, na parte da frente.

- Achas que dá azar se eu comprar um?

Levantei as sobrancelhas para ela, com o que esperava ser um ar cético. Michelle sabe o que penso sobre maus agoiros e destino e todos esses outros disparates.

- Muito bem, então vou comprar.

Estendeu-o para a mulher da banca. E depois reparou num cartaz que dizia que se podia levar dois por dez libras, em vez de pagar sete libras só por um.

- Escolhe um - pediu-me, o rosto iluminado de expectativa feliz.

Não era uma mulher que alguma vez desconfiasse que o marido andava com outras. Ou cujo marido se devesse preocupar que ela desconfiasse. Amaldiçoei-me outra vez pela minha estupidez. Remexi entre as pilhas de minúsculas roupinhas, encontrei um que era verde com um crocodilo de um verde mais escuro.

- Este.

- Perfeito. Estou a morrer de vontade de engravidar - comentou para a mulher da banca enquanto apresentava a nota de dez libras. - Tenho só de convencer o meu marido que é a altura certa.

Fiz uma careta.

- Demasiada informação.

A mulher sorriu, ignorando o meu comentário. Calculo que o negócio dela prospere com esperançosos futuros

país.

- Que adorável. Boa sorte.

Por volta do meio-dia e meia estávamos ambas prontas para dar o dia por terminado.

- Agora vou ter de almoçar também - gemeu Michelle quando entrámos num táxi, ela para Highgate, eu para Belsize Park. - Acho que Pad está desejoso de um assado no The Angel. Não sei como vou arranjar espaço.

Abraçou-me quando o táxi parou para a deixar. Se achava que o marido se estava a comportar de forma estranha desde sexta-feira, com certeza que não mostrou nada.

Naquela tarde, eu combinara ir ao cinema com Anne Marie. Fazemos isto mais ou menos uma vez por mês, quando dá alguma coisa no The Everyman que ambas queremos ver. Afundamo-nos nos nossos lugares confortáveis, bebemos um copo de vinho, vemos o filme e depois empanturramo-nos com uma piza do outro lado da rua, no Pizza Express, enquanto trocamos opiniões sobre como mudar o mundo.

Já decidi que quero ser como Anne Marie quando crescer. Ela vive sozinha (por escolha própria, recebeu muitos pedidos de casamento), mas tem uma vida social que rivaliza com a de Kim Kardashian. Viu sempre todos os filmes, peças de teatro, exposições que vale a pena ver. Foi casada uma vez, há anos, mas foi horrível e, por fim, veio-se embora uma noite sem nada senão uma mala minúscula e jurou para nunca mais. Agora, faz exatamente o que quer, sempre que quer fazê-lo. Duvido que se sinta alguma vez só, não tem tempo para isso.

Vimos uma nova versão algo meritória de um velho clássico. É um livro que adoro e conheço bem, por isso não importava propriamente que a minha mente não estivesse muito concentrada.

- Ashley parece estar a adaptar-se bem - disse Anne Marie depois, quando pedimos uma American Hot para

mim e uma Fiorentina para ela.

Encolhi os ombros. Não tinha opinião. Anne Marie interpretou aquilo como sinal de que eu não queria falar sobre trabalho, por isso perguntou-me se estava a pensar ir para fora este verão e conversámos sobre Itália *versus* Grécia e *villas versus* hotéis durante mais ou menos uns agradáveis vinte minutos. Mas eu estava apenas meio presente. Conversa de frases feitas. Se ela reparou, foi suficientemente educada para não o referir.

Bea chegou na segunda-feira de manhã com *muffins* da pequena pastelaria da esquina, por isso percebi que estava a sentir-se culpada. Eu já decidira não trazer o assunto à baila outra vez. Embora fosse tentador. Porém, ela lançou-se noutro pedido de desculpas mal entrou e fechou a porta.

- Tenho estado a rever tudo na minha cabeça desde que me ligaste. Não posso acreditar que ele tenha percebido. Apesar de eu ter dito o nome dela. Caramba, lamento tanto, estava muito nervosa e saiu-me antes de conseguir conter-me...

Estava a divagar, uma coisa que Bea faz sempre quando se encontra sob pressão. O tique revelador do olho estava presente. Intervim para a libertar da sua ansiedade.

- Okay. Só tenho de o convencer que Michelle não desconfia, nem nunca desconfiou, que ele a atraiçoa, o que não deve ser demasiado difícil porque ela não desconfia nem desconfiou, e depois, esperemos, as coisas voltarão ao normal.

- Pelo menos agora tens a tua resposta, suponho.

- Eu sei. E sinto-me como uma idiota absoluta. Lembra-me para nunca mais ligar a boatos.

- E Patrick vai esquecer tudo em breve, mal perceba que Michelle não se está a comportar de maneira diferente em relação a ele.

- Meu Deus, espero que sim.

- Estavas a olhar pela tua amiga, foi tudo - resumiu Bea.
- Acho que ninguém te pode criticar por isso. E se eu não tivesse...

Ri-me.

- Está bem, para, vamos apenas concordar que ambas nos sentimos mal. Culpabilizarmo-nos não vai ajudar.

- O que posso fazer para te compensar? Café para acompanhar o *muffin*? Mais *muffins*? *Muffin* com sabor de café? Café com sabor a *muffin*?

- Que tal algum trabalho? Deixei uma pilha de currículos da equipa de rodagem na tua secretária. Podes seleccioná-los e enviar os que pareçam interessantes para o gabinete de produção de *Downsize Divas*? Têm de estar sediados em Manchester.

- Feito.

- E, sim, café para acompanhar o *muffin*. Obrigada.

- E feito.

Eu tinha aprendido uma grande lição. Não precisava de ser sempre a protetora de Michelle. Ela nem sempre precisava de ser protegida. Às vezes, era melhor não interferir.

11

Hoje, mal cheguei a casa do trabalho, comecei a sentir-me um pouco melhor. As coisas iam acalmar. Tudo voltaria ao normal passado algum tempo. Despi as roupas de trabalho, tomei duche e vesti outra vez as minhas calças de pijama de algodão fino preto e branco e um *top*. Pus o meu casaco de malha com capuz da *Juicy Couture* por cima do *top*, apanhei o cabelo num rabo-de-cavalo e fui para a cozinha para começar a planear o que ia comer.

Esta noite o frigorífico estava com um aspeto especialmente vazio, porque a visita perturbante de Patrick no sábado fizera-me perder a vontade de ir ao supermercado. Decidi telefonar para mandar vir comida, mas depois não conseguia decidir o que queria, por isso servi-me de um grande copo de vinho tinto.

Tinha acabado de me sentar em frente do noticiário do Channel 4 quando a campainha da porta tocou. O meu primeiro instinto foi ficar quieta e fingir que não estava ninguém em casa, mas a curiosidade levou a melhor e não consegui resistir a atender. Com alguma sorte, seria o equivalente a engano no número de telefone para a porta de entrada.

Claro que não era.

Quando deixei Patrick entrar, ele não parecia melhor do que no sábado. Mas sorriu quando viu o meu traje.

- Bem, estou contente por teres feito um esforço.

- Não estava à espera de ninguém - retorqui, puxando, constrangida, o fecho um pouco mais para cima.

- A sério? Toda aperaltada e nenhum sítio para onde ir?

- Muito engraçado.

Seguiu-me até à sala. Eu estava a tentar engolir a ansiedade que a sua chegada inesperada me tinha provocado.

- Afinal, o que estás a fazer aqui?

- Não consigo deixar de pensar naquilo. Sei que disseste que Michelle parecia normal, mas queria saber exatamente o que te fez pensar isso...

Eu tinha telefonado a Patrick no dia anterior, segunda-feira, quando sabia que ele estaria em segurança no trabalho e longe do alcance do ouvido de Michelle, para lhe dizer que estava convencida que ele imaginara todo o cenário da ratoeira. Fingira que ia a caminho de uma reunião e, portanto, impossibilitada de falar senão por uns breves segundos. Queria despachar o telefonema o mais depressa possível. Não sou, e nunca fui, uma mentirosa muito segura.

- Bem - disse, a reagir com rapidez, sem pensar muito. - Dei-lhe montes de oportunidades para me contar se tivesse alguma coisa a preocupá-la. E falámos imenso de ti. Não especificamente sobre isso... como é óbvio...

- E?

- E ela não disse nada. Parecia muito feliz. Falou do fim de semana que vão passar fora como se estivesse de facto ansiosa por isso, esse tipo de coisa. Com toda a sinceridade, ficaria absolutamente estupefacta se ela tivesse sequer considerado a hipótese de arranjar alguma mulher para te pôr à prova.

Patrick sentou-se na poltrona mais próxima.

- *Okay*. Graças a Deus.

- Queres uma chávena de chá? - perguntei, embora sentisse que me apetecia era um brande forte. Estava à espera que ele dissesse que não, que tinha de voltar, e então podia servir-me de um copo grande para apreciar sozinha.

- Uma bebida seria melhor.

- Não vais guiar?

Ele assentiu.

- Uma não faz mal.

- Ótimo. Branco ou tinto?

- Branco.

Abri a garrafa (tampa de rosca, graças a Deus. Não queria ter de perder tempo a esporear um saca-rolhas) e servi-lhe o copo mais pequeno com que pensei safar-me sem parecer mal-educada. Não me apetecia enfrentar um interrogatório apertado. Não sabia se passaria no teste. Já agora, enchi o meu próprio copo com o tinto.

- Mich não está à tua espera? - perguntei, agarrando-me a qualquer hipótese de salvação.

- Foi a casa dos pais.

- Pois.

- A questão não é que nunca tenha tido oportunidades. Quero dizer, tenho a certeza de que ela também tem. Simplesmente eu nunca...

- Eu sei.

Parecia estar outra vez à beira das lágrimas. Fiquei ali sentada, sem saber o que fazer. Não era uma parte dele que eu tivesse conhecido antes e sentia-me pouco à vontade. Talvez o tivesse avaliado mal ao longo de todos estes anos e ele fosse de facto apenas um grande sentimentalão.

- Acho que tens de esquecer isso. Fosse o que fosse que aconteceu, foi só uma coincidência estranha.

- Tu não estavas lá. Importas-te de me dar outro?

Ele bebera o vinho em tempo recorde (bem, eu só lhe dera uns três goles) e estendia o copo vazio.

- Achas que podes?

Patrick encolheu os ombros.

- Posso apanhar um táxi, se tiver de ser.

Eu não sabia muito bem como poderia dizer que não. Não parecia propriamente que ia sair e passar a noite fora.

- Está bem.

Servi-nos aos dois, muito mais quantidade desta vez. Que se lixasse.

Depois apresentei o primeiro cenário vagamente plausível que consegui imaginar, na esperança de poder encerrar a conversa.

- Sabes o que eu acho? Aposto que alguém lá no evento a encarregou disso, a essa Cheryl. Alguém que te conhece e pensou que seria divertido.

Ele não pareceu convencido.

- E disseram-lhe o nome de Michelle?

- Não é propriamente um segredo de estado. Talvez estivessem a falar sobre ti, disseram qualquer coisa sobre teres uma mulher chamada Michelle e depois sugeriram. «Não seria divertido se fosses lá atirar-te a ele só para ver como ele reage.» Não sei, qualquer coisa do género.

- Mas porquê?

- Sabe-se lá. Porque têm um sentido de humor distorcido.

- E o que ia ela fazer se eu dissesse que sim, que adoraria ir ao quarto dela?

- Provavelmente gritava «Apanhei-te» e fugia. Tenho a certeza de que foi uma piada estúpida. Se calhar era alguém cujo programa recusaste ou que demitiste de alguma coisa e pensou que seria divertido fazer-te sentir um idiota.

Patrick passou a mão pelo cabelo.

- Não sei, Tamsin.

- Não posso acreditar que tenhas deixado isto afetar-te desta maneira.

- Assustou-me como tudo... a ideia de que alguma coisa pudesse dar errado...

E lá vinha ela, outra lágrima gorda a explodir-lhe na face. Senti-me esmagada de piedade. Era óbvio que ele estava a sentir-se desgraçado. Não podia acreditar que me tivesse enganado tanto a respeito dele.

Esvaziei o meu copo, tornei a encher ambos os copos até à borda, aproximei-me de onde ele estava sentado e deixei-me cair no braço do sofá. Instintivamente, passei-lhe outra vez o braço pelos ombros. Nesta altura, já era uma veterana. Ele inclinou-se para mim. Senti-me um pouco tonta. Sabia que bebera o meu vinho demasiado depressa. Assim, fiz o que sempre faço nestas circunstâncias. Bebi um pouco mais.

- Vai correr tudo bem - disse para o topo da cabeça de Patrick.

- Espero que sim.

Ele estendeu o braço e passou-o por cima da minha perna, puxando-me mais para perto dele. Era neste ponto que eu devia ter-me levantado, dado uma palmadinha nas costas dele como faria uma amiga, insistido que tomássemos um café para desanuviar a cabeça. Claro que não o fiz. Embora fosse uma sensação estranha, nós os dois ali sentados com os braços passados à volta um do outro, tratava-se de Patrick, o marido da minha melhor amiga. Eu ainda não fazia ideia nenhuma que se iria transformar noutra coisa. E, se é para ser sincera, e bem posso sê-lo, a sensação era boa. Reconfortante.

Ficámos ali durante mais ou menos um minuto e depois dei-me conta que a mão dele se movia. Só um pouco. Só uma ligeira sugestão dos dedos dele a acariciarem-me a coxa. Sabia que aquilo não estava muito certo. Eu a esfregar-lhe as costas de forma calmante era uma coisa, mas isto era muito mais íntimo. Mesmo assim, atribuí-o ao seu estado de espírito frágil e ao *sauvignon blanc*. Recuei um pouquinho. Com cuidado. Não queria que ele

percebesse o que eu estava a fazer e se sentisse constrangido.

E depois ele estava a olhar para mim e eu estava a olhar para ele, aparentemente incapaz de desviar os meus olhos, apesar de saber que devia. Ele estendia a mão para passar os dedos pela minha face e eu estava a deixá-lo. Estávamos a beijar-nos. Sem constrangimentos. Com intensidade. Como se tivéssemos estado à espera de fazer isto nos últimos cinco anos.

Eu podia ter-me afastado. Podia ter parado com aquilo antes que fosse demasiado tarde, tentado rir-me daquilo como um mal-entendido entre pessoas que estão tocadas. Acabaríamos por superar a coisa. Mas a mão dele começara a avançar para dentro do meu *top*, empurrando a minha determinação à sua frente à medida que progredia. Deixei. Não queria que parasse.

E depois tornou-se tudo um pouco vago.

12

Nem sequer vos consigo dizer o que estava a pensar. Não estava a pensar. Muito menos que o que estávamos a fazer era a pior coisa que podíamos fazer, à falta de o assassinar e largar morto à porta de Michelle com uma fita atraente atada à volta do pescoço num laço e um bilhete a dizer «Ah ah».

Passados alguns minutos (decidi dizer quinze, a acusação poderá dizer vinte e cinco) foi como se caísse em mim, como se me tivessem dado uma injeção de adrenalina para neutralizar a overdose. Bêbada a sóbria em sessenta segundos. Os dedos dele estavam agora dentro da minha roupa interior. Dentro de mim. Empurrei-o.

- Não podemos fazer isto.

Patrick retirou a mão para me puxar outra vez para ele. Cheguei-me para trás para tornar claro que o que quer que acontecera antes terminara.

- Não. Isto é uma loucura. Não podemos.

Foi como se ele percebesse também de repente o que estávamos a fazer. Deixou cair a mão, olhou para ela como se tivesse vontade própria. Apertou a braguilha (a braguilha estava aberta!).

- Porra. Não. Claro que não podemos. Merda.

Mal se estabeleceu um abismo entre nós, Patrick ficou ali sentado a olhar na minha direção, embora na verdade não estivesse nada a olhar para mim. Mantinha o olhar fixo no chão como um cão apanhado junto à mesa do pequeno-almoço com uma bolacha na boca.

- Merda - disse eu. - Vou levantar-me.

- Devia ir andando...

Arranjei a minha roupa. Puxei o fecho do meu casaco com capuz por cima do sutiã ainda desapertado.

- Michelle...

- Claro.

- Não sei o que dizer. - De algum modo, forçou os olhos a erguerem-se até quase se cruzarem com os meus quando disse aquilo.

- Eu também não.

- Não queria que isto acontecesse.

- Eu também não. Caramba. Precisamos de esquecer que aconteceu. Como...

- Certo.

- Bebemos só demasiado. Eu pelo menos...

- Eu também...

- Talvez não deva aparecer durante algum tempo...

- Não. Não quero que sintas que tens de te manter afastada... Só... não sei.

Parecíamos ambos incapazes de terminar qualquer pensamento coerente.

- Bem - continuou ele, fazendo um gesto vago para a porta. - Devia ir andando...

Assenti, com as mãos firmemente dentro dos bolsos.

- Adeus então.

- Nós... - disse ele. - Quero dizer, vai ficar tudo bem?

- Tem de ficar.

Ele virou-se e abriu a porta, acenando-me com uma mão baixa quando saiu. Mal a fechou outra vez, eu tranquei-a bem atrás dele.

Isto passou-se há meia hora. Tudo o que fiz desde então foi ficar sentada a olhar para as paredes, com uma sensação inexorável de medo e aversão por mim mesma a ameaçar engolir-me. Que porra fiz?

Desta vez não há ninguém a quem fazer confidências. As minhas duas habituais caixas de ressonância, Michelle e Bea, estão fora de questão, como é óbvio, e é evidente que não vou divulgar o que sucedeu aos meus irmãos ou à minha mãe. É raro irmos além de um «Como vai o trabalho?» ou «O que vais jantar hoje?» e não creio que dizer-lhes que acabei de estar na marmelada com o marido de Michelle seja forma de mudar isso. A minha família adora Michelle. Penso que os meus pais conceberam a ideia de ela ser na realidade a filha que deviam ter tido. Aliás, eu também.

Decido trocar de roupa outra vez, agora que tenho a certeza de que ele não vai voltar. Enfio todas as minhas roupas na máquina de lavar e ponho-a no máximo. Não me importo se tudo encolher. Já estou a sentir a ressaca a começar. Obrigo-me a beber uma cuba de água, levo *Ron* para uma rápida pausa de casa de banho e, por volta das nove e meia, estou enrolada por baixo do meu edredão, a desejar que o mundo desaparecesse.

A pior parte é que não há nada que possa fazer agora para mudar o que aconteceu. Vai ficar lá para sempre. Está no meu registo, escrito com tinta indelével. Nenhuma hipótese de liberdade condicional. Podemos não ter «tido relações sexuais», mas FIZEMOS SEXO.

Sei que não vou conseguir dormir nada. Mas também sei que não quero levantar-me. Não quero correr o risco de avistar o meu rosto num espelho.

No entanto, de algum modo, estou profundamente adormecida quando o alarme toca. Esparramada a toda a largura da cama num semicírculo à volta do meu cão semiconsciente. O meu primeiro pensamento é Oh, merda, já são horas de me levantar? O meu segundo pensamento é apenas Oh, merda. Sinto-me tentada a telefonar a dizer que estou doente. Sou a patroa, quem vai duvidar? Não sei se consigo encarar pessoas. Não sei como vou outra vez ser capaz de agir de forma normal. Mas a ideia de passar o dia inteiro na cena do crime é pior.

A primeira ordem do dia é a nossa reunião geral. Fazemo-la de quinze em quinze dias, às quartas, e consiste, por norma, de uma rápida passagem pelo nosso registo de atividades com toda a gente a contribuir com quaisquer notícias que tenha sobre qualquer dos projetos, seguida de uns vinte minutos de mexerique e a beber café e a comer bolachas. Toda a gente, exceto Ashley, participa. Lucy e Bea revezam-se a tomar notas que mais tarde transcrevem e enviam para Ian, para mim e para Anne Marie. Duvido que qualquer de nós recorra a elas de novo. Porém, é a única vez que nos juntamos formalmente, por isso apegamo-nos à tradição.

Reunimo-nos sempre no gabinete de Ian, a maior das salas do piso de cima. Foi fácil para nós decidir quem ia para que sala quando nos mudámos. Ele interessava-se pelo tamanho, eu pela vista. Ian está sentado na sua cadeira da secretária, mas, como de costume, puxou-a para o lado para parecer menos formal, Anne Marie e eu ocupamos o sofá para duas pessoas e Bea e Lucy empoleiram-se em cadeiras que trouxeram das outras salas. Está um dia escaldante, por isso temos a pequena janela aberta até onde se consegue (nada de ar condicionado aqui na nossa casa da época vitoriana) e, por

consequinte, temos de gritar para nos fazer ouvir por causa do barulho invasor que vem da rua.

Não tenho nenhuma contribuição a fazer. Nada. A minha cabeça está completamente noutra sítio. Estou a sentir-me exposta, como se os outros pudessem ser capazes de pressentir o que fiz. Como certos cães conseguem farejar o cancro ou detetar um ataque epilético antes de acontecer. Apesar de ter passado uns dez minutos extra no chuveiro esta manhã, a esfregar e exfoliar até a minha pele ficar rosada, para tentar apagar todos os vestígios de Patrick, parece que sinto que ainda o consigo cheirar em mim. Como se ele tivesse ficado sob a epiderme e agora o estivesse a transpirar cá para fora, pouco a pouco.

Explico o meu estado frágil a Bea, que repara em tudo, como sendo uma ressaca, pura e simples. Pelo menos, não preciso de fingir essa parte. Há um pequeno martelo de partir caramelo a bater-me nas têmporas a cada poucos segundos e parece que alguém pôs o meu cérebro num torno. O meu estômago dói, mas se é de náuseas genuínas ou induzidas pelo sentimento de culpa não sei dizer. Ela ri-se em tom compreensivo, puxa de um velho saquinho do antiácido *Resolve* da mala, mistura-o com um copo de água e passa-mo.

Quando chegamos a qualquer dos meus projetos, eu apenas digo «nada de mais a relatar» e deixo Bea pô-los ao corrente com o que conseguiu extrair dos meus *e-mails* e telefonemas. Porque se trata de Bea, isso significa que sabe mais ou menos tudo sobre tudo, por isso ninguém repara muito que estou mentalmente ausente.

– Estás bem? – sibila ela, quando voltamos para o meu gabinete mal a reunião termina.

– Estou ótima – respingo. E depois sinto-me de imediato mal. – Nunca mais bebo – digo, ensaiando uma piada.

– Onde foste a noite passada?

O meu cérebro nem sequer funciona suficientemente bem para dar uma desculpa adequada.

- Não quero pensar nisso. Basta dizer que eu e os meus amigos somos demasiado velhos para discotecas.

- Ah! - exclama Bea. Sabe que desprezo discotecas. - Foste a uma discoteca. Qual?

- Merda. Não me consigo lembrar do nome. Era algures em Notting Hill.

- O Mode? - diz ela. - Ou o Peacock? Embora esse seja mais um bar.

- Preciso de me sentar - digo e não é propriamente uma mentira.

- Claro, desculpa, calo-me já. - Para à porta do meu gabinete. - Precisas de alguma coisa?

Adoto um tom de voz mais suave. Apesar de estar a lutar contra o impulso de dizer «Isto é tudo culpa tua», sei que não é. É minha.

- Não, obrigada. Vou só pôr umas coisas em ordem.

Entro e fecho a porta atrás de mim, uma coisa que raramente faço. Depois sento-me à secretária, com os cotovelos em cima e pouso a cabeça entre as mãos.

13

Após cerca de meia hora de inútil introspeção e autoflagelação, decidi o que tenho de fazer a seguir. Pelo menos a curto prazo. A muito curto prazo. Preciso de falar com Patrick para ter a certeza de que estamos no mesmo comprimento de onda em relação a isto ter sido um incidente único e infeliz provocado pelo álcool e pelas emoções e que nunca irá ser repetido ou sequer outra vez discutido. E preciso que ele me garanta que não vai ser assaltado por um ataque de culpa e confessar tudo a Michelle.

Isto é obviamente o oposto do conselho que dei no passado a amigos que tiveram um deslize. «A sinceridade é a melhor política» gorjeei sempre alegremente, como se fosse algum tipo de especialista. «Que tipo de relação vão ter se não lhe podes contar tudo?» Ouço-me a dizer «Não é que tecnicamente tenhas feito sexo completo com eles, são todos adultos, diz só a verdade e tudo correrá pelo melhor». Agora apetece-me esmurrar aquela sabe-tudo presunçosa.

Neste caso, a sinceridade não é definitivamente a melhor política. A melhor política seria de facto algum tipo de

viagem no tempo em que eu pudesse voltar atrás e fazer tudo de forma diferente, mas, como parece improvável que isso aconteça, pelo menos nos próximos dias, então o caminho mais bondoso e menos doloroso seria concordar que Michelle não precisa de saber nunca como as duas pessoas de quem ela mais gosta no mundo, para além dos pais possivelmente, embora não seja um dado adquirido, a traíram. Não podemos alterá-lo. Não podemos desfazer o que foi feito, por muito que o lamentemos agora, por isso tudo o que podemos fazer é tentar esquecer que aconteceu. Não é que vá haver repetição.

Torna-se de repente urgente que o faça entender como isto é crucial. Não quero correr o risco de lhe telefonar do meu gabinete. Apesar de a minha porta fechada poder muito bem ser a mesma coisa que ter um «Não entrar» escrito em cima, existe ainda assim a fraca hipótese de alguém me poder interromper. Ou até conseguir ouvir o que vou dizer. Por isso agarro no meu telemóvel e desço as escadas.

– Vou sair por um instante – grito para Ashley, sem parar tempo suficiente para ela me fazer perguntas. – Dizes à Bea?

– Está bem – exclama ela em resposta. – Devo anotar mensagens ou passo tudo para ela?

– Para ela – grito para as escadas. – Não demoro.

Subo a rua até Brook Green. São apenas onze e meia, mas está calor, por isso o jardim já está cheio de pessoas deitadas de barriga para baixo na relva como filas de feridos. Os escritórios devem estar vazios. As chamadas a irem diretas para o *voicemail*. Há um banco à sombra que está desocupado, por isso instalo-me aí e vou passando os números à procura do número do telemóvel de Patrick.

Toca uma vez e depois aparece a voz dele. «Olá. Ligou para Patrick Mitchell. Deixe mensagem e telefonar-lhe-ei a seguir.» Curta e pertinente. Raios. Nem sequer pensara que ele pudesse estar ocupado. Impulsivamente, decido

deixar uma mensagem. Sei que Michelle é a última pessoa no mundo que iria bisbilhotar o telemóvel do marido. Oh, que ironia. No entanto, tento manter a voz neutra: «Olá. Sou eu. Tamsin. Preciso de falar contigo. Telefona-me.»

Fico ali sentada alguns minutos, a desejar que o telemóvel toque e depois percebo que ele pode não me ligar senão dali a horas. De volta ao escritório, compro uma embalagem de água de coco na pequena loja da esquina. O meu álibi.

Cinco minutos depois, a minha linha direta toca. Mergulho para ela, a pensar que ele pode ter ligado para o escritório, se teve problemas em estabelecer comunicação com o telemóvel.

- Olá - digo, num sussurro alto. Ergo a cabeça para verificar se a porta está fechada.

- Tamsin - diz uma voz de mulher em tom alto. - É a Fi.

Fiona. A mulher de Ian. Gosto muito de Fiona, mas não sinto qualquer vontade de falar com ela de momento.

- Como estás? É boa altura?

- *Hum*. Estou um pouco...

Fiona é uma dessas pessoas que nunca esperam que a outra pessoa termine a frase antes de começarem a sua seguinte. Consequentemente, qualquer conversa torna-se um campo de batalha a ver quem fala quando.

- Só te queria perguntar como te deste com Adam. Ian disse que não ficaste muito entusiasmada, mas eu pensei em dizer umas palavrinhas a favor dele. É um tipo fantástico.

Meu Deus, a sério? Foi por isso que ela me telefonou?

- Tenho a certeza que sim. Não fazíamos simplesmente um bom...

- Par? É o professor favorito de Becca. Pelo menos era, ela não o tem este ano.

- Creio que não tínhamos nada...

Pego no meu telemóvel. Verifico se há chamadas perdidas. Nada.

- Não tive hipótese de lhe perguntar o que ele achou, mas pergunto se quiseses.

- Não! Não, obrigada. Escuta, Fiona, tenho de...

- Porque vou quase de certeza esbarrar com ele na reunião de pais.

- Tenho outra chamada a entrar...

Ela começa a dizer outra coisa qualquer, mas eu pouso o telefone com estrondo. Espero que ela não pense que estou a ser malcriada. É provável que não. Fiona não precisa propriamente de outra pessoa do outro lado da linha para ter uma conversa.

- Então - diz Bea quando me apanha sozinha, tendo primeiro determinado que me estou a sentir um pouco melhor. - Como vão as coisas com Patrick Mitchell e a mulher?

Só há uma resposta possível.

- Estão ótimos. Creio que já passou tudo.

Ela afunda-se na poltrona da minha sala, com as pernas compridas enganchadas por cima do braço, com as sandálias de salto em cunha a baloiçarem.

- Oh, graças a Deus. Já posso parar de me sentir culpada?

Forço uma risada que não estaria deslocada numa má produção de teatro amador de *A Tia de Charley*. Creio que profiro mesmo as palavras «Ah ah».

- Completamente. Nunca te devia ter feito sentir mal para começar.

- Muito compreensível. Então, adivinha lá? Lucy recusou em absoluto passar a limpo as notas desta manhã. Apesar de ter sido eu a fazê-lo da última vez.

Como Lucy pode ser difícil e ter a mania que é importante é um dos tópicos favoritos entre eu e Bea. Porém, hoje não me apetece aquele jogo.

- Na realidade, Bea, preciso de ver a versão preliminar do terceiro episódio de *Space Seekers*. Prometi-lhes que...

Bea salta antes de eu ter terminado.

- Desculpa, claro. Continua. Trago-te um café daqui a bocado.

- Queres ver?

Gosto de ouvir as ideias de Bea sobre os nossos programas. Muitas vezes sou precipitada a criticar. Uma edição fraca ou plano foleiro da reação de uma pessoa no filme podem levar-me a manifestar impaciência e a revirar os olhos de forma tão violenta contra a incompetência e falta de gosto de toda a gente envolvida que a minha concentração se perde. Por mais que tente recordar-me que as versões preliminares são sempre, e quero dizer sempre, horríveis, não consigo controlar-me. Todas as criticazinhas e irritações que senti em relação à equipa de produção desde o primeiro dia vêm ao de cima. Disse-lhes para não fazerem isso, disse que, se fizessem o plano a partir dali, ia parecer horroroso. Sabia que aquele apresentador ia dar a impressão de ser paternalista se não estivessem sempre a lembrar-lhe para adotar um tom mais caloroso em todos os *takes*.

Claro que o meu eu racional sabe que há uma centena de versões diferentes de cada programa dentro da mesma metragem só à espera de serem reveladas. O processo de edição é como assistir a um milagre. E versões preliminares são apenas o que eles dizem. Preliminares. Modelos para discussão. Ninguém está a sugerir que seja o produto acabado. Mas isso não me impede de desesperar. Mesmo passados todos estes anos.

Bea, por outro lado, sendo um ser humano mais distanciado e, no geral, mais calmo e menos propenso a reações instintivas, tende a ter uma visão de conjunto. Também tem muitas vezes sugestões úteis. Já me aconteceu, apenas quando sob extrema pressão de tempo devo acrescentar, pedir-lhe a ela para examinar uma versão

preliminar por mim e fazer passar as notas dela como minhas.

- Já a vi - diz ela e faz uma cara que depreendo querer dizer que vou detestar.

- Assim tão má?

- Exequível. Inspira fundo. Mantém a calma. - Ri-se.

Fecha a porta atrás dela para eu me poder concentrar, o que me deixa livre para fitar o meu telemóvel durante outros dez minutos, a desejar que Patrick devolva a minha chamada.

Por fim, obrigo-me a desistir. Vejo a versão preliminar de *Space Seekers* e passo pela minha habitual gama de emoções - irritação, raiva completa, resignação - antes de me acalmar escrevendo notas copiosas sobre formas de poder ser melhorada. Como sempre, mal reflito nas coisas com racionalidade, emirjo do outro lado, otimista que o programa será bom com alguma cuidadosa reedição. Todo o material lá está, apenas na ordem errada.

As sugestões de Bea estão de acordo com as minhas. Embora tenha confiança na minha própria opinião, não nego que é por vezes bom vê-la secundada. Sobretudo porque o produtor de *Space Seekers* é notoriamente complicado e parece considerar todas as notas como uma afronta. Telefono-lhe, discuto durante demasiado tempo os aspetos mais complexos de cortar uma cena (onde o apresentador se mostra paternalista em relação ao dono da casa, explicando em pormenor como funciona uma porta veneziana) ou apenas encurtá-la. Acabo por conseguir o que pretendo e ele promete que a cena ofensiva irá direita para o caixote do lixo digital. Em troca, prometo que pode manter uma conversa embaraçosa entre o mesmo apresentador e um dos faz-tudo na sua desconfortável totalidade. Envio um *e-mail* para Ian, com cópia para Bea, para me lembrar de substituir o apresentador se a série for outra vez encomendada.

Consegui matar outra hora. O meu telefone ainda está teimosamente silencioso. Faço aquela coisa de pegar nele e premir alguns botões como se para me certificar que está a funcionar corretamente e não existe alguma mensagem de volta de Patrick escondida por ali algures. Não que eu não tivesse dado por isso se ele tivesse telefonado, tenho o volume das chamadas no máximo e mais ou menos a cada cinco segundos fito com desaprovação o aparelho, para o caso de me falhar alguma coisa.

Começo a transpirar, a pensar que se calhar ele já confessou tudo a Michelle. Imagino que a culpa dele esteja em pé de igualdade com a minha. De certeza que ele está a martirizar-se, a passar por paroxismos de ódio por si próprio, alternados com medo de ser descoberto. Porém, se ele tivesse contado tudo a Michelle, ela já me teria ligado. Aparecido no meu gabinete com *Ron* numa mão e talvez um machado na outra. Mas preciso mesmo de o tranquilizar. Dizer-lhe que nunca divulgarei o que aconteceu. Nunca. Quem beneficiaria com isso?

Considero por breves instantes telefonar-lhe para o número do trabalho dele, ou até aparecer por lá, mas sei que isso só chamaria a atenção para mim. Ele liga-me mal consiga. Isto é tão importante para ele como para mim.

No entanto, não posso deixar tudo nas mãos do destino, por isso decido enviar-lhe uma mensagem. Torturo-me com o que dizer e, por fim, concluo que o melhor é ir direita ao assunto.

Ainda não consigo acreditar que fizemos aquilo a noite passada. Demasiado vinho, ah ah. Estou a sentir-me horivelmente culpada e tenho a certeza de que tu também. É bom nunca contarmos a Michelle. Só a perturbaria apesar de não ter significado nada. T.

Acrescento um beijo, como faço sempre, tiro-o, torno a pô-lo e depois tiro-o de vez. Demasiado cedo.

Preciso de uma distração, por isso vou até lá baixo ao gabinete partilhado por Bea e Lucy.

- Lucy, já fizeste as atas desta manhã? É a tua vez de as fazer, não é? Preciso de verificar uma coisa.

Tanto quanto sei, nunca ninguém se interessou por ler as atas da reunião geral. Ela faz um ar encurralado, como um coelho face a uns faróis muito potentes.

- *Hum...* Ainda não tive tempo. Faço-as já. O que querias verificar? Posso ver nas minhas notas.

- Não. Fá-las o mais breve possível, se não te importares. Obrigada.

Viro-me para ir embora. Bea faz-me um sorrisinho e eu lanço-lhe uma piscadela teatral quando saio.

14

Quando chega a hora de voltar para casa, estou uma pilha de nervos. Por que razão Patrick não devolve as minhas chamadas? Sei que não posso tentar ligar-lhe outra vez agora que existe a possibilidade de ele estar em casa e na mesma sala que Michelle. Até eu não sou assim tão estúpida.

A caminho do metro, é a própria Michelle que me telefona e perco a coragem e não consigo atender, não vá dar-se o caso de ela começar a gritar que sou uma sacana destruidora de lares e que me odeia. Quando ouço a mensagem que me deixou é quase pior, ela mostra-se normal, amigável, jocosa, só a telefonar para saber novidades. Não lhe telefono, não faço ideia como posso fingir que tudo está como devia estar.

Nem sequer me incomodo a trocar as minhas roupas de trabalho. Vou direita ao frigorífico, sinto um vômito quando vejo vinho e sirvo-me de um copo de sumo de arando vermelho do tamanho de um pequeno lago. Deixo-me cair no sofá, a bebê-lo a grandes goles. Felizmente, Sharon, a *dog walker*, passou por lá e terá levado *Ron* para uma grande brincadeira em Primrose Hill, como faz todas as

tardes, por isso ele está esparramado no chão de madeira, se calhar a sonhar em tê-la como dona em vez de mim. O meu plano é ir para a cama cedo antes sequer de escurecer e tomar um *Nytol*. Percebo que isto não é nada bom como estratégia de longo prazo, mas para esta noite é tudo o que tenho.

O som do meu telefone quase me prega um susto de morte. Agarro-o antes da pessoa, seja lá quem for, poder decidir desligar. Patrick.

- Tenho estado o dia todo à espera que me telefones - digo como introdução.

- Desculpa, desculpa. Tivemos a nossa grande reunião de estratégia. Estive com pessoas o tempo todo...

- Onde estás agora?

- A ir para casa, vindo do metro. Estás bem?

- Sim. Não. Tu estás?

- Não propriamente.

Faz-se um silêncio pesado, longo, desconfortável.

- Então? - pergunta Patrick por fim.

- É óbvio que estávamos bêbados...

- Óbvio. A propósito, tenho uma ressaca horrível. E tu?

- Pavorosa. Mas isso não é desculpa...

- Exato. Sinto muito - diz ele. - Sinto mesmo muito. Não faço ideia do que me deu.

Ficarão aliviados por saber que resisti à resposta óbvia.

- Meu Deus, eu também. Não te culpes só a ti.

- É difícil não o fazer. Era eu que estava todo carente e emotivo. Agora sou exatamente a pessoa que Michelle estava preocupada que fosse.

- Não és. O que fizemos foi errado. Horrível. Mas podia ter sido muito pior. Quero dizer, nem sequer aguento pensar nisso...

- Okay, calma - diz ele. - Não percas a cabeça.

Não posso deixar de sorrir.

- Sabes o que quero dizer. Mas foi um erro. Um estúpido erro de ébrios. De outra maneira, nunca teria acontecido.

Não é que tenhamos pretendido fazê-lo.

- Não! Claro que não.

- Por isso não és essa pessoa. Fizemos asneira, mas não és essa pessoa.

- Nunca lhe menti antes. Não sei se consigo... - responde ele e o meu coração aperta-se.

- Tens de conseguir. Temos ambos. É a única forma de as coisas alguma vez ficarem bem. Não vai acontecer outra vez.

- Talvez ela entendesse. Se soubesse que estávamos bêbados e que eu estava meio destrambelhado...

- Não. Caramba. Ela nunca mais se ia sentir contente por nos ver juntos. Imagina pensar que não podias confiar que a tua melhor amiga e o teu marido estivessem juntos sozinhos.

Ele suspira.

- Merda. E se ela neste momento está preocupada sem saber se pode confiar em mim, isto só vai piorar dez vezes as coisas. Tens razão. Mas parece tão errado.

- Eu sei. Mas promete-me que não vais dizer nada. Por favor, Patrick.

- Claro que não. Já concordámos.

- Eu sei, mas preciso de o ouvir outra vez. Só de pensar que Michelle...

- Não tens de mo dizer, sou casado com ela, lembra-te.

Ainda sinto necessidade de deixar tudo bem claro.

- Aconteça o que acontecer, tu nunca lhe dizes. Se brigarem ou... não sei... alguma coisa acontecer entre vocês um dia... por favor.

- Caramba, Tamsin. Nada vai acontecer entre nós. Eu adoro Michelle. E se te faz sentir melhor, prometo que mesmo que ela tenha algum tipo de transplante de personalidade e fuja com Jim da casa ao lado, juro-te que nunca direi uma palavra. Nunca. Está bem?

Sei que não posso insistir mais, apesar de o meu instinto ser ficar toda a noite ao telefone a fazê-lo repetir as

palavras vezes sem conta.

- E o mesmo vale para ti também, como é óbvio?

Isso é fácil. Sei que já guardei e tranquei esse segredo em particular e deitei fora a chave.

- Caramba... sim, juro. Acho que não devemos sequer falar outra vez nisto entre nós. E vais apagar essa mensagem que te mandei, não é? Só para evitar problemas.

- Concordo. E já o fiz.

- Estava tudo... ela não achou que se passasse alguma coisa quando chegaste a casa?

Ele solta um suspiro alto.

- Não, graças a Deus. Nunca suspeitaria... de nós não...

- Que confusão.

- Merda. Em que estávamos a pensar?

Não há nem sequer um bocadinho de mim que se preocupe que ele me esteja a considerar como um erro horroroso. Estou contente. Sinto exatamente o mesmo.

- Não faço ideia.

- Sabes que é a primeira vez... quero dizer eu nunca... com ninguém. Estava a dizer a verdade antes.

Não duvido dele nem por um segundo. É evidente que ele se está a sentir tão mal, tão baralhado como eu.

- Eu sei. Portanto, tudo de volta ao que era. Como se nunca tivesse acontecido.

- Quem és tu afinal? - diz ele e aquilo faz-me rir. É uma piada tão estúpida à Patrick.

- Poderei estar convosco no fim de semana. Não sei.

- Sim. Aparece lá em casa. Caso contrário, Mich vai ficar preocupada contigo, a pensar no que se passará. Vai correr bem.

- Se fingirmos que está tudo normal, então ficará, calculo.

- Exato. Pelo menos espero que sim. Não podemos mudar o que sucedeu. Bem desejava que pudéssemos.

Agora sei por que razão eles falam como falam nas telenovelas. Às vezes um clich   é tudo o que temos.

Sinto que talvez devesse pedir desculpa por nos ter metido naquela confusão para começar, mas, claro, ele não sabe da missa a metade, por isso calo a boca.

- Estou quase a chegar a casa, tenho de desligar.

- Sinto-me muito melhor - digo eu e sinto, se ignorar a grande sombra negra que me espreita fora do meu campo de visão.

-  timo. As coisas vão ficar bem.

- Sim. Tenho primeiro de ultrapassar a aversão que sinto por mim própria.

- Eu também.

- Boa noite, Patrick.

«Continua a comportar-te como normalmente», digo a mim própria. «Acabar  s talvez por sentir que está tudo normal.» E depois lembro-me que prometi tomar uma bebida cedo com Michelle, amanhã. Não sei como pude esquecer-me. Combinámos a semana passada, quando ela decidiu que estávamos a ver-nos poucas vezes, porque ela tivera muito stresse no trabalho. Até, na brincadeira, tínhamos marcado a data nas nossas agendas, prometendo anular apenas em caso de morte ou doença grave.

Olho em volta, a pensar se haverá algum tipo de «acidente» que me possa acontecer e que resulte num internamento hospitalar s   de uma noite e nenhuma sequelas, mas sou demasiado mariquinhas. A visão de agulhas faz o mundo oscilar e o chão desaparecer debaixo de mim. De qualquer modo, a conclusão é que,   falta de um milagre, amanhã estarei no escritório como de costume e disponível para bebidas depois. Considero a hipótese de inventar uma crise no trabalho, mas Michelle sabe que estou a atravessar uma fase calma. Perceberia que eu estava a inventar desculpas. Continuar a agir como de

costume, foi o que Patrick e eu prometemos fazer. Tomar uma bebida com Michelle, lá terá de ser.

Ela já lá está quando chego. Está sempre. Eu sou bastante pontual por natureza, mas no caso de Michelle é quase uma psicose. Tem tanto medo de chegar atrasada, que chega de facto a todo o lado no mínimo quinze minutos mais cedo. Uma vez cheguei mesmo à hora e ela estava a olhar para o relógio e a tamborilar com os dedos na mesa, impaciente. Riu-se quando lho fiz notar.

Paro à porta por um instante, a observá-la. Está inclinada para a frente, a olhar para alguma coisa no telemóvel. A sorrir. O cabelo loiro pende para a frente, por cima do rosto, e estende a mão para o prender atrás da orelha. É muito mais bonita do que eu poderia alguma vez esperar ser. Não que isso alguma vez me tivesse incomodado. Não penso nisso desde que éramos adolescentes e esse tipo de coisa parecia ter importância. Agora parece-me de enorme significado. Ela é muito mais equilibrada, provavelmente mais inteligente, claramente uma pessoa melhor. O que estava Patrick a pensar? Mais importante, o que estava *eu* a pensar? Porque arriscaria qualquer de nós perdê-la?

Tenho andado a perguntar a mim mesma se, de forma mínima, me sinto lisonjeada pelo facto de, mesmo que só

por um breve instante, Patrick poder ter-me desejado. Não sou nada como as lindas raparigas perfeitas que ele sempre apreciou. Não quero admiti-lo, nem sequer para mim mesma, mas receio que possa haver aí algures um elemento de verdade. Não quero ter de reconhecer que sou assim tão superficial.

Quase perco a minha determinação e dou meia volta e volto a sair. Porém, o pequeno restaurante também usado como bar onde sempre nos encontramos tem janelas enormes e, com a minha sorte, Michelle levantaria os olhos do que quer que está a fazer e ver-me-ia mesmo quando estivesse a mandar uma mensagem a dizer que tinha sido atropelada por um táxi. E, mesmo na hora H, é o que ela faz, um grande sorriso alastra-se pelo seu rosto e sinto-me como a pior amiga, a mais merdosa, mais desleal de sempre.

Michelle levanta-se para me abraçar. Cheira a champô de citrinos e a *CK1*, o perfume que usa pelo menos nos últimos vinte anos. Não sinto uma lufada dele em nenhum lado sem pensar nela. Já há um grande copo de vinho branco (presumivelmente *sauvignon blanc*, o meu vinho branco de eleição só porque é um dos poucos que consigo chamar pelo nome) pousado em cima da mesa à frente da cadeira vazia. Apesar da minha resolução pós-Patrick de nunca mais ficar bêbada na companhia de alguém, pego nele e bebo um grande gole, que deixaria de certeza de rastos um mamífero mais pequeno, antes sequer de me sentar.

- Com sede? - questiona Michelle com uma sugestão de sorrisinho no rosto.

Forço-me a pousar outra vez o copo na mesa.

- *Mmm*. Está calor lá fora.

- Mandamos vir água? - Olha em volta, a tentar captar a atenção do empregado.

- Só da torneira - digo eu, contente com a distração.

Nos nossos fins de tarde pós-trabalho, depois de tomar uma bebida e conversar, vamos sempre para casa por volta

das sete e meia o mais tardar e qualquer coisa que preencha o tempo entre agora e essa altura que não seja Michelle e eu a falarmos das nossas vidas pessoais está ótimo para mim.

– Isso é novo? – pergunto, indicando a camisa de verão de tipo executivo. É o tipo de conversa profunda que se pode esperar das minhas melhores amigas, como é óbvio.

– É. Da Warehouse. Tive de procurar uma coisa à pressa porque queimei a outra, por isso fui a uma loja sozinha e escolhi-a sem te ter a ti para me ajudar. Impressionada?

– Fantástico.

Não há muito mais que eu possa dizer. É uma camisa funcional produzida em série. Eu tenho um pouco a mania de apoiar as pequenas lojas de roupa independentes nas nossas respetivas zonas para tentar protelar sozinha o inevitável *takeover* das grandes cadeias. Não que pareça estar a fazer muita diferença. Porém, acalma-me a consciência. Ou, pelo menos, acalmava quando as maiores coisas que a incomodavam eram o sítio onde comprava os meus sapatos e se o peixe que comia era de proveniência ética. O epítome de problemas do primeiro mundo.

Agora, não me ralaria nada se dessem cabo de todo Belsize Park para se tornar um hipermercado com a sua própria fábrica que explora os empregados nas traseiras desde que isso significasse que eu podia reescrever os acontecimentos dos últimos dias.

– Não tenho coisas nenhuma de verão.

Se eu continuar a este ritmo brilhante, podíamos falar só de comprar roupas durante a próxima hora. Mas Michelle não vai nisso.

– Já compraste alguma coisa para a tua mãe?

Deteto uma oportunidade e começo a falar em tom monótono sobre várias opções de prendas que considere e as razões por que as rejeitei, em desespero para preencher a hora com conversa fiada. Estou a aborrecer-me a mim mesma, mas persisto. Quando Mich desvia um segundo o

olhar, olho sub-repticiamente para as horas no meu telemóvel. Seis e quarenta e cinco. Faltam apenas três quartos de hora para eu poder pedir licença e ir-me embora. Engulo o resto do meu segundo grande copo de vinho, ignorando o facto de saber que devia manter a cabeça desanuviada.

- Tomamos mais uma? - diz Michelle. Está apenas a terminar a sua primeira vodka com tónica.

- Claro. Não estou com pressa.

Posso dizer isto com segurança, porque sei que ela terá programado tempo para se sentar a jantar com Patrick. Nas nossas noites de pôr a conversa em dia, ele cozinha sempre e tem o jantar pronto quando ela chega a casa.

Quando as bebidas chegam, já orientei a conversa para coisas relacionadas com trabalho. Sei que Michelle tem andado enterrada até ao pescoço numa campanha para uma nova aplicação que vai ser lançada (qualquer coisa a ver com comparações de preços de produtos de beleza em lojas de rua, não entendo muito bem), por isso faço-lhe perguntas sobre como a coisa está a correr.

Depois disso, quanto mais não seja por cortesia, ela tem de indagar sobre o meu trabalho, por isso aborreço-a de morte a falar de um par de programas que estão em diferentes fases de produção e, em seguida, graças a Deus, está na hora de irmos embora. Não falámos de facto de nada para além de conversa educada entre conhecidos. Perfeito.

Parece que Michelle combinou encontrar-se com Patrick para jantar num restaurante de Soho. Pergunto a mim mesma se terá sido ideia dele. Se é a sua maneira de tentar provar que é um bom marido.

- Porque não vens? - sugere, quando agito o braço para mandar parar um táxi.

- Não! - digo com demasiada rapidez. - Não. Não vou intrometer-me no teu encontro romântico desta noite.

Michelle ri-se.

- Não é nada disso. Ele tinha uma projeção e eu disse que me encontrava com ele depois.

- A verdade? Estou estafada.

Consegui empurrá-la para dentro do táxi, aliviada por não irmos na mesma direção. Mas, com três bebidas no bucho, não me apetece ir para casa sentar-me no meu apartamento vazio a pensar na merda que sou. Quero sair e apanhar uma bebedeira. Todos os meus outros amigos estarão enfiados em casa com os seus companheiros e/ou filhos. Já não conheço ninguém que vá tomar uns copos numa noite de dia de semana. Na verdade, risquem isso, até conheço.

Bea atende quase de imediato. Ouço barulho em pano de fundo que me diz que ela está num *pub* ou num restaurante.

- Está tudo bem? - pergunta antes de eu poder dizer olá.

- Sim. Desculpa ligar-te à noite. Estava só a pensar no que estarias a fazer... se te apetecia uma bebida.

- Claro... - Parece hesitante. Isto é um pedido sem precedentes. Tal como eu disse, apesar de nos darmos muito bem, temos tendência para manter as nossas vidas sociais separadas, para além de uma rápida bebida depois do trabalho no *pub* local. - Estou no *pub* da esquina da minha rua com Ali.

Ali é a colega de apartamento de Bea. Uma delas. Creio que tem duas, Ali e Sarah e, em geral, há algum drama a desenrolar-se. Bea parece controlar a coisa, já despejou um par delas desde que a conheço.

- Oh. Bem... não quero intrometer-me...

- Tudo bem. Significa que Ali terá de parar de falar sobre o ex dela, o que, para dizer a verdade, será um alívio.

Ouço Ali a objetar em pano de fundo, a rir-se de forma estridente.

- Estás bem? - continua Bea.

- Apetece-me só companhia, é tudo.

- Vem até cá então.

Recorda-me qual é o endereço. São apenas cinco minutos do metro Angel, mas apanho um táxi. Ainda nem vou a meio do trajeto quando começo a arrepender-me. Estaria muito melhor encafuada em solidão no meu pequeno apartamento. Estou descontrolada. É bom que Ali lá esteja. Podemos manter a conversa em temas gerais, tomar umas bebidas. Entorpecer o meu cérebro o suficiente para conseguir dormir.

«Não faças figura de idiota», digo a mim mesma quando o táxi trava. «Estás um pouco tocada. Muito emotiva. E continuas a ser a chefe de Bea, vendo bem as coisas. Não bebas de mais e depois não caias para a frente no chão no meio do *pub*. Pede uma *Coca-Cola Diet*», diz uma parte de mim, mas o resto ri-se apenas na cara dela.

O *pub* é semelhante a algo que poderíamos ver num filme de Guy Ritchie, mesmo antes de começar uma grande batalha de tiros, matando toda a gente exceto o ator com o nome mais conhecido. É opressivamente masculino. Presumo que as esposas e namoradas estejam todas reunidas nalgum sítio cor-de-rosa, a emborcar vodcas e a queixar-se dos seus homens. Está a decorrer um jogo de bilhar e não consigo deixar de pensar que os tacos parecem armas. Abro caminho para o pátio superlotado nas traseiras. Bea está sentada numa mesa de canto com uma mulher que presumo ser Ali. Tem mais ou menos a idade de Bea. Cabelo curto. Óculos grandes. Expressão zangada. Parece uma das raparigas dos Chumbawumba.

- Olá - diz Bea quando me vê. - Bem-vinda ao meu *pub* local. Muito retro, não achas?

- Estás aqui ironicamente? - pergunto, só meio a brincar.

Ali vira o seu rosto de vespa furiosa para mim.

- É autêntico.

Fantástico, vai ser uma noite divertida.

- Oh... - gaguejo. - Claro.

Ali lança-me um olhar fulminante e depois o rosto enruga-se num enorme sorriso.

- Estava a brincar. É um buraco de merda.

Bea ri-se com vontade.

- Mas é o nosso buraco de merda.

- *Okay*, quem quer uma bebida?

Bea aponta para os copos delas quase cheios.

- Só aqui chegámos mesmo antes de teres telefonado, por isso estamos servidas.

Volto lá para dentro e serpenteio até ao bar. Uma das vantagens de estar num estabelecimento tão movido a testosterona que é óbvio ainda pensa que estamos nos anos setenta é que todos abrem alas para «a senhora» e eu sou servida em tempo recorde.

No regresso, com a minha vodca e a *Coca-Cola*, tropeço de forma bastante atrativa na perna da cadeira. Os três copos de vinho que engoli antes já me apanharam.

- Estás tocada outra vez? - pergunta Bea em tom incrédulo.

- Não! Um pouco. Estive a tomar um copo com Michelle antes.

- Ah - diz ela, em tom de entendida. - E como estão as coisas?

- Tudo ótimo - respondo, não querendo falar disso. - Tudo passado.

- Bem, é um alívio.

Por um instante, fico preocupada que ela possa ir informar Ali dos pormenores, apesar de eu a ter feito jurar segredo sobre o plano da ratoeira em cerca de uma centena de ocasiões diferentes. Claro que não o faz, porque se trata de Bea, o que significa pessoa de confiança.

- A amiga de Tamsin tem tido alguns problemas - diz para Ali como explicação. - Felizmente, nada de maior.

Vira-se para mim, com um brilho malicioso no olhar.

- Ali estava a contar-me como esbarrou ontem, em Stuart, com o ex dela, com a nova namorada, no M&S Food. - Ergue uma sobrancelha para mim e sei que está a dizer: «Vá, atreve-te lá.»

Recordo-me que Ali é a que adora partilhar tudo. Bea avisou-me certa vez que se alguma vez a encontrasse devia evitar fazer-lhe qualquer pergunta pessoal. «Nunca mais te escapas. Tenho de fingir emergências para a calar.»

- Isso deve ter sido complicado - digo, mordendo o isco. - Quando se separaram?

Os olhos de coruja de Ali dilatam-se e sinto-me um pouco mal. Onze minutos depois, quando ouvi toda a história da relação entre Ali e Stuart, em pormenores íntimos, devo acrescentar, essa comisseração dissipou-se muito. Sei agora que Ali e Stuart se conheceram numa noite de solteiros para pessoas que gostam de coisas tecnológicas; que a primeira vez que tiveram relações sexuais ela lhe pediu para desligar as luzes porque estava preocupada com as suas pernas gordas, mas Stuart insistira que as ligassem e não parecera nada desagradado; que ela sempre pensara que pudesse ser *gay*, mas o facto de estar com Stuart a convencera do contrário e que, por fim, mesmo quando ela tinha começado a sonhar com um pequeno casamento íntimo na Grécia, ele anunciara que afinal não estava apaixonado por ela e, duas semanas depois, fora viver com Tara, do trabalho dele, com quem, para ser sincera, Ali estivera preocupada o tempo todo.

Passado algum tempo, começo a achar a tagarelice dela muito calmante. Mal percebo que ninguém está à espera que eu contribua para a conversa para além do ocasional «a sério?» e «ooh», de forma aleatória, desligo por completo, para além de um ocasional erguer de sobrelance partilhado com Bea. Não penso em nada exceto na noite quente e no trânsito que passa. É catártico.

- E então tu, Tamsin? - Ouço de repente a voz de Ali a penetrar no meu nevoeiro. - O que se passa com a tua vida amorosa?

- Oh... nada - digo, a olhar para a mesa, para a minha bebida, para a madressilva a subir pela treliça. Para todo o

lado, menos para Bea. Sinto que ela perceberia num segundo a mentira estampada no meu rosto.

- Tamsin é seletivamente solteira - diz Bea, sorrindo para ambas à vez. - É por isso que é tão racional e sã de espírito. Nada de dramas.

- É isso que ambiciono - observa Ali.

Bea bebe um grande gole da sua bebida.

- Não creio que seja possível viver a vida sem algum drama. Há sempre alguma coisa.

Fita-me com alguma perplexidade divertida e, durante uma fração de segundo, considero a hipótese de contar a Bea e, por defeito, a Ali, o que aconteceu. Purgar aquilo tudo e depois pedir-lhe para me dizer o que fazer, absolver-me. Seria quase um alívio. Com toda a probabilidade, ela pregava-me com a conversa normal de encorajamento «qual é o problema, estavas com os copos e de facto não chegaste a ir até ao fim» e eu decidiria que ela tinha razão e sentir-me-ia logo melhor.

- Um brinde ao drama - diz Ali, pegando nos nossos copos agora vazios e levantando-se. - Outra vez o mesmo?

Sinto de repente que devia controlar-me. Ir para casa antes que mais álcool me solte a língua e me transforme num frangalho confessional.

- De facto, devia ir-me embora. Não quero sentir-me horrível amanhã de manhã.

Bea põe-se de pé de um salto e abraça-me.

- Queres que te ajude a encontrar um táxi? - pergunta, sempre preocupada com o meu bem-estar.

- Tudo bem. Vou apanhar o metro, ainda é cedo. Até amanhã. Prazer em conhecer-te, Ali.

Aceno ao abrir caminho por entre a multidão.

16

Tudo voltou ao normal. Ou pelo menos a nova versão de normal. Normal com um toque encoberto de disfunção de que só eu e Patrick sabemos. Normal à superfície, mas um pouco lixado por baixo.

Passaram-se apenas umas seis semanas. Seis longas semanas desde aquela noite. De forma gradual, obriguei-me a passar cada vez mais tempo com Michelle até que estou quase de volta aos níveis do pré-sabem-o-quê. Ao princípio foi doloroso. Tentei encontrar-me com ela sozinha ou sincronizar as minhas visitas a casa deles para quando pensava que fosse mais provável Patrick lá não estar. A primeira vez enganei-me e ele entrou de repente na cozinha deles quando Mich e eu conversávamos em frente das nossas canecas de chá. Não sei quem pareceu mais horrorizado, eu ou ele.

Tinham-se passado dezasseis dias. Michelle contara-me que Patrick ia fazer uma visita a Nottingham numa quinta-feira à noite, porque um programa qualquer que ele contratara estava a fazer filmagens noturnas utilizando algum tipo de tecnologia nova para baixa luminosidade ou algo assim, o que significava que se podia mostrar um

jardim renovado no escuro sem ter de iluminar o sítio com projetores. Ele estava muito interessado em ver como funcionava, dissera ela. Se a coisa resultasse, podiam poupar uma fortuna em horas perdidas com a iluminação. Ela tinha-me convidado para lhe fazer companhia e, como eu acabara de regressar à fase em que conseguia agir com normalidade junto dela (depois de um par de encontros em que nem sequer me conseguia lembrar como era a nossa conversa habitual, muito menos tê-la, ao ponto de ela ter acabado por me perguntar se eu estava bem e eu ter mentido sobre problemas no trabalho e uma discussão com um dos meus irmãos), concordara. Sentia saudades dela.

Tinha por fim parado de me sentir obcecada com o que fizera. Ainda lá estava, não me interpretem mal. Alguns dias depois do acontecimento, forçara-me a confrontar o horror total do que sucedera e lá estava tudo em *technicolor* glorioso: *tops* puxados para cima, fechados das calças abertos, mãos e bocas por todo o lado. Tínhamos conseguido fazer muita coisa em quinze (*okay*, vinte e cinco) minutos. Obrigara-me a considerar, pela primeira vez, se sentiria de facto alguma coisa por Patrick. Se estivera a alimentar a minha antiga paixoneta secreta durante anos, só à espera da minha oportunidade. Sinceramente não acreditava que tivesse.

Depois disso, tinha tentado arrumar todo o incidente no fundo do meu cérebro e despejar alguns contentores cheios de entulho insípido e inofensivo à frente. Sei que isto não funciona propriamente como metáfora, mas estão a perceber a coisa. Longe da vista, longe do coração.

Penso que ajudou o facto de eu não ter podido discutir com ninguém o que acontecera. Não vira nem falara com Patrick desde aquele telefonema inicial, é claro. Misericordiosamente, resistira ao impulso de fazer confidências a Bea. Quase podia convencer-me a acreditar que nunca tinha acontecido.

Bem, então Michelle e eu estávamos sentadas à mesa da cozinha, com as canecas de chá à nossa frente (estávamos ambas a tentar um mês sem álcool, isto é, eu estava a tentar e ela estava a consegui-lo com facilidade) a conversar, se é que me lembro com exatidão, do facto de ela ter esbarrado numa das nossas amigas da escola no metro, quando de repente ouvi um barulho e lá estava Patrick na soleira da porta, vestido apenas com uma toalha.

Sobressaltei-me. Ele sobressaltou-se. Michelle riu-se, pensando que o nosso desconforto se devia à surpresa, não ao sentimento de culpa.

- Pensei que estavas fora - disse e aquilo saiu-me num tom mais acusador do que pretendia. Tentei não reparar na parte superior despida do corpo dele. Senti-me corar.

- Vim só a casa tomar um duche - retorquiu ele, segurando na parte de cima da toalha.

Michelle estava a achar hilariante a nossa reação exagerada.

- Desculpa, pensei que te tivesse dito. - Riu-se, acenando com o braço para mim. - A tua cara!

- Fiquei surpreendida, foi só - retorqui, a tentar forçar-me a rir-me também.

- Parecem ambos que viram um fantasma.

- Não pensei que já cá estivesses - disse Patrick, ao que aos meus ouvidos também soou como uma acusação. - Ou tinha-me arranjado mais cedo.

- Meu Deus, ela já viu tudo isso antes - interveio Michelle. Eu olhei para o chão.

Felizmente, ele rodou sobre os calcanhares, resmungou qualquer coisa sobre estar atrasado e foi lá para cima vestir-se. Cinco minutos depois, enfiou a cabeça outra vez pela porta, inclinando-se só o suficiente para beijar o topo da cabeça de Michelle.

- Não volto tarde - disse e foi-se embora antes de eu poder sequer dizer adeus.

Decidi que precisava de voltar a sair com homens. Não queria que o meu último recontro com um homem fosse com Patrick. Precisava de alguma coisa que lavasse o gosto da minha boca, por assim dizer. *Okay*. Isto acabou por parecer mais realista do que eu pretendia, mas sabem o que quero dizer. Por isso, mais ou menos uma semana depois, voltei a registar-me em Other Half, o meu *site* de encontros de eleição. Tentei convencer-me que todo o tipo de pessoas de aspeto improvável poderiam vir a revelar-se a minha alma gémea.

Passei uma eternidade a trabalhar no meu perfil. Conheço os meus pontos positivos. Ou, pelo menos, sabia quais eram os meus pontos positivos antes de ser obrigada a rever a minha opinião sobre mim própria. Leal, sincera, de confiança e trabalhadora.

Sei que isto parece um anúncio de venda para um cavalo de carga.

Divertida. Compreensiva. Boas patas.

Está bem, inventei esta última. Mas tenho a barriga das pernas muito fortes. Tentei dizer alguma coisa engraçada para realçar o meu sentido de humor. Falhei. No final, decidi-me por factual. Mencionei *Ron* (Tem de gostar de cães) e um pouco sobre o meu trabalho.

Como é óbvio, deixei de fora todos os meus aspetos negativos: não perdoo, sou crítica, fascista da aparência no que diz respeito aos homens (o que é absurdo dadas as ditas barrigas das pernas), pessimista, ocasionalmente autoritária e controladora. Pouco digna de confiança.

O resultado final foi uma biografia tão insípida que não queria sair com nenhum homem que pudesse pensar que eu era um bom partido. Como disse Groucho Marx, não queria pertencer a nenhum clube que me aceitasse como membro.

Obriguei-me a premir a tecla de Enviar. Tentei esquecer aquilo tudo.

O primeiro encontro correu bem. Só isso. Bem. Chamava-se Mario. Era a coisa mais interessante nele. Era um homem de aspeto agradável com uma personalidade agradável e um emprego pouco estimulante numa agência de recrutamento. Tivemos uma conversa agradável durante uma refeição agradável e depois despedimo-nos, ambos sabendo que não havia razão nenhuma para nos vermos outra vez. Ou, pelo menos, assim pensava. Afinal, Mario achava que tinha havido uma «chispa» entre nós e insistiu em mandar-me *e-mails* durante uns dias a perguntar-me quando nos poderíamos encontrar outra vez, até que por fim tive de explicar de forma clara que não havia de facto hipótese nenhuma de irmos a lado nenhum.

A reação dele foi, bem, agradável. Claro que foi. Só desejava poder ter gostado mais dele.

A minha segunda tentativa foi mais agitada. Owen era tão atraente como a fotografia prometia. Cabelo escuro e olhos claros, uma combinação fatal na minha opinião. Alto, magro, musculado. Destilava feromonas. Eu não conseguia acreditar que me tivesse escolhido. Afinal, eu possuía uma coisa que ele achava irresistível: uma vagina. Encontrámo-nos num *pub* em Bloomsbury com a intenção de irmos jantar se nos dêssemos bem. Ele vinha numa onda completa de sedução desde o primeiro momento e, apesar de eu achar isso piroso como tudo, percebi que alinhava na história. No fim, saltámos a parte da comida, regressámos a minha casa, fizemos o que pensei ser um sexo fantástico e, depois, mal terminou, ele pegou nas suas coisas e foi-se embora. Nem sequer fingiu prometer telefonar. Para ser sincera, não me importei. Em geral, eu nunca faria uma coisa tão imprudente com uma pessoa que conhecia há uma hora e meia, mas pareceu-me quase um exorcismo. Não tinha qualquer interesse em ter um relacionamento com ele. A conversa fora sobretudo sobre ele próprio e a sua

rotina de ginásio. Quando se foi embora, tive de me controlar para não gritar: «Usei-te tanto quanto tu me usaste.»

Esta noite, Michelle, Patrick e eu estamos a comemorar. Michelle conseguiu uma nova conta importante no trabalho. Qualquer coisa virtual, sabe Deus o quê. Bem, ela anunciou que queria brindar ao seu sucesso com um copo de bolhinhas. É a primeira noite como deve ser que nós os três passamos juntos desde... bem, desde.

Encontrámo-nos todos no Charlotte Street Hotel depois do trabalho e, de alguma maneira, milagrosamente, conseguimos arranjar um sítio cá fora na rua. De facto, o mérito tem de ir para mim. Sou perita na arte de ficar de pé a olhar com ressentimento até que alguém se sente mal (ou intimidado, não me interessa muito qual das coisas) e decide terminar a noite e desocupar a mesa.

Patrick estala os dedos para chamar a atenção do empregado. Afasto o olhar. Odeio o estalar de dedos. O que raio aconteceu ao bom e antiquado «Se faz favor?».

- Pad! - exclama Michelle. Nunca vai mais longe a reconhecer o mau comportamento dele.

Erguemos os nossos copos.

- Aqui vai um brinde à tua nova campanha chique - digo. Bato-lhe no *flûte* e, a seguir, claro, tenho de bater também no de Patrick.

- Apoiado - diz ele. - Esperemos que te pague uma fortuna e eu me possa reformar e viver às custas do teu dinheiro muito suado.

- Na verdade, não é de facto um negócio assim tão grande. Só queria uma desculpa para sair com as minhas duas pessoas favoritas neste mundo. Sinto que já mal passamos tempo juntos, nós os três.

Se eu disser que se fez um silêncio constrangedor estaria a fazer-lhe um desserviço. É ensurdecedor de tão

silencioso.

- Bem, isto é ótimo - é o melhor que consigo arranjar. Estou a achar difícil olhar para Patrick. Continuo com medo de me atraíçoar.

- Oh - diz Patrick, enquanto Michelle nos enche os copos.

- Comprei isto hoje, olhem. - Percebo que ele está a tentar arranjar uma conversa e fico agradecida.

Remexe no saco. Volta com um par de óculos de sol.

- Fantásticos, não?

Coloca-os. São castanhos e com aspeto um pouco retro. Com retro quero dizer que são como aquelas monstruosidades gigantes que se costumavam encontrar nos anos setenta.

Não consigo evitar. Rio-me.

- Pareces uma formiga.

Patrick finge uma expressão ofendida.

- Comprei-os naquela loja *vintage* em Endell Street.

- Só porque são *vintage* não quer dizer que tenham estilo

- diz Michelle a rir-se. - São muito... Roy Orbison.

- São *Gucci* - retruca ele, zangado.

- São hediondos, é o que são. Michelle tem razão. Roy Orbison.

- Não - diz ela. - Na realidade, são mais Deirdre Barlow. Mas nos anos oitenta.

- Ou Dame Edna.

Patrick sorri e parece um sorriso feliz e genuíno.

- Detesto quando vocês as duas se unem contra mim.

E aí está. O momento em que parece de facto que as coisas vão voltar ao que costumavam ser.

Alívio. É o que sinto quando acordo cedo na manhã seguinte. O sol já está a derramar-se através das minhas cortinas demasiado finas. Em geral, hoje em dia, é nesta altura que me viro e reviro, a martirizar-me por causa de todas as coisas más que já fiz. Bem, na realidade, só uma

coisa. A coisa. Esta manhã parece que me tiraram um peso de cima. Não me interpretem mal, continuaria a fazer qualquer coisa para poder voltar atrás. Continuarei a nunca conseguir perdoar-me. Mas acredito agora que Michelle, Patrick e eu podemos continuar a ser amigos. Consigo imaginar uma altura em que tudo parecerá um pesadelo distante. Com alguma sorte, um pesadelo que aconteceu a outra pessoa qualquer.

Famosas últimas palavras.

Acho que me vou sentir mal.

Michelle está a chorar na minha sala. Está a tentar falar, mas está sempre a empear nas palavras, a gaguejar com os soluços reprimidos. Não faço ideia nenhuma do que fazer.

Este é o momento que tenho temido há semanas. E não posso culpar ninguém senão eu própria.

Ela inspira fundo, arquejante. Assoa o nariz ruidosamente num lenço de papel que tira da mala. Resisto ao impulso de ir ter com ela e abraçá-la, não se dê o caso de ela me esmurrar na boca. Não creio que já tenha alguma vez visto Michelle chorar sem ir em seu auxílio.

- Acho que aconteceu uma coisa - diz ela, de forma enviesada, fitando-me na expectativa.

Não faço a mínima ideia do que dizer, por isso não digo nada.

- Acho que Patrick dormiu com alguém.

Há um segundo em que tudo o que absorvo é «Patrick dormiu com». Penso num dos desmentidos que tenho estado a ensaiar na minha cabeça vezes sem conta (nunca te faria isso, nenhum de nós te trataria dessa forma,

tecnicamente conta como sexo se não houver penetração?) e depois percebo que o que ela disse foi «com alguém», não «contigo». Patrick dormiu com alguém. Não «porque andaste enrolada com o meu marido, sua cabra?». Eu não sou «alguém» no que diz respeito a Michelle. Será possível que ela ainda não saiba que fui eu?

- O quê? - digo, às apalpadelas, para perceber qual será a melhor maneira de reagir. - Porque achas isso?

- Encontrei uma coisa - responde e tento desesperadamente imaginar que provas existirão. Um cabelo comprido e acastanhado descoberto nas calças dele? A seguir, ela vai dizer-me que está só à espera dos resultados do teste de ADN para descobrir a quem pertence. - Um recibo. Bem, um talão de cartão de crédito. Seja lá o que for que lhe chamam.

Okay. Creio que não dei nenhum recibo a Patrick. Reconhecimento por serviços prestados. Deito o ar fora pela primeira vez, parece-me, há algum tempo.

Michelle continua.

- Eu estava a escolher os nossos recibos. A ver o que precisava de ser guardado e o que podia deitar fora. E pensei que podia tratar também dos de Patrick, por isso dei uma vista de olhos rápida à secretária dele no escritório e encontrei isto...

Pela primeira vez, reparo que ela tem um pedaço de papel amarfanhado na mão. Um desses pequenos fragmentos inocentes que todos acumulamos às centenas todos os anos. Passa-mo.

É a habitual confusão de números. O valor no final diz £393,91. No cimo, as palavras «Park View Hotel, Knightsbridge» saltam à vista.

Nunca fui ao Park View Hotel com ou sem Patrick. A pressão que sinto no peito alivia um pouco mais, mas, depois, ocorre-me um novo pensamento.

Que porra quer isto dizer?

- Não compreendo - digo para Michelle, sentindo-me por fim com coragem suficiente para passar para o sofá onde ela está e pegar-lhe na mão.

- É a noite em que ele devia estar em Nottingham, lembraste? Quando tinha de ir ver o novo tipo de iluminação.

Tento recordar-me. Tenho uma vaga lembrança. Fiz companhia a Michelle quando Patrick foi a Nottingham em trabalho. A noite em que ele apareceu à porta da cozinha enrolado numa toalha. Olho outra vez para o recibo. 16 de julho. Há quatro semanas.

- Tens a certeza?

- Claro que tenho. Verifiquei na nossa agenda. Dezas seis de julho, P em Nottingham. É o que diz.

- Talvez tivesses feito confusão e o programa estivesse a ser filmado em Londres?

- Não fiz. E, mesmo que fosse, porque não viria para casa depois? De qualquer modo, não é tudo.

- Então?

- Isto.

Estende a mão para o bolso e puxa outro pedaço amachucado de papel. Desta vez A4. Percebo logo o que é. Uma fatura detalhada do hotel. No nome do hóspede diz claramente Patrick Mitchell. O custo do pequeno-almoço do serviço de quartos é tão elevado que, se Patrick tivesse comido tudo aquilo sozinho, tenho a certeza de que teria entrado diretamente em coma. Em letras pequenas, no lado direito, em cima, está escrito «Número de hóspedes: 2».

Mal consigo assimilar isto. Ela estará mesmo a tentar dizer-me que Patrick está a ter um caso?

- Depois de ter encontrado o recibo do cartão de crédito, andei a vasculhar nas coisas dele. Isto estava no fundo da mala de trabalho dele.

Espero. Consigo ouvir um pombo a arrulhar de forma repetitiva lá fora, nos intervalos entre o barulho dos carros.

- Achas que Patrick levou para lá uma mulher? Para um hotel?

Ela anui com a cabeça.

- Mentiu-me em relação ao sítio para onde ia. Porque o faria se não fosse para encobrir alguma coisa?

- Já lhe perguntaste?

- Não. Ele está no trabalho. E eu queria falar contigo primeiro. Para ter a certeza. Ele não faria isto, pois não, Tam? Não Patrick.

Não sei se conheço sequer já a dimensão do que Patrick é capaz de fazer.

- Não. Caramba... não... tenho a certeza de que há uma explicação perfeitamente inocente.

Não consigo evitar. Estou apavorada que isto possa virar-se contra mim. Se Michelle extrair uma confissão de Patrick a respeito de seja lá o que for que isto é, então quem sabe o que mais ele lhe poderá contar.

Michelle fita-me com grandes olhos lacrimejantes.

- Como por exemplo?

- Não sei. Ainda acho que talvez tenhas confundido os sítios. Ou ele. Escreveu na agenda que era Nottingham, mas era um dia diferente ou algo assim.

Ela abana a cabeça.

- Tivemos uma conversa inteira sobre isso quando ele voltou. Tenho uma tia e um tio que vivem lá, lembra-te?

Deixo escapar um suspiro involuntário. Não faço a menor ideia do que se passa aqui.

- E então o outro hóspede? Número de hóspedes, dois?

- Um colega? - sugiro, embora não consiga apresentar uma boa razão para um colega poder estar a partilhar o quarto dele.

- Tamsin, vivemos em Londres. Porque está ele hospedado num hotel em Londres? Podia ir de táxi de casa para Knightsbridge em vinte minutos. Não faz sentido nenhum.

- Não - respondo.

Michelle solta um soluço ruidoso.

- Por favor, que não seja verdade.

Passo-lhe os braços em volta e puxo-a para um abraço.

- Ele não me faria isso, pois não? Andar com outra pessoa?

- Claro que não - digo e espero que alguém me fulmine logo ali. - Claro que não faria.

Mal ela se vai embora, pego no telefone para ligar a Patrick, apesar de Michelle me ter pedido para não lhe dizer nada até ela decidir o que fazer. Não tenho a menor ideia de qual é a história verdadeira, nenhuma ideia do que raio ele lhe poderá ter feito, mas preciso de ter a certeza de que seja o que for que ele decida confessar-lhe, seja o que for que ela descubra, não tem nada a ver comigo. Não posso simplesmente deixar tudo nas mãos do destino.

18

Patrick atende ao terceiro toque. Sei que não posso simplesmente acusá-lo de alguma coisa. Para ser sincera, não pensei muito bem no que vou dizer.

- Foste a Nottingham há algumas semanas? - deixo escapar antes de ele poder sequer perguntar-me como estou.

Será impressão minha ou a voz dele parece cautelosa?

- Sim. Porquê?

- No dia dezasseis de julho?

- Não tenho aqui a minha agenda, mas parece-me correto. De que estás a falar, Tamsin?

- Foi mesmo Nottingham e não um sítio qualquer em Londres?

Há um momento de pausa.

- Porque me estás a fazer todas essas perguntas?

Não há qualquer interesse agora em não explicar tudo. A combinação das palavras Nottingham e 16 de julho deve estar a ligar sirenes dentro da cabeça dele.

- É só uma coisa que Michelle disse.

- O que disse ela?

- Eu... não sei. Qualquer coisa sobre um talão de cartão de crédito de um hotel...

Silêncio do outro lado da linha. Parece durar uma eternidade.

- Vou até aí.

- Não... espera. Eu não devia ter dito nada. Não quero saber.

- Então porquê o telefonema?

Na realidade, risquem isso, quero mesmo saber.

- Levaste lá alguém?

- O que tens a ver com isso? - responde Patrick num tom de voz frio que nunca o ouvi usar antes. Sinto uma onda de náusea.

- Diz-me, por favor, que não andaste a traí-la. - Em retrospectiva, é uma coisa estúpida de se dizer. Dado, bem, sabem o quê.

- O quê, como o que fiz contigo, queres tu dizer?

- Isso foi diferente...

- Não te preocupes, não vou contar-lhe. Sei que foi por isso que me telefonaste, certo? Autopreservação.

- Porque estás a ser tão horrível? - pergunto. Nunca devia ter telefonado. Devia ter ficado bem longe disto.

- Tu é que telefonaste e começaste a lançar acusações.

- Não fiz nada disso. Só te fiz uma pergunta. Disseste-me para te contar se pensasse que Michelle suspeitava que andasses a sair com alguém e agora ela desconfia, *okay*?

- Ah, por isso estás só a contar-me porque tens bom coração?

- Não vou continuar com esta conversa - digo, esquecendo-me que fui eu que a iniciei. - Já te avisei.

- Caramba, obrigado, Tamsin. A tua preocupação com a tua amiga é comovente.

- Vou desligar o telefone. - Porém, não consigo propriamente fazê-lo.

Há um momento de silêncio e depois ele diz:

- Desliga lá então.

Quase me rio. Recordo-me de quando era adolescente e fazia este tipo de coisa durante horas com o rapaz com quem andava na altura. «Desliga o telefone», «Não, tu», «Vou mesmo desligar», «Desliga lá então», «Não, tu primeiro». Desperdicei uma grande parte dos meus preciosos anos de adolescente a ter esta conversa.

Desta vez, porém, não há aqui nenhum namorico. Apenas um impasse. Estou demasiado velha para isto.

- Adeus. - Primo o botão para terminar a chamada. Corro para a casa de banho e vomito.

Não saber o que está a acontecer dá cabo de mim. Ando de um lado para o outro no apartamento, a tentar descobrir distrações e a falhar. Por fim, pego na trela de *Ron*, para sua grande alegria, enfio o telemóvel no bolso e vou dar uma volta. Não consigo parar de imaginar cenários na minha cabeça. Michelle a mostrar o recibo a Patrick, a perguntar-lhe, em lágrimas, o que significa. Ele a negar, com as desculpas preparadas por causa do meu telefonema. Tudo o que fiz foi dar-lhe as armas para se safar com o que quer que ande a safar-se. Poderei ter-me salvo, mas a que custo?

Será que isto quer dizer que tudo o que ele me disse era mentira? Ou aconteceu depois de eu e ele? «Talvez ele tenha gostado tanto contigo que teve de experimentar outra vez», diz uma voz irritante na minha cabeça, solícita. Opto por a ignorar. Lá no fundo, porém, em parte estou a pensar se serei de alguma forma culpada. Será que ele pensou, que se lixe, se fosse enforcado mais valia que fosse por causa de uma boa queca premeditada do que por causa de uns apalhões bêbados e desajeitados.

Chego a Primrose Hill e solto *Ron* da sua trela. Como sempre, ele corre em círculos enquanto me sento num banco a olhar para o vazio. Verifico o telemóvel para ver se

Michelle telefonou. Nada. Será que ela já o confrontou? Será que ele já lhe disse? E, nesse caso, o quê?

Passado algum tempo, *Ron* fica exausto e deixa-se cair aos meus pés. Inclino-me, afago-lhe a cabeça hirsuta e ele suspira, contente.

– Vamos lá então – digo, levantando-me. – Hora de voltar para casa.

Marchamos pela colina acima e viramos para a minha rua, onde vejo uma figura familiar sentada nos degraus altos da minha porta de entrada. Sinto uma dor aguda no peito e os meus reflexos de lutar-ou-fugir entram em ação, dizendo-me para correr na direção oposta. *Ron* tem outras ideias. Viu o seu querido tio Patrick lá à frente e está já a ladrar com entusiasmo e a esticar a trela como se tentasse puxar uma carroça. Não tenho outra opção senão segui-lo. Patrick levanta-se quando nos vê. Sei que estou a lançar-lhe um olhar carrancudo, mas parece que não consigo evitar.

– O que estás aqui a fazer?

Ele sorri, o que me enerva por completo. Parece um tubarão a perguntar como estamos antes de se atirar à nossa perna.

– Pensei que precisávamos de falar.

– Acho que tinhas razão antes. Acho que não tenho nada a ver com isto. – Não quero ter de ouvir o que ele vai dizer. Quero entrar, fechar a porta e não voltar a sair até segunda.

– Tamsin, por amor de Deus. Preciso da tua ajuda.

Cedo. Que mais posso fazer?

Dentro de casa, nem sequer lhe pergunto se quer uma chávena de chá. Quero só ouvir o que ele tem para dizer e depois pô-lo dali para fora.

– Então? – pergunto quando ele não diz nada.

Ron está a fazer comédia a sorver água da sua tigela, uma coisa que geralmente acho infinitamente divertida e

amorosa. Bem desejava que parasse.

Patrick suspira alto.

- Estive lá com uma pessoa. No Park View.

Quase penso que não ouvi bem.

- O quê? Quem?

- Não interessa quem.

- Imagino que interessará para Michelle.

- Só alguém.

- Em que porra estavas a pensar? Como pudeste?

- Não vim cá para me dizeres que estás desapontada comigo. Vim porque preciso da tua ajuda.

- Para quê? - digo, embora tenha a horrível sensação de já saber qual será a resposta.

- Michelle não pode descobrir.

- Acho que já descobriu.

Ele tira uma maçã solitária envelhecida do cesto de arame a que chamo em tom jocoso a minha taça da fruta. Torna a pousá-la.

- Não. Ela desconfia. Sabe que há qualquer coisa que não está certa, mas não sabe o quê. Preciso que me ajudes a convencê-la que não é nada.

- Estás a gozar? Trais Michelle e agora queres que te ajude a esconder as provas. Que porra é essa?

- Foi um erro. Estas coisas acontecem.

- Nem pensar. Não vou meter-me nisto.

- Na realidade, Tamsin, já estás metida. Se ela descobre isto, bem posso também contar-lhe sobre nós. De qualquer maneira, já estará tudo perdido.

- Não há nenhum nós. Nunca houve. Bebemos de mais e ultrapassámos um limite que nunca deveríamos ter ultrapassado. Foi só isso.

Patrick ergue uma sobancelha.

- Tenho a certeza de que ela não vai ver as coisas dessa maneira.

Sinto que o chão desapareceu debaixo de mim. Sento-me no braço da poltrona mais próxima antes que as minhas

pernas se verguem.

- Estás a ameaçar-me?

Ele encolhe os ombros.

- A ameaçar não, só a relatar um facto.

- Patrick... mas que porra?

- Que é? Queres armar-te em todo-poderosa comigo porque tive uma aventura com alguém, mas continuas a querer que minta à minha mulher sobre o que aconteceu entre nós os dois?

- Pensei que tínhamos concordado que o que aconteceu entre nós foi um erro de merda quando nenhum de nós estava em estado de perceber o que fazia. Não é propriamente o mesmo que marcar um hotel e inventar uma história sobre estar numa cidade completamente diferente.

- A melhor amiga dela ou alguém que ela nem nunca viu. Qual achas que a vai magoar mais, sejam quais forem as circunstâncias?

Sei que ele tem razão. Sei que não tenho nada que me justifique.

- Não entendo. Se andas a comer outra pessoa qualquer, então por que razão te preocupas em salvar o teu casamento?

Patrick pega num livro que deixei na bancada da cozinha. *Refeições gourmet para uma pessoa* ou algo igualmente trágico. Vira-o com desconfiança, olha para a contracapa, como se fosse um dia normal.

- Amo Michelle. Esta outra coisa não é nada.

- Então porque o fazes?

- Porque sou fraco ou uma pessoa horrível ou algo assim. Não sei. Vai acabar tudo em breve...

Mal consigo acreditar no que estou a ouvir. Levanto-me, tiro-lhe o livro das mãos e volto a pousá-lo com força em cima da bancada.

- Ainda continua?

- Na realidade, não acho que precisas de saber os pormenores.

- Oh, não, espera aí. Se vais obrigar-me a envolver-me, então tenho de saber no que estou envolvida. Quem é ela?

- Não a conheces.

- Como se chama?

- Já te disse, não a conheces.

- Conheceste-a através do trabalho?

- Sim. Mais ou menos.

- E dura há quanto tempo?

- Mais ou menos seis semanas. Vou terminar em breve. Não é nada sério.

- Seis semanas? Caramba, Pad.

- Aconteceu. Não tive intenção. Sabes como é, não?

Opto por ignorar esta última parte. Ele afasta o cabelo da cara, para trás, com a mão direita, um dos seus gestos patenteados «Não sou fantástico?» Tem um cabelo estupidamente grosso e brilhante. Nada de triste couro cabeludo rosado a espreitar.

- E foi a primeira?

Há uma pausa enquanto, imagino, ele considera se me vai mentir ou não.

- Sim.

- Diz-me a verdade.

- Para quê perguntar se não vais acreditar na minha resposta? - sorri.

Dou uns passos para trás para criar mais distância entre nós. Não creio que seja boa ideia eu estar no raio de ataque. Poderei não conseguir controlar-me.

- Uma estimativa. Três? Dez? Vinte? Quinhentas?

- Poderá ter havido algumas ao longo dos anos. Nenhuma delas significou nada.

- Então toda essa merda sobre estares preocupado que ela desconfiasse de ti...

- Eu *estava* preocupado. Ainda não sei quem é essa mulher chamada Cheryl.

- Mas todo aquele teatro do inocente. Aquela coisa de não consegues aguentar se ela pensasse isso de ti, porque nunca farias nada desse género.

- Bem, cinco minutos depois deves ter percebido que não era verdade.

- Caramba. Foste tão convincente...

- Não preciso de um sermão, *okay*. Não estou orgulhoso de mim próprio. Preciso só de resolver o que fazer.

- Bem, não podes fazer nada até Michelle trazer o assunto à baila. Isto é, para além de te livrares dessa mulher.

- Não sei o que seria pior. Michelle acusar-me e eu ter de pensar numa história para encobrir a coisa ou ela nunca dizer nada mas eu saber que está a pensar nisso.

- E se ela te perguntar?

- Não faço ideia. É por isso que preciso da tua ajuda.

Fecho os olhos.

- Ela também encontrou a fatura discriminada.

- Merda.

Coloca a cabeça entre as mãos e quase sinto pena dele. Porém, dissuado-me disso muito depressa.

- Ela mexeu nas minhas coisas?

- Bem, estamos todos recheados de surpresas. Quero dizer, porque guardaste aquele recibo? Ias tentar metê-lo nas tuas despesas? Não quero que a minha mulher descubra, mas quero muito aldrabar as minhas despesas, é isso?

- Claro que não. Suponho que nunca imaginei que ela fosse remexer nas minhas coisas. E depois esqueci-me que estava lá.

- Brilhante. És um mestre do crime.

- Não há razão nenhuma para seres a porra de tão sarcástica. Posso ser uma merda de marido, mas tu também não és propriamente um modelo de melhor amiga. Por isso, vamos lá resolver isto juntos, está bem?

Sei que não tenho outra opção. Não que tenha a certeza de ter algum interesse em continuar a preservar o casamento de Michelle e Patrick, com toda a sinceridade, começo a pensar que ela estaria melhor sem ele. Agora que sei como ele é na realidade, é impossível ter esperança que continuem juntos.

- Deixa-me pensar.

Sento-me como deve ser. Patrick deixa-se cair na outra poltrona e nenhum de nós diz nada durante alguns momentos. Dou voltas ao miolo, mas não me ocorre nada. O grasnar de um pato que é o toque do telemóvel de Patrick quase me faz ter um ataque cardíaco.

- Michelle - diz ele, olhando para o visor. - Não posso atender.

Esperamos o que parece uma eternidade até que para. É em alturas como esta que se percebe bem por que razão os toques divertidos não são uma boa ideia.

De forma relutante, sugiro a única solução de que me consigo lembrar.

- Diz-lhe que marcaste o hotel para um colega porque ele se tinha esquecido do cartão ou, não, diz que era uma pessoa que vinha para uma reunião contigo no dia seguinte e, geralmente, reservas essas coisas com o teu cartão da empresa, mas que não conseguias encontrá-lo e que Verity tinha ido para casa, por isso tiveste de usar o teu cartão pessoal. Diz que achas que o homem trazia a mulher.

- E se ela me perguntar quem foi?

- Não sei. Inventa alguém. O nome mais vulgar e desinteressante de que te lembres que não seja John Smith. Vê lá se lhe falas dessa coisa da mulher do homem.

Não posso acreditar que estou prestes a dizer esta próxima coisa, mas cá vai:

- Eu ofereço-me para telefonar para o teu escritório e verificar ou algo assim.

- E se ela pensar em fazer isso sozinha?

- Não me parece que vá telefonar para o teu escritório. Ela conhece Verity demasiado bem para fingir que é outra pessoa e acho que não quererá ser vista a investigar-te. - Verity é a assistente de Patrick. Nunca falei com ela, mas sei que Michelle gosta dela. Preocupo-me durante um instante que ela possa ser uma das conquistas dele, mas depois lembro-me que ela tem cinquenta e muitos anos. Parece improvável. - E, de qualquer maneira, vou assegurar-me que ela não o faz.

- E se Michelle não te contar tudo?

- Vai contar - digo com tristeza. - Ela conta-me tudo. E, de qualquer modo, não temos mais nada.

19

E o incrível é que a coisa funciona.

Michelle, em lágrimas, conta-me que Patrick negou de forma veemente qualquer infração. Parece que ela estava à espera quando ele chegou a casa vindo da minha e perguntou (o mais calmamente que conseguiu; não queria parecer que o estava a acusar de alguma coisa) onde tinha ele estado na noite do dia 16. Como é óbvio, ele disse Nottingham, por isso ela mostrou o papelinho do cartão de crédito. Não mencionou a fatura discriminada porque não queria que parecesse que andara a bisbilhotar nas coisas dele.

Patrick rira-se, disse ela, e contara-lhe logo que reservara o hotel em Londres para o produtor de um dos programas que vinha da Escócia para uma reunião no canal de televisão no dia seguinte. Ele pensava que o homem tinha trazido a mulher com ele para poderem dar uma volta algures e passarem alguns dias juntos. Michelle perguntara por que razão Verity não reservara com o cartão da empresa e Patrick dissera-lhe que tinha sido uma coisa de última hora e que ela já se fora embora para casa. Ele decidira usar o seu próprio cartão de crédito e depois

meter a despesa. Parecera tão confiante, disse, que ela se sentira estúpida. Não havia hipótese nenhuma de ele ter inventado assim de repente todo aquele cenário rebuscado. Só havia uma coisa que ainda a incomodava, o nome do hóspede na fatura discriminada.

Assim, ela dissera a verdade e contara-lhe que andara a remexer-lhe na mala. Ele parecera um pouco magoado (aqui quase me ri, de nervoso, não porque pensasse que alguma coisa fosse remotamente divertida), mas depois dissera que nem sequer reparara nisso, se calhar o hotel tinha feito confusão e presumido que o quarto ficava no nome dele.

Parece que Michelle parara aqui.

- Mas quando se marcava não se diria que o quarto era de facto para o senhor e senhora fulano de tal?

- Talvez, mas eles não teriam necessariamente entendido. O que estou a dizer é que não está fora de questão.

- Quero acreditar nele - afirmou ela com tristeza. - E suponho que faz realmente sentido.

E eu, para minha vergonha eterna, concordei, sim fazia.

- Ele disse para quem reservou o hotel? - Queria ter a certeza de que Patrick e eu tínhamos a nossa história a bater certo.

- Alguém chamado Robinson. Explicou que é um dos executivos de um programa que estão a fazer sobre os castelos escoceses.

Graças a Deus que ele tinha seguido o meu conselho e escolhera um nome vulgar.

- Já sei - exclamei, como se tivesse acabado de ter uma centelha de inspiração. - Tu não podes fazer isto porque Verity te conhece demasiado bem, mas porque não telefono para o escritório dele e digo, não sei, que sou do hotel e que encontrei uma coisa dele e logo vejo o que eles dizem. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

- Não sei. Não quero tornar-me uma dessas mulheres que estão sempre a investigar o marido.

- Não vais ser. Serei eu. Se não, vais continuar a pensar se há alguma coisa que ele não te contou.

- O que achas?

- Bem, não estive lá, mas parece-me plausível.

- Tens razão. Talvez devesse simplesmente esquecer tudo isto, passar para outra.

Quero que tudo isto desapareça, por isso insisto.

- Podias, mas se calhar continuavas a ter uma duvidazinha persistente. Para além de tudo o mais, não é justo para Pad. Se eu conseguir descobrir de certeza, então porque não fazê-lo?

Uma hora depois, voltei a telefonar-lhe e contei-lhe que tinha falado com alguém no escritório de Patrick porque Verity não estava por perto (só a proteger-me), e que tinha dito que era do Park View Hotel, e que o senhor Mitchell deixara uma coisa no quarto quando lá ficara que só agora tinha chegado ao meu conhecimento. Inventei qualquer coisa atamancada para encobrir o facto de que levava várias semanas a descobrir. Qualquer coisa sobre o hóspede seguinte ter levado a coisa para casa por acidente e depois ter percebido que não era dele (felizmente, Michelle não perguntou porque iria alguém acreditar nesse monte de tretas pouco plausíveis). A assistente dissera que tinha sido de facto um senhor e senhora Robinson que tinham lá ficado nessa noite, por isso a coisa devia ser deles e dera-me um endereço na Escócia para a devolução.

Michelle ficou tão agradecida, tão feliz quando lhe contei o meu sucesso. Não havia razão nenhuma no mundo para ela não acreditar em mim. Eu era a sua melhor amiga.

Enviei uma mensagem a Patrick: *Resolvido*. E ele mandou-me outra em resposta: *Obrigado*. E foi isso.

Não sei como vou solucionar isto, mas não faço tentações de falar outra vez com Patrick, para além das amabilidades que serei forçada a proferir quando houver pessoas em volta. Vou recusar todos os convites que o tenham anexado. Estou farta dele e das tretas dele. Basta.

20

Bea está a deitar fumo pelas ventas quando chego ao escritório de manhã. Nem sequer espera que eu pouse a mala antes de fechar a porta do meu gabinete e se lançar numa invetiva. Não estou propriamente com disposição.

- Estou furiosa - afirma, o que, para ser sincera, já percebi pela forma como ela bate com os pés de um lado para o outro com o rosto tempestuoso.

- Não vais buscar o meu café primeiro? - Bea sabe que não consigo funcionar sem café, é logo a primeira coisa de manhã.

- Já te vou buscar um dentro de um minuto. Tenho só de desabafar.

- Está bem, não parece coisa boa.

- Ian acabou de me pedir para passar a limpo todas as suas notas sobre o orçamento de *Rooms With a View* porque, e estou a citar, «Lucy está um pouco sobrecarregada». - Recosta-se para trás e olha para mim, à espera de uma resposta.

Em rigor, apesar de Bea trabalhar para mim e Lucy para Ian, ambas trabalham para a empresa e, portanto, sempre foi considerado justo que, por vezes, assumissem o trabalho

uma da outra. Porém, este facto não alegra nem uma nem outra.

- Bem, não tenho muito para fazeres esta manhã...

- A questão não é essa - interrompe ela antes de eu terminar. - Se ela *estivesse* sobrecarregada eu fá-lo-ia com prazer...

Com prazer, deduzo, é um exagero, mas fico calada.

- ... mas ela marcou hora para pintar o cabelo esta tarde. Quando é que eu já marquei cabeleireiro no período de trabalho? Quando?

- Nunca - admito.

- Quero dizer, com certeza que Ian lhe podia dizer que ela tem de ir à hora do almoço.

- Talvez ele precise dela para outra coisa qualquer nessa altura?

- Não precisa. A questão é essa. Ela espezinha-o e depois ele despeja todo o trabalho dela em cima de mim.

Apesar de saber que ela tem alguma razão, não quero ser desleal com Ian. Não me compete a mim dizer-lhe como trabalhar com a sua assistente.

- Não propriamente todo o trabalho dela, Bea.

Bea revira os olhos e apetece-me logo voltar atrás. Detesto quando Bea e eu não nos damos bem. Entro em pânico a pensar que ela vai começar a procurar outro emprego. Para não mencionar o facto de eu achar que Lucy tem um complexo de superioridade e acredita que, para começar, temos todos sorte em a ter a trabalhar connosco.

- Queres que lhe diga que estás muito ocupada?

Bea abana a cabeça.

- Não. Precisa de ser feito. Só queria descarregar, é tudo.

- Sinto a tua dor - digo e ela ri-se. - Sinceramente, no entanto, concordo que ela é um pouco uma vaca emproada e não creio que isso passe despercebido.

- Obrigada.

- Pago eu o almoço?

- Estou demasiado ocupada. - Sorri com ar lúgubre.

- Azar - digo. - Vamos ao *pub*.

Tomei uma decisão. Tem andado quase a dar cabo de mim não contar a Bea o que se passa. Não poder fazer confidências a alguém. Mas tudo o que aconteceu, tudo o que fiz, remete para o facto de Patrick e eu termos feito uma coisa que não devíamos ter feito. Não teria considerado nem por um instante mentir por causa dele, ajudar a encobrir uma infidelidade, se não tivesse tido receio do que poderia saltar-lhe da boca para fora. Recordo-me de todos os boatos sobre Patrick que Bea me contou e sei agora que são todos verdadeiros. E se Bea não tivesse feito asneira e deixado escapar o nome de Michelle naquela noite, poderíamos ter conseguido a nossa prova. E tudo o que aconteceu desde então teria sido diferente. Tudo.

Mas não ter ninguém com quem conversar está a consumir-me. Ando absorta, no mínimo. E Bea repara.

- *Okay*, o que se passa? - pergunta, quando nos sentamos com as nossas bebidas. *Vodca e Coca-Cola Diet* para mim; vinho tinto para ela.

- Nada. Estou bem.

- Então porque acabaste de pôr uma base de copos de cerveja na tua mala junto com a carteira?

Lanço uma olhadela à mala. Ela tem razão.

- Faço coleção.

- Ah, ah. És hilariante. Há alguma coisa errada. Desde quando bebes à hora do almoço, ou saís à socapa para tomar uns copos, só que não me contas?

- Tens de jurar pela tua vida que não dizes uma palavra a ninguém. Ninguém.

Ela assume um ar sério.

- Com certeza.

Confio nela. Nunca me deixou ficar mal antes. Posto isto, só lhe vou contar a versão editada. O meu próprio papel

nesta pequena história pode continuar a ser o meu segredo e de Patrick.

- Patrick Mitchell está a ter uma aventura.

Bea arregala os olhos.

- Espera aí. Não tratámos já disso?

Aceno com a cabeça.

- Mas é verdade. Ele contou-me.

- Nem sei por onde começar. Com quem? Por que raio te contou?

Olho em volta, só para confirmar que ninguém que conheço anda por ali entre a multidão da hora do almoço. É um desses *pubs* que se dizem retro e a maior parte da clientela também. Tudo bonés achatados com pala, cervejas biológicas e irónicas sanduíches de palitos de peixe. Se tivesse de descrever a sua atitude, diria que o *pub* se sente satisfeito consigo próprio. De qualquer forma, a costa parece livre.

- Não vais dizer nada a ninguém, pois não, Bea? Quanto mais não seja, por causa de Michelle.

- Não. Sabes que não direi nada. Escuta, não me contes se ficas stressada.

- Não. Quero contar. Tenho de contar a alguém ou ainda vou dar em doida.

Ela espera que eu continue. Aqui vai.

- Michelle apanhou-o, basicamente. Ou pelo menos quase o apanhou. Ele pediu-me para o ajudar a afastar as suspeitas dela. Consegues acreditar nisso?

- Estás a gozar. Presumo que tenhas recusado?

Esta é a parte complicada de explicar. Sem lhe dizer porque estou diretamente interessada em que Patrick não seja descoberto, é difícil justificar por que razão alinhei com ele.

- Eu não sabia o que fazer. Como é óbvio, Michelle ficaria devastada...

- Vais ajudá-lo a mentir-lhe?

- Já o fiz. Não sabia o que mais fazer. Sei que algumas pessoas achariam que devia ir ter com ela e contar-lhe eu, mas nunca pensei que isso fosse uma coisa simpática de fazer. E ele disse que vai abandonar essa outra mulher...

Ela resfolega.

- Aposto que disse. Isso é o que dizem todos.

- Sinceramente, penso que o vai fazer. Acho que isto foi uma advertência, um choque com a realidade. E quem sou eu para interferir e acabar com o casamento se ele teve apenas algum tipo de crise de meia-idade, mas agora já ultrapassou isso?

Bea bebe um golinho do seu vinho.

- Caramba, que pulha.

- Eu sei. Os boatos eram verdadeiros. Para ser sincera, ele foi sempre um cretino.

Bea ergue as sobrancelhas.

- De que maneira? Pensei que era um dos teus melhores amigos?

- É o marido da minha melhor amiga, há uma grande diferença. Somos amigos porque temos de ser. Na verdade, isso não é justo. Damo-nos bem, só que não gosto muito dele. Faz sentido?

- Perfeitamente. Porém, não sei se percebo porquê.

Não me apetece explicar e duvido que Bea queira ouvir a minha lista de queixas, de uns compridos cinco anos, sobre as maneiras de Patrick.

- É uma longa história.

- Então como esperava ele que o ajudasses?

Faço-lhe um breve resumo. Quando chego à parte em que finjo telefonar para o escritório dele, ela ri-se.

- Pelo menos, desta vez ninguém teve de o fazer. Não me pediste para ressuscitar Morag e o seu sotaque escocês e telefonar mesmo a sério.

- Bem, é óbvio, porque eles não teriam sabido do que estavas a falar.

- Merda - diz ela. - É tudo um bocado complicado.

- Eu que o diga. Porém, o que é mais horrível é que Michelle está satisfeita. É isso que me faz sentir uma merda. Que ela confie completamente no que eu digo.

- Agora está feito, por isso o melhor que tens a fazer é esquecer tudo.

- Não o devia ter feito. Devia ter ido direita a Michelle e ter-lhe contado a verdade.

- Talvez. Mas agora é demasiado tarde. Nunca ias ser capaz de explicar toda essa história do telefonema para o escritório.

- Não quero vê-lo outra vez. Não quero ter mais nada a ver com ele.

- Não te censuro. Mas não será difícil de concretizar? Dado que ela é tua amiga e tu passas metade do teu tempo livre em casa dela?

- Eu sei. Vou ter de passar a minha vida inteira a inventar desculpas para não poder lá ir.

- Bem, suponho que é um plano.

Forço um sorriso.

- Que confusão.

- Estou sempre aqui - responde ela. - Se precisares de conversar com alguém.

- Obrigada - digo eu agradecida. - Sinto-me muito melhor só por ter contado a alguém.

Mais tarde, arranjo maneira de estar na receção quando Lucy se escapa. Estou a sentir-me um pouco tocada por causa da vodca.

- Cabeleireiro? - pergunto com um sorriso no rosto.

Lucy retribui o sorriso.

- Sim. Preciso de fazer madeixas antes de ir para fora.

- As coisas devem estar sossegadas de momento se vais agora.

- Não estou atrasada em nada, por isso Ian não se importou.

- Ótimo - digo ainda com o sorriso. - Porque Bea está sobrecarregada, portanto, não ia conseguir ajudar-te se estivesses.

Ela não estremece.

- Claro que não.

Quando ela sai, Ashley levanta os olhos por trás do balcão da receção.

- Isso foi divertido - comenta.

- O quê? - replico, virando-me para voltar lá para cima. - Não pretendi insinuar nada.

Ela prende o cabelo atrás da orelha.

- Posso passar as notas de Ian sobre o orçamento se ajudar alguma coisa. Tenho tempo.

- Ótimo. Vou dizer a Bea.

Por vezes, as ações falam mais alto do que as palavras quando quero que Bea saiba como lhe estou grata pela sua lealdade.

SEGUNDA PARTE

21

Bea

Francamente, é quase divertido. Se todo o raio da coisa não fosse tão lixada até me ria.

Para dizer a verdade, Tamsin está sempre a descarregar coisas pessoais em cima de mim. O seu último encontro através do Tinder, ou alguém com quem saiu daquele *site* que ela usa, Other Half, creio que é assim que se chama, com demasiados pormenores. Não que ela tenha usado o Tinder durante muito tempo. Demasiados encontros imediatos com psicopatas. Demasiadas perguntas sobre se ela era submissa ou dominadora durante as primeiras conversas. Quanto a mim, entra tudo na categoria de D.I. Demasiada Informação. Se fosse uma amiga, eu ficaria encantada. Mas ela é a minha chefe. Tenho a certeza de que Ian não põe Lucy a ouvir os pormenores sórdidos da sua vida sexual. Mas reparem que ele geralmente tem demasiado medo para lhe pedir para lhe arquivar as coisas. E, se pedisse, ela se calhar apresentava uma queixa formal. Recorria a um tribunal do trabalho. Chamava o seu deputado local e exigia respostas no parlamento.

Mas quando ela me contou isto... caramba. Eu não sabia para onde olhar.

Ela orgulha-se de ser uma boa chefe. Justa. Se trabalharmos com afinco e a ajudarmos, então ela apoia-nos. Foi o que ela disse na minha entrevista. E suponho que se provou ser verdade. O que ela se esqueceu de mencionar foi que a definição dela de trabalhar com afinco corresponde à definição de trabalho escravo de qualquer outra pessoa. Exige muito em relação ao que paga.

Nem sequer me consigo lembrar da última vez que tive tempo à hora do almoço para me sentar e comer. Estou habituada a passar a minha preciosa hora a ir buscar a roupa de Tamsin à lavandaria ou a comprar o que quer que ela precisa, mas não está para levantar o cu para sair e ir comprá-lo. Estou habituada a engolir uma sanduíche enquanto escrevo algum documento ou algo assim. Tudo bem. São os ossos do ofício. Sou assistente pessoal. Assisto.

Não me importo de fazer todas essas coisas pessoais para a minha chefe. Não penso que seja indigno de mim, bem, na sua maior parte. Tenho um plano de longo prazo. Trabalhar com afinco para Tamsin durante três anos a fazer tudo que me peçam, por mais degradante, certificando-me que arranjo ao mesmo tempo uma reputação fabulosa e recomendações. E depois seguir para algo melhor. Não vou ficar na Castle. Programas sobre pessoas que compram ou vendem casas na realidade não me interessam. Mas, enquanto aqui estou, estou a aprender tudo o que posso. E a televisão não é propriamente uma coisa transcendente. A maior parte do que Tamsin e Ian parecem fazer é dar a sua opinião e com certeza que isso consigo fazer. De facto, faço-o muitas vezes e ela passa-a como sendo dela. É óbvio que nunca fico com os louros. É verdade que Tamsin diz com frequência às pessoas que sou inestimável. Só que não diz que metade do tempo faço de facto o trabalho dela por ela.

Não se preocupem, tenho as minhas pequenas vinganças. Usei uma vez um casaco maravilhoso dela, *Stella McCartney*, numa noite, depois de o ter ido buscar à lavandaria a caminho de casa. Acidentalmente, salpiquei-o de gin tónico, mas disse-lhe que o cheiro era dos químicos da limpeza a seco e ela foi nisso.

E trago-lhe café com leite gordo em vez de magro quando ela me manda ir buscar-lhe café cinco vezes ao dia. Está sempre a queixar-se que não consegue perder aqueles quilos teimosos nas coxas, por mais que tente. Eu calo a boca. Quando a ouvi dizer a Ashley que ela devia estar a fazer qualquer coisa errada quando vai buscar o café porque não tem o mesmo sabor, tive de me esforçar muito para não me rir.

E, às vezes, quando estou a sentir-me particularmente lesada, acrescento qualquer coisa para mim no pedido de compras que ela me fez. Só um frasco de aspirinas ou uma embalagem de mirtilos. Qualquer coisa pequena. Ela nunca confere os recibos, só os atira descuidadamente para a pilha de porcaria que ameaça submergir o gabinete dela. E, mesmo que conferisse, eu só diria «Oh, sim, tenho de te dar o dinheiro para isso» e seria tudo. Nem sequer sei por que razão o faço. Não é que sejam coisas que não possa comprar para mim. Só me faz sentir um pouco menos explorada, suponho.

Não desgosto de Tamsin, não me interpretem mal. Só que ela às vezes ultrapassa o limite entre apropriado e inapropriado. Quero dizer, em relação ao que me pede para fazer. Não me apalpa no armário dos artigos de escritório nem nada desse género.

Porém, quase impus um limite quando ela me mandou a Birmingham como uma espécie de super espia para tentar armar uma cilada ao marido da amiga. Quero dizer, que tipo de pessoa se lembra disso, ainda por cima mandar a assistente pessoal fazê-lo por ela? Quase parecia que

estava a servir de chulo. Podia ter acontecido imensa coisa.

Mas, por outro lado, suponho que, se não tivesse ido, nunca teria conhecido Patrick Mitchell.

E então as coisas poderiam ter sido muito diferentes. E eu não teria tanto medo que fosse tudo explodir-me na cara.

Tamsin

Michelle e eu estamos a comprar roupas. Isto é, ela está a comprar roupas e eu estou a ver e, de vez em quando, a suspirar de tédio. Não que não goste de comprar fatiotas. É que não gosto de as comprar em cadeias de lojas que só contêm metade do que o resto da população feminina está a usar. Michelle, por outro lado, não quer saber. Quer roupas práticas, funcionais, apropriadas. Por isso, cerca de uma vez por ano, lá me convence e vamos às compras e ela abastece-se do que quer que precise e é mais ou menos isso.

Descubro uma cadeira onde me sentar enquanto ela pesquisa. Brinco com o meu telemóvel. Após o que parece uma eternidade, ela materializa-se à minha frente com uma braçada de roupas.

- Experimenta todas - digo. - Exceto o azul. É um pouco princesa Di.

- Como sabes que não é desse estilo que estou à procura?
- Inclina a cabeça para um lado e assume uma expressão que posso apenas descrever como dengosa. - Nada mal, hein?

- Favorece-te muito.

- Parece que Pad costumava ter uma coisa pela princesa Di. - Ri-se com carinho quando diz isto. - Antes do meu tempo, como é óbvio.

Reprimo um «por ela e pela maior parte do resto da população feminina». Porém, não quero entrar numa conversa do género «Patrick não é adorável?», por isso reviro apenas os olhos no que espero seja um estilo imparcial, sem juízos de valor.

- Aquele vermelho parece mesmo bom para ti - digo para a distrair, batendo com o braço no vestido vermelho que ela segura na mão. - Esse primeiro.

Todos eles lhe ficam muito bem. Tento fingir interesse nos que ela deve escolher. Lanço até um comentário «compra-os todos», o que a faz erguer as sobrancelhas. Por fim, anuncia-me que não consegue decidir-se (nunca consegue decidir-se, é uma das razões por que não sou muito fã de ir às compras com ela) e vai, conscienciosamente, pô-los todos de volta nos seus lugares.

- Não acho que esteja com a disposição certa - diz.

Por mim tudo bem. Isso significa que podemos ir embora e instalarmo-nos num café a beber chá e a comer bolos.

- Andas a sair com alguém? - pergunta enquanto sirvo o chá. - É por isso que andas tão fugida de momento?

Raramente aborreço Michelle com os pormenores da minha vida amorosa. Ela já ouviu tudo antes e, de qualquer modo, em geral quando consegui explicar quem é alguém já rompi com essa pessoa. Não mencionei o meu encontro com Owen. Não que ela ficasse chocada com a questão de só uma noite (mais tipo uma hora e meia para ser minuciosa), mas teria de aguentar um sermão sobre segurança e os perigos de convidar um desconhecido para a minha casa.

- Na verdade, não. Desisti do Tinder.

- Graças a Deus.

- Experimentei outra vez Other Half durante um tempo, mas nada ultimamente. Mas fui tomar uma bebida com um amigo de Ian e Fiona uma destas semanas.

Aquilo desperta-lhe o interesse.

- Quem? Conta-me tudo!

Não posso de facto explicar-lhe todo o fiasco de Adam (ela queria saber por que razão eu estava tão absorta e quase malcriada e não podia dizer «Porque estava a pensar no que poderia estar a acontecer com Patrick e Bea»), por isso invento outro homem e os motivos por que não o vou ver outra vez (um pouco novo, uma filha de uma relação anterior que fica com ele todos os fins de semana), chamo-lhe Justin porque é o primeiro nome que me vem à cabeça e dou-lhe uma barba *hipster* e um boné achatado com pala. No final, já me afeiçoei muito a ele. Podia tornar-me muito boa nesta aventura das mentiras.

Na tarde seguinte, estou quase a dormir no sofá a ver *Columbo* quando o meu telefone toca. Quando vejo o nome de Patrick, o meu primeiro instinto é atirar o aparelho para a máquina de lavar e programá-la para muito quente. Depois percebo que não posso deixar de atender. Alguma coisa terá corrido mal? Merda. Entendo por que razão a curiosidade matou tantos gatos inocentes.

- Olá - digo, nervosa.

- Ei. Estás bem?

Com certeza que ele não telefonou para conversar. Só consigo monossílabos.

- Sim.

- Ótimo. Preciso de um favor.

Aquilo desperta-me.

- Estás a gozar, não?

Ele não acusa o golpe.

- Se Michelle perguntar, podes dizer-lhe que apareci aí na tua casa hoje durante umas horas? Ela foi a um *spa* e eu

não estava à espera que ela voltasse senão por volta das cinco, porque tinha uma massagem marcada, mas, quando cheguei, mesmo agora, afinal ela estava em casa há horas porque a terapeuta estava doente ou algo assim. Tinha tentado ligar-me mas... como é óbvio o meu telemóvel estava desligado. Entrei em pânico e disse que tinha estado em tua casa. Desculpa. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

Não consigo acreditar no que estou a ouvir. Tenho de lhe pedir para repetir e, mesmo assim, não sei se ouvi corretamente.

- Queres que te encubra?

- Não é nada de especial, Tamsin.

- Como podes dizer que não é nada de especial? Queres que minta a Michelle sobre o facto de teres estado com a tua amante? Presumo que foi aí que estiveste?

- Mentir outra vez, queres dizer.

- Não me podes pedir para fazer isto.

- É só se ela te perguntar. Que quase de certeza não pergunta.

- Não. Isto não é justo. Diz-lhe que estiveste noutro sítio qualquer se quiseres, mas não me envolvas.

- Demasiado tarde. Já o disse. Por favor, Tam. É a última vez, prometo.

- Porque porra não lhe disseste que tinhas ido dar uma volta, ou às compras, ou uma coisa assim?

- Porque me saiu. Pareceu-me a melhor coisa para fazer, dizer uma coisa que ela pudesse verificar se quisesse, dado o que tem estado a acontecer.

Isto é um pesadelo. Percebo então que tenho de tomar uma atitude. *Okay*, talvez ele acabe por ser apanhado um dia. Mas acredito mesmo que ele me trairia e contaria a Michelle?

Na verdade, sim, acho que sim. Já não conheço este homem. Parece capaz de tudo.

Mas ela acreditaria nele? Ele só lhe diria se ela tivesse descoberto as suas outras indiscrições. Já saberia que ele era um mentiroso experiente. Michelle acreditaria que eu podia fazer uma coisa tão desleal, tão ofensiva? A palavra dele (que se provou não valer nada) contra a minha?

Acho que não acreditaria.

Decido que tenho de desmascarar o *bluff* dele, fazer-lhe frente.

- Não posso.

- Não podes?

- Não. Não consigo continuar a amontoar intrujices em cima de intrujices, mesmo que tu consigas.

Patrick solta um suspiro ruidoso.

- Como se parecesse que existe outra opção. Sabes que se Michelle descobrir sobre mim e... ela... é tão mau para ti como será para mim.

Okay, cá vai.

- Decidi correr esse risco.

Ele fica em silêncio durante um segundo enquanto, imagino, assimila aquilo.

- Ah! - exclama por fim. - Achas que ela não vai acreditar em mim. Se calhar tens razão. Michelle é muito crédula.

- Assim...

- Não posso obrigar-te a ajudar-me. Porém, é uma pena que me tenhas mandado aquela mensagem.

Sinto-me como se estivesse a cair. Como se o chão tivesse fugido debaixo de mim. Já estou sentada, por isso agarro-me ao braço da poltrona para me apoiar.

- Pensei que tinhas apagado isso - respondo, agarrando-me a qualquer palha.

- A sério? Lembras-te do que dizia?

Ouçoo a premir botões no telemóvel. Não me lembro palavra por palavra. Apenas a essência. É o bastante.

- Ah, cá está - diz Patrick, com a voz mais distante. *Ainda não consigo acreditar que fizemos aquilo a noite passada. Demasiado vinho, ah, ah. Estou a sentir-me horrivelmente*

culpada e tenho a certeza de que tu também. É bom nunca dizermos a Michelle. Só a perturbaria apesar de não ter significado nada. T. Achei que o «ah, ah» era um toque muito giro – acrescenta.

Bea

É óbvio que nunca pretendi que acontecesse nada. O meu plano era chegar lá, despachar aquilo e sair de lá depressa. Só não contara que Patrick Mitchell fosse tão giro, só isso.

Depreendera que ele era bem-parecido pelas fotos que Tamsin me mostrara. E a mulher parecia muito amorosa. Michelle. Bonita mas um pouco desinteressante. Recordo-me de sentir pena dela. Era claro que não fazia ideia nenhuma do que o marido era capaz. Para ser sincera, eu acreditava na maior parte dos boatos que ouvira, apesar do que dissera a Tamsin. Havia simplesmente demasiados para não ser verdade.

Cheguei ao meu pequeno quarto abafado no Inn barato-mas-perto por volta das cinco horas. Continha uma televisão do tamanho de um prato de jantar, um secador que estava preso à parede para o caso de algum dos hóspedes ser cleptomaniaco e uma falta notória de um minibar. Havia espuma de sabonete em parte do lavatório. Qualquer coisa que se parecia suspeitosamente com um pelo púbico no chuveiro. O evento começava às sete, por isso andei por ali a não fazer nada durante um bocado e

depois, mesmo quando um tédio de morte estava quase a instalar-se (não aguento não fazer nada, muito menos não fazer nada sozinha num buraco de merda) eram horas de me arranjar.

Fiz um esforço sério. Quase queria que ele se atirasse a mim para poder informar Tamsin que a coisa correra muito bem. Preocupava-me que, se ele não o fizesse, se fosse inocente do que o acusavam, ela pudesse pensar que eu não me esforçara o suficiente. As provas seriam inconclusivas. E, se eu tinha de levar isto a cabo, bem podia tentar conseguir a nota máxima. Quanto mais estrelas douradas conseguir acrescentar ao meu nome, melhor.

Usei o vestido vermelho justo que Tamsin sugerira. Não sou de me vangloriar, mas sei quais são os meus pontos bons, cintura fina, pernas compridas, e aquele vestido certamente que as exibia. Passei séculos a fazer a maquilhagem. Sou muito pouco hábil a maquilhar o meu próprio rosto. Ou acabo a parecer uma palhaça ou uma prostituta, ou ambas se é que existe tal coisa (nota para mim própria: verificar se lançar um bordel cheio de prostitutas palhaças seria um empreendimento astuto para fazer dinheiro). A dado ponto, limpei tudo e comecei outra vez. No final, estava com um aspeto bastante razoável.

Cheguei ao hotel de luxo onde se realizava o evento ao bater das sete. Estava a morrer por uma bebida. Mas Tamsin tinha-me repetido: não bebas mais de três copos de champanhe. E concordei com ela. Sei que posso descontrolar-me um pouco quando bebo um bocado. Mas isso não a impediu de o dizer mais umas cinco vezes. Quando Tamsin faz questão, gosta de reforçar as coisas.

Estavam a distribuir copos com alguma coisa morna, com gás e muito doce, quando entrávamos. Com toda aquela expectativa de como ia abordar Patrick e cumprir a minha missão, nem sequer pensara como ia ser horrível estar numa sessão destas sozinha. Não sou o tipo de pessoa que consegue iniciar uma conversa com um desconhecido

qualquer. Não é só o facto de não querer, o que não quero, é que não sei como. Namoriscar consigo. A conversa banal «E o que faz?» dá cabo de mim.

Dei uma vista de olhos rápida em volta, mas não havia ninguém que conhecesse. Toda a gente se encontrava em grupos de quatro ou cinco, a bater nas costas uns dos outros e a fazer tilintar os copos à esquerda, direita e centro. A melhor noite de sempre, porque poderiam ganhar algum prémio. Mais tarde, sem dúvida que quatro quintos deles estariam a chorar nos seus pudins. O seu momento de glória cruelmente arrebatado. O discurso fraco e entediante que tinham escrito, a agradecer a toda a gente desde o cônjuge e filhos até Deus, amachucado e atirado para o caixote do lixo.

Andei por ali um bocado, a beberricular o meu espumante e depois decidi dar uma olhadela ao mapa dos lugares. Podia muito bem ir sentar-me no lugar que me estava destinado. Poderia ser menos humilhante do que estar ali de pé sozinha. Além disso, podia descobrir em que mesa Patrick se encontrava, o que facilitaria tentar caçá-lo mais tarde.

Estava a olhar em volta para ver onde estaria o mapa quando o vi. A minha presa. Reconheci-o de imediato das fotografias, mas a primeira coisa que me veio à cabeça foi que ele era muito mais atraente ao vivo. O que é dizer alguma coisa. A segunda coisa foi, merda. Tenho mesmo de fazer isto agora.

Ele estava a conversar com um grupo de pessoas. Um homem e três mulheres. Aproximei-me um pouco mais e parecia tudo muito profissional. Ouvi palavras como «resultado final» e «contingência». Não propriamente preliminares. O mapa dos lugares estava mesmo atrás deles, por isso espremi-me para passar, certificando-me que escolhia o caminho mais perto de Patrick. Ele dirigiu-me um sorriso quando passei, mas não me pareceu mais do que amigável. Caramba, mas aquele homem tem um sorriso bonito.

E então foi isso: chamaram-nos para o salão principal, sentei-me numa mesa cheia de pessoas que não conhecia e com quem não tinha qualquer interesse em falar, serviram uma entrada de camarão e abacate e a cerimónia interminável começou. Mas pelo menos tinha-o na minha linha de visão.

Tamsin

Assim, aqui têm. O marido da minha melhor amiga e parceiro sexual uma-vez-durante-breve-segundo-antes-de-cairmos-em-nós está agora a chantagear-me. A prova incriminatória em questão: uma mensagem que estupidamente lhe enviei em pânico depois do nosso encontro. Ele guardou-a. Tem-na. Não posso fazer nada a esse respeito. E o pior é que é vaga. Torna óbvio que aconteceu alguma coisa entre nós de que me envergonho e quero manter em segredo, mas não chega a dizer que não concretizámos o que iniciámos. Que ele teria continuado, mas que eu parei.

Patrick parece satisfeito consigo próprio, nada como alguém que acabou de descer a uma baixeza sem precedentes, mesmo para ele, o rei recém-coroadado da baixeza.

- Estás a fazer a porra de uma chantagem comigo! Isto é inacreditável.

- Claro que não estou. Estou só a dizer, é tudo. Michelle poderá não apreciar essa mensagem.

- O que te aconteceu? Estás a ouvir sequer o que estás a dizer?

- Tamsin, não quero discutir contigo. Estou só a pedir-te um favor. Não é um problema assim tão grande.

- E, se eu não o fizer, mostras a minha mensagem a Michelle?

- Caramba, não! Não quero que ela a veja, não mais do que tu. Tudo o que estou a dizer é que, se ela começar a perguntar onde estou o tempo todo, então não será bom para nenhum de nós.

- És mesmo uma merda.

- É só se a coisa surgir.

- Basta, Patrick. Mas mais nada.

- Fico a dever-te.

- Tenho de desligar - digo e termino a chamada.

Então agora tenho duas opções, posso alinhar com Patrick, encobri-lo, tentar certificar-me que Michelle não descobre o que ele anda a fazer. Mas quando irá acabar? Faço-lhe este favor, depois haverá outro e ainda outro. Ele ainda andarà a acenar com aquela mensagem na minha cara daqui a vinte anos. E Michelle ainda será ditosamente feliz, sem ideia nenhuma que passou a sua vida inteira com um sacana infiel.

Ou (e sejam indulgentes comigo, porque não faço a mínima ideia de como vou conseguir isto) posso arranjar uma maneira de desativar a bomba. E se Michelle descobrir como é o marido, então talvez até seja melhor. Pode decidir se quer ou não ficar com ele mal conheça todos os factos.

Tenho só de tentar apagar primeiro aquela mensagem.

Decido fazer uma lista. Uma lista faz sempre com que tudo pareça melhor.

Há apenas uma coisa de que me consigo lembrar para lá pôr:

Apagar mensagem de texto

Sento-me a fitar aquilo durante um bocado, mas não tenho nenhuma inspiração, por isso faço uma sublista.

Telemóvel

Verificar fotografias para o caso de ele ter gravado uma imagem de ecrã

Feito transferência para o computador dele?

Feito transferência para o computador do emprego?

Porra. Nunca mais vou saber se a apaguei por completo do mundo. Embora, de facto, não possa acreditar que ele tenha feito uma cópia no computador do emprego, porque presumo que Verity o use o tempo todo. E Verity adora-o e admira-o. Ele nunca ia querer que ela descobrisse como é na realidade.

Além disso, desde que ele pense que ganhou, é provável que nem lhe passe pela cabeça que me possa transformar numa espécie de detetive particular. Vou ter de fazer simplesmente o que puder. Qualquer coisa será um começo.

Conduzi-lo a uma falsa sensação de segurança é o primeiro passo. Preciso outra vez de estar à vontade na casa deles, para poder descobrir alguma maneira de dar uma boa espiadela no telemóvel dele.

Ontem, Michelle perguntou-me se eu queria ir lá a casa para o Sábado de Ataque Cardíaco no próximo fim de semana. Eu tinha a minha desculpa preparada. Prometera ao meu irmão mais velho e à mulher que os ia visitar no fim de semana. Tenho de ter cuidado com o que digo quando se trata da minha família, porque Michelle, tal como disse antes, adora e é adorada pelos meus pais. Se calhar, fala com eles com tanta frequência como eu. Porém, não conhece muito bem os meus irmãos. Eles eram demasiado velhos para se interessarem pela amiga da irmã mais nova que aparecia lá em casa quando andávamos na escola (Rob

tem mais dez anos que eu e Sasha oito. Eu fui «um pouco um descuido», disse-me certa vez a minha mãe. «Num bom sentido, como é óbvio», acrescentou com rapidez quando viu a expressão do meu rosto).

Telefona a Michelle e digo-lhe que os meus planos foram alterados. Rob e a mulher, Sally, decidiram ir para fora no fim de semana. Tenho outra vez tempo. Adoraria ir lá a casa, já se passaram semanas desde que tivemos uma noite como deve ser, nós os três. Michelle, claro, está encantada. As suas duas pessoas favoritas na mesma sala.

- Estou de serviço à salada? - pergunto antes de desligar.

- Claro. Alguém tem de fazer a salada que deixamos todos a favor da massa.

- Detesto que as minhas habilidades não sejam apreciadas.

- Vou dizer a Pad para começar a planear as coberturas para os gelados. Estou farta de chocolate e morango. Estamos em dois mil e quinze, onde está o caramelo ou o figo em calda de vinagre balsâmico?

- Fantástico - digo, a tentar injetar algum entusiasmo à minha voz.

Não me pergunta se Patrick veio de facto a minha casa hoje. Claro que não. Agora que se sente descansada em relação a Nottingham, duvido que a questão da infidelidade de Patrick passe outra vez pela cabeça de Michelle. A não ser que outra pessoa qualquer o pergunte.

Anne Marie, Ian e eu estamos a almoçar, uma coisa que pretendemos sempre fazer com regularidade, pois é uma oportunidade para conversarmos sobre como as coisas estão a correr, mas as nossas agendas sobrecarregadas significam que é raro acontecer.

Estamos sentados na esplanada do pequeno restaurante italiano da esquina na nossa mesa favorita. Ian e eu em segurança à sombra, Anne Marie, por insistência própria, à

torreira do sol. Tem apenas sessenta e três anos, mas as rugas de uma mulher de setenta e cinco e não quer saber. Adoro-a por isso. Vai de férias na próxima semana. Sete dias ao sol na Grécia com a sua melhor amiga Mary. Vão todos os anos. Anne Marie regressa a parecer-se com uma uva passa.

O minúsculo terraço está forrado de hera de plástico e luzinhas a gotejar da treliça. Garrafas de *chianti* vazias encimadas com velas meio derretidas completam o quadro. Durante o dia já parece um cliché. Mal escurece, despedir-se-ia o cenógrafo se isto não fosse a comédia romântica mais delicadoce. É tão piroso que é perfeito. Todos pedimos sem sequer olhar para a ementa. Massa com *pesto* para Ian e para mim, lasanha e salada para Anne Marie. Não precisamos de falar do que está a acontecer com os nossos programas porque é para isso que servem as reuniões gerais. Os almoços são para que nós os três possamos refletir sobre como o negócio está a correr. Aplanar eventuais falhas.

- Lucy é tão sacana - digo, assim do nada. Os meus sentimentos não constituirão surpresa para nenhum deles. De facto, sei que Anne Marie sente tal e qual o mesmo que eu. Ian revira os olhos.

- Ela é eficiente.

- Hitler também era - respondo. Ian ri-se e Anne Marie resfolega para a sua água gasosa.

- Sei que ela pode ser uma chata - diz Ian, desembrulhando um gressino. - Mas faz o que preciso que faça, por isso não tenho intenção de me livrar dela.

- Ou Bea faz por ela.

Ian suspira.

- Não continuam com questiúnculas, pois não?

Aceno com a cabeça.

- Mas é lá entre elas. Só acho que Lucy às vezes toma liberdades. Quer dizer, pedir a Bea para fazer o trabalho

dela porque ia ao cabeleireiro? Qual é o problema da hora do almoço?

- Eu falo com ela.

- Diz-lhe para a próxima vez confirmar comigo se Bea está livre antes de lhe pedir para a substituir. Isso vai calá-la.

- Sim, se explicares a Bea que, se houver uma verdadeira emergência, ela tem de fazer o trabalho.

- Ela faz sempre - respondo, indignada. Sinto sempre necessidade de defender a posição de Bea. E, na realidade, sei que Ian a estima tanto como eu, só quer que o vejam como pessoa que trata todas as assistentes de forma igual.

- O que estão a achar de Ashley? - intervém de repente Anne Marie. - Penso que se está a integrar bem.

Ian encolhe os ombros, sem se comprometer, e eu não digo nada, porque não me ocorre nada para dizer.

Silêncio. Final de conversa.

Bea

A cerimónia da entrega dos prémios foi na sala, apelidada de forma um pouco dramática, salão de baile, no rés-do-chão. Visto que o hotel tinha sido claramente construído nos anos oitenta e o salão tinha todo o encanto de um armazém de revenda, eu não conseguia imaginar que tivesse havido ali muitos bailes. Porém, tinham feito um esforço, com toalhas de mesa brancas e cadeiras enfeitadas com laços vermelhos. Havia centros de mesa feitos de raminhos com velas não acesas no meio, presumo que por razões de segurança. Os suportes para os nomes das pessoas em plástico prateado. Para ser sincera, era tudo um pouco tipo decoração de casamento.

Felizmente, Patrick estava sentado numa mesa na minha linha de visão. À sua esquerda, sentava-se uma mulher na casa dos, diria, quarenta e muitos anos. Cabelo curto, má maquilhagem e ombros de jogador de rãguebi no seu vestido pregueado à grega. Do outro lado, estava um tipo de uns cinquenta anos. Não havia ninguém perto dele que parecesse provável poder prender-lhe a atenção, a não ser, claro, que se interessasse por braços de pele flácida e

troncos quadrados. Ou homens de meia-idade em *smokings* alugados.

Eu não tinha a certeza do que sentia a esse respeito. Vê-lo envolvido em conversa atiradiça com outra pessoa qualquer teria sido muito mais fácil do que ter de fazer eu uma investida, mas assim nunca teria realmente sabido a verdade sobre o que se estava a passar. Sabia que não havia grande coisa que pudesse fazer enquanto decorria a cerimónia. Estabeleci o mínimo de conversa educada com as pessoas sentadas ao meu lado (produtor e cenógrafo de algum programa de decoração de interiores que estava nomeado para um prémio. Esqueço-me como se chamava. De qualquer modo, sabe Deus o que pensariam que eu estava a fazer na mesa deles). Passaram a maior parte da primeira meia hora e falar em sussurros altos comigo no meio. Ofereci-me para trocar de lugar, mas todas as outras pessoas na mesa pareciam ser da mesma produção, por isso continuaria a sentir-me como uma penetra.

Quando chegou o primeiro prato (e o apresentador estava a anunciar o terceiro prémio da noite), eles tinham desistido de tentar falar um com o outro e estavam todos satisfeitos a conversar com os seus colegas do outro lado. Lancei uma olhadela à costeleta de carneiro anémica e ao puré de batata empapado e decidi esgueirar-me lá para fora para um cigarro. Verifiquei que Patrick ainda estava muito entretido com o que se passava no palco e abri caminho para o *foyer*.

Um dos empregados deixou-me ficar na saída de emergência junto ao bar para eu poder ouvir o que se passava lá dentro, embora não tivesse nenhuma esperança que a entrega dos prémios fosse terminar tão depressa. Sabia que me aguardava uma longa noite. Fumei o meu cigarro e depois decidi, que se lixe, bem posso pedir um *cocktail* e bebê-lo aqui. O espumante já se esgotara há muito e tudo o que havia nas mesas era *Chardonnay* morno.

Comprei um *Manhattan*. Sentei-me ao balcão. Pensei em mandar outra mensagem a Tamsin. Já lhe enviara uma jocosa quando chegara (a águia pousou, qualquer coisa patética do género), mas não consegui pensar em mais nada para dizer. Verifiquei o meu *e-mail* (nada), Facebook (168 amigos. Duas notificações, uma da minha prima e uma de Ali) e Twitter (73 seguidores. Nada). Passei as minhas fotografias. Na outra sala, conseguia ouvir outro vencedor feliz a afirmar de forma efusiva como estava emocionado.

E então ergui a cabeça e Patrick Mitchell caminhava direito a mim, na direcção do salão, por isso já devia ter passado por mim a caminho, presumi, da casa de banho. Sobressaltei-me como se tivesse feito alguma coisa errada. Corei. Sorri. Ele devolveu o sorriso. Sabia que era uma oportunidade preciosa, tinha só de pensar nalguma coisa espirituosa e atiradiça para dizer que lhe pudesse prender a atenção. Confiei que ele estivesse tão entediado como eu.

– Acha que isto está para acabar?

Ele abrandou o passo. Percebi que me examinava. Encolhi a barriga e sentei-me um pouco mais direita no meu banquinho.

– Não. Na realidade, morremos e fomos para o inferno. A partir de agora é assim. – Fez um aceno de cabeça para o meu *cocktail*. – Porém, isso parece uma boa ideia.

Cá vai:

– Estou a pensar em tomar outro. Devia juntar-se a mim. Ajuda mesmo a aguentar a seca.

Esperei com a respiração suspensa, querendo e não querendo que ele aceitasse a proposta. Se recusasse, não fazia ideia de como iria arranjar coragem para tentar outra vez mais tarde.

Ele estendeu uma mão.

– Patrick Mitchell.

Eu estiquei o braço e apertei-a.

– Cheryl Martin.

– Outro... o que é isso?

- *Manhattan*.

Patrick fez estalar os dedos e o empregado do bar perfilou-se.

- Dois *Manhattans*.

Não pude deixar de ficar impressionada.

Tamsin

Então aqui estamos sentados na cozinha de Michelle e Patrick, como se fosse uma noite de sábado normal. Há uma enorme taça de massa *arrabiata* à nossa frente, uma salada de tomate, cebola, manjerição e hortelã feita por mim e pão de alho saído de um pacote.

Patrick está sentado à minha frente, mais para a direita. O seu telemóvel, reparei mal cheguei, está colado a ele como se preso com velcro. Já foi à casa de banho uma vez e pô-lo no bolso quando saiu da cozinha. Presumo que ainda lá esteja agora.

Estou a funcionar numa de «Está tudo bem. Nada para ver aqui, toca a avançar» desde que cheguei. Mesmo antes. Treinei o meu sorriso no táxi quando vinha para cá. É óbvio que tanto Patrick como eu sabemos que tudo está longe de estar bem, que há menos de uma semana ele estava, para todos os efeitos, a pespegar-me com algum tipo de ameaça de chantagem, mas, para além da necessidade de fingir por causa de Michelle, o meu plano envolve dar-lhe uma falsa sensação de segurança. Quero que ele se sinta outra vez à vontade comigo, para baixar a guarda. Então poderei atacar.

Digo «o meu plano» como se fosse algum génio do crime com um plano infalível para o assalto final. Até agora, tudo o que consegui fazer foi pensar no que poderia correr mal.

Oh, e tenho um novo lema. OQFC? O Que Faria Columbo?

A única coisa de que tenho a certeza é de que preciso de apagar aquela mensagem e todos os seus possíveis fac-símiles. Objetivo número um: apanhar-lhe o telemóvel. É óbvio que ele o vai vigiar como se a sua vida dependesse disso, portanto, a única coisa que posso fazer é esperar pelo momento certo e ter esperança que ele acabe por ter um deslize. É importante que eu faça Patrick sentir que estou a alinhar na fraude dele. Por isso, quando cheguei e ele abriu a porta de entrada, cumprimentei-o como o velho amigo que ele foi outrora e, quando Michelle saiu da sala por um instante e ele articulou com os lábios «Estamos bem?», eu sorri com o meu sorriso treinado e assenti «Sim». Ele não é estúpido. Deve saber que não esqueci simplesmente o que se passou. Mas estou a contar que pense que me decidi por uma vida fácil.

Ver Michelle olhar para Patrick com os seus olhos de cachorrinho em adoração está a matar-me o apetite. Ela estende o braço e pousa-lhe uma mão sobre o joelho e apetece-me vomitar. Ele coloca a mão sobre a dela, levanta a cabeça e fita-me como se dissesse «Bem, o que vais fazer a este respeito?».

Desvio o olhar. Felizmente, uma coisa prende-me a atenção.

– Tens uma chaleira nova?

Oh, sim, senhoras e senhores, apresento-vos algumas das melhores capacidades mentais do nosso tempo.

– Comprei! Bem observado.

– Compraste? – pergunta Patrick, olhando em volta.

- Estás a ver - diz Michelle. - Já a deve ter usado umas cinco vezes e nem sequer notou. Não sei se é essa a diferença entre homens e mulheres ou se ele é apenas de compreensão um pouco lenta.

Patrick ri-se com indulgência e olha para ela como se a amasse tanto quanto ela o ama.

Não há qualquer menção de quaisquer compromissos de trabalho urgentes que possam fazer Patrick sair esta noite, nenhum nome proferido por acidente ou referências apressadamente desmentidas a restaurantes onde Michelle nunca pôs os pés. De facto, contam-me que decidiram partir numas férias de verão tardias. Patrick descobriu uma pechincha de último minuto, uma *villa* em Puglia. Com piscina própria.

- Espero que não esteja demasiado quente tão para sul - diz-me Patrick e faz uma careta. Está a fazer uma imitação fantástica de um homem preocupado com o conforto da sua mulher de pele clara.

Michelle olha para Patrick com ternura. Ele aperta-lhe a mão.

- Vai ser lindo - observa ela. - Tenho uma fotografia aqui algures. - Pega no telemóvel, procura.

- Raios, pensei que tinha tirado uma foto do ecrã.

- Oh, não, espera, fui eu - responde Patrick, a rir-se, e tira o telemóvel do bolso. E lá está, a prova A. A atormentar-me. De facto, está à distância de o poder agarrar.

Surge-me uma imagem na cabeça, eu a arrancar-lhe o telemóvel da mão, ele a arrebatá-lo de volta, Michelle a rir-se porque presume que é algum tipo de piada, depois a perceber que nenhum de nós está a sorrir. Não posso fazer nada senão olhar para ele com ansiedade. *Ron* quando vê uma salsicha.

Patrick encontra a imagem e mostra-ma, segurando firme no telemóvel, como se conseguisse ler-me os pensamentos. Não há como negar que a *villa* parece adorável. Pedra branca, céus azuis, olivais.

- Deslumbrante. Quando vão?
- Última semana de setembro...
- Se eu conseguir arranjar tempo - interrompe Patrick.
- Se Pad conseguir um período de folga. Mal posso esperar, literalmente. - Michelle inclina-se para Patrick quando diz isto e ele passa-lhe um braço em volta.
- Bem, isso não é rigorosamente verdade - comento e Michelle faz-me uma careta. Sabe que tenho uma coisa com a palavra «literalmente». - Estou com ciúmes - continuo num esforço para me mostrar simpática. Eles olham radiantes para mim.

Para uma pessoa de fora, não informada, parecem um casal feliz. Imagino que para um deles os dois também pareça. Com certeza que me poderia levar ao engano.

Patrick volta a enfiar o telemóvel no bolso da frente das calças de ganga. De certeza que não vou lá esquadrihar à procura dele.

Estou um pouco entalada. Não ousa sequer fazer nenhuma pergunta capciosas, porque Patrick me toparia num segundo, por isso acabo por pensar: «Que se lixe. Bem posso tentar ter uma noite agradável e ter esperança que, a dada altura, o telemóvel lhe caia do bolso e ele não repare.» Columbo acenderia um charuto. Eu sirvo-me apenas de outro copo de vinho.

Bea

Assim, eu e Patrick Mitchell, sentados no bar a beber *Manhattans*. Eu estava a tentar concentrar-me no trabalho entre mãos, mas a verdade é que namoriscar com ele não era difícil. Em primeiro lugar, tal como disse, ele era, é, muito atraente. Além disso, não precisava quase de nenhum encorajamento para retribuir. E, em segundo lugar, era fácil conversar com ele. Descobrimos que tínhamos muito em comum, apenas coisas estúpidas como gostarmos imenso os dois de *The Bridge* (apenas a versão original dinamarquesa) e de irmos a bares de pingue-pongue.

- É isso que estarias geralmente a fazer numa quinta à noite? Se não estivesses aqui? - perguntou ele. - A jogar pingue-pongue e a ver ficção policial *noir* escandinava?

- Alguma coisa desse género. - Ri-me. - Ver escandinavos a jogar pingue-pongue na televisão seria de facto preferível a isto.

- É penoso, não é? Dói-me o rosto de fingir sorrisos encantados sempre que alguém ganha.

- Se voltar lá para dentro, vou começar a interromper com apartes. É a única maneira de esta noite se tornar suportável.

- Está bem, desafio-te - respondeu ele. - Na verdade, não. Poderia tornar a coisa ainda mais longa.

- Dá-te por satisfeito por teres retirado o que disseste tão depressa. Nunca digo que não a um desafio.

- Aposto que não - retorquiu ele, o que era, admito, um bocadinho embaraçoso. - Estás cá porque trabalhaste num desses programas?

Mudei rapidamente de assunto. Disse qualquer coisa sobre ter estado envolvida num dos programas nomeados no meu antigo emprego.

- Mas numa posição muito subalterna. Mesmo que ganhemos, não subo ao palco. Só me convidaram porque alguém desistiu no último minuto.

- E agora trabalhas para...?

- Kismet.

Ele pareceu perplexo, compreensivelmente.

- Acho que nunca nos encontrámos.

- Somos novos. E muito pequenos.

Depois disso, tentei desviar-me de demasiada conversa do tipo «Cheryl da Kismet». Por um lado, tinha receio de me trair. E parecia errado. Estávamos a dar-nos tão bem, ele estava a ser tão encantador, nada sórdido, que era o que eu imaginara que seria. Gostava dele. De facto, gostava dele e desejava-o. E isso punha as coisas sob um ângulo muito diferente.

Deixem-me esclarecer que não sou pessoa de ter o hábito de ir com homens casados. Não tenho grandes opiniões sobre isso, não tem nada a ver com fraternidade de irmãs nem nada dessa merda, mais com o facto de ter sido sempre sensata o suficiente para saber que acabará em lágrimas. Pelo menos para mim. Parece apenas uma data de chatices em que não me quero envolver. Às vezes, porém, como se costuma dizer, a merda acontece.

Passada cerca de mais ou menos uma hora, com a cerimónia dos prémios ainda a zumbir em pano de fundo, ignorada por nós, era bastante óbvio que alguma coisa ia

sucedem. A dada altura, o meu cérebro deixou de me lembrar que tinha de pedir licença e ir-me embora, quando se tornou absolutamente evidente que Patrick estava a fim, e começou a sugerir que não havia de facto grande problema em concretizar o que eu começara. Claro que nunca poderia contar a Tamsin, mas podia dizer-lhe que ele era mesmo infiel, sem mencionar que traíra a mulher comigo também. Ela recebe a prova dela. Eu divirto-me. Tarefa concluída.

A dada altura, a mão dele roçou na minha quando ele estendeu o braço para o copo e nenhum de nós se mexeu durante um bom par de segundos. Já havia agora algumas pessoas em volta, na sua maior parte nomeados que tinham perdido a afogar as mágoas com os seus amigalhões e, estranhamente, isso aumentou a excitação. Apenas aquele breve tocar de mãos. Nada mais podia acontecer num lugar tão público. Não vou negar que me sentia mais do que um bocadinho excitada.

O momento foi interrompido por umas pessoas que vieram cumprimentar Patrick e depois maçá-lo sobre um programa qualquer. Percebi que ele estava a tentar livrar-se delas. Mal elas perceberam a insinuação, ele sorriu-me e perguntou:

– Queres vir tomar uma bebida ao meu quarto?

Nem sequer hesitei. Quando telefonei a Tamsin para lhe dizer que a cerimónia dos prémios tinha por fim terminado e que ia tentar iniciar uma conversa com Patrick, na realidade, ia a caminho do quarto 639, tendo ele ido à frente porque disse que as pessoas podiam interpretar mal as coisas se nos vissem a sair juntos.

Parecia a coisa pior, mais excitante e mais perigosa que eu já fizera.

O quarto dele era uma dessas suítes que são como um pequeno apartamento. Quarto, sala de estar, casa de banho do tamanho de um salão de baile. Televisões de ecrã plano por todo o lado e uma banheira de rebordo curvo. Decorado

com bom gosto em tons de vermelho-escuro, creme e castanho. Pelo menos três vezes o meu casinhoto, talvez quatro. Ele abriu uma garrafa de champanhe do minibar quando lá cheguei. Dois copos alinhados lado a lado.

- Estou contente por teres vindo - disse, passando-me um deles.

- Eu também.

E depois inclinou-se para a frente e beijou-me e, para ser muito sincera, esqueci tudo o resto.

Tamsin

Passar o resto da minha vida à espera que Patrick se descaia ao mesmo tempo que minto à minha melhor amiga sobre a infidelidade do marido não é um projeto atrativo. Preciso de fazer alguma coisa para me distrair.

Desde o meu encontro com Owen que tenho tido algum receio de iniciar sessão no *site* Other Half. E se ele adicionou algum comentário ao meu nome? «Queca garantida na primeira hora e meia ou devolvemos o seu dinheiro.» Considero a hipótese de me inscrever noutra agência, mas parece tudo demasiado esforço. E para quê? Alguns copos de vinho e alguma conversa oca forçada antes de ou ele ou eu se desculpar com precisar de se deitar cedo.

Vou consultando os meus contactos no telemóvel, à procura de amigas com quem não falo há algum tempo. Annie, a minha colega de quarto da universidade, está grávida de cinco meses do terceiro filho e a ameaçar transformar-me em madrinha, por isso é melhor evitá-la por uns tempos; Billie (nome verdadeiro Wilhelmina) não vai a lado nenhum sem a seca do marido por isso fica eliminada; Carrie não vai a lado nenhum, ponto final,

porque não confia em ninguém que tome conta dos filhos; Caz fica sempre tão feliz por ter uma desculpa para descarregar os seus dois no marido que insiste em ficar fora até às quatro da manhã e beber o seu peso corporal em vodca. Uma coisa que não tenho qualquer interesse em fazer ultimamente.

Percorro a lista com mais do mesmo. Por fim, chego a Maria, uma velha amiga dos meus tempos de televisão pré-Castle. É boa companhia, divertida, franca, descomprometida. Vai casar-se!, diz-me quando lhe telefono para ver se quer encontrar-se para uma bebida. E depois continua a descrever todos os aspetos da celebração iminente em minucioso pormenor, incluindo a cor das pétalas que as damas de honor lançarão sobre ela quando o casal feliz sair da igreja e o tipo de letra que escolheu para os menus.

- No dia quatro de abril - exclama, com alegria. - Reserva a data.

- Caramba. Sim... obrigada. Vou pôr na minha agenda do próximo ano... - Merda.

Pergunto a mim mesma se ainda valerá a pena sugerir que nos encontremos. Talvez ela estivesse só a morrer de vontade de me informar de tudo e agora que o fez possa voltar a ser o seu eu normal não-noiva-zelosa. Mas depois ela diz:

- Na realidade, devia rever o mapa dos lugares contigo, para ver se detetas algumas gafes gritantes!

E invento uma desculpa de que estou cheia de pressa e que lhe telefono de novo em breve e termino a chamada antes de ela poder objetar.

Atiro com o telemóvel pelo sofá. De volta a Other Half, lá terá de ser.

Combino encontrar-me com «Paul, quarenta e dois anos, divorciado, dois filhos» para um jantar no China Tang no

hotel Dorchester. A sugestão é dele. Tem muito bom aspeto na fotografia, cabelo escuro e olhos escuros. Também a preparou muito bem. A sorrir, mas com a boca fechada, para não parecer demasiado piroso. Nada de colarinhos levantados nem gravata a gozar, para mostrar que pode ser muito divertido. Parece confiante e amigável na breve conversa que temos ao telefone. Porém, como de costume, tenho pouco esperança. Mas pelo menos vou comer boa comida.

O restaurante está pouco iluminado e decorado com bom gosto. Paul já está sentado à mesa, dizem-me quando chego. Levam-me até lá e um homem que reconheço da fotografia cumprimenta-me com um sorriso. Fico até espantada. É ainda mais atraente do que na foto, uma coisa quase inédita no mundo dos encontros *online*. Está bem, passou com certeza o primeiro teste. Não consigo perceber porque sente que tem de ir para a internet para conhecer mulheres. O que, claro, significa que penso que sou uma falhada junto com o resto da clientela de Other Half.

- Tamsin - diz ele, levantando-se. Fico aliviada por não tentar dar a volta e puxar a cadeira para eu me sentar. Isso seria um exagero. - Prazer em conhecer-te. Belo vestido. Vivienne Westwood?

- É - respondo, surpreendida.

- Sei-o só porque a minha ex-mulher era uma grande fã dela.

Oh, meu Deus, já mencionou a ex-mulher. É óbvio que isto vai ser o «problema» dele.

- Agora pareço um daqueles homens divorciados que falam das ex-mulheres o tempo todo. Não sou. Só para que saibas, divorciámo-nos há sete anos. Na altura, foi horrível para toda a gente interessada, mas agora está tudo bem. Civilizado.

- Quantos anos têm os teus filhos? - pergunto. Posso já agora descobrir se se espera que faça de mamãzinha aos

fins de semana de quinze em quinze dias, se nos dermos bem.

- Vinte e dezoito. Ambos na universidade. Não estou à procura de uma ama. Nem de uma madrastra.

Rio-me, aliviada.

- Devias pôr isso no teu perfil.

- É verdade que pensei nisso. Não achaste atroz escrever o teu perfil?

- Uma tortura.

Falamos sobre trabalho, ele está no departamento de Artistas e Repertório de uma discográfica de que já ouvi falar e não monopoliza a conversa nem se autoelogia. Sinto-me desconstrair. Penso que poderei gostar de Paul.

Parece que ele também gosta de mim, porque, para o fim da refeição que, a propósito, é deliciosa (pedacinhos minúsculos de *dim sum* e pratos de um picante subtil de camarões e vieiras), ele menciona uma exposição no museu V & A de roupas de palco de deuses do *rock* da década de 1980 que parece incrível e sugere que talvez devamos ir vê-la juntos.

- Seria fantástico - digo e percebo que fito durante demasiado tempo os seus olhos quase negros e dou um pouco a impressão de libidinosa. Demasiado vinho. Desvio o olhar, recordando-me de que não quero repetir a experiência de Owen, nem ganhar reputação de rameira do Other Half. Não consigo perceber por que razão Paul está solteiro há tanto tempo.

Ele aceita a minha oferta de pagar a minha parte, o que agradeço. Detesto quando um homem aparenta ser todo patriarca e começa a insistir que se sentirá insultado se uma mulher pagar o seu próprio jantar. Acompanha-me até lá fora, onde os táxis estão à espera.

- Falamos nos próximos dias e fazemos um plano? - pergunta e eu digo que sim.

Sinto um beijo no horizonte. É como se ambos soubéssemos que está ali perto e estejamos a tentar seguir

na sua direção sem parecer demasiado óbvios. Está mais claro aqui fora do que estava no restaurante e reparo que os olhos de Paul têm um laivo de âmbar-alaranjado no meio do castanho.

Ele está a fitar-me intensamente. Sinto-me um pouco ridícula com os porteiros ali próximo e um motorista de táxi preto a olhar-nos na expectativa. Mas quero que aconteça. Na realidade, penso que conheci alguém por quem me sinto atraída.

Paul sorri com um sorriso preguiçoso. Quase oscilo nos joelhos e depois há uma coisa que me faz voltar com brusquidão ao mundo real.

Os dentes dele.

Não é que estejam tortos. Gosto de dentes tortos, desde que estejam limpos. Os de Paul estão... verdes. Bem, de um amarelo-escuro e tipo com algum sarro. Penso em quanto tempo se teria de andar com alguém antes de ser adequado sugerir uma visita ao dentista. E quantas vezes teria de o beijar nesse período. Sinto uma onda de vômito.

Ele está a inclinar-se para mim. Tomo uma decisão, desvio-me para evitar os lábios dele e dou-lhe um beijinho na face. Esperemos que ele só pense que tenho padrões morais rigorosos. Deteto uma lufada do cheiro não-tão-agradável do seu hálito.

- Obrigada por uma noite adorável. Diverti-me muito.

- Eu também. Telefone-te amanhã?

- Fantástico - respondo, saltando para o táxi antes de ele começar com mais ideias.

Ótimo. Agora vou ter de evitar as chamadas dele ou inventar desculpas para não poder encontrar-me outra vez com ele. Suponho que posso simplesmente dizer-lhe. As pessoas hoje em dia estão sempre a defender a abordagem do «dizer-lhe na cara». Maldade mascarada de sinceridade. Mas ele é um tipo adorável. Não merece que o insultem. Tem apenas problemas de higiene pessoal.

Isto torna-me superficial? Talvez. Respondam-me a essa pergunta quando vos apresentarem uma poça rançosa de germes e vos pedirem para lá porem a língua.

Bea

Vou deixar por conta da vossa imaginação o que sucedeu a seguir. Basta dizer que não dormimos nada. Não houve nada daquele constrangimento do «sexo com uma pessoa nova», penso que porque ambos sabíamos que era só isso. Sexo. Nenhum de nós estava a tentar impressionar o outro com a nossa vivacidade de espírito ou profundo lado compassivo. Só queríamos despachar tanta ação em mais ou menos oito horas. Nem sequer fizemos uma pausa para respirar. Pelo menos, não até cerca das três da manhã. Lancei uma olhadela ao meu copo de champanhe e vi que ainda estava cheio. Para explicar como aconteceu tudo tão depressa.

Foi durante esse período de calma, ali abraçados um ao outro, a pingar suor, que lancei a bomba M. Foi um acidente total. Em retrospectiva, não posso acreditar que tenha sido tão estúpida, mas baixara tanto a guarda que até tinha esquecido por que razão ali estava.

Foi apenas depois que percebi que tinha cometido um erro muito estúpido. Patrick proferira alguma coisa romântica e ao estilo dos romances de Mills and Boon do género «Sabes que sou casado» e eu, completamente não

surpreendida, descontraída, numa névoa pós-orgasmos-mútiplos, disse qualquer coisa do tipo «Sim, não te preocupes, sei tudo sobre Michelle».

O que sucedeu a seguir, recorde-me com toda a clareza. Patrick sentou-se muito direito, olhou para mim e perguntou:

– Como sabes o nome da minha mulher?

Pensei em mentir, pensei em tentar escapar daquela situação para proteger Tamsin. Em última análise, porém, pensei que queria mesmo ver Patrick outra vez e, se assim era, precisava de dizer a verdade. Era um risco. Ele podia ir direito ao telefone acusar Tamsin, mas apostei que não quereria arriscar que ela descobrisse o que acabara de acontecer comigo, ainda estava a acontecer, para ser franca.

Contei-lhe da ratoeira. Da missão de Tamsin para descobrir a verdade. Dos boatos que circulavam a respeito dele. Pareceu passar-se uma eternidade horrível antes de ele dizer alguma coisa.

– Então que lhe vais dizer?

– Que tentei, que fiz o maior esforço, mas que resististe aos meus encantos. Que passaste no teste com distinção.

– Caramba – retorquiu, passando outra vez o braço à volta dos meus ombros, a mão a pousar-se no meu seio esquerdo.

– Ela é inacreditável.

– Posso despistá-la – disse eu.

– E nada disto partiu de Michelle? Tanto quanto saibas?

Senti de facto uma pontada de ciúmes por ele parecer preocupado com a mulher enquanto eu estava ali deitada ao lado dele. Mas sabia que era irracional. Até ridículo.

– Não. Nada.

– Ótimo. Precisas de saber já, Bea, se continuarmos com isto, que eu nunca abandonaria a minha mulher.

O que podia eu dizer? Quantas mulheres que iniciam relações com homens casados concordaram com aquela condição? Todas elas a dada altura, imagino. Tínhamos

acabado de nos conhecer, não ia propriamente começar a planejar como arrancá-lo ao amor da vida dele.

- Claro.

- Quero mesmo voltar a ver-te. Detestaria pensar que isto foi apenas coisa de uma noite... - disse ele, afastando-me o cabelo da cara.

E, como uma idiota, respondi:

- Eu também.

Gostava mesmo dele, gosto, não consegui evitar, senhor juiz.

- Mas tem de ser segredo. Não é só Michelle, é o trabalho... tudo.

- Já tens reputação. Isso não é bom. - Com toda a sinceridade, penso que disse isto porque queria saber se seria a única. A amante número um. Pensei que pudesse talvez assustá-lo um pouco para ficar comigo como a sua única relação extramarital e mais ninguém e que isso seria suficiente. Pelo menos dessa maneira poderia manter um pouco de respeito próprio.

- Eu sei. Merda. E eu a pensar que tinha sempre tanto cuidado. - Inclinou-se e beijou-me e percebi que alinharia mais ou menos com tudo.

- Posso ajudar-te a acalmar as coisas - sugeri quando parámos para respirar. - As pessoas esquecem passado um tempo se não houver nada de novo para mexericar.

- Tamsin não - retorquiu ele.

E foi aí que concebemos o plano, que ele iria ter com Tamsin a chorar por causa de uma mulher chamada Cheryl e que pensava que Michelle devia tê-la mandado para o testar. Ele achava que, se fizesse isso, ela ficaria tão surpreendida que acreditaria nele. Por que razão lhe contaria aquilo se não fosse verdade? Porém, ela ficaria avassalada de sentimentos de culpa, como é óbvio, incapaz de admitir que fora ela. Ele exageraria, disse. Tinha quase a certeza de que ela sempre tivera um fraquinho por ele.

Eu não estava muito satisfeita com o facto de tudo ir assentar na ideia de ele ressaltar a minha incompetência, mas a verdade era que tinha acidentalmente proferido o nome de Michelle, por isso não podia discutir. Sabia que Tamsin ficaria chateada comigo, mas também sabia que o meu testemunho pró-Patrick teria muita influência para a aplacar. A sua única preocupação seria que a parte dela na coisa toda poderia ser revelada e eu podia sossegá-la em relação a isso.

Quando por fim nos despedimos cerca das onze da manhã, tínhamos combinado encontrar-nos na semana seguinte. Quando nos vimos de novo, Patrick tinha a certeza de ter convencido Tamsin que as suspeitas dela estavam erradas.

- Foi hilariante - contou-me, a fazer saltar a rolha da garrafa de champanhe no quarto que tinha reservado no Mandarin Oriental. Não que fôssemos passar a noite. A história de encobrimento de Patrick envolvia apenas trabalhar até tarde. - Ela inventou todo um cenário em que «Cheryl» devia ter sido mandada como aposta de alguém na cerimónia dos prémios para me assustar.

- Mas acreditou em ti?

- Cem por cento - respondeu, a sorrir. - É óbvio que se sente muito mal.

Sei que deveria dizer que não tem sido fácil mentir a Tamsin, e às vezes não tem, mas também não tem sido propriamente difícil. A questão é que ela nunca devia ter iniciado isto. Nunca devia ter-se envolvido. Penso que ela também já sabe isso agora. Por vezes, deve-se deixar as coisas em paz.

Porém, quando ela me contou que Michelle encontrara provas de que Patrick andava a sair com alguém, quase tive um ataque de coração. Devíamos ter tido mais cuidado. Não quero perder o meu emprego. Pensei que talvez Patrick quisesse esfriar as coisas durante algum tempo, mas ele mostrou-se surpreendentemente calmo a respeito.

Segundo Tamsin, ele pressionou-a para o ajudar a safar-se. Segundo ele, suplicou e insistiu e ela concordou. Não entendo muito bem porquê. Na verdade, não quero saber, desde que ela o faça.

TERCEIRA PARTE

Tamsin

Isto está a ficar ridículo. Passaram-se semanas. Semanas sentada na cozinha de Michelle e Patrick a levar as coisas para a brincadeira, a beber e a conversar como se não tivesse uma preocupação neste mundo, todo o tempo com os olhos fixos com atenção no bolso em que ele guarda o telemóvel, a desejar que ele perca a concentração só por um segundo. Nenhuma sorte.

Certa noite não conseguia ver onde ele o tinha metido, por isso, a meio da refeição, fingi que tinha de ir à casa de banho e fiz uma revista rápida à sala de estar. Pensei que talvez ele o tivesse posto a carregar, por isso vistoriei as tomadas, levantei algumas almofadas. Nada. Quando voltei outra vez para a mesa, tendo puxado o autoclismo por uma questão de autenticidade, ele puxou-o sei lá de onde com um floreado, em princípio para consultar o *e-mail*, e fiquei a pensar se não andaria a gozar comigo. Era difícil dizer. A nossa relação assenta agora em tantas falsidades e artifícios que já não sei de facto com quem estou a lidar. Estou a começar a pensar que isto é uma tarefa impossível.

Outras coisas de monta que aconteceram incluem: Michelle e eu levámos Julian e Miriam a lanchar para comemorar o aniversário do seu casamento e Julian falou-nos dos planos da Petersen Media para um novo canal de documentários elitista, que tinha esperança se tornasse a cereja no topo do bolo, insinuando, pensei, que poderia querer que Patrick tivesse algum envolvimento nisso.

– Mas ele só trabalhou em programas de *lifestyle*, não foi? Quero dizer... não que... *hum...* – disse eu a dada altura, na minha melhor voz inocente.

Michelle fulminou-me com o olhar.

E a relação de Patrick, ou como quiserem chamar-lhe, ainda continua forte, tanto quanto posso perceber. Pelo menos, presumo que ainda é a mesma mulher. Por estranho que pareça não perguntei. Ele tem tido bastantes noites em que chega tarde porque tem de «trabalhar» ou jogar futebol, mais uma «viagem de trabalho» em que passou uma noite fora. Graças a Deus, não me pediu para responder outra vez por ele, embora a ameaça esteja sempre presente.

Tudo como de costume, com um toque de situação lixada.

– Como vão as coisas com a tua amiga Michelle? – pergunta Bea quando nos sentamos no nosso banco preferido para beber café no jardim, a comer o nosso almoço de sanduíches. O verão ainda continua, apesar de estarmos agora em setembro. O tempo está quente, seco e poeirento e já há várias semanas que é proibido regar com mangueiras. As flores do parque definharam até ficar esturricadas antes de terem tempo de morrer de morte natural. A relva está de uma tonalidade bege. Temos ambas pouco interesse em ficar bronzeadas e por isso escondemo-nos na sombra.

Reviro os olhos. Não sei o que dizer.

- Ainda continua, acho eu. Para ser sincera, não sei muito bem.

- Merda. - Dá uma dentada no pãozinho de atum e abacate. - Pensei que ele tinha dito que ia acabar com ela.

- Óbvio que estava a mentir. Ou talvez tentasse, mas não conseguiu arranjar coragem.

- Quê? Achas que gosta mesmo dessa mulher?

- Sabe Deus. Talvez.

- Deve gostar. Quero dizer, se sabe que tu sabes e está disposto a arriscar...

- Mas ele não está a arriscar nada, pois não? Está convencido que não vou querer que Michelle descubra que menti por ele antes...

- Se ele gosta tanto dela, então talvez acabe por ir-se embora com ela.

Pensei nisso. Nos últimos tempos, pensei até que poderia não ser uma coisa má. Michelle ficaria devastada durante algum tempo, mas, com a minha ajuda, ultrapassaria a situação. E seria mais feliz a longo prazo, quer o soubesse quer não. Eu tinha apenas de apagar primeiro o meu lugar na história de Patrick.

- Quem sabe? Já aconteceram coisas mais estranhas.

- Não pareces tão incomodada com essa ideia como estavas.

Encolho os ombros.

- Às vezes, temos de aceitar que estamos a travar uma batalha perdida.

- Porque ficou ele com Michelle durante tanto tempo? É isso que não entendo. Quero dizer, suponho que deva tê-la amado outrora, mas...

Também tenho pensado muito nisso nos últimos tempos. É evidente que Patrick não ama Michelle. Não pode. Mas decidiu assentar. Ela tem um ar amoroso pelo braço dele e consegue dar-se bem com toda a gente. Dá-lhe uma vida fácil. Ele vai ficar com ela, qualquer dia destes dá-lhe o filho que ela quer tanto e fará o que bem entender à

socapa. Eu não conseguia perceber por que razão isso seria uma opção aceitável até que, claro, me lembrei que o pai de Michelle, Julian, é o chefe dele. E que Julian tem grandes planos de expansão. Um dia destes, Patrick herdará a terra. Mas não se Michelle lhe der um pontapé primeiro.

Mudo de assunto.

- A propósito, como correu o teu encontro a noite passada?

Bea conheceu um homem numa discoteca na outra semana e parece muito apaixonada. Já se viram, pelos meus cálculos, umas quatro ou cinco vezes, o que é uma espécie de recorde para ela. Geralmente, mata as suas relações antes de morrerem. Antes mesmo de haver tempo para lhes ser diagnosticada alguma coisa. É uma auto-sabotadora clássica. É uma coisa que temos em comum. Tudo o que sei sobre este homem é que se chama Danny, que trabalha como *web designer* e que tem um apartamento com dois amigos em Ealing. Oh, e que é «divertido e inteligente e está em boa forma», palavras dela quando lhe pedi para o descrever.

Uma expressão de pura beatitude perpassa-lhe pelo rosto.

- Fantástica.

- Onde foram?

Eu passei a noite de ontem na casa de Michelle numa inércia em frente da televisão enquanto Patrick, ao que parece, discutia assuntos de trabalho com um par de adjuntos. Procurei o telemóvel, sem grande convicção, quando tive oportunidade, mas sabia que não haveria qualquer hipótese de ele não o ter consigo. Uma suposição que se provou quando ele ligou a Michelle para dizer que ia a caminho de casa às nove e quarenta e cinco. Fui-me embora antes de ele chegar.

- Àquele *pub* perto de minha casa. Onde foste, lembraste?

- Uau. Danny sortudo.

Ela riu-se.

- Não o convidei por causa do ambiente. Convidei-o porque fica perto do meu apartamento. Ali e Sarah estão fora.

- Aaah! - Eu já sabia que não era a primeira vez. Tinham dormido juntos na noite em que se tinham conhecido, contara-me ela. Mas, até ao momento, tinham ido sempre para o apartamento dele. - Parece algum progresso.

Bea encolheu os ombros.

- São os primeiros dias. Possivelmente, não dá em nada.

- Nunca se sabe. Dá-lhe uma oportunidade. Onde trabalha ele afinal?

- Perto de onde vive.

- Bem, é um sinal então que ele tenha feito todo o caminho até Islington.

Ela olhou para o relógio.

- Merda, são vinte para as duas. Vou dar um salto às lojas. Precisas de alguma coisa?

- Oh, sim. Podes ir ao Tesco? *Ron* precisa de *Winalot*. Sabor a vaca. Traz-lhe um par de latas. E arranja-me um jornal. Oh, e tenho um cartão que precisa de ir para o correio, mas deixei-o em cima da minha secretária. Importas-te de dar lá um salto e apanhá-lo?

- Com certeza - respondeu ela, a sorrir. - Café com leite magro quando voltar?

- Leste-me os pensamentos - disse eu, levantando-me e inclinando-me para pôr o meu lixo no caixote. - Como de costume. Obrigada.

Bea

Caramba, toda esta coisa do Danny é esgotante. Quando comecei com isto, parecia uma maneira fácil de poder contar a Tamsin metade da verdade. Ela é tão intrometida. Pergunta-me praticamente todos os dias onde estive na noite anterior e como vai a minha vida amorosa. Às vezes, pergunto a mim mesma se está a viver indiretamente através de mim, porque a sua coisa dos encontros românticos com homens parece um pouco fadada ao insucesso. Pelo menos, eu saio com pessoas da vida real que conheço, não homens virtuais que acabam por não se parecer nada com as suas fotografias. Não que o meu historial tenha mais sucesso, para dizer a verdade. É apenas mais ativo.

Enfim, estava com medo que ela me apanhasse, por isso calculei que, se lhe falasse do que eu e Patrick temos andado a fazer, mais ou menos, mas substituísse com o nome de Danny e alguns outros pormenores cruciais, então me conseguiria safar. Mas agora, claro, ela quer saber mais sobre «Danny». Anda obcecada com a ideia de que

«Danny» poderia ser a resposta para todas as minhas preces.

E, na verdade, foi um pouco um marco importante quando Patrick veio ao meu apartamento. Até agora têm sido estritamente hotéis. Em geral, deixo isso com ele. Ele diz-me onde e quando e eu basicamente alinho. No final de contas, ele é que precisa mais de encobrir o seu rasto. Por isso, quando mencionei que ambas as minhas colegas de apartamento estavam fora, não estava de facto à espera que ele sugerisse que nos encontrássemos lá. Talvez ele quisesse apenas poupar algum dinheiro. As contas dos hotéis devem estar a acumular-se. Mas ele deu a entender que estava de facto interessado em ver onde eu vivia. E isso pareceu-me progresso.

Não me interpretem mal. Não estou a começar a tecer fantasias sobre tornarmo-nos um casal a sério ou algo do género. Não quero que ele venha a minha casa para eu poder pôr um avental e fazer-lhe uma tarte de maçã. Com toda a sinceridade, não tenho qualquer interesse em assentar já com alguém, apesar do que Tamsin parece pensar. Estou a divertir-me. Mas isso não significa que não haja alguma coisa de gratificante em saber que ele se sente assim tão à vontade comigo. Que confia assim tanto em mim.

Fiz umas grandes arrumações antes de ele aparecer. Com isso quero dizer que empurrei várias coisas minhas para o quarto de Ali e fechei a porta. Só deixei de fora as coisas que pensei que projetassem a imagem que queria que projetassem. Basicamente, liberei-me de todos os DVDs de *Made in Chelsea* e dos livros da saga *Crepúsculo*. Não que ele tenha passado muito tempo a olhar para a decoração.

Claro que não fomos de facto ao *pub*. Qual seria o interesse de estarmos ali sentados a conversar educadamente, quando só temos um par de horas preciosas juntos? Fui direita a casa depois do trabalho, tomei duche, fiz mais umas limpezas, pus um *pinot grigio* no congelador,

porque me esquecera de o pôr no frigorífico antes de sair para o trabalho, e mudei de roupa duas vezes. Quando abri a porta para o deixar entrar, ele estava a olhar de forma furtiva em volta, como se cheio de medo que o avistassem.

- Bela casa que aqui tens - disse, observando o átrio comum com a sua tinta a pelar e pilhas de correio antigo dirigido a pessoas de que nenhuma de nós ouvira falar.

- Nem todos podemos ganhar quantias chorudas - retorqui. Não me ofendi. Sei que vivo um pouco num buraco de merda. Mas também sei que não será para sempre.

- A sua fealdade utilitária só realça a tua beleza - declarou ele numa voz exagerada e eu fingi que me dava um vômito.

Passou os braços em volta de mim por trás enquanto subíamos as escadas. Encontrou-me a orelha com os lábios. Uma coisa que, como ele já sabe, me reduz a gelatina.

O traje que eu escolhera com tanto cuidado não ficou vestido durante muito tempo.

Esta manhã eu estava arrasada porque, depois de ele sair a noite passada, por volta das nove e um quarto, bebi outra garrafa de vinho e vi três episódios de *Borgen* uns a seguir aos outros. Não me apetecia dormir. Em consequência, foi uma corrida louca depois do despertador tocar e adiei o alarme duas vezes antes de conseguir levantar-me da cama.

Lucy estava uma fúria quando cheguei ao trabalho, a fazer questão de olhar para o relógio quando entrei dez minutos atrasada. Ian andava por ali no nosso gabinete a tentar reunir coragem para lhe pedir para fazer alguma coisa para ele, por isso imagino que era só para ele ver.

- Tamsin disse que eu podia chegar um pouco mais tarde hoje porque tinha uma coisa... - disse eu, parecendo, pensei, bastante convincente, se bem que um pouco na defensiva. Sabia que Tamsin não se importaria com a mentirinha.

- Oh - retorquiu Lucy, com um irritante olhar de falsa inocência no rosto -, isso é engraçado porque acabou de me pedir para fotocopiar uma coisa para ela e não o mencionou.

- Talvez ela ache que não tens nada a ver com isso - respinguei antes de me conseguir controlar.

- Bem. Ainda não tive oportunidade porque estive demasiado ocupada a fazer o *meu* trabalho - disse Lucy, fazendo a coisa parecer como se tivesse estado a descobrir uma cura para o cancro. - Toma.

Empurrou uma pilha de papéis para mim.

- Sim, tenho a certeza que estavas. Muito obrigada pelo teu apoio.

- Pelo amor de Deus, senhoras - intrometeu-se Ian, parecendo exasperado, e fiquei aborrecida comigo mesma por me comportar de forma tão pouco profissional à frente dele.

- Desculpa, Ian. É óbvio que devia ter mencionado que poderia não chegar mesmo à hora.

- Aí estás tu, Bea! Estava à tua procura. Não é habitual atrasares-te - disse a voz de Tamsin.

Virei-me e vi-a de pé à porta.

Fantástico.

Tamsin

Aconteceu por fim. Passadas duas semanas e seis dias, ali está à minha frente. Não acompanhado e não guardado. O telemóvel de Patrick.

Fico imobilizada a olhar para ele. Agora que tenho oportunidade, não sei se consigo levar isto a cabo. E se um deles entra e me apanha? E se lhe mexo e baralho aquilo de alguma maneira e ele percebe o que estive a fazer?

Sei que com toda a probabilidade nunca mais terei esta hipótese. Preciso de arranjar coragem e agarrar esta oportunidade. Merda, tenho as mãos a tremer.

Cá vai como aconteceu. É sábado. Sei que Michelle, sempre madrugadora, se levanta ao romper da aurora mesmo nos fins de semana, apesar de não haver necessidade disso, e se arrasta pela casa durante horas porque não quer perturbar Patrick, que gosta de dormir nos seus dias de folga. Sei que ambos deixam os telemóveis a carregar durante a noite num pequeno armário na sala de estar, que tem uma tomada lá dentro especialmente para esse efeito. E agora, depois de duas semanas a estudar-lhe os dedos nas teclas, sei também a *password* de Patrick. Dois, três, seis, sete.

Assim, concebi o plano de génio de aparecer à porta deles às sete da manhã, vestida com o meu fato de corrida (comprado há anos noutra das minhas breves tentativas de ficar em forma. Vestido duas vezes. Colocado num armário), afirmando ter corrido todo o caminho de Belsize Park para Highgate (uma coisa que nem sequer nunca tentei fazer antes, muito menos concretizei. De facto, apanhei um táxi que me deixou na esquina e corri os últimos poucos minutos, o que foi o suficiente para me deixar ofegante e suada).

Telefonei a Michelle lá de baixo da porta e disse-lhe que estava ali, mas que não queria tocar à campainha e acordar Patrick. Ela ficou encantada, como sabia que ficaria. Michelle detesta estar sozinha. Nunca sabe o que fazer consigo própria. Esperei e ela abriu a porta, ainda vestida de pijama (tal como eu estaria em qualquer dia normal). Lançou-me uma olhadela e riu-se.

- Acho que nunca te vi acordar tão cedo a menos que fizesse ainda parte da noite anterior - disse num sussurro alto. - Muito menos vestida como se fosses treinar. O que raio andas a fazer?

Revirei os olhos.

- Estou numa de ficar em forma. Estou a tentar virar uma nova página da minha vida. Estavas acordada? Queres que me vá embora outra vez?

Ela abriu mais a porta.

- Não! Estou acordada há horas. Estou a morrer de tédio. Só não acordes Pad.

Isso eu não tinha absolutamente intenção nenhuma de fazer.

Fomos para a cozinha, ela fez chá e gozou comigo por eu estar suada, com o rosto vermelho e ter um aspeto extenuado, o que, dado que eu mal me esforçara durante mais de trinta segundos, era um pouco uma ofensa, para ser sincera. Ri-me com ela.

- Andei parte do tempo. A maior parte de facto. - Tinha começado de repente a ficar preocupada que ela pudesse sugerir que nos encontrássemos para correr juntas algum dia.

Michelle olhou para o relógio. Ainda apenas sete e cinco.

- Meu Deus, a que horas saíste então?

Encolhi os ombros, não fazendo a mínima ideia de quanto tempo poderia ter levado.

- Demasiado cedo.

Ela pousou uma caneca de chá em cima da mesa à minha frente.

- Cuidado naquele descampado, está bem? Não sei se é seguro quando não há muitas pessoas por lá.

- Não foi muito mau. Uma série de pessoas a passear os cães.

Michelle bocejou e espreguiçou-se, com os braços por cima da cabeça.

- Bem, estou contente por te ver. Eu levantei-me às cinco e meia e estou mais que entediada. Queres comer alguma coisa?

- Como granola ou algo assim se tu comeres - respondi, escolhendo deliberadamente uma comida que não libertasse cheiros tentadores para o leão adormecido lá em cima.

- Tenho montes de fruta. Podemos cortar alguma para pôr lá dentro. Numa de boa forma física.

- Fantástico - concordei, detetando a minha oportunidade. Estava já a tremer com a ideia do que tinha de fazer. - Mas tenho de ir à casa de banho. Ajudo-te quando voltar.

Deixei-a a tirar embalagens do frigorífico, sabendo que estaria toda entretida durante algum tempo. Com o coração a bater com força, deslizei para a sala de estar. Escutei o som da faca na tábua e depois aproximei-me do armário. Em parte, nem sequer esperava lá ver o telemóvel de Patrick. Paranoico como ele era, pensei que tivesse

começado a dormir com ele debaixo da almofada ou dentro do bolso das calças de pijama. Mas sabia que Michelle teria achado isso esquisito. Sempre tivera a regra de «nada de telemóveis no quarto». Atenção que também tinha uma regra de «nada de telemóveis à mesa», mas nem Patrick nem eu tínhamos alguma vez ligado a essa.

Abri o armário. Vi-o. Agarrei nele. Introduzi a *password* e rezei para que ele não a tivesse alterado nos últimos dias. Quase deixei cair a coisa quando funcionou. Ia mesmo fazer isto? Bisbilhotar o telemóvel de outra pessoa?

Sim. Sim, ia. Fui às mensagens. Fui passando até encontrar o meu nome, o que levou algum tempo. Era curioso que não lhe tinha mandado mensagens nos últimos tempos. Encontrei-a. Encontrei a mensagem perturbadora. Encolhi-me quando a li. Premi apagar. Desapareceu.

Senti-me mal quando pensei no que tinha feito. Se Patrick procurasse, saberia exatamente o que tinha acontecido. Isso levaria o nosso conflito para um nível muito diferente, para o nível um do DEFCON, embora em princípio agora ele estivesse desarmado.

Ainda conseguia ouvir Michelle a andar de um lado para o outro na cozinha. Procurei o ícone das fotografias. Tinha de confirmar se ele não fizera uma foto de ecrã. Passei incontáveis fotos felizes de Michelle, de ambos, de fragmentos aleatórios de paisagens e de patos no rio. E lá estava. De facto duas vezes. Limpei-as.

Enfiei outra vez o telemóvel no armário, sabendo que precisava de voltar para a cozinha antes que ela começasse a pensar onde eu estava. Agora, precisava mesmo de ir à casa de banho, mas o tempo não estava do meu lado. Comecei a fechar a porta do armário e depois ocorreu-me uma ideia. Devia haver mensagens DELA ali. Da pessoa com quem Patrick andava. Disse comigo mesma que já não tinha nada a ver com isso. Salvava-me e era tudo o que interessava agora.

Mesmo assim, estava quase a rebentar de curiosidade de saber quem ela era. Demoraria apenas um segundo a ver. E talvez isso me proporcionasse algumas munições quando ele viesse atrás de mim.

Não podia deixar passar aquela oportunidade. Podia se calhar safar-me com mais alguns segundos antes de Michelle enviar uma equipa de busca. Voltei a pegar no telemóvel, antes de conseguir convencer-me do contrário. Voltei às mensagens. Michelle. Verity. Mark (o melhor amigo de Patrick e outrora padrinho de casamento), Ben (nenhuma ideia). Mãe. Michelle, Ben. Tom (alguém do departamento dele). Clare (*idem*. Mesmo assim, verifiquei algumas das mensagens dela, mas pareciam todas relacionadas com trabalho). Aiden (o irmão de Patrick). Dentista. Ben. Michelle. Michelle. Ben outra vez. Mãe. Alguém anónimo a dizer-lhe que ganhara uma indemnização de mil libras se fosse ao *website* deles e introduzisse todos os dados bancários. Ben. Ben. Quem quer que Ben fosse, pareciam estar em contacto constante.

Lancei uma olhadela a uma das mensagens de Ben. Só dizia *OK*, em resposta a uma mensagem de Patrick onde se lia *terça 6.30 Dorchester*, que presumi fosse a hora e local de uma reunião de trabalho. A seguinte que me apareceu também só dizia *OK*, tal como a seguinte. Uma em resposta a *6.15 na quarta. Haymarket?* e a outra a *6.15 terça. Charlotte Street*. Foi o único nome que não reconheci. Fiquei a pensar se seria um assistente temporário do departamento de Patrick a marcar-lhe reuniões. Continuei a clicar no nome dele para ver o fluxo todo. Não sei porquê, havia simplesmente alguma coisa esquisita na natureza repetitiva e concisa das mensagens.

Parecia que mandavam mensagens um ao outro uma ou duas vezes por semana. Sempre o mesmo formato. Patrick diria um dia, uma hora e um local e Ben acusava a receção. Nunca havia mais pormenores. Nunca nada mais

interessante. Certa vez, Patrick enviara *Preciso mudar para quinta*, mas fora só isso. Uma série de compromissos.

O meu coração começou a bater com força. Sabia de fonte segura que Patrick não estava a ter um caso com alguém chamado Ben. Podia ter-se transformado numa pessoa que eu não reconhecia, mas tinha a certeza de que não mudara assim tanto. Não era propriamente um plano digno de um mestre do crime, mas atribuir a quem quer que fosse um nome de homem e manter as mensagens curtas e diretas ao assunto, de tipo profissional, seria o suficiente para encobrir a coisa, caso Michelle lançasse alguma vez uma olhadela quando ele estivesse a ler as mensagens.

Voltei rapidamente ao princípio, às missivas mais recentes. Patrick saíra na quarta à noite. Uns dois dias antes mandara uma mensagem a «Ben» *Quarta 7. Como combinado*. O que quer que isso significasse. Olhei para a troca de mensagens mais recente. Um *OK* de «Ben» na sexta em resposta a uma mensagem que dizia *Segunda 6.30. Soho?*

Carreguei no telemóvel para fazê-lo regressar ao ecrã principal. Atirei-o de volta ao armário e fechei a porta. Dirigi-me outra vez para o corredor. Lembrei-me que não tinha puxado o autoclismo. Corri para a casa de banho. Puxei a corrente. Fiz grande estardalhaço a abrir e fechar a porta. Voltei à cozinha.

Michelle estava sentada à mesa, com duas tigelas de granola, um jarro que eu sabia ser de leite de amêndoas (sem adoçante) e uma taça de fruta cortada à frente dela.

– Estás bem?

Esfreguei a barriga. Fiz uma careta.

– Acho que correr não se dá muito bem com o meu estômago.

Boa.

– Oh, meu Deus, precisas de alguma coisa? Acho que tenho *Imodium*.

Sentei-me.

- Não, acho que agora já estou bem. Toma lá para aprender a ser saudável.

Tentei comer os meus cereais, mas agora o meu estômago estava mesmo embrulhado. Presumindo que já sabia do *modus operandi* de Patrick, tinha quase a certeza de que «Soho» significava o Hotel Soho. Só não tinha ideia o que fazer com essa informação.

Tamsin

O bom senso diria que eu devia sair daquela situação. Contar a Michelle o que o marido anda a fazer, agora que já removi qualquer prova do meu envolvimento no seu mau comportamento (tinha esquadrinhado também o portátil dele à procura de uma cópia da fotografia, numa segunda visita à casa de banho, e não tinha encontrado nada). Uma pesquisa muito mais fácil, pois não estava protegido por nenhuma *password*. Graças a Deus que ele não assinara a iCloud. É disto que se trata, certo? Explicar toda a questão a Michelle (sim, sim, eu sei, mais ou menos) e depois apoiá-la no que ela decida fazer a seguir.

Mas e se eu conseguir uma prova concreta? Talvez um fotografia de Patrick e da amante. Uma ideia de quem ela é para poder tentar que ela admita o que tem estado a passar-se? Confrontada com isso, Michelle nunca acreditaria nas setas que Patrick tentasse disparar contra mim. Vale a pena tentar agora que esta informação preciosa me caiu no colo.

E, além disso, estou consumida de curiosidade. Não posso negar que quero ver quem é.

Tenho de lá chegar cedo. Preciso de encontrar um ponto de observação onde possa espiar a receção sem qualquer risco de ser vista. Claro que a tarde acaba por ser movimentada. De facto, o dia inteiro é cansativo. Reunião atrás de reunião, quase sem tempo suficiente para ir à casa de banho. Alguns dias são mesmo assim.

A diretora de produção de *Rooms With a View* convocou uma reunião de crise comigo, porque perdeu a fé na capacidade de o produtor governar o barco. Regra geral, eu escutaria com brevidade as preocupações dela e depois reuniria com o dito produtor, mas Stella tem sido diretora de produção de inúmeros programas ao longo dos anos, tanto na Castle como antes e, apesar do facto de a achar um pouco intimidante, confio totalmente nela.

Por outro lado, Michael, o produtor, é novo para todos nós. É este o problema quando estamos muito ocupados. Acabamos por ter de apostar em pessoas com quem não temos qualquer relação prévia. Eu até tentei promover Stella, mas ela não quis. Algumas pessoas não querem que a bola pare nelas. Ficariam sem ter ninguém a quem atribuir a culpa. Michael é bastante bom. Está a esforçar-se. Mas não tem experiência de programação de formato longo, vinte e seis episódios de quarenta minutos neste caso, e as coisas estão, na opinião de Stella, a escapar-lhe.

- Está sempre a querer filmar tudo outra vez depois de termos já arrumado e saído do local. Parece não ter ideia nenhuma das implicações em termos de custos, por mais vezes que eu tente dizer-lho.

- Vão ultrapassar o prazo? - Tento dar uma olhadela furtiva ao meu relógio. Tenho de sair ao quarto para as seis, para garantir que me vou conseguir esconder. Faltam agora dezassete minutos.

- Bem, de momento, ele insiste que programemos um dia extra no final deste episódio por isso, sim, provavelmente. E tenho a certeza de que não será a última vez.

- Deixa-me falar com ele.

- Precisamos de fazer alguma coisa muito em breve porque, se eu tiver de prolongar toda a calendarização, isso vai ter enormes efeitos secundários.

- Não podemos prolongar.

- É o que eu estou sempre a dizer...

Começo a arrumar as minhas coisas, na esperança de que ela perceba a insinuação.

- Tal como disse, vou falar com ele. Deixas-me a última cópia da calendarização, está bem? Tenho mesmo de me ir embora, desculpa.

- Não percebo muito bem como arranjou ele o lugar, para ser sincera...

É uma questão muito importante e ela sabe-o.

- Porque eu o contratei, Stella, *okay*? Às vezes, os riscos compensam, outras não. Não há como saber até que eles comecem.

- Ele não parece ter experiência nenhuma. Quer dizer, o que fez já antes?

Agora está a ultrapassar os limites.

- Eu falo com ele, está bem? Ele está a produzir o programa e é isso. Vamos ter de fazer com que funcione.

Deixo-a com aquilo e dirijo-me para o gabinete de Bea e Lucy.

- Vou andando - digo, enfiando a cabeça na porta.

Bea está toda aperaltada e a maquilhar-se sentada à secretária. Ainda não tive oportunidade de lhe contar as novidades com todas aquelas reuniões e não o vou fazer com Lucy ali sentada.

- Tens um encontro?

Ela sorri, um sorriso que lhe invade o rosto todo.

- Com certeza que sim.

- Ainda é o Danny?

- Sim.

- Bem, diverte-te. Tenho de me apressar. Até amanhã.

- Boa noite, Tamsin.

É ótimo que ela tenha encontrado alguém. Quero dizer, sei que só se passaram algumas semanas, mas parece que ele está a fazê-la feliz. Decido que gosto de Danny.

* * *

O metro chia até parar algures entre North Acton e Shepherd's Bush. Nenhuma explicação. Fico ali sentada a sufocar de calor, a ver os minutos a passar. Quando chegamos a Oxford Circus não tenho outra opção senão correr para Dean Street. Chego ao Hotel Soho vinte e três minutos depois das seis.

Tudo considerado, decido que vale a pena o risco de entrar no hotel. Patrick está sempre atrasado. Existe a possibilidade de estar tão enamorado de quem quer que seja que faça um esforço especial, mas é natural que chegue sempre pelo menos cinco minutos depois do que deveria. Preciso de encontrar um bom ponto de observação, onde possa ver a receção, mas que não me vejam.

O *foyer* contém uma escultura preta gigante de um gato e não muito mais. Nada atrás de que me possa esconder e, além disso, o pessoal da receção e da portaria podia ficar surpreendido a pensar no que ando por ali a fazer e vir perguntar-me se preciso de ajuda. No canto, há um par de pequenas salas de estar, nenhuma das quais oferece uma boa visão de coisa nenhuma. O bar está apinhado. E é arriscado. Não consigo decidir se acho que Patrick e a amante virão tomar uma bebida. Pouco provável, dado que só têm poucas horas, presumo, visto que Michelle não mencionou que ele vai ficar fora esta noite e com toda a certeza haverá um minibar no quarto. Isto é, se reservaram um quarto.

Preciso de agir com rapidez. O bar é perigoso, mas tem ótimas vistas para a entrada do hotel. É suficientemente grande para eu conseguir descobrir um canto onde me

esconder. Tenho só de me assegurar que não fico perto de nenhuma mulher sozinhas que possam ser ELA. É possível que ela já tenha chegado e esteja a beber um copo para ganhar coragem.

Abro caminho pelas multidões de pessoas que vieram beber um copo depois do trabalho. Já mencionei que desencantei o único chapéu que possuo, uma espécie de chapéu de sol de palha com aba e fita, e que estou agora a usá-lo puxado para baixo por cima do rosto, o meu cabelo quase todo enfiado lá dentro? Esquilo Espião numa missão. Mantenho a cabeça baixa. As minhas primeiras olhadelas apressadas não revelam nenhuma mulher a beber sozinhas. E nada de Patrick. Descontraio-me um pouco. Consegui.

Tanto quanto percebo, não existem mesas livres, mas penso que é melhor, de qualquer modo, se me mantiver em movimento. Para o caso de ser necessário executar uma fuga rápida. Existe também, reparo, uma entrada nas traseiras do bar para o que deve ser Wardour Street. Tenho de me colocar algures onde possa observar duas posições ao mesmo tempo e não ser vista. Não há tempo para pedir uma bebida, mas não quero saber se algum dos frequentadores do bar pensar que sou meio apanhada. Descubro um sítio perto da janela da frente, enfio-me num canto, entre mesas de pessoas perplexas e espero.

Passam-se cinco minutos. Ainda nenhuma mulher sozinha. Talvez a noção das horas dela seja tão má como a de Patrick. Ou talvez tenham entrado furtivamente por uma saída de emergência e subido as escadas antes de eu os poder avistar. Claro que é inteiramente possível que tenham alterado a combinação ou cancelado ou mudado a hora. Decido esperar até ao quarto para as sete antes de desistir.

Mesmo antes das vinte para as sete o meu coração quase para de bater. Reconheço primeiro a forma de andar. Patrick tem essa maneira de rolar de um lado para o outro

quando se movimenta. Até o seu andar é arrogante e pensa que é um pouco melhor do que o de todos os outros. É quase um pavonear. Afasto-me da janela, com receio que ele me possa ver, mas ele mantém a cabeça baixa e os olhos no chão. Vejo-o entrar na receção. Presumo que vá direito ao *check-in* e só nesse momento me ocorre que possivelmente ligará a «Ben» para lhe dizer o número do quarto, para ela ir ter com ele lá acima e, nesse caso, nunca saberei com certeza absoluta quem ela é; mas ele passa pelo balcão e parece vir direito ao bar.

Merda.

Recuo para um canto. Viro-me para a parede como uma criança travessa que foi castigada. Tenho a certeza de que pareço perfeitamente normal. Mulher de meia-idade, chapéu de palha, a fitar um ponto onde há falta de tinta na parede, de uma distância de quinze centímetros. Não me importo. Só não quero ser apanhada.

Claro que agora não faço ideia nenhuma do que está a acontecer atrás de mim. Tanto quanto sei, Patrick pode estar a comer alguém no soalho de madeira à vista de todos. Também não faço ideia de quanto tempo vou ter de esperar antes de ser seguro virar-me. Percebo agora que o meu plano é ridículo. Nunca me devia ter envolvido. Desejo que acabe tudo.

Quando uma mão toca no meu ombro, sobressalto-me. Na verdade, dou um pulo, como se tivesse sido disparada de um canhão. E depois ouço-o. Patrick.

– Tamsin! O que diabo estás aqui a fazer?

Bea

Caramba. Foi por pouco. Mais alguns segundos e sabe Deus o que teria acontecido. Um episódio ao vivo de *Jeremy Kyle*, com toda a probabilidade. Mas alguém estava do meu lado esta noite. Ou, mais provável, foi apenas um golpe enorme de sorte.

Saí do trabalho cerca de dez minutos depois de Tamsin. Ela partira cheia de pressa, ao que parece para se encontrar com alguém. Não perguntei quem. Presumi que Michelle, porque sabia que ela estaria sozinha esta noite. Tinha combinado encontrar-me com Patrick no Hotel Soho. O plano era, como sempre, que eu andaria por lá discretamente até ele chegar. Ele passaria por mim sem me reconhecer. Mal lhe tivesse dado alguns minutos para fazer o *check-in*, eu iria ao balcão da recepção e pediria se podiam telefonar para o quarto dele. Ele dir-me-ia o número do quarto e eu iria lá ter.

As Regras «Ben» são muito rigorosas. Dias, horas e locais apenas. Nada de mensagens com números de quartos, por que diabo Patrick reservaria um quarto se se ia encontrar com um amigo? Nada de telefonemas, exceto em caso de uma terrível emergência e, mesmo assim, se Patrick disser

«Já te telefono, pá» isso significa que está com Michelle e devo desligar de imediato. Na eventualidade improvável de me deparar com ele e a sua adorável mulher na rua, devo passar por eles. Nem sequer um olhar.

Sei como a coisa funciona.

Tenho sempre algum cuidado quando chego ao local escolhido para o nosso encontro. Nunca se sabe em quem podemos esbarrar e tenho sempre uma desculpa pronta. Olho em volta, para verificar quem se encontra nas imediações antes de entrar. E graças a Deus por isso, porque foi por essa razão que vi Tamsin.

Não me apercebi ao princípio que era ela. Usava um grande chapéu de palha. Não estava um dia particularmente soalheiro, por isso ainda se destacava mais. Ia a andar mesmo à minha frente quando cheguei à ruazinha onde fica a entrada do hotel e, quando entrou, reparei que puxou o chapéu ainda mais para cima do rosto. Grandes óculos de sol por baixo. A seguir avistei a mala. Tamsin tem esse grande saco vermelho com que anda sempre. Cheio de sabe Deus que porcarias. E depois percebi que as calças corsário de um rosa pálido e as sandálias *Fitflops* de um tom de mel me pareciam muito familiares.

Parei de repente. Uma mulher atrás de mim emitia um som de desaprovação quando se desviou para me evitar. Tentei imaginar o que Tamsin estaria ali a fazer. Seria ali que se ia encontrar com Michelle? Parecia improvável, só por causa da coincidência. E se ia, então porquê o disfarce? Durante um segundo, considerei a ideia de que Tamsin pudesse ter também um encontro amoroso secreto. Se fosse encontrar com alguém que não devia.

E depois percebi.

Procurei o telemóvel à pressa. Infringi o protocolo e telefonei a Patrick, se isto não contava como emergência, então não sabia o que contaria. Ele pareceu irritado quando atendeu.

- O que se passa?

Gaguejei alguma coisa sobre Tamsin e o facto de estarmos em risco de ser apanhados.

- Como sabia ela onde nos íamos encontrar? Descobriu alguma coisa sobre ti, será isso?

A ideia fez-me estremecer.

- Não. Com certeza que não. Que me enforcem sobre Brook Green se descobriu.

- Não entres - disse ele e eu quase repliquei «A sério, Sherlock?».

- Claro que não. Encontro-me contigo noutro sítio qualquer?

Ele pensou durante um segundo.

- Não. Importas-te se esquecermos esta noite?

Importava-me, estava mesmo muito chateada, mas não o disse.

- Está bem. O que vais fazer?

- Se ela lá está para me ver, então vai ver-me.

- Estás a gozar?

- Não. Ela que se lixe.

- Patrick, não faças isso porque estás furioso com ela. E se ela contar a Michelle?

- Não conta.

- Não sei como podes ter tanta certeza disso... - Eu percebia que Tamsin não quisesse que Michelle soubesse como é que ela ajudara Patrick a esconder a sua infidelidade, mas não confiava que ela não fosse decidir que já era mais que suficiente. No final de contas, por que razão ali estaria?

- Tenho a certeza, está bem?

- Telefonas-me depois... não há problema, estarei sozinha...

- Vou tentar. Se não telefonar, não me telefones, está bem?

- Eu sei! Patrick... caramba...

A tentação de ficar por ali e tentar ver como se desenrolava a coisa era enorme. Não conseguia imaginar o que Patrick lhe pretendia dizer. Ou qual seria a reação dela ao ser apanhada. Era quase divertido.

Quase.

Tamsin

Imobilizo-me.

Planos de fuga perpassam-me pela cabeça. Podia fingir que desmaiava, cair no chão e recusar-me a reagir até que algum alma caridosa chame uma ambulância e me leve dali para fora de repente. Podia alegar amnésia, fingir que estou numa missão secreta de espionagem, o que é de certo modo verdade, ou até usar o velho truque de fugir a correr. Espera aí... porque está ele a fingir estar tão contente por me ver?

Com relutância, viro-me para o encarar.

- Patrick!

Ele ri-se.

- Porque estás aí de pé a olhar para a parede? E porque tens esse chapéu na cabeça?

- Oh... vi entrar alguém que não suporto... aquele tipo que trabalha no meu banco... é verdade, não o conheces. Mas não queria ter de falar com ele. E então tu? O que estás aqui a fazer?

Ele não se atrapalha.

- Fiquei de me encontrar com o meu amigo Ben, mas ele acabou de telefonar a cancelar. Mesmo quando eu ia a entrar a porta.

- Oh. Eu conheço o Ben?

- Creio que não. É do futebol.

Patrick joga futebol mais ou menos uma vez por semana com um grupo aparentemente aleatório de amigos, nenhum dos quais conheço, por isso parece um ótimo disfarce para Ben.

- Estás com ele muitas vezes, é? - digo e sei que a minha pergunta parece armadilhada, mas não consigo evitar. Ainda estou convencida que Ben não existe. Que ele é ela.

- Na realidade, sim. Mas então e tu, Tam? Não disseste o que estás aqui a fazer.

É uma boa pergunta. O que estou aqui a fazer? Não posso propriamente dizer que vinha encontrar-me com uma pessoa que cancelou também.

- Oh, tomei só uma bebida rápida com Bea. Sabes, a minha assistente.

Não consigo perceber se ele acredita em mim ou não.

- Pois. É muito longe para virem cá as duas depois do trabalho. Não têm *pubs* em Brook Green?

Bem visto.

- Ela vai ao cinema, mas não se ia encontrar com as amigas senão até pouco antes das sete, por isso eu disse que vinha fazer-lhe companhia durante um bocado.

- O que vai ela ver?

- Não faço a mínima ideia. Porque me estás a fazer todas essas perguntas?

Ele ergue uma sobrancelha.

- Irritante, não é?

Tenho o coração a bater com força no peito, mas não sei como podia ele ter descoberto. A não ser que tenha reparado que a minha mensagem de texto foi apagada, o que é possível, mas, penso, pouco provável. A menos que tenha pensado em verificar depois de Michelle lhe ter

contado a minha visita de manhã muito cedo no sábado. Não há forma de saber, a não ser que ele o mencione. Ou eu.

- Com quem vinhas mesmo encontrar-te? Presumo que com a tua namorada.

- Já te disse. O meu amigo Ben. Isso... está tudo terminado.

- A sério? - Apesar de saber que não posso confiar nada nele, não consigo deixar de me agarrar a este vislumbre de esperança.

Ele acena com a cabeça.

- Não que tenhas alguma coisa a ver com isso, mas sim. Caí em mim.

- Porra, Patrick. Bem desejava saber se posso acreditar em ti.

- É a verdade. Para ser sincero, já não quero saber do que tu pensas. Portanto... o que estavas mesmo aqui a fazer?

Oh, não. Não me vai apanhar com tanta facilidade.

- A tomar uma bebida com Bea.

- Ótimo - diz ele, com um sorriso de crocodilo no rosto. - Fico satisfeito por termos esclarecido isso.

Saio dali o mais depressa possível. Felizmente, Patrick não sugere seguir de metro comigo. Creio que está contente por me ver pelas costas, tal como eu a ele. O meu batimento cardíaco exagerado não abrandará senão quando o metro chega a Camden. Num impulso, abro caminho pela multidão e saio para a plataforma. Subo a escada rolante, puxo do telemóvel e ligo a Bea. Tenho de falar com alguém.

O número dela vai direito para o atendedor de chamadas. Claro. Saiu com Danny, estão com certeza a tomar alguma bebida pré-discoteca num sítio elegante. Decido não deixar uma mensagem. No final de contas, o que ia dizer?

Tamsin

Sei o que tenho de fazer. Risquem isso. Sei o que *quero* fazer. Quero descobrir com quem ele anda e quero que tudo lhe expluda na cara. Não quero dar-lhe a oportunidade de encobrir o seu rasto. Ele acha que é a porra de tão intocável.

Claro que não faço ideia nenhuma de como vou conseguir isso. É esse o pormenor chato; trato disso mais tarde. Entretanto, tenho de ter a certeza de que acabar com Patrick e Michelle, ou pelo menos dar-lhe a ela razões para querer romper com ele, é de facto o que quero fazer. Tenho de ter a certeza de que não estou só a considerar essa ideia por razões egoístas. E há um número suficiente delas. Quero a minha amiga de volta. Quero vingança.

Se penso que Michelle seria mais feliz sem ele? A longo prazo, mal ela saiba do que ele é capaz, absolutamente. No curto prazo, ela vai ficar devastada. Nem consigo imaginar. Mas vai superar. Por fim. Acho.

Porém, há três coisas que sei de certeza:

- Patrick não terminou a relação, por mais que afirme que sim.

- Michelle nunca mais vai ter a ditosa família nuclear com que sempre sonhou enquanto estiver com ele.
- Nada disto é da minha conta.

Mas mal não fará descobrir quem ELA é. Mulher prevenida vale por duas como se costuma dizer. Posso fazer a bomba e depois decidir mais tarde se a detono ou não.

No entanto, preciso de ajuda. Não há qualquer hipótese de conseguir fazer isto sozinha.

O meu telemóvel vibra, mesmo na hora certa. Bea.

- Olá.

- Precisavas de mim? Tenho aqui uma chamada perdida.

- Oh, merda, desculpa. Esqueci-me que tinhas saído. Só queria conversar. Pode esperar.

Não parece que ela esteja num bar. Não consigo ouvir nenhum ruído de fundo.

- Ele teve algum tipo de emergência familiar. Teve de se ir embora a correr. Já estou em casa.

- Está tudo bem?

- Tudo bem. Ele tem uma irmã que parece um pouco apanhada da cabeça. Telefonou-lhe muito agitada por causa de uma coisa qualquer. Eu disse-lhe para ir ter com ela. Nada de importante. E tu? Não ias sair?

- Oh. Sim. Tomei só uma bebida rápida com Michelle. Também estou em casa.

- Então... agora que verificámos que somos um par de chinelos que estão em casa ao quarto para as oito, porque estavas a telefonar?

Não quero falar disso ao telefone.

- Tal como disse, pode esperar. Não é nada.

- Oh, não - diz ela a rir-se. - Conheço esse tom de voz. Aconteceu alguma coisa. Fiz alguma coisa que te chateasse?

- Não! Caramba, tu e os teus pressentimentos de bruxa! Claro que não! É só... escuta, talvez possamos tomar uma bebida rápida depois do trabalho amanhã ou algo assim.

Conto-te nessa altura. – Sei que não vou ser capaz de fazer isto completamente sóbria, por isso fazer-lhe confidências no escritório está fora de questão.

– Fazemos o seguinte. Ainda é cedo. Porque não agarro numa garrafa de vinho, salto para um táxi e vou ter contigo a tua casa?

Penso naquilo. Agora que sei que lhe vou contar a história toda, tenho um tipo de sensação de agora ou nunca. Mas não quero que ela pense que tem de se arrastar através de Londres só porque lhe acenei com a cenoura do «Preciso de falar contigo sobre uma coisa».

– Não vais fazer isso. Verdade, pode esperar. Não te preocupes.

Mas ela não transige.

– Estou aqui a morrer de *suspense*. Diz lá outra vez a tua morada?

Bea

Estou ansiosa por saber o que aconteceu. Patrick não telefonou e, claro, segundo as Regras Ben, não lhe posso telefonar.

Tinha andado de um lado para o outro no meu apartamento a imaginar todo o tipo de cenários pavorosos durante uns bons vinte minutos quando reparei que Tamsin tinha telefonado. O sinal na minha casa é tão mau que nove em cada dez chamadas vão direitas para o *voicemail* sem sequer tocarem. Isto é, a não ser que estejamos lá em cima no quarto de Sarah e penduradas da janela. Que foi para onde fui para devolver a chamada a Tamsin. Por sorte, Sarah está acostumada a isso. Continuou simplesmente a ver alguma coisa no computador, com auscultadores gigantes a taparem-lhe as orelhas, enquanto eu me inclinava de forma precária por cima dos telhados do norte de Londres e telefonava à minha chefe.

Tamsin é uma atriz horrível. Consigo sempre perceber quando alguma coisa a incomoda, por isso deve ter-lhe parecido perfeitamente plausível eu ter detetado qualquer coisa na voz dela que me fez querer ir a correr lá para casa fazer-lhe companhia. Pensei que poderia parecer estranho,

eu a oferecer-me para ir ao apartamento dela. Nunca lá estive antes. Ela uma vez mandou-me à casa onde costumava viver para dar de comer ao cão. Era um pouco uma lixeira, para ser sincera. Mas também nunca me ofereci para sair às oito da noite, quando já estou alegremente de pijama, para me ir encontrar com ela. Porém, estava a contar que ela ficasse tão desconcertada que aceitasse.

Não que pense que vou conseguir extrair muito dela. É óbvio que não posso perguntar e duvido que ela vá revelar. Mas é melhor do que ficar aqui sentada à espera que Patrick telefone e me conte o que sucedeu. Ela poderá deixar escapar alguma coisa, por mais pequenina, que me dê uma pista. E se tudo o mais falhar, pelo menos dou uma espreitadela à casa nova.

Ela dá-me um abraço quando chego, o que é um pouco desconcertante, no mínimo. Espero que isso não signifique que temos de começar a fazê-lo todas as manhãs. Queridaaa! Beijinho! Beijinho! Vista de fora, a casa é impressionante. Uma casa geminada grande, de tijolos vermelhos, que se alonga por quatro pisos. Sei que só vive em parte da casa, no apartamento 3, disse-me ao telefone, mas como não há nenhum restaurante de *kebabs* no rés-do-chão, e sei que ela não tem duas colegas de apartamento irritantes a atravancar o espaço, isto já me parece um palácio.

Lá dentro é mais pequeno do que esperava. Não quer dizer que não seja lindo. Tetos altos e soalhos brilhantes de madeira verdadeira. Uma grande janela saliente na parte da frente. Para ser sincera, cheira um pouco a cão. Gosto de cães, mas não sou grande fã do odor dos corpos deles. *Ron* corre a cumprimentar-me. Não faço ideia se se lembra que já nos conhecemos, mas é amoroso e amigável, por isso inclino-me e coço-lhe a cabeça.

- Belo apartamento - digo, passando-lhe o vinho que arranjei na loja de bebidas na esquina da minha rua.

- Obrigada - responde Tamsin. - Desculpa isto estar uma confusão.

Não a contradigo. Está mesmo. Faz com que pareça que a minha casa recebeu a visita de Kim e Aggie do programa de limpeza de casas. Notem que já devia estar à espera disto. O gabinete dela é um santuário de lixo tóxico.

Ela empurra um monte de porcarias para o chão, para arranjar espaço para mim no sofá, serve-me um grande copo de vinho e enche um para ela. É óbvio que já bebeu um copo ou dois, mas afinal eu também.

- Então - digo. - O que se passa?

Estou à espera que me conte alguma história meio estúpida e desconsolada sobre sentir-se mal por ter mentido a Michelle para encobrir Patrick, ou até mesmo, talvez, que me diga que acabou de ter um encontro desagradável com o homem em questão. Sem entrar em demasiados pormenores, imagino.

Mas nada me preparou para o que lhe sai da boca.

- Dormiste com Patrick Mitchell?

Não consigo acreditar no que estou a ouvir. Acomete-me uma onda de náusea. Preciso de saber tudo. Quando. Onde. O que porra ele pensou que estava a fazer. Porém, tenho de ter cuidado para não me trair. Para não a deixar ver que esta notícia não é apenas um choque, é como um soco no corpo.

- Não. Não dormi com ele. Não exatamente. Nós só...

Deixa as palavras ali suspensas. Apetece-me sacudi-la. Só o quê? O que raio significa «Nós só...» na escala de contactos sexuais?

Espero o que me parece uma eternidade. Ela não diz nada, só olha para mim. Inspiro devagar.

- Vocês só...?

- Só estivemos um pouco na marmelada. Muito. Caramba, Bea, não podes mesmo contar isto a ninguém. Nunca.

- Como se fosse caso disso. - Preciso de pormenores. - Na marmelada. Não parece assim tão horrível. Quê? Beijaste-o ou algo assim? - Para, Bea. Para de tornar as coisas tão óbvias.

Ela solta algo que é um cruzamento entre um suspiro e um gemido.

- Mais do que isso. Muito mais, mas não tudo. Merda. Estou tão envergonhada de mim própria. Não fazes ideia do que tenho sentido todas estas semanas.

Movo um cursor imaginário ao longo de uma linha imaginária que diz «Na marmelada» numa ponta e «Tudo» na outra. Paira algures perto de «Oral». Isto não é muito reconfortante.

- Quando... quero dizer...?

Tamsin coloca a cabeça entre as mãos. Tento recordar-me de como me deveria comportar se ela não me tivesse dito basicamente que fez sexo com o meu namorado. Provavelmente, estaria a tentar fazê-la sentir-se melhor.

- Tenho a certeza de que não é tão mau como pensas. Estas coisas acontecem...

- É. É tão mau como penso. Foi um erro estúpido, mas isso não o torna melhor. É por isso... não estás a perceber? É por isso que tenho andado a encobri-lo e tudo isso. Porque ele tem um ascendente sobre mim.

- Merda - digo, esperando que pareça que me interessa minimamente pela porra de como ela se sente. - Conta-me tudo.

Então agora sei que cinco noites depois de dormir comigo pela primeira vez, Patrick fez sexo com Tamsin. A santarrona Tamsin, que estava tão indignada com a traição feita à sua melhor amiga, que praticamente me obrigou a ir seduzir o marido dessa melhor amiga. A porra da moralizadora Tamsin, que não suportava ficar parada a ver que Patrick traía Michelle. A mais-que-santa Tamsin, que

ficou tão horrorizada por saber que o marido da melhor amiga tinha sido infiel que a traiu ela própria com ele. A palavra hipócrita nem sequer serve.

Patrick contou-me que fizera um grande teatro para a convencer da sua inocência. Contou-me que chorara. O que se esqueceu de acrescentar foi que selou o acordo enfiando-lhe o coiso na boca.

- Não sei como aconteceu - conta-me agora Tamsin, quase em lágrimas também. Não me comovo. - Bem, até sei. Estávamos ambos um bocado bêbados, ele estava muito perturbado e, quando dei por mim, ele estava a beijar-me. Devia era tê-lo empurrado logo.

- Porque não o fizeste? - pergunto, a tentar que a minha voz não soe crítica.

- Acabei por o fazer. Não sei. Verdade que não sei. Calculo que devia ter querido também.

- Então *foi* apenas um beijo...? - Caramba, não consigo largar a coisa.

- Não... não.

- Mas acabaste por o empurrar. Ele queria continuar?

- Caí em mim, sim. Mas por essa altura já tinha acontecido muita coisa.

Tenho de saber.

- E ele queria continuar? - repito.

Ela parece ficar a pensar naquilo durante um instante.

- Sim. Porém, não sei durante quanto tempo. De facto, nunca mais falámos sobre isso.

- Então... até que ponto chegaram? Calculo que bastante longe...

Ela suspira.

- Não consigo falar sobre isso... vais ter de usar a tua imaginação.

Oh, não. Ela não se safa com aquilo.

- Aposto que estás a exagerar. Andas a censurar-te, mas não é nada tão mau como pensas.

- Não, verdade que é. Vais ter de confiar em mim.

Estendo o braço e encho outra vez os nossos dois copos. Quero pormenores e servir-lhe vinho poderá ajudar.

- Então e depois?

- Então concordámos ambos que tinha sido um erro horrível e que nunca ia acontecer de novo e que Michelle nunca podia descobrir. Na realidade, senti-me mal por ele, Bea, consegues acreditar? Ele parecia tão horrorizado com o que tínhamos feito quanto eu.

- Uau! Isto é... quero dizer, estavas tão indignada quando pensaste que ele andava a ter amantes...

- Não precisas de me recordar. Sinto-me horrivelmente mal. Sei que não faz qualquer sentido.

- Então... - digo e esta é a pergunta que quero mesmo ver respondida. - Já aconteceu outra vez?

Ela olha para mim como se eu tivesse acabado de sugerir que nos deitássemos no chão e o experimentássemos nós.

- Claro que não! Credo. Uma vez já foi suficientemente mau.

- Ele não tentou outra vez?

- Não. Ele não tentou outra vez.

Já é alguma coisa. Ela conta-me que tinha pensado que eles tinham posto aquilo para trás das costas. Concordado que tinha sido um erro da pior natureza e que descobri-lo nunca poderia beneficiar Michelle.

- Eu só conseguia pensar nela e no que lhe tinha feito - continua, fitando-me, de olhos lacrimosos, e eu penso, «Sim, claro, tenho a certeza de que não estavas nada a pensar em ti».

Emito alguns sons de compreensão e tento controlar as minhas emoções.

- Então como evoluiu a coisa até concordares em encobri-lo?

- Eu... eu mandei-lhe uma mensagem. Eu sei, eu sei. Foi uma coisa estúpida de fazer. Mas não conseguia apanhá-lo no dia seguinte e só queria ter a certeza de que estávamos

no mesmo comprimento de onda. Ele guardou a mensagem.

Ah, agora percebo. Patrick não esteve nada com falinhas mansas com ela, mas sim chantageou-a. Quase me rio.

- Caramba. Que sacana - observo e, talvez não pela razão que ela pensa, estou a falar a sério. - Então é isso para sempre? Ele tem esse ascendente sobre ti, por isso vais continuar a ajudá-lo a safar-se.

Se não estivesse tão zangada com Patrick, talvez estivesse a admirar a forma como ele conseguiu isto. É o melhor álibi do mundo.

- Não propriamente - diz ela agora, interrompendo com brusquidão o meu processo de pensamento.

Conta-me uma história qualquer de como limpou a mensagem do telemóvel. Percebo que, embora seja óbvio que os incidentes desta noite a abalaram, está a sentir-se algo orgulhosa disso. Estou em pulgas para lhe perguntar o que sucedeu esta noite, mas sei que tenho de aguardar o momento certo.

- Boa - observo. - Então agora és tu que estás a levar a melhor?

- Não sei.

Bebe um grande gole do seu vinho e, depois, conta-me que encontrou as mensagens de Ben e que apareceu hoje no hotel para tentar apanhá-lo. Sinto um calafrio a descer-me pela espinha quando percebo como estive perto de ser descoberta. Parece que Patrick a procurou no bar e a acusou mais ou menos de o seguir.

- Ou pelo menos foi o que pareceu. Não sei se ele já percebeu que apaguei a mensagem, mas, de qualquer forma, sabe que não vou submeter-me e deixar que continue a espezinhar-me.

Ocorre-me um pensamento.

- Mas porque estavas lá? Porque te preocupas com quem ele anda?

- Porque decidi que ele não vai safar-se.

Tudo se torna nítido e depois turvo. A sensação que temos quando acordamos depois de uma noite de farra e sabemos que nos espera um dia difícil.

- Pensei que querias proteger Michelle? Pensei que a tua principal prioridade era garantir que ela nunca descobria como ele era.

- Era. Mas isso era quando pensava que ele realmente a amava. Quando pensava que ele estava a ter uma crise de meia-idade...

«E antes de pensares que ele lhe podia contar o que aconteceu entre ti e ele», penso, mas não o digo em voz alta.

- No entanto, agora sei que ele é um irremediável sacana. E é melhor que descubra isso agora do que daqui a alguns anos.

- Não me interpretes mal, mas isto tem alguma coisa a ver contigo? Quero dizer... sei que ela é tua amiga... o que estou a dizer é que isto pode virar-se contra ti. Podes sair a perder.

Tamsin solta um grande suspiro ruidoso.

- Merda, não sei. Estarei a fazer a coisa errada?

Uma parte de mim grita «Sim». Não quero ser descoberta. Não posso nem imaginar como seria se Tamsin descobrisse que era eu a pessoa com quem Patrick andava a sair. Que era eu a grande ameaça má para a felicidade da amiga. Mas outra parte de mim, uma parte minúscula, mas surpreendentemente frontal, não pode deixar de pensar que, se Michelle descobrisse como Patrick é na realidade, então isso assinalaria com certeza a morte do casamento deles. E estou a começar a pensar que gostaria muito que ele fosse solteiro. Bem, não solteiro porque, como é óbvio, anda a sair comigo. Mas solteiro no papel. Sem o entrave de uma esposa. Livre para tornar oficial a sua relação comigo.

Controlo-me com rapidez. Claro que não posso ter esperança que isso aconteça. Tornaria insustentável a

minha relação com Tamsin, a minha chefe. Duvido que ela tivesse fundamentos para me despedir, mas imagino que poderia tornar a minha vida profissional impossível. Eu podia procurar outro emprego, mas tenho a certeza de que as referências dela careceriam de uma certa quantidade de entusiasmo. «Bea trabalha com afinco, isto é, se trabalhar com afinco significa que tentará seduzir os vossos amigos casados.» «Bea é um pouco cabra, por isso não a deixem sozinha com o vosso marido por nada deste mundo.» «Bea é um grande facalhão, a ponta dele.»

Pensando bem, acho que é melhor se eu poder ajudar a assegurar que Patrick e a sua santa mulher continuam juntos. Pelo menos por agora.

- Poderei precisar que me ajudes - diz ela agora. - Não faço ideia do que vou fazer a seguir.

- Com certeza - respondo, não falando a sério nem por um segundo. - Qualquer coisa que precises.

Bea

É óbvio que tentei ligar a Patrick mal saí de lá. Que se lixassem as Regras Ben.

Eu aceitara sem discutir a oferta de Tamsin para apanhar um táxi. Estava a fazer-se tarde e não estava de facto com disposição para frequentadores de metro bêbados a caminho de casa vindos das suas noites de diversão. A minha noite não podia ter sido descrita como divertida. Reveladora, sim. Chocante, sim. Divertida, não. Não propriamente.

Foi logo direto para o *voicemail*. Ele devia tê-lo desligado. Possivelmente, já estava enfiado na cama com Michelle, com a mão curvada ternamente à volta da cintura dela. O marido amoroso e atencioso. Não deixei uma mensagem. Não sou assim tão estúpida.

Cinco minutos depois, sentia-me grata por ele não ter atendido. Se tivesse desembuchado o que me estava a incomodar, ignorando os seus protestos de «Posso ligar-te daqui a bocado, pá?», então com toda a probabilidade nunca mais saberia nada dele. Teria ultrapassado o limite, passando de uma coisa que não representava qualquer

ameaça para uma coisa que era decididamente perigosa. Ter-me-ia tornado um inconveniente.

Vou ter de agir com cuidado. Não posso entrar a matar, toda acusações e exigências. Atenção que também não o vou deixar safar-se. No mínimo, tenciono contar-lhe o que sei. Ver o que ele tem a dizer em sua defesa.

Tentei não pensar neles os dois juntos. Tentei recordar-me que ele acabara de me conhecer quando aquilo tinha acontecido. Mas só a ideia fez-me querer vomitar.

Ali estava acordada quando entrei. Começou a desbobinar uma história interminável de como o seu ex ligara para o telemóvel dela por engano, mas tinham acabado por ter uma conversa longa e introspetiva. Algo do género. Tive dificuldade em fingir sequer interesse. Creio que ela disse que se iam encontrar na semana que vem. Não duvido que me contará a história toda outra vez. Ali tem essa tendência. Se tiver alguma coisa para nos contar, uma vez nunca chega. Depois apanho a coisa quando for a repetição.

Aleguei cansaço e ter de me levantar cedo no dia seguinte e retirei-me para o meu quarto. Mas a ideia de dormir parecia uma impossibilidade, por isso pus um DVD de *A Princesa Prometida*, um filme que já vi pelo menos dezassete vezes e dormi por muitas mais, engoli dois *Nytol* e, de alguma maneira, consegui adormecer.

Tamsin tem um ar ligeiramente histérico esta manhã, como uma criança na semana antes do Natal. É uma mulher com uma missão. Sei que está em pulgas para falar comigo. Agora que abriu aquelas comportas nada as fechará outra vez. Fico com a impressão que está a contar com uma sessão de *brainstorming*, porque já me perguntou o que vou fazer à hora do almoço. É de gritos.

Claro que não soube nada de Patrick. Não temos o tipo de relacionamento que inclui conversas íntimas ao telefone. Tudo o que posso fazer é esperar que ele me envie uma mensagem com uma hora para nos encontrarmos, a

propósito, estou sempre livre. Sempre que ele me enviou uma data e local, disse sempre que sim. Cancelei planos e abandonei amigos para estar às ordens dele. De repente, isso parece-me um pouco patético. Não sei porque levei tanto tempo.

Espero até que Lucy decide por fim sair e ir buscar o seu almoço. Como de costume, nem sequer lhe passa pela cabeça oferecer-se para trazer também alguma coisa para mim. Atenção que hoje em dia sou tão má como ela. Mal percebi que ela nunca iria retribuir a minha boa vontade, desisti. Ela que vá buscar a sua própria sanduíche minúscula com baixo teor de gordura, de hidratos de carbono e de calorias. Tamsin saiu para uma reunião. Do outro lado da cidade nos escritórios do ITV.

Fecho a porta. Pego no telefone. Marco o número.

- Gabinete de Patrick Mitchell.

- Olá - digo no que espero seja um tom alegre e confiante.

- Fala a Bea da Castle. Tenho aqui Tamsin Fordham para ele.

- Só um momento, Bea. Vou ver se ele está disponível - diz Verity, presumo que seja Verity.

Espero. A maçaneta da porta chocalha e sobressalto-me. Seguro o aparelho por cima do suporte, pronta para desligar a qualquer momento. Ashley enfia a cabeça pela porta.

- É só... - começa a dizer e não consigo evitar, quase lhe arranco a cabeça à dentada.

- Mas que porra, Ashley. Se a porta está fechada, bate.

Ouçó um ruído do outro lado da linha e abano a mão para ela se ir embora. Ela recua a murmurar «Desculpa». Mesmo a tempo. Ouçó a voz dele. Parece cauteloso e porque não?

- Tamsin?

Não me incomodo com subtilezas.

- Alguma coisa que aches que me devas dizer?

- Caramba. O que raio estás a fazer a telefonar-me para o trabalho?

- Porque sabia que não me ias telefonar e precisava de falar contigo.

- Pensei que tínhamos concordado...

- Sim, bem, não me apetece cumprir esse acordo de momento.

- Queres contar-me do que se trata? - Parece furioso.

- Queres que diga pelo telefone?

- Para de fazer joguinhos, Bea.

- Não estou a fazer joguinhos. Era uma pergunta genuína.

Ele suspira ruidosamente.

- O que vais fazer depois do trabalho? Posso encontrar-me contigo durante uma hora, às seis.

Já está à espera junto ao pequeno quiosque que vende chás e cafés quando lá chego. Não que estejamos a pensar beber uma chávena. Foi apenas o único sítio a que chegámos a acordo em toda a extensão de Hyde Park, mesmo junto ao metro de Lancaster Gate.

Estou dez minutos atrasada porque não consegui afastar-me das maquinações maníacas de Tamsin. É como um cão com um osso, agora que decidiu apanhar Patrick com a boca na botija. Já passámos metade da tarde a rejeitar muitas ideias risíveis de como concretizar a coisa. As minhas eram deliberadamente idióticas, como é óbvio. A dada altura, ela acusou-me de ter visto demasiado *Scooby Doo*. Graças a Deus que ela não tropeçou ainda em nenhuns planos dignos de séria consideração. Nada com que Patrick e eu nos tenhamos de preocupar.

Sinto uma ligeira onda de excitação quando o vejo, como acontece sempre. Ele está a olhar para o telemóvel; ainda não reparou em mim. Então sinto-me mal por lhe ter causado preocupação e por ter infringido as Regras Ben de

forma tão flagrante. Não sou a única que tem coisas em jogo.

E depois, claro, recordo-me da razão por que estamos ali e sinto-me apenas furiosa.

Ele levanta a cabeça quando estou ainda a uns passos de distância. Nenhum de nós sorri.

- Desculpa chegar atrasada. Tamsin teve de falar comigo.

Patrick começa a caminhar em direção ao lago ornamental e eu sigo-o.

- Então - diz, dispensando as amabilidades -, vais contar-me de que é que isto tudo se trata?

Já decidi que vou dizer a coisa muito simplesmente. Não vou estar com rodeios com ele.

- Tamsin contou-me sobre ti e ela.

Aquilo fá-lo estacar de repente.

- O quê?

Quero dizer, é de facto bastante incrível que o primeiro pensamento dele seja de que forma é que aquilo pode afetá-lo.

- O facto de ela me ter contado não vem propriamente ao caso. Aconteceu?

Ele olha para mim.

- Estás com ciúmes? Só nos conhecíamos há uns dois dias.

- A questão não é essa... quero dizer... Tamsin?

- Não dormi com ela.

- Foi o que ouvi. Ela já me relatou em pormenor.

Faço uma pausa para ver se ele vai negar o que eu estou a implicar. Não o faz. Forço-me a não me esquecer de fazer pressão para conseguir pormenores.

- Mas... o quê? Era ela que desejavas desde sempre? Estavas à espera que isto acontecesse há anos? Quê?

- Claro que não. Se queres mesmo saber, fi-lo para a calar.

Agora sou eu que sou apanhada de surpresa.

- Quê?

- Mal me contaste da ratoeira, percebi que tinha de fazer alguma coisa. Calculei que, se conseguisse que se sentisse também culpada, ela ia parar de agir como se fosse a polícia da fidelidade.

Deixo-me cair num banco vazio. De facto, solto uma gargalhada.

- Isso é possivelmente de génio.

Ele senta-se ao meu lado. Perto, mas não demasiado perto, caso algum colega apareça por acaso por ali a passear o cãozinho.

- Foi o que pensei. Não que devesse ter alguma importância, porque tínhamos acabado de nos conhecer e não tínhamos prometido nada um ao outro, mas não estou nem nunca estive interessado em Tamsin dessa maneira. Juro.

Está bem, agora vou dizer uma coisa mesmo carente. Tenham paciência comigo. Vai ser um espetáculo lamentável.

- E, fora isso, tenho sido só eu? Quero dizer, para além de Michelle, como é óbvio...

- Tens sido só tu. Vais ser só tu. Gosto mesmo de ti, Bea, sabes isso.

Inspiro fundo. Solto o ar com ruído.

- És mesmo bastante assustador. Conceber isso como plano...

- Funcionou, não foi?

- Suponho que tenho de admitir que sim. Mas aquela mensagem que ela te mandou...

Ele interrompe, a rir-se.

- Ela contou-te isso? Aquilo foi a porra de uma dádiva de Deus.

- Ela apagou-a.

Segue-se um momento de comédia em que ele tateia à procura do telemóvel, verifica as mensagens, passa-as para cima e para baixo muitas vezes. Verifica as fotografias.

- Como raio fez isso?

Conto-lhe o que ela me contou. Para ser sincera, apesar de ter decidido perdoar-lhe, ainda retiro alguma satisfação do facto de ver cair a sua máscara de confiança.

- Porra. Deve ter sido assim que ela descobriu onde e quando nos íamos encontrar.

Eu nem sequer pensara nisso.

- Achas?

- De que outra maneira?

- A coisa vai piorar - digo e falo-lhe da determinação de Tamsin de o desmascarar. - Ela quer que eu a ajude.

Ele pensa naquilo durante um instante. A tarde pôs-se mais fria. Há um ligeiro toque de outono no ar. Tiro o meu casaco de malha da mala e visto-o.

Começo a preocupar-me quando ele não diz nada, a perguntar a mim mesma se este quase incidente tornou as coisas demasiado reais.

- Estás a reconsiderar... quero dizer, em relação a nós?

E mal digo isto, percebo que quero, desesperadamente, que ele diga que não, «não estou a reconsiderar nem a mudar de opinião, não poderia desistir de ti mesmo que quisesse».

Merda. Não quero mesmo que ele responda.

Ele olha para mim.

- Não. Claro que não. Mas agora é complicado, percebes isso, não percebes?

Aceno com a cabeça, relutante. Tenho medo do rumo que isto está a tomar.

- Não podemos ser apanhados - diz ele em voz baixa.

- Eu sei. Mas, se ela achar que eu a estou a ajudar, então posso fazer com que não sejamos.

Acabou de me ocorrer. O facto de Tamsin ter pedido a minha ajuda pode ser a coisa que me salva e a Patrick.

- Quero dizer, pensa nisso. Posso guiá-la para uma pista completamente errada.

A ponta de um sorriso brinca-lhe nos lábios pela primeira vez desde que aqui chegámos. Aquela coisa assimétrica que

ele faz, em que só um lado da boca se revira para cima. Sempre me fez tremer um pouco os joelhos.

- Achas que consegues fazer isso?

Estou tão aliviada que a minha confiança não conhece limites, apesar de não saber bem o que tenciono fazer.

- Claro. Vai ser hilariante. E passado algum tempo ela deve desistir...

- Disso não tenho tanta certeza. Nós não podemos acomodar-nos. Nem por um segundo.

Nós. Ele disse «nós».

- Não! Claro que não. Sei que o meu emprego não é tão importante como o teu casamento - com toda a sinceridade, percebi que já me estou a borrifar para o casamento dele, mas quero que ele acredite que sim e ainda me preocupo muito com o meu emprego. Pelo menos até encontrar outro, caso em que tudo muda no que me diz respeito -, mas não quero que nenhuma das coisas me rebente na cara. Podemos usar isto a nosso favor.

O sorriso dele alarga-se, estende-se pelo rosto todo.

- Desde que ela nunca descubra que és tu, não tem nada. De qualquer modo, nada em que Michelle acredite.

- É arriscado - digo, agora que me sinto segura o suficiente para saber que ele não vai a lugar nenhum.

Patrick ri-se.

- Podemos baralhar-lhe a cabeça. Fazê-la acreditar em qualquer coisa que quisermos que acredite. Na realidade, é divertido.

- Suponho que já não podemos usar Ben.

Ele pensa durante um segundo.

- Podemos sim. Temos de o fazer. Só que não para encontros a sério. Depois deixo o telefone à mão para ela o consultar de vez em quando. Quer dizer, o que mais é que ela vai fazer? Seguir-me?

- Não diria que não seja capaz disso.

- Posso escapar-me na quinta à noite na próxima semana. E tu?

Penso na noite que Ali, Sarah e eu planeámos. Só uma piza seguida do *pub* e depois uma discoteca. Nada de especial, mas prometemos todas umas às outras que íamos estar livres.

- Está bem.

- Seis e meia no Covent Garden.

Aceno com a cabeça.

- Mando-te uma mensagem como Ben e só precisas de dizer que sim ao que aparecer. Mas o plano é seis e meia no Covent Garden, está bem?

- Certo.

- Oh, e antes desse dia, compra um desses telemóveis pré-pagos. Eu também compro. Vou guardar o meu no escritório, trancado numa gaveta de que só eu tenha a chave. Só mensagens, nada de chamadas.

- Caramba - digo. - Isto está a ficar como *The Wire*.

- Precisamos de ser muitíssimo cuidadosos - diz ele, depois olha em volta para verificar se ninguém está a ver e aperta-me a mão. - Quero mesmo continuar a ver-te, Bea.

Engulo em seco, furiosa comigo mesma por me estar a tornar numa idiota tal. Não faço a mínima ideia de onde isto vai parar.

- Eu também.

Tamsin

Por um lado, parece um alívio enorme. Um problema partilhado e tudo isso. Por outro, no entanto, contar a Bea tornou a coisa real. Antes, teria sido só a minha palavra contra a dele. Agora admiti a minha culpa a terceiros. Já não posso continuar a mentir a mim mesma, porque contei a verdade a outra pessoa.

Porém, como essa outra pessoa é Bea, não estou preocupada. Além de confiar plenamente nela, ela não conhece nenhuma das partes interessadas. E ter alguém com quem fazer *brainstorming* vai ser uma dádiva de Deus porque, para ser sincera, estou a ter dificuldade em arranjar mais ideias. E com certeza que não sou tão otimista que pense que terei outra vez acesso ao telemóvel de Patrick.

Mesmo assim, não vamos muito além de pensar em esperar à porta do escritório dele e segui-lo, o que nunca irá funcionar. Talvez num episódio de 24, quando eu pudesse aceder a todas as câmaras de segurança no sistema do metro e subir escadas rolantes ao contrário,

empurrando as pessoas para o lado sem nenhuma delas se virar contra mim e me derrubar. Mas isto é a vida real.

Bea, a rir-se, sugere que lhe cole algum tipo de sensor quando ele não estiver a olhar.

- Há uma Loja do Espião no Portman Square - diz. - Aposto que vendem uma coisa desse género.

Quase considero essa hipótese. Não tenho mais nada.

* * *

A outra coisa que faço para me distrair de tudo o resto que se está a passar/correr mal na minha vida é aceitar um convite de Ian e Fiona para uma festa que, regra geral, cortaria um dedo para evitar.

Agora, no entanto, decidi fazer «um esforço». Preciso de criar uma vida social para mim que não gire à volta de Michelle e Patrick. Passar menos tempo com eles fez-me perceber como estou dependente da sua companhia. Tornei-me preguiçosa. Mas a ideia de ir a um evento onde não conhecerei ninguém senão os anfitriões e Anne Marie enche-me de pavor.

É o décimo-quinto aniversário de casamento de Ian e Fiona. Geralmente, eles vão só jantar, mas porque este aniversário tem acoplado um número que é divisível por cinco, isso de algum modo torna-o significativo. Assim, será festa. E, na realidade, para ser justa, sei que me divertirei mal lá estiver, Ian e Fiona são ótimos anfitriões e pessoas fantásticas, só que ter de chegar até lá parece uma batalha que requer muito esforço.

Perco-me no caminho desde a paragem do autocarro (a casa fica em Muswell Hill, sem metro, e, conseqüentemente, quase impossível de lá chegar), o que demonstra há quanto tempo aqui não venho. Assim, chego à *villa* vitoriana geminada, que grita «jovem família bem na vida», num caos transpirado.

Estou a usar um elegante vestido justo cor-de-rosa-claro dos anos sessenta e sapatos, de salto fino e não muito alto, dolorosamente pontiagudos. O autocarro devia ter parado à porta de casa deles e, na realidade, tenho quase a certeza de que parou, só que eu já não vinha lá dentro. Tinha entrado em pânico e saído mais cedo quando pensei ver um ponto de referência que reconheci. O meu cabelo está penteado ao alto no que devia ser um puxo ligeiramente desfeito, mas a parte desfeita da relação provou claramente ser a dominante. Trago uma garrafa de champanhe, por isso imagino que pareço uma galdéria de luxo enquanto cambaleio pela rua fora.

Estou prestes a tocar à campainha quando uma voz me faz estacar de repente.

- Oh, meu Deus, és uma mulher! Não me apercebi quando nos encontrámos antes.

Viro-me e vejo Adam. O do encontro fracassado. Esquecera-me que era provável que viesse também. Fantástico.

- Oh, olá. Tenho de te pedir desculpa - digo. Bem posso resolver já isto. - Estava um bocado perturbada quando nos conhecemos. Poderei ter sido malcriada...

- Ah, sim, como vai a tua mãe? - responde ele com um certo sorrisinho.

- Eu tinha só algumas... coisas...

- Tudo bem. Para ser sincero, também não me apetecia lá estar, mal olhei para ti.

- Ah, ah!

O rosto dele abre-se num grande sorriso abolachado.

- Oh, graças a Deus que te riste. A coisa podia ter dado para os dois lados.

Há cerca de vinte amigos e familiares de Ian e Fiona na festa. Os miúdos, desta vez, não se veem em lado nenhum e, quando pergunto a Fiona onde os esconderam, ela diz-

me que foram subornados com DVDs e piza e que estão todos enfiados com a *baby-sitter* num dos quartos. Isso parece infinitamente preferível à última vez que aqui estive, quando eles fizeram algum tipo de apresentação coreografada de *Música no Coração* nas escadas. Imagino que a mais velha, aos quinze anos, tenha chegado à fase do «só por cima do meu cadáver» no que diz respeito a coisas desse género.

A presença deles, no entanto, ainda se faz sentir na casa toda. Há obras de arte infantis penduradas por todo o lado, brinquedos para os mais pequenos e consolas de jogos e equipamento desportivo para os outros. Para todo o lado que vá, piso alguma coisa que não deveria, uma vaca de plástico, uma confusão de pulseiras de elásticos, uma meia. É como uma corrida de obstáculos para *Os Pequenininhos*.

O meu plano é aninhar-me num canto com Anne Marie, pelo menos até ter bebido um par de bebidas, mas esqueci-me de tomar em linha de conta que ela é a Senhora Sociável e que adora conversar alegremente com qualquer pessoa. Sigo-a durante um tempo como um cachorrinho perdido, mas por fim fico um pouco farta da constante série de perguntas do tipo «E o que fazes?», por isso estaciono ao lado do bufete e finjo estar absorvida na escolha do que pôr no meu prato. Detesto o constrangimento das primeiras fases das festas. É a única altura em que parece que até poderia ser bom ter um namorado para usar como lastro.

Também lá está o espumante, por isso encho o meu copo, bebo-o de um trago demasiado depressa e encho-o de novo, sub-repticiamente. Não tenho qualquer intenção de ficar bêbada e desgraçar-me, mas preciso de ganhar coragem. Avisto Fiona do outro lado da sala, a movimentar-se por entre os convidados com uma garrafa e vou direita a ela.

– Comida fantástica – digo. – Passaste o dia inteiro a cozinhar?

– Porque achas que tive tantos filhos? – responde ela, a rir-se. – Força de trabalho instantânea e não remunerada.

- Raios. Sabia que havia uma razão para dever ter tido alguns.

- É a única razão. Como vai o trabalho?

- Oh, sabes, vamos sobreviver...

- Sobrevivendo. Sim, Ian disse que está tudo um pouco parado de momento.

- Bem. Sabes que com o verão...

- Exato. Foi o que eu disse. Todos os responsáveis pelas encomendas de programas estão possivelmente na Toscana.

- Será um alívio quando tivermos mais alguma coisa a...

- Arrancar. Eu sei. Oh, olha, cá está o Adam.

Estende uma mão e agarra-o pelo braço quando ele passa.

- Vocês os dois já se conhecem, como é óbvio.

- Fiona está a deixar-te dizer alguma coisa? - pergunta Adam. - Às vezes invento disparates ao acaso só para ver se ela vai nisso.

- Ah, ah! - resfolego antes de conseguir conter-me e depois lanço uma olhadela rápida a Fiona para ver se não ficou ofendida (nunca sonharia em gozar com ela por causa daquele seu mau hábito), mas ela está a rir-se alegremente.

- Muito engraçado. Foi por isso que pensei que vocês os dois se dessem bem - diz, olhando com afeto para Adam.

- Bem, nunca comeces uma agência de casamentos, está bem? - observo, arriscando que Adam entenda a piada e ele não se faz rogado e solta uma risada abafada. Na realidade, o que eu digo é «Nunca comeces uma agência de...» antes de Fiona interromper com:

- Casamentos! Caramba, tornei a fazer o mesmo. Desculpem. Não faço mais. Prometo.

- Às vezes, gosto de falar mesmo devagar só para ver o sofrimento no rosto dela enquanto espera que seja a vez dela de falar. Olha! - diz Adam. - Olha para ela a tentar controlar-se... para não... acabar... a... frase... por... mim.

Fiona está a exhibir a linguagem corporal de um cão ansioso quando o dono o provoca com um *frisbee*. É como uma mola enrolada à espera de saltar. De facto, até parece que dói.

- Estás a ver! - exclama, quando ele acaba por parar. - Não te interrompi! Não sei de que estás a falar.

Adam puxa-a para um grande abraço.

- Sabes que te adoro.

Fiona empurra-o.

- Tenho de ir cuidar dos meus outros convidados. Os simpáticos.

- Vais acabar por voltar, não consegues resistir-me - diz ele.

* * *

Deixados por nossa conta, pergunto a mim mesma de que iremos falar, Adam e eu, e se deveria pedir licença e ir atrás de Anne Marie ou de Ian e esconder-me atrás deles. Porém, depois da nossa anterior noite atroz, isso pareceria um pouco de mais em termos de má-criação, por isso fico onde estou e tento pensar nalguma coisa para dizer. Mas então acontece uma coisa maravilhosa. Adam abre a boca e é hilariante. Começo a rir-me com a primeira coisa que ele diz que é «Ela devia aprender a dizer o que pensa, aquela mulher!» e não paro até que nos despedimos quatro horas e meia depois.

É como terapia. Passados alguns minutos, estamos a conversar como pessoas que se conhecem há anos. Não posso acreditar que não tenha reparado como ele era boa companhia da última vez que nos encontrámos. Ficamos ambos bastante bêbados e esquecemo-nos de tentar sequer interagir com os outros convidados da festa. Percebo que mal pensei em Patrick a noite toda. Depois de mais ou menos quatro copos de vinho, pergunto:

- Seria esquisito se nos encontrássemos outra vez, dado que claramente não nos sentimos atraídos um pelo outro?

Adam faz uma cara de desânimo fingido.

- Como podes dizer isso? Acabei de mandar uma mensagem à minha mãe quando fui à casa de banho a dizer-lhe para comprar um chapéu para o casamento.

- Oh, podemos casar-nos. Só não... sabes. Parece que milhares de pessoas o fazem.

- Está bem. Desde que prometas não me saltar em cima quando eu estiver a dormir. Já me disseram que sou bastante irresistível.

- Vou tentar - respondo, lançando-me para a garrafa mais próxima e enchendo os nossos dois copos até à borda. - Porém, nada de promessas.

- Na realidade, preciso de manter o meu estatuto de solteiro. Ajuda nos *sites* de encontros *online*.

- Eu marco encontros *online*! - exclamo, demasiado alto. Creio que devo estar um pouco mais tocada do que pensava. - Estou no *site* Other Half.

- Caramba, eu também - responde ele, fazendo uma careta. - Ia dizer que é uma surpresa nunca nos termos visto um ao outro lá, mas, sabes, eu ponho «atraente» na minha lista de atributos obrigatórios.

- Sim, eu ponho «tem de fazer exercício» na minha. - Demasiado? Parece que não, porque Adam solta uma risada abafada.

Por alguma razão, porque gosto dele, porque sinto que ele não vai tecer juízos de valor, porque estou bêbada, acabo por lhe contar toda a triste história de Patrick/Michelle e ele escuta toda a narrativa sórdida sem comentários. Nem sequer me diz que sou louca por me envolver ou que devia deixar tudo em paz.

- Uau! - exclama, quando chego ao fim. - Estou a pensar que, se dormes com o marido da tua melhor amiga, tenho definitivamente uma hipótese.

E eu rio-me daquilo pela primeira vez desde que aconteceu.

- Primeiro, eu não dormi mesmo com ele. E, em segundo lugar, pensei que tínhamos concordado que não nos interessávamos um pelo outro dessa maneira.

- Concedo que teria de me esforçar, mas não tenho tido muita ação há algum tempo, por isso...

Dou-lhe um murro no braço. Não de uma forma atiradiça e delicadoce como Meg Ryan poderia fazer a Billy Crystal, mas de maneira a doer.

- *Uf!* - Ele esfrega o sítio.

- Desculpa. Não consegui evitar.

- Então o que vais fazer? Em relação ao teu «problema»?

- Não faço ideia. Agora que já contei a Bea, sinto que podemos conceber algum plano. Alguma coisa. Sabe Deus o quê.

- Vou dedicar a minha vida a pensar em alguma coisa.

- Tu, eu e Bea devíamo-nos encontrar e maquinar qualquer coisa - sugiro, a sentir de repente que é importante termos um plano para nos encontrarmos de novo.

- Perfeito - diz ele. - Gosto da perspetiva de Bea. Ela é solteira?

- Caramba, já estás interessado noutra pessoa. Sinto-me devastada. Mas, na realidade, não, não é. E, de qualquer modo, ela é exigente. Não vai escolher nenhum falhado.

- Gosto de um desafio - retruca Adam, a sorrir, e em parte penso, «Sim, se Danny não correr bem, posso arranjar as coisas entre Bea e Adam. Quem sabe, talvez ela aceite».

- Estás a ver, disse-te que ias gostar dele - observa Fiona quando esbarra comigo à espera à porta da casa de banho.

- Os meus instintos nunca se enganam.

- Receio que desta vez sim. É um tipo adorável, só não...

- O teu tipo? Nunca pensei que Ian fosse o meu tipo até lhe dar uma oportunidade.

- Vou-me embora daqui a um minuto - digo, para a fazer abandonar a ideia. - Foi fantástico. Obrigada.

Quando parto, parece que Adam e eu somos velhos amigos. Ele sabe de certeza mais sobre mim do que os meus amigos. Atiro-me para um táxi, sentindo-me otimista pela primeira vez há séculos.

40

Bea

Eu e Patrick temos uma combinação. É em parte para nos entretermos e em parte para lixar Tamsin. Não a vai propriamente fazer largar a pista, mas sim fazer-lhe perder tempo e energia e a nós fazer-nos sentir que estamos numa posição de superioridade.

Da próxima vez que Tamsin estiver em casa deles, ele vai dizer-me e, de repente, sem mais nem menos, Ben vai telefonar a meio da visita dela. Patrick vai aprontar um grande espetáculo a dizer a Michelle que Ben está ao telefone e depois passar para a divisão seguinte para atender a chamada. A esperança dele é que Tamsin não consiga resistir a segui-lo para tentar escutar e vá ouvi-lo a marcar um encontro a quilómetros do nosso local de encontro escolhido no Convent Garden Hotel. Na semana a seguir, ela vai arrastar-se pela cidade na esperança de o apanhar com a boca na botija (encorajada por mim se me fizer confidências, que não tenho razão nenhuma para acreditar que não fará) e nós podemos encontrar-nos sem qualquer receio de ela estar escondida atrás de um pilar algures.

Em parte, penso que Patrick quer esquecer de todo o nosso encontro e seguir antes Tamsin, a caça a perseguir o caçador, para ver quando tempo ela espera para o apanhar. De facto, ele telefona-me do escritório, um acontecimento sem precedentes, só para uma conversazinha, e passamos dez minutos a bater umas bolas a imaginar cenários cada vez mais absurdos para onde podemos enviá-la numa caça aos gambozinos: Glasgow! O estádio de Wembley quando estiver a dar um jogo de futebol! No cimo do Shard! (Tamsin odeia alturas.) Na realidade, estamos a ficar um pouco histéricos, a rirmo-nos como um casal normal, quando de repente ele diz «Merda. Verity voltou» e desliga a chamada sem dizer adeus. Esvazio-me como um balão de aniversário já do dia anterior.

Quando o toque estranho começou a soar dentro da minha mala e me lembrei que tinha agora um segundo telemóvel, pré-pago, número dado apenas a uma pessoa e só uma pessoa, eu fora para a rua para evitar ser ouvida, a abanar a minha mão para Lucy como se para dizer que estava com pouco sinal. Nunca tocara antes, por isso esquecera-me que havia sequer uma possibilidade de poder emitir som. Dei a volta à esquina e escondi-me na entrada de um bloco de apartamentos, só para o caso de alguém poder ouvir. Tamsin está fora do escritório hoje, a tentar resolver o problema de Michael, o produtor caprichoso de *Rooms With a View*. Não sei nada dela desde cerca das onze, por isso estou com esperança que, desta vez, possa fazer um intervalo de almoço como deve ser. Ir comprar uma sanduíche. Sentar-me num banco.

– Lucy saiu – diz Ashley quando regresso e passo pela receção.

Olho para o relógio. Meio-dia e meia.

– Já?

Ashley revira ligeiramente os olhos. Não o suficiente para dar a entender que está a tomar partido, mas percebo-o.

- Teve de ir a Westfield.

- Se calhar, vai começar as compras de Natal cedo. No final de contas, faltam apenas cerca de um milhão de dias.

Ashley solta uma risada. Depois parece contrita.

- Mas pediu-me para te pedir a ti se tratavas do almoço de Ian. Eu ofereci-me, mas ela disse que tu sabes como ele gosta das coisas, por isso...

- Que porra.

O que Ian quer para o almoço é sempre como uma lista de compras. Uma sanduíche de um sítio, uma bebida de outro, um bolo da padaria. Maionese, mas não manteiga se for galinha. Manteiga, mas não maionese, se for atum. Ambas com ovo. Queijo *brie*, mas só se verificarmos primeiro se está mole. A mesma coisa para a abacate. Se não, então queijo *cheddar*. Mas só se eles tiverem muito bem curado. É exaustivo.

- Sinceramente, posso ir buscar, se me disseres onde ir.

- Obrigada, mas tudo bem. Levaria talvez mais tempo a explicar todas as suas estúpidas idiossincrasias do que a ir eu buscá-lo. Ele está?

Ela abana a cabeça.

- Volta mais ou menos dentro de um quarto de hora.

O meu sonho de uma hora inteira de almoço só para mim espumeja e morre.

- Avisa-me mal ele entre, está bem? Entretanto, há uma pilha de fotocópias de que Tamsin precisa em cima da minha secretária. Se tiveres oportunidade.

- Sem problema - responde Ashley.

- Não menciones que te pedi para o fazer, está bem? Sabes como ela é. - Só a proteger-me.

Durante a nossa chamada telefónica, Patrick avisou-me que Tamsin deve ir a casa deles esta noite. Deu-me instruções

para telefonar às oito e meia. Mais cedo, ainda estarão a comer e ela poderá achar que não pode levantar-se e sair da mesa para o seguir.

Se a hora não for ideal, ou se Tamsin já tiver saído ou ele estiver na casa de banho ou qualquer outra coisa, não atenderá. Tentaremos outra vez noutra noite. Embora esteja a achar hilariante a ideia de a mandar quilómetros na direção errada, não quer que corramos quaisquer riscos.

E eu também não. Claro que não.

Assim, às oito e vinte e cinco estou lá em cima no quarto de Sarah, debruçada na janela, à espera. Graças a Deus que ela não está em casa. Acho que ia achar difícil fazer isto com uma assistência. Sentada aqui sozinha, começo a pensar que talvez isto seja uma ideia estúpida. Toda a coisa depende de Tamsin não só sentir-se suficientemente curiosa para seguir Patrick e conseguir ouvir, mas também estar em posição de o fazer, ao mesmo tempo que ele finge que está a tentar desesperadamente não ser ouvido.

Exatamente às oito e meia, marco o número dele e sustenho a respiração. Passados cerca de quatro toques (presumo que enquanto ele faz o seu teatro de «É Ben, é melhor atender»), ele atende.

- Tudo bem, pá.

Como me explicou, não digo nada. Não posso arriscar que Michelle ouça uma voz de mulher a sair do aparelho.

- Espera aí - diz. - Estou a ficar sem sinal. Vou para a outra sala.

Ele é bom nisto. Mentir. Enganar. Mas também já o sabia.

Tamsin

- É Ben - declara ele, mostrando o telemóvel, como se para provar o que está a dizer. E ali está no ecrã para eu e Michelle vermos: Ben. - Preciso de atender - continua e nem sequer olha para mim.

Fito-o incrédula. Se eu própria não tivesse visto o nome, quase pensaria que era uma piada. Um programa de apanhados. Um Apanhei-te.

- Claro - responde Michelle e sorri-lhe.

- Tudo bem, pá - diz Patrick ao telefone.

Aplico o ouvido. Não consigo ouvir nada. Com certeza que ele não vai ter uma conversa com a amante aqui à nossa frente?

- Estou a ficar sem sinal. Vou para a outra sala.

Ergue uma mão, «desculpem», quando sai. Ouço-o ainda a falar enquanto se dirige para as escadas, na direção da sala.

- Espera aí um segundo. O sinal aqui é uma merda.

- O amigo do futebol - diz Michelle, como explicação.

- Pois.

- Têm algum jogo de desforra à porta... - começa ela a dizer.

Não estou a ouvi-la. Estou praticamente a fazer sangrar os ouvidos a tentar apanhar alguma palavra da conversa.

- Espera aí. Estou aflita para ir à casa de banho - digo, usando a minha desculpa já testada e de confiança. No final de contas, quem vai rebater? Sou uma mulher de uma certa idade. A minha bexiga já não é o que era. Corro lá para cima antes que ela possa dizer alguma coisa. - Não demoro nada.

A porta para a sala está aberta, mas encostada. Ouço o tom baixo de Patrick lá dentro.

- Está bem, mas não me telefones outra vez - diz ele. - Só mensagens.

Hesito, perfeitamente ciente de que ele pode sair a qualquer momento e apanhar-me. Encosto-me ao lado da porta mais perto da casa de banho, para poder correr para ela se perceber que ele vai sair.

- Diz lá outra vez onde é? - pergunta ele em voz baixa. Uma pausa. - Não sei a que horas consigo chegar a Canary Wharf. Vou tentar ao quarto para as sete, mas poderá ser só às sete. Está bem... está bem... o Radisson... Tenho de ir...

Não ouço o resto, porque largo a toda a velocidade pelas escadas abaixo outra vez. Terei acabado de ouvir os pormenores do próximo encontro secreto deles? Não faço ideia de que dia estão a falar, mas será bastante fácil descobrir, falando com Michelle, quando vai ele chegar tarde a casa. Congratulo-me com o meu raciocínio rápido.

Quando Patrick reaparece na cozinha da cave, estou outra vez sentada à mesa e a perguntar a Michelle quanto teve ela de pagar por um molho de coentros na mercearia local.

- Tudo bem? - pergunta Michelle quando Patrick se volta a sentar.

- Ótimo - responde ele, atirando-lhe um grande sorriso. - Mas vou estar fora na quinta à noite. Querem fazer uma

sessão de treino extra antes do «grande jogo». – Faz aspas com os dedos quando diz «grande jogo» para mostrar que está a ser irónico.

– Vão jogar com os principais rivais na próxima semana – explica Michelle. – Uma equipa do Canal 5, não é? Levaram uma abada de oito a zero da última vez, por isso tornou-se bastante sério.

– Os meus antigos colegas. Tornou-se muito pessoal – diz-me Patrick, como se acreditasse mesmo no que está a dizer.

Talvez acredite. Talvez exista ali algum elemento de verdade algures. Não faço ideia se ele agora joga sequer futebol. Se alguma vez jogou. Ou se inventou tudo como cortina de fumo. Já não sei o que é verdade e o que é mentira.

Sei, porém, que não vai treinar na quinta à noite. E até sei onde vai estar.

Não vou mentir: Canary Wharf fica muito longe de Brook Green. Tenho de andar até à estação de metro de Hammersmith, apanhar a Piccadilly Line para Green Park e mudar para a Jubilee. E é hora de ponta, por isso devo passar a maior parte de ambas as viagens comprimida contra o sovaco de alguém. É incrível que exista tal variedade de aromas de transpiração a emanar dos londrinos depois de um dia árduo no trabalho. Podiam escrever um livro. Mas não escrevam.

Saio do trabalho cedo. Contei a Bea a minha missão. Tentei até persuadi-la a fazer-me companhia.

– Oh, não. Estás por tua conta nessa – disse ela, a rir-se. – E, além disso, prometi a Danny que lhe cozinhava o jantar.

– Caramba que ele é corajoso.

– Vou fazer uma lasanha, seguida por tarte de maçã. Não creio que haja aí muito que o possa matar.

– Então continua a correr bem?

Ela sorriu. Fiquei contente por ver Bea feliz. É óbvio que estar apaixonada combina com ela.

- Ainda a correr bem. Vais mesmo até Canary Wharf para tentar apanhá-los?

- Não tenho nada melhor para fazer. Como é triste a minha vida.

Até pensei em perguntar a Adam se ele queria vir comigo. Com companhia, seria mais divertido, uma aventura. Sozinha parece de facto um pouco trágico, mesmo para mim. Trocámos um par de *e-mails* desde o dia da festa e ele perguntou-me como vai a minha investigação. Pensando bem, decido que seria esquisito. Mal o conheço. No entanto, sei que tenho de fazer um esforço para aceitar a proposta que ele fez quando nos despedimos de irmos tomar um copo.

- Telefone se tiver alguma coisa excitante a relatar - digo para Bea quando saio às cinco.

- Com certeza. Embora saibas como é o sinal na minha casa.

Está a chover quando saio do escritório, parece que pela primeira vez há imenso tempo. Felizmente, tenho sempre um guarda-chuva enfiado no fundo da minha grande mala vermelha, parte de um *kit* de sobrevivência que podia manter-me viva durante várias semanas numa ilha deserta. Tenho mesmo de limpar aquela mala um dia destes. Remexo por baixo de lenços de papel, de uma camisola fina, barras de pequeno-almoço, uma garrafa de água, embalagens de *Nurofen* e *Piriton* e puxo-o para fora.

Estou sentada no metro em Green Park quando me ocorre uma ideia. Como pude ser tão estúpida? Isto é demasiado fácil. Quais são as hipóteses da namorada de Patrick lhe telefonar às oito e meia da noite, sabendo que ele devia estar em casa com a mulher? Quando até lá estava eu. Ele fez grande questão de dizer que era Ben, sabendo muito

bem que eu sei que Ben é nome de código para ELA. E consegui ouvi-lo a explicar onde se iam encontrar.

Foi tudo só para meu proveito.

Abro caminho pela multidão e saio para a plataforma, mesmo no instante em que as portas se fecham. Presumo que o plano fosse enviar-me através de Londres, claro que eles não se iam encontrar em Canary Wharf. Porque se encontrariam? E depois eles podiam passar a noite a rir-se da idiota que eu era, sabendo muito bem que não iam ser apanhados. Enrubesco, não sei se de vergonha por ter sido enganada com tanta facilidade ou de fúria por Patrick pensar que me vai passar a perna.

Não o vou deixar safar-se.

Quando saio outra vez para o mundo, pesco o meu telemóvel e tento ligar a Bea. Ela saberá o que devo fazer. Nenhuma resposta. Ela deixa sempre o telemóvel no silêncio quando está no escritório, por isso, a não ser que esteja a olhar para ele, nem sequer saberá que está a tocar. Fico ali em Piccadilly com pessoas a enxamear à minha volta e sem nenhuma ideia do que fazer.

Tento outra vez Bea. Uma vez. Duas vezes. Deixo-lhe uma mensagem para me ligar. Ando de um lado para o outro. Sinto-me derrotada. Bem posso voltar outra vez para o metro e ir para casa.

O meu telemóvel toca. Sobressalto-me. Graças a Deus. Finalmente. Atendo sem sequer verificar quem é, tão convencida estou que deve ser Bea a responder à minha mensagem. Uma voz de homem que não reconheço cumprimenta-me com familiaridade. Hesito apenas um segundo, mostrando que não sei quem está a telefonar.

- É o Adam - diz ele, mesmo no momento em que percebo. - Já me esqueceste?

Não estou com disposição.

- Adam! Olá. Escuta, posso ligar-te daqui a bocado...

- Claro... quando quiseres. Devia ter percebido que estavas ocupada no trabalho.

- Não estou... oh, meu Deus, Adam, sinto-me uma idiota tal...

Não sei o que me leva a dizer isto. Desespero, muito provavelmente.

- Quê? Estás bem? Não sei se vou desligar e depois tu telefonares-me mais tarde, porque devo dizer que agora vou achar difícil concentrar-me.

Conto-lhe a versão rápida. Como penso que Patrick me passou deliberadamente aquela informação para mostrar que é ele que controla as coisas. Como eu ia a caminho do local de encontro falso quando tive uma epifania.

- Não estou a ser leviano, mas o teu amigo parece um perfeito sacana.

- Deixei de pensar nele como meu amigo há algum tempo. Se não fosse por Michelle, para ser sincera, nem sequer o tinha feito para começar.

- Bem, estou a perceber por que razão queres expô-lo.

- Pois é, não é?

Sinto-me muitíssimo animada com isto. Não é só porque estou a ser vingativa e quero desferrar-me de Patrick. Pessoas normais, racionais, sem qualquer interesse direto na situação acham que eu tenho razão. Pelo menos, *uma* pessoa normal, racional.

- Então e agora?

- Não faço ideia. Não há qualquer hipótese de ele me deixar outra vez chegar perto do telemóvel dele.

- Onde é o escritório dele?

- Em Holborn. Porquê? Não me digas que eu devia segui-lo porque até eu sei que é uma ideia de merda.

- Que mais tens?

- Nada.

- Digo-te o que fazemos - diz Adam. - Eu estava de facto a telefonar-te para ver se te apetecia um copo esta noite, mas isto parece muito mais excitante. Estou em Shoreditch, por isso encontramo-nos lá. Qual é a morada?

- Estás a gozar?

Adam ri-se.

- Há anos que não tenho tanta emoção. Ele não vem de carro, pois não? Porque isso tornaria as coisas mais difíceis.

- Não, anda de metro. Mas poderá apanhar um táxi para o sítio para onde vai.

- Oh, meu Deus, sempre quis dizer «siga aquele carro» a um motorista de táxi.

Agora é a minha vez de rir.

- Isto é uma loucura.

- Que mais vais fazer esta noite? Chorar no teu empadão de carne?

- Só como peixe.

- Vai ser divertido. Se não o virmos, não há problema. Vamos até ao bar mais próximo e afogamos as nossas mágoas juntos.

- Está bem... consigo lá chegar por volta das dez para as seis.

Dou-lhe a morada e, por insistência dele, uma descrição de Patrick para ele poder vigiar se ele sair antes de eu lá chegar.

- Não te vás pôr a seguir a pessoa errada, está bem?

- Se vir alguém provável, tiro uma foto e mando-ta pelo telemóvel.

- És mesmo maluco, sabes isso? - retruco, mas sinto uma enorme onda de alívio por não ter de ir fazer isto sozinha.

O escritório de Patrick fica num grande edifício de fachada de vidro na High Holborn que não só alberga o Home Improvement Channel, mas também vários dos seus canais irmãos, todos sob a égide da Petersen Media. Todos presididos por Julian Franklin. Como é óbvio, já aqui estive antes, várias vezes, de facto, a pretexto de trabalho, por isso sei que o gabinete de Patrick fica nas traseiras do,

acho eu, quinto andar. Tanto quanto sei, toda a gente chega e parte pelo mesmo átrio do rés-do-chão.

Adam enviou-me uma mensagem para me dizer que está a beber uma cerveja à porta de um *pub* do outro lado da rua. Avisto-o logo. Está a usar um boné azul de beisebol com a palavra Miami gravada, segura um exemplar do jornal *Metro* à frente da cara e espreita por cima dele. Por que razão, não faço a mínima ideia. Patrick nem sequer sabe que ele existe, muito menos qual é o seu aspeto.

- Subtil - digo e ele estremece.

- Caramba! Tenho um problema de coração, sabes.

Rio-me e depois penso que ele está se calhar a dizer a verdade. Afinal, mal o conheço.

- Merda. Tens?

- Não. Mas poderei ter depois disto.

Sento-me ao lado dele. Tiro-lhe o jornal e ponho-o à frente da minha própria cara.

- Eu é que preciso disto.

- Eu ia buscar-te uma bebida, mas tenho medo de perder toda a ação. Podes ficar com a minha. - Passa-me o copo dele e eu bebo um longo gole. Torno a passar-lho.

- Pronto. Podemos partilhar.

- Caramba, adoro um encontro romântico que sai barato - diz Adam.

- Então o que fazemos agora?

- Esperamos - explica ele e ergue as sobrancelhas para mim. - Não tires os olhos daquela porta.

Bea

O local de hoje é o Covent Garden Hotel, um hotel boutique de um chique rústico em Monmouth Street, perto de Seven Dials. Montes de madeira escura. Com muito estilo. Muito discreto.

Estou a ficar a conhecer bem os hotéis elegantes do centro de Londres. Podia escrever um guia. Claro que só cobriria as zonas da receção e dos quartos, com especial destaque para os minibares e o conforto das camas. Uma pequena subsecção sobre casas de banho. Nunca vejo as zonas de estar nem os restaurantes.

Sabemos, claro, que Tamsin estava à escuta quando Patrick esperava que estivesse. Ele diz que a ouviu subir as escadas atrás dele e pude confirmar que apanhou toda a informação relevante e está neste momento a caminho de Canary Wharf.

O mais engraçado é que ela queria que eu fosse com ela. Mais engraçado. Mais triste. Não sei bem qual.

Logo depois de ela se ir embora, reparei que me ligou um par de vezes. Uma mensagem: «Telefona-me.» Tentei retribuir a chamada, mas ela devia estar no metro, porque

a chamada foi direta para o *voicemail*. Deixei também uma mensagem:

– Precisavas de mim? Liguei agora o som, por isso tenta outra vez. Vou estar disponível a noite toda.

Posso desligá-lo quando estiver com Patrick. Culpar o sinal fraco. Ela sabe que o meu apartamento é como o Triângulo das Bermudas dos sinais de telemóvel.

* * *

Cheguei a uma grande decisão. Vou ter de procurar outro emprego.

Não tenho dúvida nenhuma que neste momento a minha posição é precária, para não dizer pior. Um deslize da parte de Patrick e vou para o olho da rua. E encontrar emprego quando tenho pouca experiência é com certeza melhor do que persuadir alguém a dar-me emprego depois de ter sido despedida. Não que ache que Tamsin teria na realidade motivos para me despedir. Há leis. Mas mesmo assim. Porque correr o risco?

Assim, tenho um plano. Como posso encontrar um emprego que reflita de forma adequada as minhas capacidades e não a minha experiência? Quem conheço numa posição de poder? Quem se deveria sentir, num certo sentido, meu protetor? Sentir-se um pouco responsável por eu poder estar a fechar algumas portas?

Não há prémios se souberem a resposta.

Porque não nos vamos encontrar senão às seis e meia, não preciso de sair do trabalho cedo, mas passo a maior parte da última meia hora a arranjar-me. A esforçar-me. Tenho a certeza de que ele tem suficientes roupões e velhas cuequinhas frouxas do M&S em casa. Estar comigo deve ser especial. Alguma coisa que ele deseje com ansiedade quando Michelle lhe estiver a perguntar se prefere que ela

compre filetes de bacalhau ou hadoque na sua próxima ida ao Tesco ou se já levou o caixote das coisas para reciclar lá para fora.

Dispo as calças de ganga e visto uma saia justa e gira preta e branca, pelo joelho, do Warehouse, e sapatos de saltos altos. Detesto não conseguir tomar um duche, mas faço o que posso no pequeno lavatório que está, felizmente, dentro do cubículo da sanita. Tenho um bronzado muito pouco à moda, portanto, isso significa que não tenho de me preocupar muito com a maquilhagem, ponho só rímel nas pestanas, passo um pouco de *gloss* nos lábios e já estou pronta.

Vou buscar a minha mala ao gabinete. Lucy já se foi embora, mas o correio está em cima da minha secretária à espera de ser carimbado e deixado nos correios. Atiro-o para a secretária de Ashley quando passo.

– Podes tratar disto? Estou com um bocado de pressa.

– Claro – responde ela. Nenhum toque de agastamento na voz. É demasiado boa para o seu próprio bem, aquela rapariga. – Tem uma boa noite – gorjeia quando me dirijo para as escadas.

No Covent Garden não há na realidade nenhum sítio para esperar cá fora, por isso fico por ali no átrio, sentada num banco que existe entre a porta de entrada e o balcão da receção. Brinco com o telemóvel, a tentar não dar nas vistas. Patrick terá de passar por mim para fazer o *check-in*. Está atrasado, claro. Já sei agora que devo contar com isso, mas tenho sempre receio que seja desta vez que ele consegue chegar à hora marcada, por isso chego cedo e resigno-me simplesmente a esperar.

Exatamente cinco minutos atrasado, o que pelos seus padrões significa a horas, vejo, pelo canto do olho, o seu andar quase arrogante. Mantenho os olhos fixos no ecrã. Apesar de saber que Tamsin se encontra do outro lado de

Londres, nunca se sabe quem mais poderá andar por ali. Patrick ensinou-me isto vezes sem conta. É uma das Regras Ben. Estou bem treinada.

Ele passa por mim e aspiro uma lufada da sua água-de-colónia. Algum tipo de mistura elegante de *Jo Malone*. Aquele aroma vai evocar para sempre recordações de sexo ilícito em quartos de hotel. Algum dia, daqui a dez anos, algum pobre homem desprevenido, técnico de reparação de computadores, irá borrifar aquele aroma nos seus pontos de pressão de manhã sem ideia nenhuma de que uma mera sugestão do perfume fará com que eu me atire a ele, incapaz de resistir, enquanto ele tenta livrar o meu portátil de um vírus.

Ouçoo a falar com a rececionista. O senhor Encantador. Patrick Mitchell, quarto para uma noite. Nenhum jornal de manhã, muito obrigado. Pergunto a mim mesma muitas vezes o que pensarão eles quando ele sai outra vez às nove da noite. Que desculpa dá? Ou lançam-lhe apenas uma piscadela de olho cúmplice, perfeitamente cientes da situação? Talvez os hotéis estejam cheios de pessoas (ou vazios de pessoas, dependendo de como se vê a coisa) que os ocupam por apenas um par de horas de cada vez. Deviam criar uma escala.

Ela dá-lhe o pedaço de plástico que faz as vezes de chave. Espero. Um homem senta-se no assento oposto ao meu, começa também a remexer no telemóvel. Se calhar a fazer a mesma coisa que eu.

Aguardo os necessários três minutos. As regras estabelecem que deviam ser cinco, mas fica demasiado entediante. Graças a Deus que Patrick não parece cronometrar-me. Em seguida dirijo-me ao balcão da receção, o mais confiante possível, e peço para me ligarem ao quarto de Patrick Mitchell.

- Olá - é tudo o que digo quando ele atende.
- Hei - diz ele. - Quatro, dois, quatro.
- Está bem, até já.

Volto a pousar o auscultador. Sorrio para a mulher atrás do balcão.

- Obrigada.

Sei onde fica o elevador por causa da última vez que aqui estivemos, por isso dirijo-me ao quarto andar. Verifico mais uma vez se ninguém anda por ali e bato à porta dele.

Patrick abre e mostra um grande sorriso.

- Olá, bela - cumprimenta e, mesmo passados uns meses, sinto os joelhos fracos.

Retribuo o sorriso.

- Que surpresa encontrar-te aqui.

Puxa-me para ele, abraça-me, comprime os lábios nos meus.

- Estás linda - diz, quando paramos por fim para respirar.

Em cima da mesinha do café está uma garrafa de champanhe num balde de gelo e dois copos. Pedida com antecedência como sempre. Patrick faz saltar a rolha e começa a servir.

- Quanto tempo achas que Tamsin vai ficar à espera? - pergunta com um sorriso malicioso.

- Não comeces.

- Porquê? - pergunta. - Ela é que principiou.

- Eu sei, eu sei.

Não dizemos grande coisa durante algum tempo depois disso. Nunca dizemos. A conversa fica para mais tarde.

43

Tamsin

Adam e eu estamos a conversar sobre o trabalho dele, que parece ter tanto a ver com controlo de multidões e autodefesa como com de facto ensinar alguma coisa.

- O meu maior feito é chegar vivo ao fim do ano - diz ele, bebendo um pequeno gole da nossa cerveja partilhada. - Tudo o resto é um bónus.

- Eles são pavorosos? - pergunto. A minha ideia do inferno é estar encurralada numa sala com uma cambada de jovens furiosos de quinze anos.

- Terríveis.

- Então porque é que tu... - começo a dizer e depois vejo-o pelo canto do olho. Patrick. Escondo-me outra vez por trás do meu *Metro*. - É ele! Calças de ganga. Casaco cinzento.

- Mala de computador de pele castanha?

- Exato. Vamos.

Levantamo-nos para partir. Patrick dirige-se para a estação de metro.

- Não arrisques que ele te veja - aconselha Adam. - Se ficar complicado, desistes e eu telefono-te quando ele

chegar ao sítio para onde vai. Posso sentar-me mesmo ao lado dele que ele não fará a mínima ideia.

- És bom nisto. Fazes isto o tempo todo? - Já estou um pouco ofegante. Patrick vai lá à frente, prestes a descer a escada rolante. Abano o meu cartão Oyster para a máquina e Adam faz o mesmo. Estamos em risco de o perder num mar de gente. Avisto-lhe o casaco cinzento mais à frente. - Ali.

- Vou aproximar-me muito - diz Adam e corre, deixando-me para trás.

Consigo perceber apenas que Patrick vai para a Piccadilly Line, por isso avanço nessa direção e depois não faço ideia se ir para a plataforma dos comboios que vão para sul se para a dos que vão para norte. Estaco de repente, sem ideia nenhuma do que fazer. As pessoas atrás de mim chocam comigo, a praguejar.

O meu telemóvel toca. Atrapalho-me a atender. Adam.

- Sul - é tudo o que diz, por isso precipito-me para a plataforma dos comboios que vão para sul, mesmo no momento em que chega um comboio com grande ruído.

Não os consigo ver em lado nenhum, o que, espero, significa que Patrick também não me consegue ver. Assim, empurro para entrar numa carruagem e fico de pé junto a uma das divisórias, mantendo a cabeça baixa. Coloco o telemóvel junto ao ouvido, na esperança de que Adam ainda esteja do outro lado da linha, mas o sinal perdeu-se.

Olho para o mapa do metro e vejo que Covent Garden é a próxima paragem. Seguido por Leicester Square, Piccadilly Circus e Green Park. Tudo sítios repletos de hotéis elegantes. Não pela primeira vez, penso que o que estamos a fazer é ridículo. De facto, tanto assim que me faz soltar uma gargalhada sonora.

Sabem aquela mulher louca que se ri sozinha no metro? Da qual evitam aproximar-se muito? Parece que sou eu.

Quando começamos a abrandar para entrar em Covent Garden, avanço para as portas. Quando estas se abrem,

espreito para a esquerda e para a direita, ao mesmo tempo que tento ficar o mais escondida possível. Tudo o que vejo é uma onda de corpos aos empurrões. Pastas, malas, cotovelos, chapéus de chuva. É inútil. As portas começam a fechar-se, trancando-me. Quando se unem, avisto um andar bamboleante familiar e, mesmo atrás dele, um boné azul de beisebol menos familiar, mas ainda assim reconhecível. Poderei ter perdido Patrick, mas Adam ainda o tem na sua mira.

Não posso fazer mais nada senão esperar até Leicester Square, correr pela plataforma para atravessar para o outro lado e saltar para o primeiro comboio que volta para onde vim. Chego a Covent Garden talvez cinco minutos depois de ter partido, abro caminho até ao passeio e o meu telemóvel apita de forma gratificante quase de imediato.

«Cvt Gdn Hotel», diz a mensagem. Sei onde fica. Passei por ele muitas vezes. Nunca tive uma desculpa para entrar, apesar de parecer tão convidativo. Madeiras de um castanho-escuro e pintura preta. Precipito-me a toda a velocidade para Monmouth Street. Chego de cara vermelha e a transpirar. Adam está outra vez a fazer o seu truque de se sentar em frente. Presumo que Patrick tenha entrado, que seja seguro para mim. Adam ter-me-ia dito para ter cuidado se não fosse. Desta vez, pediu também uma cerveja para mim e espero que o empregado as coloque à nossa frente e remexo nas nozes e nas azeitonas antes de dizer alguma coisa.

Sento-me de costas para o hotel, só para o caso de Patrick ter um súbito desejo de espreitar pela janela.

- Obrigada. - Engulo metade da cerveja, bato com o copo.

- Uau, devo mandar vir outra antes que ele volte para dentro?

- Não. Conta-me o que aconteceu. Presumo que tenhas visto Patrick entrar?

Adam recosta-se para trás, muito satisfeito consigo próprio. E deveria.

- Entrei atrás dele. Ele fez o *check-in* com o nome dele.

- E viste... havia algum sinal dela?

- Havia uma mulher sentada na receção. Por isso sentei-me também. Alguns minutos depois de Patrick subir para o quarto, ela foi até ao balcão e pediu se podiam ligar para o quarto dele. Tudo o que disse foi «Olá» e «Até já» e depois quando pousou o telefone foi para o elevador. Sabes o que acho?

- Quê?

- Ela é uma prostituta e eles nem sequer se conhecem. Porque ele passou por ela quando ela estava sentada e nem sequer mostraram ter-se reconhecido.

Penso naquilo durante um segundo. Não faz qualquer sentido para mim.

- Não. E então todas as mensagens do Ben?

Adam encolhe os ombros.

- Agência de acompanhantes. Mandam sempre uma rapariga diferente?

- Ele disse-me que andava a sair com alguém... Raios, quem me dera tê-la visto. Como era ela?

- Cabelo castanho. Bonita. Mais para o jovem. Comparada com ele.

- Roupas?

- Sim. - Olha para mim e espera que eu me ria, mas estou demasiado impaciente para ouvir todos os pormenores.

- Sabes o que quero dizer. Estava vestida de forma elegante? Informal? Roupa de escritório? De prostituta?

- Caramba, não sei. Apenas normal. Pensei que tinha feito muito bem só em a detetar.

- Fizeste! Não faço ideia do que teria feito sem ti. É só frustrante, é tudo.

- Vão ter de sair a dada altura - diz Adam e faz outra vez sinal ao empregado. - Queres comer qualquer coisa?

- Bem podemos pedir, suponho. Não tens mais nada para fazer?

- Eu? Conheceste-me num encontro entre desconhecidos. Achas mesmo que tenho uma vida social turbulenta?

- Não. E eu também não. Vamos comer.

O restaurante em cuja esplanada estamos sentados é afinal francês, por isso pedimos uma salada de queijo *blue* com endívias para partilhar, depois *coq au vin* para ele e salmão para mim. A cada sete ou oito segundos, lembro-lhe que tem de vigiar as portas do hotel, mas mesmo assim não consigo deixar de perguntar «É ela? E então esta?» sempre que sai alguém de sexo vagamente feminino.

- Não te esqueças de tirar uma fotografia quando ela sair. Vê lá se o telemóvel está preparado.

- Penso que estamos safos durante uma hora ou isso - responde ele, depois da quinta ou sexta vez que lhe digo para não perder a concentração.

- E se eles se zangarem? Ela pode interromper a noite.

- Estou a vigiar - explica, dando uma grande dentada no seu pão de alho. - Não vou deixá-la escapar.

- Eu sei. Desculpa. Só que isto é muito importante. E não quero estragar tudo.

- A propósito, o que vais fazer quando a vires? Confrontá-la?

- Não. - Estremeço. - Não quero que Patrick saiba que estou em cima dele. Vou só até lá e olhar bem para ela, tu vais tirar montes de fotografias e depois vamos esperar aqui até Patrick sair e tirar fotos dele também.

- Isso não é propriamente prova.

- Provará que ele não está onde disse que estava. Já vai ser alguma coisa, está bem? É o melhor que temos.

- Ainda a vigiar - diz ele, antes que eu possa perguntar de novo.

Bea

- Preciso de começar à procura de outro emprego - digo. Estamos deitados por baixo do edredão, longe do frio feroz do ar condicionado. Eu aninhada debaixo do braço dele, a cabeça no seu peito.

- Ela não vai descobrir que és tu.

Soergo-me e olho para ele.

- Só para prevenir. É melhor abandonar o navio agora, não é?

Ele encolhe os ombros.

- Mal não fará, calculo.

Olha para o relógio na mesa de cabeceira.

- Está na hora de nos levantarmos.

Da forma como funciona sempre depois - depois - é que eu saio primeiro. Não há necessidade de tomar um duche, porque não vou para casa ter com alguém que não deve saber o que estive a fazer. Certa vez perguntei a Patrick se Michelle não achava estranho que ele por vezes chegasse do trabalho a cheirar a limpo e a um gel de duche diferente do que têm na casa de banho deles, e ele disse-me que se certifica que isso não acontece. Usa apenas água, nada de

sabonete. Seca completamente o cabelo. Aperfeiçoou a coisa como se fosse uma arte. É um profissional.

Mal eu me vou embora, ele parte também. Parece que nem sequer diz às pessoas na receção que está a fazer o *check-out*. Eles têm os detalhes do cartão de crédito, está tudo pago. É melhor isso do que chamar a atenção para si inventando uma emergência. Sobretudo se, sem dúvida, voltarmos de novo dentro de algumas semanas. Tentamos não ir ao mesmo sítio com demasiada frequência.

- Não há nenhuma oportunidade no Home Improvement, há? - pergunto com descontracção, quando me começo a vestir.

Ele ri-se como se eu tivesse dito uma piada.

- Claro que não.

Paro de puxar o fecho da minha saia e viro-me para o fitar.

- Estou a falar a sério. Isso resolvia tudo.

Patrick senta-se. Serve-se de um copo de água.

- De onde veio isso?

- De sítio nenhum. Estava só a pensar que podias ter alguma coisa, só isso. Se eu acabar por ter de deixar a Castle quando só lá estou há um ano. Esquece que perguntei.

- Não seria uma boa ideia - diz ele, insistindo.

- Já disse para esqueceres que perguntei. Foi só uma ideia.

- Seria uma loucura.

- Está bem. Caramba. Não estava a sugerir que me transformasses no teu braço-direito. Pensei apenas que poderias saber de alguma coisa algures na empresa...

Ele agora já saiu da cama. Tapa-se com uma toalha agarrada à pressa. É como se se tivesse erguido um muro entre nós. Por um lado, desejo nunca ter começado isto, mas, por outro, estou furiosa por ele estar a reagir desta maneira.

- ... no final de contas, não sou só eu que sou responsável pelo que temos andado a fazer.

Quando ele fala outra vez, é devagar e com ponderação.

- Já estamos a abusar da nossa sorte. Íamo-nos trair se estivéssemos juntos em frente de outras pessoas.

Respondo da mesma forma ponderada.

- Não estaríamos juntos em frente de outras pessoas. Tu estavas no teu gabinete e eu estaria a trabalhar como secretária da produção nalgum programa de merda.

- Não me envolvo a esse nível na questão de quem os produtores empregam. Estou-me borrifando para quem passa a limpo os relatórios ou atende as chamadas, desde que o faça corretamente.

- Caramba, és a merda de um paternalista.

Ele ignora aquilo.

- Imagina o que pareceria se eu comesse a fazer uma microgestão dessas. Parece que já tenho uma reputação, por isso... quê? Eles vão mesmo acreditar que fiquei tão impressionado com os teus dotes administrativos que tive de me assegurar que trabalhavas para o canal?

- Não estou a pedir que me recomendes. Só queria dizer para me informares se ouvisses falar de alguma coisa, só isso. Se Tamsin descobrir isto, sou eu que me lixo no trabalho, não tu. Pensei só...

Ele interrompe-me.

- Tamsin não vai descobrir. E, se descobrir, então eu é que tenho mais a perder. Então, ela poderá não te dar boas referências. Grande coisa. Eu tenho uma mulher com que me preocupar.

- A porra da tua mulher que se lixe - grito. - Tu é que lhe fizeste isto, não eu - acrescento.

Desejava não ter dito isto assim logo. Não que não o queira dizer, bem, não a parte do porra que se lixe. A outra coisa, o facto de que, em última análise, foi ele a decidir arriscar tudo para trair Michelle, sim, acredito mesmo nisso. Era talvez melhor não o ter dito, porém, porque ele

está agora a olhar para mim como se eu tivesse expresso o desejo de a atropelar e montar a cabeça dela na parede da minha sala de estar. Ora aí está uma ideia.

- Acho que está na hora de te ires embora.

A expressão dele é fria. Sei que, no que lhe diz respeito, fui longe de mais. Não me quero ir embora com as coisas desta maneira. Sinto que poderei nunca mais saber dele. E não é uma opção que esteja disposta a considerar.

Antes de Patrick, estava habituada a sair com rapazes. Gozo, festas e bebida. Ambos a saltar fora se as coisas se tornavam demasiado complicadas. Mas a minha relação com ele é real. É adulta. É especial.

- Desculpa. Foi sem intenção. Verdade.

Ele está impassível.

- Depois contacto contigo.

O desespero invade-me. Não quero que isto acabe.

- Não podemos marcar uma data agora?

- Eu telefono-te.

- Por favor, Patrick. Não devia ter dito aquilo. Senti-me encurralada num canto...

- Esquece isso. Eu telefono-te, está bem? Agora vou para o chuveiro. Precisas de ir embora.

- Eu podia ir contigo. Ainda é cedo - digo de forma atiradiça, bastante patética. Quero descobrir uma maneira de apagar os últimos cinco minutos. Não quero terminar a noite assim, quando, para começar, toda a nossa relação está apenas presa por um pedaço fino de cordel.

- Tenho de ir andando. Está tudo bem, não te preocupes com isso.

Passa-me um braço apressado em volta e eu tento encontrar-lhe a boca com os lábios. Ele dá-me um beijo na face e empurra-me com suavidade para longe.

Tamsin

Estou a achar difícil concentrar-me no meu salmão grelhado. Não porque não seja delicioso, é, mas porque tenho um nó no estômago. Está embrulhado de expectativa e medo.

Há cerca de quarenta minutos, o meu telemóvel tocou. Dei um salto, soltei uma exclamação, olhei em volta como se o barulho pudesse de algum modo ter-me atraído no que dizia respeito aos meus colegas comensais.

Adam riu-se. Peguei no telemóvel. Michelle. Claro que estava a ligar para passar o tempo enquanto Patrick se encontrava no treino de futebol. Mostrei-o a Adam, para ele ver quem estava a telefonar. Ele acenou com a mão como se dissesse «Atende».

Ainda era cedo. Não havia qualquer hipótese de Patrick e a mulher saírem tão breve. Se eu não atendesse, teria de lhe telefonar mais tarde e quem sabe o que poderia estar a acontecer nessa altura. Se eu tivesse de interromper a conversa de repente, conseguiria pensar numa desculpa. Premi «aceitar». Tentei mostrar-me tão natural quanto possível.

- Olá. Estava mesmo a pensar em ti.
- Estavas a sentir o meu tédio? Devias ter vindo até cá. -
Michelle precisa de companhia como a maioria das pessoas precisa de água.

- Precisas de um passatempo.

Olhei para Adam só para confirmar se ele ainda estava concentrado na sua missão. Ele mal piscava, a língua espetada num canto da boca como um miúdo de cinco anos a tentar lembrar-se da tabuada do três.

- Eu sei. Tem de haver uma razão para eu detestar tanto a minha própria companhia. Tenho a certeza de que é um indicador de algum traço psicológico horrível.

- Afinal, onde está Patrick?

- Teve de ir numa visita ao *set* em Oxford. Vai comer qualquer coisa rápida com o produtor depois, acho eu. Disse-me que não vai chegar a casa senão por volta das dez. Entretém-me. O que andas a fazer?

- Não posso ficar muito tempo ao telefone. Estou a jantar com Adam, lembra-te que te falei de Adam?

Adam olhou para mim nesta altura, surpreendido, sem dúvida, por eu ter achado que ele merecia ser mencionado.

- Oh, o novo melhor amigo Adam por quem não te sentes atraída? Que parece uma batata?

Comprimi o aparelho mais perto do ouvido. Detestaria que ele ouvisse a forma como o descrevi.

- Exato.

- Diz-lhe para ir procurar o seu próprio melhor amigo. Tu és toda minha.

- Podiam organizar um combate para ver quem fica comigo.

Adam fitou-me.

- Diz a Michelle que pode ficar contigo. Estou só aqui como substituto.

- Ah! Ouvi isso. Diz-lhe que gosto dele.

- Ela gosta de ti.

Adam ergueu uma sobrancelha.

- Excelente. Ela é solteira?

Lancei-lhe um olhar que significa «sabes muito bem que não é. É por isso que estamos aqui». Ouvi Michelle rir-se no outro lado.

- Meu Deus, tens a certeza de que não estás interessada nele? Parece bastante perfeito.

- *Okay*, ouvi isso - disse Adam. Tirou-me o aparelho da mão. - Primeiro... olá. Michelle... em primeiro lugar, sou eu que não acho Tamsin atraente. Ela está louca por mim, mas eu não consigo simplesmente...

Bufei em protesto, fazendo com que uma mulher na mesa ao lado se imobilizasse, com o garfo cheio de couve-flor gratinada na mão a caminho da boca.

- ... e, em segundo, sou bastante perfeito, sim. Obrigado por reparares.

Michelle disse qualquer coisa que não apanhei e Adam riu-se outra vez e disse:

- Não surpreende de facto. Ela é tremendamente chata.

Arranquei-lhe outra vez o telemóvel.

- Param os dois de falar de mim?

- Quem disse que estávamos a falar de ti? - perguntou Adam com um sorrisinho. - O mundo inteiro não gira à tua volta, sabes?

- Telefone-te amanhã, Mich. Quando estiver sozinha. - Retribuí-lhe com um sorriso afetado, ao mesmo tempo que terminava a chamada.

- Bem, ela parece adorável - observou Adam.

- Disse-te.

- Talvez quando ela estiver divorciada... - continuou ele a rir-se e eu interrompi.

- Nem sequer brinques com isso.

Ele ficou de repente sério.

- Mas presumo que seja onde tudo isto vai parar. Quero dizer, se lebares isto até ao fim. Mal ela fique a saber, não conseguirá voltar atrás. Pensaste bem nisso, certo?

- Claro.

- Bem, para que conste, penso que és uma boa amiga. Pelo aspeto da coisa, não é que Patrick vá ter uma epifania e se torne uma pessoa completamente diferente.

- Exato. A questão é que ele tem sido uma pessoa diferente o tempo todo. Diferente do que todos pensávamos que fosse.

- Bebo a isso - disse Adam e encheu o meu copo de vinho.

- É melhor eu não ficar muito tocada - observei. - Vou acabar por dar um murro à mulher.

Ele encheu mais um pouco.

- Caramba, estou contente por não ter ficado em casa a ver *Midsomer Murders*.

Agora já está escuro, o que me faz sentir um pouco menos exposta e com menos possibilidades de ser vista. Também começou a choviscar, mas abrigámo-nos debaixo de um toldo, com um aquecedor ao lado para afastar o pior do frio. O empregado já veio cá fora duas vezes perguntar se não queremos passar lá para dentro, mas dissemos que não por razões óbvias (para nós. Imagino que, para ele, parecemos apenas um pouco loucos). Já acabámos de comer, despachámos a garrafa de vinho e depois, de forma muito sensata, pedimos refrigerantes. Estamos apenas à espera.

Sei agora que Adam já foi casado, durante pouco tempo, há alguns anos.

- Deixei isso de fora do meu perfil no Other Half - explicou, quando me contou - para as pessoas não pensarem que era algum triste divorciado posto na rua.

- Não, muito melhor pensarem que estás sozinho porque nunca ninguém te quis.

- Ah, não, isso serias tu - replicou ele.

Eu nunca me ofendo com facilidade. A vida é demasiado curta. Mas sinto que não há literalmente (e quero dizer no verdadeiro sentido da palavra antes de implicarem comigo

por causa disso) nada que Adam possa dizer que me vá perturbar. É da maneira como diz as coisas.

Parece que a separação foi totalmente amigável. Ele e a ex ainda são amigos. Devo ter olhado para ele com ceticismo, porque ele confirmou:

- A sério. Acho que era metade do problema quando estávamos casados. Estávamos melhor como amigos.

Contou-me que tinham andado juntos na faculdade. Conheceram-se no primeiro mês, partilharam um apartamento durante um ano antes de decidirem tornar-se um casal.

- Foi uma boa ideia no papel. E depois senti-me muito mal, porque percebi que não dava certo. Era como se tivéssemos de repente descoberto que era difícil falarmos um com o outro. Mas não dei a entender nada. Tentei fazer com que a coisa funcionasse.

- Então o que aconteceu?

- Um dia, ela fez-me sentar e disse-me que estava preocupada por podermos ter cometido um erro enorme e eu explodi a rir, fiquei tão aliviado. Mal fomos consultar um advogado por causa do divórcio, voltámos a ser como éramos antes.

- Certa vez, concordei em casar com um antigo namorado quando estava bêbada e depois tive de voltar atrás no dia seguinte. Na realidade, fingi simplesmente que não me lembrava de nada. Ele também, para ser sincera.

Adam bufou.

- Nenhum de vocês mencionou nada?

- Não. Fizemos aquela coisa de adulto de agir como se nunca tivesse acontecido. Poupança um monte de problemas.

Ele fez um gesto para o empregado nos trazer outro par de *Coca-Colas Diet*.

- Quando foi a última relação séria que tiveste?

Puxei pela cabeça. Não me conseguia lembrar de ninguém que tivesse durado mais do que alguns encontros.

- Sabes que mais, acho que, se não é perfeito, é melhor estar sozinha.

- Nada vai ser perfeito o tempo todo.

- Está tudo dito.

- Às vezes falar contigo é como falar com os meus alunos do décimo ano - disse Adam a rir-se.

- São assim tão espertos? - repliquei com um sorrisinho. - Então onde está ela agora? A Senhora Ex Melhor Amiga?

- Na Austrália. Casou-se outra vez há uns dois anos.

- Caramba, devia mesmo querer afastar-se de ti.

- Ah, ah - retorquiu ele em tom sarcástico. - És hilariante.

- Eu sei. É um tormento.

Estamos agora aqui há quase duas horas e meia. Se retirar todo o elemento Patrick/ELA da equação, tivemos uma noite divertida.

Estou a falar-lhe de *Ron*. A mostrar-lhe fotografias no meu telemóvel.

- Este foi o dia em que o trouxe para casa. Ele fazia chichi por todo o lado...

- Lá está ela - sibila Adam.

Eu esqueci momentaneamente por que razão aqui estamos, por isso levo um segundo a fazer o que se espera que faça. Adam está a levantar discretamente o telemóvel para tirar fotografias.

- Tens a certeza? - O meu coração bate com força. Sinto-me enjoada.

- Cem por cento. Rápido - diz quando eu começo a virar-me. Sinto que este é o ponto do qual Patrick e eu nunca poderemos regressar. O nosso momento crítico. Ou será a nossa derrota decisiva? O que raio estou a fazer?

Só há uma mulher à porta do Covent Garden Hotel. Está a esforçar-se por abrir o guarda-chuva. Cabelo comprido, grosso e escuro a cair-lhe para a cara. Pernas compridas e

bronzeadas. Durante um segundo, o meu cérebro pensa apenas que alguma coisa nela é familiar. Este é o momento de me aproximar intempestivamente, encontrar uma maneira de ela olhar para mim, mas é como se me estivesse a conter. Não consigo mexer-me. Há alguma coisa que não está certa.

- Levanta o rosto - incita-a Adam baixinho.

O guarda-chuva abre-se de repente. E é nesse momento que percebo. Não é tanto o ver-lhe o rosto, é mais o pacote inteiro.

Volto a virar-me. Sinto-me como se o chão me tivesse fugido debaixo dos pés.

- Deves ter percebido mal.

Adam fita-me como se eu tivesse perdido o juízo.

- Não, é ela.

Volta a olhar para lá.

- Está a ir para os Seven Dials.

- Não pode ser ela.

- É. Escuta, queres que a siga? Que veja para onde ela vai? - Levanta-se de um salto.

- Não. Deixa estar. Vamos a outro sítio qualquer tomar um copo. Não quero estar ainda aqui quando Patrick sair.

Ele volta a sentar-se, derrotado.

- Estou baralhado.

- Aquela mulher - digo. - É Bea.

Ele parece não perceber nada.

- A minha assistente. Falei-te dela. É fantástica. Adoro-a...

Adam está de boca aberta.

- A que conseguiste que fosse tentar apanhá-lo para começar?

- Exato.

- Merda. Agora estou mesmo baralhado. Tens a certeza?

Ergo as minhas sobancelhas para ele.

- Claro que tens.

- Não faço a mínima ideia do que se está a passar - digo eu.

- Já somos dois.

Não consigo assimilar isto. Não consigo entender o que acabou de acontecer. Bea e Patrick? Não faz sentido nenhum. Nem sequer sei como é possível.

- Na verdade, sabes que mais? Só me apetece é ir para casa.

QUARTA PARTE

Tamsin

Adam insistiu em vir comigo. Em enfiar-me na cama com uma bebida quente como se eu fosse uma criancinha doente. Quase estava à espera que me lesse uma história. Também se ofereceu para dormir no quarto extra, mas achei que era ir um pouco longe de mais. Tinha de enfrentar uma sala de aula cheia de temíveis adolescentes ao quarto para as nove da manhã seguinte. Deixei-o levar um *Ron* muito baralhado na sua saída noturna para usar a casa de banho e depois insisti que fosse para casa, para Clapham.

Claro que não dormi nada. A minha mente girava em volta de todas as explicações possíveis. A pergunta recorrente era há quanto tempo Bea me andava a mentir? Era com ela que Patrick andara a sair o tempo todo? Não fazia nenhum sentido. Tinha sido ela que me confirmara que os boatos eram talvez verdadeiros quando os tínhamos ouvido pela primeira vez. Porque faria isso quando alguns desses boatos poderiam ter sido sobre ela? Para me guiar na direção errada? Parecia um bocado arriscado.

Devia ter acontecido mais tarde, mas eu não fazia ideia nenhuma de como os seus caminhos se podiam ter cruzado outra vez. E, se era a mesma mulher com quem Patrick confessara andar a sair há seis semanas quando eu o desafiara a respeito desse assunto, então deviam ter-se juntado logo depois do apelo lacrimoso que ele me fizera. Logo depois do Sabem o Quê.

E isso significava que ela lhe contara? Da ratoeira? Ele soubera o tempo todo?

A minha cabeça doía. Nunca fui muito boa a resolver enigmas. Perco-me nas possibilidades. Esqueço-me de qual é a coisa em que me devo concentrar.

Desligo o despertador antes mesmo de tocar. Não consigo enfrentar o ruído. Iço-me da cama, de olhos congestionados e a vacilar como um bêbado. Tenho uma reunião com o Living à hora do almoço, que solicitei, caso contrário ficava aqui quietinha. Tomava um comprimido para dormir, puxava o edredão por cima da cabeça e esperava adormecer até ao Natal.

Decido ir direta para a reunião, evitando o escritório. Ainda não consigo encarar Bea. Não me sentiria responsável pelas minhas ações. Tenho de decidir primeiro o que fazer, como proceder. Esmurrá-la possivelmente não ajudava nada, embora quase de certeza que me faria sentir melhor.

Faço um bule de chá, levo o portátil para o quarto e volto para baixo das cobertas. Depois lembro-me que *Ron* precisa de atenção, por isso levo-o lá baixo ainda de pijama, apresso-o mais uma vez nas suas excreções e deito um pouco de *Winalot* numa tigela para ele. Ele parece encantado com o meu regresso pouco habitual à cama e sobe para ela também depois de engolir tudo sofregamente, a lançar o seu hálito ofegante e a cheirar a

carne na minha cara. Digo comigo mesma que o vou levar para um passeio extra quando me sentir um pouco melhor.

Claro que não tenho nenhuma verdadeira intenção de fazer qualquer trabalho. Ponho o despertador para as onze e meia e deito-me para trás com os olhos fechados.

Estou quase a adormecer, não devem ter passado mais de cinco minutos, quando o telemóvel toca. Bea. Desligo o som e deixo-o tocar.

* * *

Quando o sinal sonoro estridente do alarme retine desta vez estou a dormir profundamente. Não me quero levantar, mas não reservei muito tempo para me arranjar, por isso forço-me a sair da cama. *Ron* gane e volta a instalar-se, sem dúvida contente por ficar ali até que Sharon, a *dog walker*, chegue às três. Eu adoraria ter a vida de *Ron*. Apesar de ele nem sempre conseguir o que quer, um passeio, um miminho, a possibilidade de farejar como deve ser as mensagens dos cocós mais recentes deixadas pelos outros cães da vizinhança, penso que leva uma boa vida. De qualquer modo, parece estar sempre num estado permanente de êxtase.

Verifico o telemóvel enquanto espero que a chaleira ferva. Uma chamada perdida de Adam. Ouço o *voicemail* (só para saber se estavas bem, esse tipo de coisa) e quase me anima durante meio segundo. Quase.

Estou em estado de sonambulismo a reunião inteira. É óbvio que não estou para ali virada. Parto sabendo que não há qualquer hipótese de eles pegarem em nenhuma das minhas ideias, apesar de prometermos todos manter-nos em contacto e «pormos a escrita em dia mais para a frente». Não quero saber se é uma perda de tempo. Estou só contente por me ter livrado de ter de ir para o escritório.

Tenho agora três chamadas não atendidas de Bea. Ignorá-la não é uma opção a longo prazo. Ou a confronto com o que agora sei ou tento fingir que está tudo bem. Pelo menos por enquanto.

Adam é a única pessoa com quem posso conversar. Graças a Deus, atende. Deve ser a hora do almoço. A não ser que as suas aulas sejam tão indisciplinadas que tenha simplesmente desistido.

- Então? - é a primeira coisa que diz.

- Ainda não a vi. Vou para lá agora.

- Tens estado escondida?

- Reunião.

- Conseguiste dormir alguma coisa? - pergunta, com preocupação na voz.

- Nada que se note. Parece que passei de uma pessoa que consegue dormir de pé no metro para alguém que nem sequer o conseguiria se lhe batessem na cabeça com um tijolo.

- Tenho estado a pensar - diz Adam.

E depois, de repente, do nada, grita:

- Larga-o! Já disse, larga-o! Desculpa, Tamsin. Estou de serviço ao almoço.

Agora que ele o menciona, consigo realmente ouvir os guinchos e gritos dos miúdos no intervalo.

- Bem, estava a pensar. Tu agora tens as cartas todas na mão. Sabes de tudo e eles não fazem ideia. Pensa só nisso durante algum tempo. Não faças nada precipitado.

- Não sei se consigo olhar na cara dela e fingir que está tudo normal.

- Ao que parece andas a fazê-lo com Patrick há tempo suficiente.

- Caramba, não sou mesmo nada boa a avaliar pessoas.

- Bem, o teu bom gosto com os amigos deixa mesmo a desejar. Isto é, para além de mim.

Nem sequer consigo dar-me ao trabalho de pensar nalguma coisa divertida para responder. Ouço uma buzina

muito alta do outro lado da linha.

- Merda, é a campainha. Telefono-te esta noite. Não faças nada antes disso. Podemos elaborar um plano.

- *Okay*. Obrigada, Adam. Verdade, não sei com quem mais posso conversar sobre isto.

- Porque te mandavam internar - diz ele alegremente. - O que, a propósito, ainda poderei fazer.

Quando saio do metro em Hammersmith, estou a sentir-me doente de expectativa. Tenho agora quatro chamadas não atendidas de Bea. Devia ter-lhe telefonado, só para parecer que estava tudo normal, mas sempre que tentava não conseguia ir até ao fim. Tento chegar ao segundo andar sem ela me ver, mas, claro, ela tem estado à espreita para ver quando chego, por isso salta em cima de mim mal ponho os pés na receção.

- Cá estás tu!

Olho para ela. Parece a Bea. Nada de nervosismo, nenhuma indicação de que passou a noite toda em claro a torturar-se com o que tem andado a fazer, nenhuma sensação de que quase todas as palavras que me diz são uma mentira. É apenas Bea. Não sei do que estava à espera, chifres e uma cauda, mas não posso deixar de ficar impressionada com as capacidades dela.

Na realidade, quando consigo fitá-la com mais atenção, parece de facto um pouco como se também não tivesse dormido. Tem círculos escuros à volta dos olhos. Aquele olhar um pouco vago com que se fica depois de uma noite sem dormir.

- Desculpa - consigo dizer. Digo aos meus olhos para olharem para a cara dela, mas eles insistem que estão mais contentes a fitar um ponto perto dos pés. - Fazia tentações de te telefonar quando saí do Living, mas fiquei presa com outra chamada. Está tudo bem?

- Tudo ótimo. Só queria saber se precisavas de alguma coisa.

- Oh! Bem, não precisava, por isso não há problema. A nova versão de *Rooms With a View* está na minha secretária?

- Sim. Queres que a veja contigo? Ainda não tive oportunidade de o fazer.

- Não. Passo-ta depois.

- Queres então que te traga o almoço?

Tiro uma salada do meu saco.

- Já comprei.

- Café? - pergunta Bea esperançada e eu penso que é melhor dar-lhe alguma coisa, por isso digo que sim, obrigada. Posso fingir estar com uma chamada quando ela o trouxer, para ela não pensar que se pode sentar a conversar.

Dirijo-me para as escadas e, para meu horror, Bea segue-me.

- Então...? O que aconteceu? Viste-o?

Claro. Para Bea, passei parte da noite de ontem numa caça aos gambozinos.

- Oh. Não. Nada.

Tenho de decidir rapidamente se vou revelar que sei que me montaram uma cilada ou não. É óbvio que quanto menos informação ela tiver sobre qualquer coisa melhor.

- É um sítio grande. Não havia hipótese de eu poder vigiar toda a gente que entrava e saía. Foi de facto uma ideia estúpida.

Será que é imaginação minha? Estou a vê-la a esforçar-se por suprimir uma ligeira sugestão de sorrisinho?

- Não necessariamente. Tal como disseste, é tudo o que tens. Haverá outra oportunidade.

Apetece-me bater-lhe.

- Esperemos. Mas não consigo acreditar muito que Patrick seja suficientemente estúpido para se deixar descair outra vez.

- Oh, não sei. Ao que parece, está a ficar descuidado e complacente. Quero dizer, só o facto de ter atendido uma chamada dela em frente de Michelle...

Já aguentei o máximo que consigo de momento.

- Não tenho tempo para isto...

- Estás bem? Pareces perturbada.

- Estou ótima.

- Não estás chateada comigo por causa de alguma coisa?

Oh, a ironia. A arrogância. A porra do puro e nojento descaramento.

Obrigo-me a respirar com lentidão. Não quero respingar com ela. Tento não me engasgar com as minhas palavras.

- Não! Claro que não. Só que... bem, sabes aquele Adam de que te falei? Estive a tomar um copo com ele a noite passada depois de desistir de andar por ali em Canary Wharf e tivemos uma espécie de zanga. - Espero que Adam não me odeie por o tornar o bode expiatório. Penso que ele vai entender.

Os olhos de Bea, para os quais me forço por fim a olhar, estão muito abertos.

- Oh, meu Deus. Tens de me contar tudo.

- Mais tarde - respondo. - Não há nada para contar de facto.

E depois, porque parece que não me consigo conter, pergunto:

- A propósito, como vai Danny?

- É curioso que também tivemos a nossa primeira zanga a noite passada. Deve ter havido lua cheia ou algo assim.

Agora estou interessada, embora, claro, não faça ideia nenhuma se o que ela me está a contar é uma completa ficção ou a história dela e de Patrick com os nomes trocados para proteger o culpado. Porém, explicaria as sombras escuras nos olhos.

- A respeito de quê?

Bea sorri e revira os olhos.

- Uma coisa e outra. Mal me consigo lembrar como começou.

- Mas não terminaram, pois não? - pergunto, com preocupação fingida.

- Não, não. Está tudo bem. Suponho que seja um momento crítico, não é? A primeira discussão?

- Graças a Deus. Espero conhecê-lo em breve. Ver porque é toda essa excitação.

Ela hesita durante um segundo demasiado longo? Quase sorrio com o absurdo de tudo isto.

- Com certeza. Conte-lhe tudo sobre ti. A minha chefe má e tudo isso. - Ri-se.

Ah, ah. Que hilariante.

Forço um risinho.

- Muito engraçado.

- Então onde foram, tu e Adam?

- Devia mesmo ir ver aquela nova versão. Prometi-lhes notas no final do dia. E preciso mesmo de um café.

Bea parece desapontada. Tenho a certeza de que acha as histórias da minha desastrosa vida amorosa muito divertidas. Possivelmente, partilha-as com Patrick e fartam-se de rir por eu ser tão patética. Porém, é sempre profissional.

- Claro. Queres o costume ou vou ao Caffè Nero?

- Caffè Nero - respondo, a pensar que assim me livro dela durante alguns minutos. - Um grande café com leite magro e pouca espuma.

- Eu sei!

Vira-se e desce as escadas, com o cabelo comprido a oscilar. Eu entro no meu gabinete e fecho a porta. *Okay*, não foi assim tão mau. Na realidade, foi bastante emancipador. Ela a pensar que é mais esperta do que eu quando, de facto, sou eu que tenho as armas todas. De facto, possuo agora a artilharia toda. Adam tinha razão.

Escrevo-lhe uma mensagem. «Não revelei nada. Ias ficar orgulhoso de mim.» Envio-a sabendo que não vou receber

resposta durante algum tempo. Ele estará encolhido num canto a tentar citar Chaucer, enquanto a turma do 11B lhe atira pedacinhos de papel amachucados, imagino.

Bea

Quase não dormi a noite passada. Há anos que não chorava por causa de um tipo. Nem sequer me lembro quando. Mas a ideia de perder Patrick, de ele me cortar por completo da sua vida, deitou-me absolutamente por terra. Sei que estou sempre um pouco a patinar sobre gelo fino, mas não estava de facto à espera que ele reagisse tão mal à minha sugestão de um emprego. Enganei-me muito a esse respeito.

Passei horas a tentar pensar em formas de o contactar sem piorar as coisas. Pensei em ir outra vez através dos canais oficiais, telefonar a Verity e dar a entender que estava a ligar em nome de Tamsin, mas ele podia considerar isso como algum tipo de ameaça implícita. Posso chegar a ti se quiser, esse tipo de coisa. Um pouco como uma vingança. Não tenho outra opção senão esperar. Odeio não ser capaz de fazer alguma coisa para influenciar o desfecho. Esperar nunca foi o meu forte.

O dia foi interminável. Tenho a certeza de que fui posta nesta terra para fazer mais do que ir buscar coisas à lavandaria e trazer café. Tamsin precisa é de uma esposa,

não de uma assistente. Do tipo obediente e recatado que vive para servir o marido. A tomar sedativos, pacífica, quando ele vira as costas. Estou perfeitamente consciente que Lucy faz um sorrisinho sempre que me dão outra tarefa inferior para fazer. Ela nunca iria buscar café para Ian. Ele nunca lhe pediria, preferindo a opção mais fácil de Ashley.

Entre chávenas de café, Tamsin manda-me limpar os seus ficheiros das produções antigas e destruir o que já não tem qualquer uso.

Ashley é que devia estar encarregue da destruição do papel. Tamsin preocupa-se que ela não o faça como deve ser e que todos os segredos nublosos do orçamento de *Home For Two* fiquem à vista dos homens do lixo. Ashley oferece-se, fá-lo sempre, mas Tamsin quase lhe arranca a cabeça à dentada. Porém, quando Tamsin não está por perto, deixo uma pilha de papéis em cima da secretária de Ashley com um bilhete: «Para destruir.»

Vou a caminho de casa, quando Patrick liga por fim. Recordo-me, agora, de aumentar o volume do meu segundo telemóvel quando largo o trabalho e de silenciá-lo outra vez de manhã. Vivo na esperança de que ele apite. Quase carrego no «ignorar» por engano na minha ansiedade para atender.

- Olá.

- Podes falar? - pergunta ele e tenho de me conter para não dizer «Claro ou não teria atendido».

- Sim.

- Desculpa ter respingado contigo - diz ele e eu quase choro de gratidão.

- Não, eu é que devia pedir desculpa. Foi uma sugestão estúpida. Estava só em pânico, sem saber o que fazer. Nunca devia ter mencionado o assunto.

Faço sempre isto. Peço sempre demasiadas desculpas. Estou prestes a dizer a mim mesma para calar a boca quando ele o faz por mim.

- Está bem, agora para. A próxima sexta está bem para ti?

Nem sequer finjo que tenho de pensar nisso. Fazemos um plano. Seis e meia no Langham. Ele diz-me que vai mandar uma mensagem Ben falsa.

- A propósito, Tamsin esperou em Canary Wharf durante duas horas - digo-lhe e ele ri-se. - Nem sequer suspeitou de nada. Acha só que não te viu.

- Bem feito para ela. Embora não creia que consigamos fazer isto duas vezes.

- Vou ver se a convenço a desistir - afirmo.

- Boa sorte com isso.

Ele está quase a chegar ao seu destino, diz-me, e desliga. Eu praticamente saltito pela rua. Está tudo bem.

A noite passa-se numa bolha de felicidade. Nem sequer me importo que Sarah ponha Katy Perry a tocar muito alto, num volume que em geral me faria sentir assassina (que é mais ou menos qualquer volume) ou que Ali chegue tocada à meia-noite e caia por cima da mesa do átrio, acordando-me. Patrick e eu estamos bem. Tenho a folha limpa.

E sabem o que se diz. Não terminou até ter terminado.

Tamsin

Michelle e eu olhamos para as nossas bebidas. Estamos assim sentadas há pelo menos dois minutos. O barulho do bar continua à nossa volta. É um daqueles lugares em que incentivam os gritos. A música está demasiado alta, os empregados são demasiado familiares. Há uma mesa de matraquilhos mesmo no meio da sala, onde equipas rivais ficam ironicamente excitadas enquanto jogam. É a ideia que faço do inferno, mas hoje precisamos desta distração.

Ao nosso lado há uma festa barulhenta e alegre de malta de escritório que pensa que é hilariante, só que tudo o que parecem fazer é repetir o que um dos outros acabou de dizer, mas numa voz estridente. Parece que por aqui isso passa por humor. Regra geral, irritar-me-iam tanto que se calhar sugeria que mudássemos de sítio. Esta noite, estou só contente por alguma coisa estar a preencher o silêncio.

Não consigo pensar em nada para dizer. Nada. Nos últimos tempos, isto tem vindo a acontecer cada vez mais com Michelle. Há tantos assuntos que tenho de evitar. Tanta merda que me gira no cérebro e que ela felizmente desconhece. Tenho pavor de revelar alguma coisa. Tenho pavor e estou tentada, uma combinação explosiva. Ainda

penso que ela precisa de saber exatamente do que o marido é capaz, só não sei se consigo começar a explicar-lhe como a pessoa com quem ele acabou por ter uma aventura é a mulher que, no último ano, lhe tenho andado a dizer que é uma santa. Não pensei em mais nada todo o fim de semana.

Bebo um gole demasiado grande do meu vinho. Começo a tossir.

- Estás bem? - Michelle está a fitar-me com preocupação.

- Ótima. O vinho foi só para o goto.

- Não, quero dizer em geral. Passa-se alguma coisa? Não pareces tu.

Se ela soubesse. Sei que não me safo com uma negação total. Ela conhece-me demasiado bem.

- Só um pouco estourada é tudo. Stresse no trabalho. Precisamos que nos encomendem mais alguma coisa rapidamente. O costume.

- Não é alguma coisa que eu fiz? Pareces um pouco... distante.

- Não! Caramba, não. Não é nada. Aquelas pessoas estão a dar-me cabo da cabeça. - Um das tipas barulhentas da festa solta uma risada que podia partir vidro.

Michelle empurra uma mecha de cabelo solto para trás da orelha. Avalia-me.

- Há alguma coisa que não me estás a dizer.

- Verdade que não há. Vamos mudar de assunto. O que anda Pad a fazer esta noite?

- Trabalho. Esqueço-me o quê. Parece-me que mal o vejo de momento.

Arrebito as orelhas. Será que está a aparecer uma minúscula fenda?

- A sério?

- Estou a exagerar. Mas ele parece estar de facto a trabalhar até tarde muitas vezes.

Tenho de representar o advogado do diabo, por mais que me doa. É o que em geral faria numa situação como esta.

- Faz parte do ofício.

- Mas quando digo tarde é tarde mesmo. Não apenas uma reunião às sete ou algo assim. Ele chega a casa às, tipo, dez. Até mais tarde.

- E estás preocupada porque...? - Não lhe posso pôr palavras na boca, mas não posso negar que sinto uma chispa de excitação a pensar que Michelle possa estar a começar a pôr em causa o comportamento de Patrick.

- Não pode ser bom para ele. Anda exausto a maior parte do tempo. A sua disposição tem altos e baixos. Quem me dera conseguir levá-lo de férias.

Claro. Típico de Michelle não estar preocupada que Patrick ande a tramar alguma, só que esteja a trabalhar com demasiado afinco. O recibo de hotel que encontrou é um objeto misterioso há muito esquecido, graças a mim.

- Com toda a probabilidade é apenas um período sobrecarregado. Tenho a certeza de que não vai durar.

- Devia ter-lhe dito que era demasiado tarde para cancelarmos a semana em Itália. Aí ele não teria outra opção.

- Ele cancelou?

Ela acena com a cabeça.

- Reavemos o depósito, não houve problema.

Contenho-me antes de dizer que presumo que ele sentisse que já não se podia dar a esse luxo, com todo o dinheiro que anda a gastar nos últimos tempos.

- Tenta dizer-lhe que tem de abrandar um pouco. Quando ele perguntar «Importas-te se eu trabalhar em tal e tal noite?», diz que sim.

- Ele vai pensar que sou uma chata. Em parte, estou a pensar se ele não estará a desenvolver um esforço especial para impressionar o meu pai. Penso que ele está muito interessado em assumir o controlo do novo canal de documentários que eles falam em criar.

Ah, sim. A grande joia da coroa ainda em desenvolvimento da Petersen Media. Claro que Patrick

gostaria desse cargo. Seria muito mais prestigiante do que gerir um canal sobre decoração.

O empregado do bar capta-me o olhar. Faz um gesto para perguntar se queremos outra bebida.

- Acho que vou dar a noite por terminada, se não te importares - digo para Michelle, apesar de serem ainda apenas dez para as sete. - Tenho de começar cedo amanhã.

- Estou a dar-lhe todos os trabalhos que sei que ela detesta fazer. É a minha pequena vingança patética.

Adam abafa uma risada na sua cerveja. Felizmente para mim, ele não tinha nada para fazer quando lhe telefonei da casa de banho do bar e quis ir ter comigo. Até concordou em ir a Belsize Park, para eu poder partilhar um táxi até casa com Michelle, como geralmente faço. O táxi deixou-me em Haverstock Hill, inventei a desculpa de precisar de ir ao supermercado e Michelle despediu-se com um abraço.

- Vê se dormes - disse. - E telefona-me amanhã para me dizeres se estás bem.

Vi o táxi afastar-se e depois subi a rua até ao bar Roebuck. Adam ainda não chegara, por isso comprei duas cervejas e descobri uma mesa no canto.

- São as pequenas coisas que contam - diz Adam agora. - Bem podes divertir-te enquanto decides o que fazer. A propósito, o que *vais* fazer?

- Tenho de ter a certeza de que é a altura certa. Ter tudo bem organizadinho. Para ser sincera, penso que em parte estou com esperança que Michelle descubra sozinha. Que não tenha de ser eu a responsável.

- Bem, é um plano. Para ser sincero, de qualquer modo a coisa vai ser feia - declara e sei que tem razão. E, quanto mais tempo eu esperar, mais Michelle e eu nos vamos distanciar. É inevitável.

O meu telemóvel faz aquele sinal sonoro que diz que tenho uma mensagem. Enfio a mão na mala e encontro-o. Michelle. O que vejo faz-me sorrir. Leio alto para Adam ouvir.

- Pad devia ir jogar futebol na sexta, mas bati o pé. Vamos antes jantar xx.

Não duvido que jogar futebol signifique de facto um encontro secreto com Bea. Agora ele vai ter de cancelar. É quase demasiado perfeito.

- Que bom para ti - escrevo na mensagem de resposta, dizendo-o alto, para proveito de Adam, enquanto digito. - Vê se marcas antes de ele poder mudar de ideias xx.

- E eu digo sempre aos meus alunos que a vingança nunca nos faz feliz. - Adam ri-se.

Bebo a cerveja até à última gota.

- Então deves ser uma porcaria de professor.

- Oh, sou. Não disse que era uma lição valiosa que lhes estava a ensinar.

- Ia ser chocante se Patrick conseguisse aquele grande cargo, não era? - comento quando descemos Haverstock Hill; Adam para a estação de metro, eu a caminho de casa. Ficou frio. Aperto mais o casaco. - E Julian até lho dá.

- A não ser que Michelle descubra primeiro o que ele anda a fazer.

- Exato.

- Quem me dera ter um sogro que me pudesse favorecer e dar um grande emprego.

Rio-me.

- Eu também. Embora Julian me tenha ajudado quando comecei a trabalhar.

- É diferente - diz ele quando paramos na esquina da minha rua. - Queres que te acompanhe à porta? Não me importo.

- Não, tudo bem. Ainda é cedo.

- Ia sentir-me horrivelmente mal se fosses assaltada quando estás à minha guarda.

- Mas depois tinha eu de vir contigo até aqui para não seres tu. Podíamos andar nisto a noite toda.

- Bem observado. - Beija-me o rosto. - Telefono-te amanhã.

Tamsin

É claro que é a noite em que um dos ladrões locais decide fazer o seu trabalho em Belsize Avenue. Apesar do facto de haver pessoas em volta e serem apenas dez horas, o meu grande saco vermelho funciona como farol a que ele não consegue resistir. Estou a desvalorizar a coisa. Na verdade, foi a coisa mais assustadora e chocante que já me aconteceu.

Deve ter sido apenas dois minutos depois de me ter despedido de Adam. Se me virasse, ainda conseguia ver a estrada principal atrás de mim. Ouço passos, mas não ligo porque há um casal à minha frente, uma mulher depois deles. Passam por mim uns dois carros. Pessoas a caminho de casa para se deitarem cedo.

O resto é um pouco nebuloso. Os passos transformam-se numa corrida. A minha grande mala, que está passada por um dos meus ombros e enfiada por baixo do meu braço, move-se de repente como se tivesse vida própria. Eu saio a voar na direcção oposta. Termina tudo num segundo e fico estendida no passeio com a cara num pedaço de erva, rodeada por diversos itens que escaparam do saco quando

este fez o seu arco pelo ar, ligado à mão de um homem desconhecido.

Creio que grito quando a coisa acontece. Ouço algum tipo de ruído que parece um porco histérico e presumo que seja eu e não ele. Duvido que «gritar para chamar a atenção» faça parte do seu *modus operandi*. Nem sequer penso em correr atrás dele. Encontra-se bem longe, à distância, e eu estou demasiado ocupada no chão.

Iço-me para uma posição sentada. O casal virou-se e está agora de gatas a apanhar os meus pertences perdidos.

- Está bem? - pergunta ele, quando me entrega um saco de compras reutilizável que nem sequer tenho a certeza de que seja meu. A namorada, jovem, talvez vinte e poucos anos e a oscilar em sapatos de enormes saltos em cunha, senta-se ao meu lado e esfrega-me o braço.

- Ótima, acho eu.

- Não ficou ferida? - pergunta a namorada.

- Não que eu saiba - respondo e depois desato a chorar.

- Oh, meu Deus, coitadinha - diz ela e esfrega-me o braço com mais força. - Tem um corte de lado na cara. - Aponta e eu sinto os bordos ásperos.

- Se calhar, podíamos dar uma descrição à polícia - observa o namorado, também de vinte e poucos anos, com um fato de pronto a vestir. - Mais ou menos. Tipo jovem. Branco.

Isso vai fazer com que o apanhem, penso.

- Provavelmente não vale a pena, mas obrigada.

Levanto-me com esforço enquanto o namorado me entrega um rolo de *Mentos* e o meu cartão Oyster.

- Vive aqui perto? - pergunta a namorada. Está a ter tanta dificuldade a levantar-se como eu tive, com os saltos a deslizarem debaixo dela como uma corça no gelo.

- Mesmo aqui - digo, apontando para a frente. - Obrigada pela vossa ajuda. Vou ficar bem.

- Oh, não, vamos acompanhá-la - diz ela. - Não vamos, Ryan?

- Claro. Oh, espere aí, ele levou as suas chaves?

Graças a Deus as minhas chaves e o telemóvel estão no bolso do meu casaco, um hábito que tenho há anos desde que deixei uma mala de mão numa carruagem. Tento fazer um inventário mental do saque que fará o ladrão salivar. O meu porta-moedas. Apenas cerca de quinze libras, felizmente, mas os meus cartões bancários. Tenho de os cancelar quando chegar a casa. Guarda-chuva, camisola, lenços de papel usados, *gloss* para os lábios. Acho que poderá haver um par de cuecas lavadas algures lá dentro, o que vai ser bom para ele. Do Marks & Spencer. Tamanho 12. Um bloco-notas que nunca usei.

- Não, tenho-as comigo.

- Quer que telefonemos a alguém? - inquire a namorada enquanto caminhamos aos tropeções pela rua.

- Não, obrigada. Foram muito simpáticos.

Levam-me mesmo até à porta. Esperam até eu entrar. Apetece-me dar-lhes um abraço aos dois por terem sido tão amorosos, mas contenho-me. Mal fecho a porta, acenando-lhes enquanto eles ficam ali teimosamente até saberem que estou em segurança lá dentro, corro para o meu apartamento, lanço os braços em volta de *Ron* e soluço no pelo dele.

Estou a sentir-me horrivelmente sozinha. Não é que tenha medo que o ladrão vá de alguma maneira descobrir onde vivo e venha ver se eu tenho mais alguma coisa que valha a pena levar (espera aí... examino outra vez mentalmente todos os meus haveres perdidos à procura de alguma coisa que possa ter o meu endereço. Nada). É mais estar a sentir-me vulnerável, estúpida e como se nunca mais quisesse sair para a rua outra vez.

Não quero telefonar a Michelle. Estará com Patrick. Bea, claro, está fora de questão. A única outra pessoa é Adam. Deve estar no metro, a dirigir-se para Clapham, mas tento apanhá-lo.

Ele atende quase de imediato.

- Ainda estou sentado na plataforma. Tens a certeza de que há comboios assim tão para norte?

- Fui assaltada - tartamudeio e, claro, ele ri-se porque presume que estou a gozar.

Quando não o acompanho, pergunta:

- Não, a sério?

- Sim.

- Vou já para aí.

- Não! Tudo bem. Não estou ferida. Foi mais um roubo de esticção, mas ele empurrou-me...

- Estou aí dentro de cinco minutos.

- Tem cuidado - digo quando ele termina a chamada, como se Belsize Park estivesse agora a enxamear de pessoas que querem atirar-nos ao chão e roubar as nossas coisas.

Quatro minutos depois a campainha toca. Verifico se é de facto Adam antes de carregar para lhe abrir a porta.

- Oh, meu Deus, pobre querida - diz ele mal me vê. - Estás mesmo bem? Bateste com a cabeça? Queres que limpe esse corte?

Abano a cabeça.

- Estou bem. Estou só um pouco trémula. Não estava a contar que viesses, verdade.

- Tens algum brande? - pergunta ele, olhando para a minha sala desarrumada. - Se tivesses, sabias onde procurar?

- Não. Quero dizer, não, não tenho. Creio que há vodca algures.

Afasto algumas coisas do caminho e descubro uma garrafa de vodca quase cheia e uma de uísque não aberta que comprei certa vez quando pensei que devia tentar beber como um adulto. Adam serve dois copos e passa-me um.

- Bebe tudo de uma só vez - declara em tom autoritário e sinto-me de repente como um dos seus alunos. Aposto que

é um professor de quem gostam muito. – Vai ser bom para o choque.

Faço o que ele me diz. Mas ainda não consigo parar de tremer. Adam leva-me para o sofá e faz-me sentar. Afunda-se ao meu lado e passa-me os braços em volta.

– Vai demorar alguns minutos a surtir efeito – diz ele, por isso ficamos ali sentados. *Ron* lambe-me uma das mãos, atencioso.

Passados alguns momentos, acalmo. E depois percebo que gosto desta sensação, ali sentada com Adam a abraçar-me. Sinto-me segura.

Sabe Deus de onde isso veio.

Adam insiste em ficar no quarto extra. Para ser sincera, fico agradecida. Não quero ficar sozinha no apartamento. Sinto-me inquieta ali pela primeira vez desde sempre. Com medo não sei de quê, mas mesmo assim com medo.

Ficamos ali sentados no sofá durante o que parece imenso tempo. Não há nenhum constrangimento. Nada de dedos carregados de subtexto a esfregarem o meu braço ou a afagarem-me o cabelo. É como ser abraçada por um ursinho de peluche gigante, é a melhor maneira de o descrever.

Quando ele me larga por fim e se oferece para me ajudar a encontrar os números de telefone para cancelar os meus cartões bancários, sinto-me um pouco inibida. Não é assim que a nossa amizade se devia desenrolar. Metemo-nos um com o outro e brincamos. Ele é alívio e descontração. Embora a verdade seja que já não sei o que faria sem ele na minha vida.

Enquanto explico o que aconteceu a três pessoas diferentes ao telefone («Já informou a polícia?» «Não, creio que não há interesse nenhum.» «Precisa de informar a polícia.»), Adam faz a cama no quarto vago.

- Ou preferes que durma no sofá para estar mesmo à tua porta? - pergunta quando termino a terceira chamada e começo a procurar no Google o número da polícia para situações não urgentes.

- Não. O quarto extra está ótimo. Agradeço muito. Só saber que está cá alguém... - Nesta altura começo outra vez a chorar. Não choro tanto desde que o gato da minha infância, *Tilly*, desapareceu. A propósito, apareceu três dias depois, suspeitosamente mais gordo do que quando partira e a usar uma coleira cor-de-rosa com o número de telefone de outra pessoa qualquer. Depois disso, tornou-se um gato de casa.

- Merda, desculpa.

- Para de pedir desculpa. Se não te fosses um pouco abaixo depois de alguém te atacar na rua, haveria definitivamente alguma coisa de errado contigo. Eu sabia que devia ter-te acompanhado até à porta.

- Não sejas estúpido.

- Vou ter de sair muito cedo - diz, quando me conduz ao meu quarto. - Preciso de ir a casa trocar de roupa. Não posso deixar que a minha turma pense que estou a usar a roupa da noite passada.

- Meu Deus, claro. Não estava à espera que ficasses sequer.

Mais tarde, fico deitada na cama a rebobinar o assalto na minha cabeça, vezes sem conta. Penso na forma como Adam se deu ao trabalho de voltar para cuidar de mim. É o que se espera dos amigos. Fazerem um esforço extra uns pelos outros. Não era por isso que eu tinha o dever, em relação a Michelle, de não a deixar ser enganada por um traidor em série?

Quando me levanto depois de uma noite de sono irregular, há um bilhete na mesinha do café. «Primeira vez que durmo com um cão a arrotar *Winalot* para a minha cara toda a noite. Gosto. Espero que estejas a sentir-te melhor. Telefone-me mais tarde xx.»

Ron empurra o focinho contra a minha perna. Inclino-me e esfrego-lhe a cabeça.

- Então também gostas dele?

Caramba! Eu gosto de Adam? É isso que está a acontecer? Com o seu rosto abatado e as suas piadas estúpidas? Nem pensar. Gosto dos meus homens com maçãs do rosto definidas e ângulos. Estou só a sentir-me vulnerável, é tudo. É uma reação instintiva. Sou Whitney Houston a apaixonar-se pelo seu guarda-costas, tem tudo a ver com carência e sentir-me protegida.

Bea

A minha euforia não dura muito. Estou no metro de Hammersmith, a caminho de Brook Green. Café para Tamsin numa mão, chá para mim na outra. Ouço o meu segundo telemóvel a apitar. Deixo cair as bebidas num banco e esquadrinho na minha mala. Sei que é Patrick, embora tenha tido alguns alarmes falsos, mesmo com este telemóvel que ninguém sabe que existe. Vodafone. Alguém a dizer-me que podia reclamar por um acidente que não sabia que tinha tido. Um número errado. Mesmo assim, sempre que apita o meu coração bate mais forte, estou tão convencida que é ele.

Desta vez é. Uma mensagem. Carrego, impaciente, para ler a mensagem.

Desculpa, tenho de cancelar sexta. Urgência familiar.

Leio-a outra vez só para ter a certeza de que não deixei escapar nada. Que porra é esta? O que significa urgência familiar? É melhor que esteja alguém às portas da morte. Michelle, esperemos. Não há qualquer menção de quando nos poderemos encontrar.

Volto a atirar com o telemóvel para a mala. A minha boa disposição evaporou-se. Então, afinal, talvez ele não me tenha perdoado a nossa pequena discussão na outra noite. Sinto-me mal. O meu coração está a bater muito depressa. Agarro nas bebidas, não me importando que algum do café se derrame por cima da tampa.

Tamsin está a chegar mesmo quando me aproximo. Avisto-a ao longe: cabelo cor de cobre, casaco rosa, menos a malona vermelha desta vez. Mantenho a cabeça baixa para não termos de fazer aquela coisa de acenar um olá no meio da rua. Na realidade, penso em entrar numa das lojas para evitar o encontro à porta, mas só adiaría o inevitável por alguns minutos e, além disso, não sei se conseguiria justificar a súbita necessidade de comprar um acessório de casa de banho ou um candeeiro de mesa se ela me visse.

- Bom dia.

Ergo os olhos e ela está à minha espera à porta. Faz aquela coisa em que olha para mim na expectativa, à espera de que eu repare, em quê? E então vejo-o. Há um arranhão vermelho num dos lados do rosto.

- O que foi isso? Como o fizeste?

Foi assaltada, conta-me. Praticamente à porta de casa. Parece assustador, sou um pouco covarde quando se trata de coisas como essa. Sempre que alguém me conta uma coisa má que aconteceu, tenho tendência para imaginar outra vez toda a cena comigo no lugar deles para me amedrontar. E funciona.

Desta vez tenho genuinamente pena dela.

- Foste às urgências? Achas que devias ser examinada?

- Estou bem - responde ela. - Tenho alguma coisa esta manhã?

Tento lembrar-me. Em geral, sou boa nisto, mas hoje não estou concentrada.

- Acho que não. Já verifico quando chegar lá acima.

Afinal, ela tem uma reunião às nove e meia com um produtor que anda à caça de trabalho. Tenho apenas tempo

de lhe entregar o CV dele e o café antes de ele chegar. Vou deixar que seja Ashley a oferecer-lhe uma bebida quando ele aparecer.

- Podes ir buscar-me isto? - diz Tamsin, estendendo um papel da lavandaria. - E trazer-me um *Red Bull*? Não dormi muito a noite passada. E podes, já agora, comprar-me uma *Marie Claire*. E passares no Boots de caminho e trazes-me *Savlon*. E um creme com vitamina E.

Mais alguma coisa?, apetece-me perguntar. Queres que te faça uma massagem ou te apare os pelos do nariz? Claro que mantenho a boca fechada.

- Oh, e tenho uma carrada de coisas que precisam de ser arquivadas. Estão naquela mesinha do canto no meu gabinete.

- Vou pedir a Ashley para fazer isso. - Arquivar é o trabalho mais idiota de todos os trabalhos idiotas. Para além da destruição de documentos. O facto de Tamsin insistir sempre em me dar isso para fazer é, francamente, um insulto.

- Podes fazê-lo tu? Não a quero longe dos telefones durante muito tempo.

Tento que a minha voz não denote irritação.

- Tudo bem.

- Não há pressa - diz ela. - Só antes do almoço.

Lucy, ao que parece, meteu baixa por doença. É o que ela diz. Imagino-a a fazer um *brushing* brasileiro ou uma depilação brasileira. Em todo o caso, qualquer coisa sul-americana. Avisto uma pilha do trabalho dela em cima da minha secretária, deve ter pedido a Ashley para a pôr lá. Pego naquilo e despejo tudo no balcão da receção.

- Tenho de sair para fazer recados à Tamsin.

Ashley nem sequer pestaneja.

- Está bem. Vou tentar fazer alguma coisa. Mas ela insistiu que te desse a ti, caso contrário...

- Ela nem sequer tem de saber - respondo, já a dirigir-me para as escadas.

Estar fora do escritório dá-me mais tempo para verificar o meu segundo telemóvel. Nada. Pelo sim pelo não, ligo o som. Sei que Tamsin estará ocupada pelo menos quarenta e cinco minutos, por isso vou com calma, sem pressa nenhuma. Tiro-o da mala pelo menos dez vezes e verifico-o. Marco o número dele duas vezes, mas depois acobardo-me e não primo a tecla de chamada.

Não pela primeira vez, apercebo-me de como sou impotente nesta relação. O equilíbrio de poder pende, e pendeu sempre, a favor de Patrick. Quando penso nisso, sinto uma onda de vergonha. As mulheres atiraram-se para baixo de cavalos para eu andar para aqui abatida à espera que um homem casado me telefone quando lhe convém?

Quem quero enganar? Sou a amante de alguém. E talvez, no que diz respeito a Patrick, nunca seja nada mais. Sou um cliché ambulante.

Quando volto, Tamsin está a acompanhar o seu visitante à saída. Percebo que não ficou muito impressionada, porque está a levá-lo em direção à porta sem o apresentar a ninguém nem fazer nenhuns comentários do tipo «Bem-vindo a esta família». Chama-me para o seu gabinete. Na realidade, hoje está a parecer menos depósito de lixo, porque eu atirei uma data de coisas para dentro de um saco do lixo a noite passada, sabendo que ela ia ter alguém para uma reunião logo de manhã. Também cá esteve a equipa de limpeza e há um vago odor a cera de móveis a sair dos pedacinhos livres da secretária. Aquele pessoal da limpeza devia usar fatos de proteção para material perigoso. Estou a imaginar uma ação judicial um dia destes em que um deles a processa por alguma doença tropical, que apanhou num pedaço de sanduíche de queijo com semanas, que encontrou por baixo da cadeira dela.

Entrego-lhe a roupa da lavandaria, a revista *Marie Claire*, a bebida e as coisas da farmácia. Ela abre o *Red Bull* e

emborca metade de uma golada.

- Sentes-te melhor?

Ela limpa a boca com as costas da mão.

Afundo-me no sofá.

- Então, conta-me lá o que aconteceu. Era muito tarde?

Tamsin faz uma careta.

- Na realidade, Bea, preciso que ajudes Ashley com as coisas de Ian. Não está certo deixar tudo para ela.

Pergunto a mim mesma se ela terá batido com a cabeça além de magoar a cara.

- Oh, está bem. Sabes que Lucy está a baldar-se, certo? Estava perfeitamente bem ontem.

- Mesmo que esteja. Não é o trabalho de Ashley...

Bem, aquilo mostrou-me tudo.

- Com certeza.

Há uma pausa constrangedora em que percebo que ela pretende dizer que devo ir fazer aquilo agora. Levanto-me outra vez.

- Certo... vou só... diz-me se precisares de alguma coisa.

Bea

Por fim, após intermináveis dias de sofrimento, há outra mensagem. Uma data. *Esta noite. 6.30. Claridges?*

Penso em responder com alguma piada de génio tipo «Tens a certeza de que a tua família está toda bem?» ou até «Desculpa, vou encontrar-me com outra pessoa», mas claro que não o faço. Respondo em nanossegundos *OK*.

Sexta-feira à noite foi horrível. Sarah ia encontrar-se com alguns amigos em Covent Garden. Incluindo um tipo do trabalho dela de que anda a falar há séculos e estava a tentar impressionar. Fiz-me convidada e fui com ela. Bebi de mais demasiado depressa. Namorisquei de forma escandalosa com ele. Tenho uma recordação vaga de chorar a dada altura. Eu, não ele. Vomitei a caminho do metro. Sarah não me fala desde então. Não que me importe muito. Ela pode ser muito irritante.

Passei o resto do fim de semana a cuidar da minha cabeça que latejava e a ensaiar o que ia dizer a Patrick. Ainda acreditava que ele me ligaria para explicar melhor. Não achava que me fosse deixar pendurada. Passei o tempo a verificar o telemóvel novo, de dois em dois minutos, apesar

de não haver hipótese nenhuma de ele ter levado o dele para casa, para o fim de semana. Não ia arriscar que a Santa Michelle desse com ele.

Ontem à tarde, envergonho-me de o dizer, apanhei o metro para Highgate e vagueei por North Hill como se tivesse todos os motivos legítimos para lá estar. Nem sequer sei em que número ele mora, não que tivesse qualquer intenção de lhe bater à porta. Não estou assim tão apanhada. Ainda não... para ser sincera não sei o que queria. Na realidade, sei. Só queria parar de sentir que estava tudo fora do meu controlo. Queria sentir que desta vez tinha poder.

Mal lá cheguei, percebi que tinha sido uma perda de tempo. Andei cerca de dez minutos e nem sequer tinha chegado ao fim da rua. É muito comprida. E depois comecei a entrar em pânico a pensar que podia esbarrar nele e na Santa Michelle, a darem um agradável passeio dominical, por isso saltei para o primeiro autocarro que apareceu e que parecia ir na direção certa e saí dali.

Mas hoje à hora do almoço verifiquei e cá está. As nuvens abrem-se, o sol surge. Solto um suspiro de alívio.

Tamsin levanta-se. Espreguiça-se. Boceja.

- Tratas de ver se naquele armário arquivador da receção há alguma coisa de que já não precisemos? Está mesmo demasiado cheio.

- Não podia ser Ashley a fazer isso? - Por amor de Deus. Eu sou a assistente pessoal dela, não capacho para todo o serviço.

- Estás ocupada?

Claro que ela sabe que não me deu de facto nada para fazer esta manhã. Tenho andado por ali na esperança de perceber alguma coisa do que se possa estar a passar na casa de Patrick, mas ela recusa envolver-se em conversas fiadas.

- Um pouco. Tinha planeado acabar algumas coisas, é só.
- Bem, começa talvez esta tarde então. - Roda nos calcanhares para se ir embora. - Oh, e podes trazer-me um Caffè Nero? E uns *Mentos*? Obrigada.

Desaparece antes de eu poder sequer dizer *okay*.

* * *

Lucy voltou. Está a fazer aquela coisa em que de vez em quando se recorda que deveria ter estado doente a semana passada e tosse um pouco. Ian mostra-se todo preocupado.

- Achas que regressaste ao trabalho demasiado cedo?

Ela lança-lhe um olhar de mártir.

- Não queria deixar-te em apuros.

- Agradeço - diz Ian. - Mas não fiques a não ser que te sintas a cem por cento.

Percebo que solto um suspiro alto e mantenho a cabeça baixa não vá ele decidir descarregar algumas das suas coisas para cima de mim, porque Lucy não se está a sentir com forças para isso.

- Talvez saia um bocado mais cedo - responde ela. - Só um pouco.

- Tenho de sair hoje às três e meia - digo eu. Ocorreu-me de repente que preciso de ir a casa tomar um duche e trocar de roupa antes do final da tarde. Não vim preparada.

- Tamsin disse que podia ser. Por isso, se fores mesmo sair mais cedo, Lucy, não posso substituir-te. Lamento.

Lucy lança-me um olhar como se eu tivesse acabado de lhe cagar no café. Uma coisa em que já pensei uma ou duas vezes.

- Bem, suponho que terei de ficar até ao final do dia então - diz numa voz dorida. - Espero que isso não signifique que me vá sentir pior amanhã.

Tamsin está a comportar-se de uma maneira um pouco esquisita. Não sei se tem a ver com o facto de se sentir ainda um pouco abalada depois do roubo da mala ou se está chateada comigo por alguma razão, mas mantém a porta fechada e não me chama para pequenas pausas de conversa. Bato ao de leve. Entro logo. Ela está sentada à secretária a olhar para o vazio.

- Precisas de alguma coisa?

Ela sobressalta-se.

- Não. Obrigada.

- Posso sair um pouco mais cedo hoje? A nossa caldeira está com problemas e a única hora que consegui foi das quatro às oito, por isso tenho de sair às três e meia o mais tardar. Ali tem uma reunião qualquer, que parece ser uma coisa de vida ou de morte, e Sarah está fora...

- Não, na realidade não - responde ela. Sinto que nem sequer ouviu o que pedi.

- É só o canalizador que lá vai.

- Lamento muito, Bea, mas preciso de ti.

Não consigo evitar:

- Para quê?

Tamsin exhibe um sorriso contrito.

- Tens de ver a última versão do *Rooms With a View*. Não consigo decidir o que pensar da parte do meio. Quer dizer, poderá estar bem, mas arrasta-se um pouco e não tenho a certeza de que outra coisa eles lá poderiam pôr. Preciso de um par de olhos diferente.

Inacreditável.

- Lucy não podia dar uma vista de olhos? Por norma, não pediria, mas foi a única hora que conseguimos e não temos água quente.

- Gostava que me tivesses pedido esta manhã - observa ela. - Tinha-te posto a ver o vídeo mais cedo.

Penso com rapidez. Posso chegar a casa por volta das dez, posso vê-lo nessa altura.

- Já sei - digo. - Levo-o para casa e vejo-o enquanto o canalizador faz o seu trabalho.

- Não, não serve. Prometi que lhes telefonava no final do dia. Desculpa.

Não consigo evitar que a minha irritação transpareça. Agora vou ter de me encontrar com Patrick com o cabelo por lavar e a usar as calças de ganga que me favorecem menos.

- *Okay* - respondo, agastada. - Vou telefonar-lhes a dizer que temos de cancelar. Se calhar vão cobrar-me uma taxa de cancelamento a esta hora do dia.

- Como disse, devias ter-me pedido mais cedo... Oh, e podes trazer-me outro café - acrescenta quando vou a sair.

- Com certeza. Mais alguma coisa?

Ela abana de forma vaga a cabeça, por isso depreendo que não. Vou ao Caffè Nero e compro-lhe um café com leite gordo. É o mínimo que posso fazer.

Tamsin

Michelle e eu vamos encontrar-nos na Pizza Express. Não conseguia enfrentar a tensão de me sentar na casa dela. Preciso de pessoas à nossa volta. Distrações. Pensei em dizer-lhe outra vez que estava ocupada. Até que ia sair com alguém. Mas tenho usado essa desculpa com tanta frequência nos últimos tempos que estou preocupada que ela pense que a ando a evitar ou que esteja à espera que lhe apresente algum namorado novo. Que a convide para a festa de noivado.

- Vamos sair - sugeri quando ela me convidou para lhe fazer companhia. Ela enrugou o rosto.

- Não sei se me está a apetecer.

- Não estou a falar numa discoteca, só irmos comer qualquer coisa. Só para ser diferente.

Combinámos que ela viria para os meus lados porque tem uma reunião mesmo aqui ao pé. Pizza Express foi o único restaurante de que nos conseguimos lembrar que ambas sabíamos onde era, por isso pareceu-nos um lugar tão bom como qualquer outro. Estou a aplicar um pouco de base em pó no rosto, de forma aleatória, quando o meu telefone toca.

- Michelle está na receção - diz Ashley quando atendo.
- Está aqui? Porquê?
- *Hum* - responde Ashley. - Não sei bem.
- Ela não está à minha espera - ouço Michelle dizer. - Diz-lhe só que me despachei cedo. Posso esperar se ela estiver ocupada.

- Não, tudo bem - digo eu. - Vou já descer.

A ideia de Michelle no meu escritório põe-me muito pouco à vontade. Não vi Bea desde que ela me veio dizer o que achava de *Rooms With a View*, mas tenho a certeza de que não saía sem me dizer que se ia embora, mesmo que ainda esteja de mau humor. Espero que esteja escondida na casa de banho a preparar-se para o encontro que não duvido nada que tenha esta noite.

Ouçó a voz de Michelle quando desço as escadas.

- No Whistles. Mas foi há uns dois anos.

- É uma cor fantástica - diz Bea.

Sinto uma onda de náuseas. Não que pense que exista a mínima hipótese de Bea se atraiçoar. Só que não é correto. As duas a conversarem de forma amigável quando Bea sabe bem quem Michelle é, mas Michelle não faz ideia nenhuma.

- Olá - digo antes de chegar ao último degrau. - Pensei que nos íamos encontrar na Pizza Express.

Dou-lhe um abraço.

- Despachei-me cedo. - Revira os olhos quando diz isto. - Mas posso esperar, se ainda estiveres ocupada.

- Não, tudo bem, vamos. - Só quero tirá-la dali.

- Além de que tive por fim oportunidade de conhecer a famosa Bea - observa Michelle, com um grande sorriso para a sua rival. - No último ano, está sempre a dizer que és espantosa.

Bea ri-se.

- Ah, ah, ah. Faço os possíveis.

- Quem ouça Tamsin falar, parece que é a segunda vinda de Cristo!

- E esta é Ashley - apresento, a tentar mudar de assunto.
Michelle faz um aceno.

- Olá, Ashley.

- Estava só a admirar o vestido de Michelle - diz Bea, com um sorriso no rosto que sei que não é sincero. - É tão... amoroso.

Deteto o tom condescendente na voz dela. Espero que Michelle não morda o isco. Mas claro que morde. É Michelle, não consegue deixar de ser simpática para toda a gente.

- Ia ficar fantástico em ti, com a tua figura.

Será que o imagino ou Bea mostra uma sugestão de sorrisinho presumido?

- Talvez vá dar uma olhada, ver se têm alguma coisa semelhante. Embora, este ano, ninguém faça já essa coisa dos vestidos trapézio.

Que maduro. Têm uma rival no amor que é alguns anos mais velha do que vocês? Estudem a sua interpretação da moda.

- Não consigo acompanhar. - Michelle ri-se sem sombra de ter ficado ofendida.

- Só idiotas se apegam servilmente às tendências da moda - exclamo com demasiada veemência. - É tudo uma manobra para nos fazer gastar mais dinheiro.

- Oh, não quis dizer... - retruca Bea. - Só quis dizer que talvez não o conseguisse encontrar em sítio nenhum...

Tenho a certeza de que sim, apetece-me dizer. Tenho a certeza de que estavas apenas a ser simpática.

- Onde vão as duas? Algum sítio giro? - pergunta Bea com um sorriso.

- Só comer uma piza. Nada de extraordinário.

- Mas é divertido sair com as nossas amigas, não é? Deixar os homens entregues a si próprios - afirma Bea e apetece-me bater-lhe.

- Vamos? - digo para Michelle. Quero sair dali.

- Sim. Prazer em conhecê-las às duas. - Michelle pega na sua mala e prende o cabelo atrás da orelha. - Sobretudo tu, Bea, é bom ligar um rosto a um nome passado todo este tempo.

- Tu também. Ouvi falar tanto em ti. Tenham uma boa noite.

- Também vais sair? - pergunta Michelle, sempre bem-educada. Apetece-me empurrá-la fisicamente pela porta fora.

Bea é toda ela inocência.

- Vou só encontrar-me com o meu namorado.

- Bem, diverte-te.

- Oh, vou divertir-me.

Na realidade, o que me apetece fazer é empurrar Bea pelas escadas abaixo.

- Até amanhã, Tamsin.

- Boa noite - consigo dizer. - Boa noite, Ashley.

- Ela parece adorável - comenta Michelle quando chegamos ao passeio. Finjo não a ouvir.

Michelle parece feliz. Como se tivesse um segredo. Sinto que está em pulgas para me contar alguma coisa.

- Vamos lá. Confessa.

Já pedimos. Uma American Hot para mim e uma salada Niçoise para Michelle. Tento argumentar que não há interesse nenhum em ir a uma pizaria se é para comer só uma salada, mas ela não liga. Há dois grandes copos de vinho branco à nossa frente.

- O que queres dizer?

- Andas a tramar alguma. Nem sequer tentes fingir que não andas.

Ela lança-me um grande sorriso.

- Está bem. Não digas que te contei isto. Isto é, se Patrick perguntar. Ele pensa que não devíamos dizer nada até acontecer.

Sinto uma sensação esquisita na boca do estômago.

- Claro. Diz lá.

- Estamos a tentar ter um bebé. A tentar a sério.

Merda.

- Uau! Mich, isso é fantástico.

- Na realidade, não devia estar a beber isto - diz ela, afastando o copo de vinho para um lado.

- O que o fez mudar de opinião?

- Não faço ideia. Calculo que tenha simplesmente percebido que é agora ou nunca.

- Quando? Quero dizer... quando te disse? - Estou a tentar manter um tom entusiástico na voz. Oh, meu Deus. Que excitante.

- Na sexta à noite. Sabes que o fiz cancelar o futebol? Não sei... mandámos vir comida e um espumante e depois ele disse apenas que tinha mudado de ideias.

Inclino-me e abraço-a.

- Isso é fantástico.

Michelle informa-me do progresso da concepção do bebé (com pormenores embaraçosos, devo acrescentar. A coisa envolve gráficos e bebidas de superalimentação para potenciar o esperma e pernas contra a parede pós-coito, isso eu sei. Tudo o que possa aumentar as hipóteses). Tento escutar, mas só penso no que isto significa. Se Michelle ficar grávida, posso intervir e destruir a sua relação com o pai do bebé? Merda.

- Ele agora está mesmo empenhado - explica ela.

- Não me surpreende. Parece uma maratona de sexo. Devias arranjar patrocínio.

Ela revira-me os olhos.

- Sabes o que quero dizer. Toda a ideia de um bebé.

- Estou contente. A sério que estou.

- Provavelmente, porque de momento salto em cima dele e começo a arrancar-lhes as roupas mal ele entra a porta.

- Demasiada informação. Muita, muita mesmo.

- Não é tão excitante como parece. É sexo com um objetivo por oposição a sexo por diversão. Há uma grande diferença.

Surge-me na cabeça uma imagem fugaz. Patrick a fitar-me intensamente, com a mão entre as minhas pernas. Tornei-me tão hábil a bloquear o que aconteceu entre nós que aquilo me apanha de surpresa.

- Não me contes mais nada ou não vou conseguir olhá-lo na cara.

Michelle ri-se.

- Ele seria o primeiro a dizer-te que é tudo só para o fim em vista.

- Chega - respondo, erguendo uma mão. - Verdade.

- Pensa só, qualquer dia destes posso estar grávida.

Eu devia dizer agora. Contar-lhe. Dar-lhe o golpe de misericórdia. Não consigo fazê-lo.

O rosto dela brilha, reluz mesmo. Espero que isso não signifique que já concebeu. Quanto tempo demora para as mulheres começarem a brilhar? Bem desejava ter prestado mais atenção nas aulas de biologia.

Isto, senhoras e senhores, é o que é conhecido como móbil do tempo a passar. A qualquer minuto, Michelle poderá descobrir que está grávida do marido psicopata infiel. Mal esteja, nada já será igual. Seja o que for que eu sinta por ele, não creio que tenha coragem para negar um pai a um futuro bebé. Mesmo que Michelle tome juízo e o deixe, ele continuaria na vida dela para sempre. Isso mudaria tudo.

Tenho de agir com rapidez. Falar agora ou guardar segredo para sempre. Vê-los criar os filhos à distância, a tentar não deixar escapar o que sei sempre que ele «trabalha até tarde».

Preciso, de alguma maneira, de apresentar a Michelle provas incontestáveis de que Patrick está a ter uma aventura amorosa. A última de muitas, embora não haja

forma de provar isso. Num mundo ideal, eu conseguiria que ela percebesse isso sem ter de descobrir que a mulher com quem ele tem um caso é Bea. A assistente brilhante que ando a elogiar há um ano. A mulher que ela acabou de conhecer e declarou ser adorável. Ela querera saber como é que os caminhos deles se cruzaram e não me parece que esteja preparada para que isso se saiba.

Podia simplesmente contar a Michelle o que sei, deixando de fora, como é óbvio, os aspetos mais incriminadores, mas preocupo-me que ela mate o mensageiro das más notícias. Que vá logo ter com Patrick e que ele consiga convencê-la outra vez que é tudo mentira. Preciso de provas.

Não tenho falado com Adam desde a noite do roubo por esticção. Quero dizer, tenho... temos enviado mensagens e ele deixou-me algumas de voz. Alguma coisa mudou entre nós, pelo menos do meu ponto de vista, e não me sinto muito à vontade com isso. Sabem aquela coisa quando somos adolescentes e gostamos de um rapaz e, de repente, não conseguimos olhar para ele? Isso.

Acho que gosto de Adam. Adam que concordou comigo alegremente que não era possível sentirmo-nos atraídos um pelo outro. O senhor Cabeça de Batata. Fantástico.

Mas ele é a minha única opção. Tenho de ser forte e telefonar-lhe. Tentar agir como se tudo estivesse normal. Preciso da ajuda dele.

Bea

Santa Michelle. Ali mesmo à minha frente. Tão bonitinha, tipo caixa de bombons, tal como nas fotografias, de maneira incómoda, embora daquela forma ligeiramente negligente que começa a perder a graça quando se envelhece. Cabelo que podia beneficiar de um pouco de amaciador. Pele que já viu melhores dias. Envelhecer tem tudo a ver com tratar de si, no que me diz respeito. É preciso andar sempre em cima ou as rugas começam a aparecer. Figura boa. Vestida como uma professora da catequese.

A propósito, isto é autopreservação, esta maldade. Tenho de me consolar com os defeitos dela. Tenho de procurar as imperfeições que me ajudem a acreditar que ele olhará para mim e preferirá o que vê.

Ela foi simpática. Amorosa. Nada ameaçadora, imagino. Uma esposa para uma vida fácil. Consigo imaginar que fiquem bem juntos. O senhor e a senhora Perfeição.

Pergunto a mim mesma se ela irá para casa mais tarde dizer «Conheci hoje a assistente de Tamsin, Bea». O que dirá ele se ela o fizer. A expressão do rosto denunciá-lo-á?

Decidi não mencionar a visita dela. Quero ter uma noite livre de dramas. Não quero que ele fique nervoso a pensar que está tudo a ficar muito embaraçoso e que os riscos estão a começar a superar as recompensas.

É a nossa primeira vez no Claridge's e estou um pouco perdida quanto ao sítio onde esperar para avistar Patrick quando ele entrar. Estou excitada. Sempre quis aqui vir. Embora nas minhas fantasias estivesse a jantar e a tomar um copo no restaurante, não a esconder-me por ali como uma criminosa.

Por fim, decido-me por um cadeirão que não está na zona da receção, mas de onde a vejo bem. Dez minutos depois ele entra a passos largos. Está com bom aspeto (tal como eu, penso, apesar do cabelo lavado há dois dias e das calças de ganga. Não me interpretem mal. Nunca acreditei que pudesse ter uma relação amorosa num patamar acima do meu, no que diz respeito a Patrick). Ele veste um casaco de *tweed*. Mas *tweed* elegante, não como o apresentador Jeremy Clarkson que vai à caça. Um tipo de coisa sem mangas às riscas por cima de uma camisa de colarinhos moles. Calças pretas. À moda, mas sem os pelos na cara e o estúpido chapéu. A pasta de computador de pele castanha vem pendurada ao peito. Tem aspeto de se sentir em casa. Autoconfiante. Como se fosse dono do sítio.

Reparo que me lança um rápido olhar avaliador quando passa a caminho dos elevadores.

Abre a porta do quarto 1206 quase antes de eu bater. Faz-me um grande sorriso.

– Vem cá.

Puxa-me para ele, empurra-me contra a porta agora fechada. Tem ambas as mãos no meu rosto, a arrastar o meu cabelo para trás. Pousa os lábios sobre os meus, comprimindo todo o seu corpo contra o meu.

Penso na sua doce mulherzinha bonita sentada com o seu vestido deselegante, a comer piza com Tamsin. Desconhecedora.

Que se foda.

Vou para o trabalho com uma disposição melhor do que a que tenho tido há alguns dias. Mas cinco minutos com Tamsin e isso dissipa-se logo. Ao quarto para as dez, estou a bufar, embora tente ao máximo agir como observadora imparcial.

- Oh - digo. - Que bom - consigo depois acrescentar.

Sinto que estou a ter falta de ar. Um peixe a estrebuchar, impotente, na praia.

Tamsin sorri.

- Ela está à espera disto há que tempos, mas ele concordou por fim que é a altura certa.

- Pois.

- Fico contente por teres tido oportunidade de a conhecer. É adorável, não é?

- *Mmmm*. Então achas que Patrick está mesmo a fim de ter um bebé? Quero dizer, pensei que ele ainda andasse a ter ligações.

- Na realidade, acho que isto poderá dar a volta às coisas. Ele está a tentar compensá-la.

- Quando é que ter um filho alguma vez salvou um casamento. - Estou a esforçar-me para que a amargura não se note na minha voz.

- Não quero dizer nesse sentido. Quero dizer, ele está tão a fim da ideia que suponho que vai largar a tal mulher, se é que ainda sai com ela. Está a correr para casa todas as noites depois do trabalho e vai direito ao quarto, se é que entendes o que quero dizer. Já me deram demasiados pormenores. Bem, ela diz que a vida sexual dos dois nunca esteve tão boa.

Acho que me vou sentir mal. Claro que não sou estúpida o suficiente para pensar que eles nunca o fazem. Mas ele nunca deu propriamente a entender que a acha irresistível.

Como se, nas noites em que não está comigo, estivesse a representar o *Kama Sutra* com a mulher.

E se ela ficar mesmo grávida? Onde me deixa isso?

- Parece-me uma última tentativa para tentar salvar um casamento moribundo. - Desespero, eu sei.

- Não - diz Tamsin. - Penso sinceramente que ele mudou.

- Não acredito que alguém mude tanto.

- Faz-me um favor. - Ela apoia os pés em cima da secretária. - Estou a morrer por um café com leite e um *KitKat*.

Tamsin

*Okay, exagerei um pouco. Só para meu divertimento.
O que querem que diga?*

Tamsin

– Pelo que estou a ver, só tens um par de opções – diz Adam, enquanto beberricamos copos de cerveja num *pub* a imitar o estilo Tudor em South Bank.

É um pouco como estar sentada num parque temático. Estou meio à espera que apareça um ator gordo desempregado vestido como Henrique XVIII e comece a cantar «Greensleeves». Fui eu que sugeri o local. É em terreno neutro. Estou a tentar agir como se estivesse tudo normal entre nós. Que está, no que lhe diz respeito. Tudo como sempre.

Quanto a mim, tenho estado a esforçar-me para arranjar coisas para dizer. Muda, de repente, com a pessoa a quem achei tão fácil revelar toda a história da minha vida. A única pessoa no mundo, agora, que sabe tudo sobre mim. Exceto, claro, o facto de poder ter sucumbido a uma paixão arbitrária por ele.

– Queres que te arranje um quadro branco?

Ele lança-me um olhar «muito estranho». O que lança, imagino, aos seus alunos do sétimo ano quando eles começam a portar-se mal. E funciona também. Calo-me e ouço.

- Podias tentar descobrir onde vão eles encontrar-se da próxima vez, embora Deus saiba como o vais fazer. Patrick nunca mais te vai deixar ter acesso ao seu telemóvel...

- O telemóvel de Bea? - intervenho.

- Sabes a *password* dela?

Abano a cabeça.

- E, de qualquer modo, calculo que já não deixem mensagens incriminatórias um ao outro. Não desde a última vez. Bem, a questão é que mesmo presumindo que conseguias essa informação, o que vais fazer? Levar Michelle contigo para os apanhar com a boca na botija? Imagina como isso seria humilhante para ela. Está bem, consegues a tua grande revelação, mas penso que seria cruel.

- Eu sei. Tens razão. - Tenho andado a pensar muito nisto. Se vou fazer alguma coisa preciso de o fazer da forma menos dolorosa para Michelle.

- Então isso está posto de lado. Podias fazer alguma coisa de maneira anónima. Enviar-lhe uma carta ou algo assim, mas isso também parece bastante impiedoso.

- Além de que ela não acreditaria.

- Podias dizer a Bea e Patrick que sabes tudo sobre eles, mas que não contas a Michelle se eles romperem.

- Ele arranjava apenas outra pessoa qualquer. Nunca vai mudar.

- Concordo. Ou, e esta é a minha opção adulta, preferida e de melhor amiga, contas-lhe tu. Amorteces a coisa o mais possível. E depois lidas com as consequências.

Solto um suspiro tão alto que o casal na mesa ao lado olha para nós.

- A primeira coisa que Patrick vai fazer é contar-lhe o que aconteceu entre nós.

- Bem, sempre soubeste isso. Tens de decidir se vais dizer a verdade ou não.

- Meu Deus, não! Se lhe contar, terá sido tudo em vão. Por que pensas que me dei a tanto trabalho para apagar a

mensagem de texto?

- Então enfrentas isso.

- Tenho medo - respondo. - Vai ficar tudo tão horrível.

- Bem - diz Adam -, não há hipótese nenhuma de haver um final feliz para todos. E a culpa não é tua. A culpa é de Patrick.

- Porra, quem me dera nunca ter começado isto.

- Não começaste. Ele é que começou.

- Obrigada. Por me fazeres sentir melhor. Ou, deveria dizer, por me ajudares a parar de me sentir tão merdas.

- Para ser sincero, é só porque já não aguento ver-te tão abatida. É como estar a beber um copo com o burrinho Bisonho.

Consigo soltar uma gargalhada.

- Bem, obrigada. Mesmo que tenha sido por razões puramente egoístas.

- De qualquer forma - diz ele com um olhar todo orgulhoso no rosto -, chega de falar de ti. Tenho um encontro marcado para amanhã à noite.

- Oh... - Forma-se um pequeno nó no meu estômago. - Alguém do Other Half?

- Não. Uma mulher verdadeira, de carne e osso. É a mãe de um dos meus alunos do oitavo ano. Fiquei a conhecê-la quando tive de lhe aplicar um castigo. Ela veio à escola queixar-se.

- Boa - digo e depois percebo que pareço sarcástica. - Quer dizer, que ela se tenha importado o suficiente para descobrir o que se passava.

- Para ser sincero, estava com um pouco de receio dela ao princípio. É muito refilona. Percebo a quem ele sai.

- Não é contra o regulamento? Professores e pais de alunos? - Agarro-me a qualquer coisa aqui, como podem ver, mas não quero que Adam arranje uma namorada mesmo quando estou a começar a pensar que possa eu gostar dele.

Ele bufa.

- Claro que não! Pelo menos acho que não. Essa questão nunca se pôs antes.

- Então como passou a coisa de «O teu filho é um psicopata» para «Queres ir tomar um copo?»

- Na verdade, foi ela que convidou. Tive receio de dizer que não, não fosse o caso de ela me bater.

- Não vai ser um bocado esquisito, ter de enfrentar o pequeno Johnny na sala de aula quando ele já te viu de pijama?

- Calma aí. Vamos só tomar uma bebida. E ele chama-se Jordan.

- Isso não é nome de menina?

Lança-me um olhar.

- Assim, pelo menos sabes ao que vais. Não tens de te preocupar se ela será parecida ou não com a fotografia.

Estão a perceber o que eu estou a fazer? Estou a tentar obter pormenores para saber se ela é atraente ou não. Sei que é patético, carente e completamente inaceitável, mas esgotou-se-me toda a dignidade. Preciso de saber.

- Exato. Nada de surpresas desagradáveis como aconteceu contigo.

Rio-me como se tivesse vontade, mas, de facto, aquilo dói.

- Então é uma brasa? - Mantenho um tom leve, como se estivesse a gozar.

Ele pensa naquilo durante um segundo. Isso dá-me esperança. Embora esperança de quê, não sei. Eu e Adam seria ridículo como casal, mesmo que ele estivesse interessado em mim.

- É. Na verdade, parece-se um pouco contigo, o que é esquisito.

- Bem, isso deve significar que não estás interessado nela então.

- Não necessariamente. Contigo foi uma combinação do teu aspeto e da tua horrível personalidade que me fez perder o interesse.

Sei que ele está a brincar e sei que não devo levar a sério nada do que ele diga, mas sinto-me um pouco ferida e isso deve perceber-se, porque o sorriso de Adam desaparece.

- Sabes que estou a gozar, certo? Chateei-te?

- Não. Claro que não. Estou bem - digo ao mesmo tempo que um par de grossas lágrimas cai com um chape em cima da mesa. O que raio se passa comigo?

Adam parece horrorizado. Põe a mão no meu braço.

- Meu Deus, Tamsin, desculpa. Estava só a ser estúpido. Pensei que te ias rir.

- Eu sei. Foi divertido. Estou só com um humor esquisito, é tudo.

- É ainda por causa do roubo da mala? Posso levar-te a casa esta noite.

- Não sejas parvo. Fica do outro lado de Londres. E não estou preocupada com isso. Apanho um táxi e peço ao motorista para esperar até eu ter entrado.

- Então o que é?

- Nada. Ignora-me. Sinto-me mesmo estúpida.

- Devia ter-me censurado. Nem sequer me ocorreu que podias não achar piada.

- Achei! Acho. Por favor, não comeces a pensar que tens de rever o que me dizes.

- É a coisa de Michelle, não é? É tudo demasiado?

- Sim - digo, decidindo-me pelo caminho da menor resistência. Embora, para ser justa, se remoesse demasiado na situação Michelle/Patrick se calhar ia às lágrimas.

- Não tens de falar com ela, sabes. Podes decidir esquecer simplesmente que sabes alguma coisa. Deixar que resolvam eles a coisa.

- Sabes que não posso fazer isso. Ia perder Michelle na mesma, porque já não aguento ir lá a casa. Pelo menos desta maneira ela poderá não desperdiçar a vida inteira casada com alguém que nem sequer quer saber dela.

- Trata mas é disso depressa. O stresse ainda dá cabo de ti.

Pousa a mão no meu braço quando diz isto. Olho para os seus estúpidos dedos como salsichas com as suas unhas curtas e grossas e outra lágrima solta-se do canto do meu olho.

- Eu sei.

Tamsin

E é isso.

Escolhi fazê-lo na casa de Michelle, numa noite em que sei que Patrick está fora. Passei tormentos por causa do local. Em última análise, decidi que largar esta bomba em público não seria a melhor coisa a fazer. Não vai ser bonito.

Escolhi deliberadamente um dia em que Patrick estaria fora a noite toda. É óbvio que não faço ideia para onde ele vai. A história oficial é Manchester. Mas sei que estará enfiado num hotel de Londres algures com Bea. Se calhar no apartamento dela. Em segurança. E até pensei que isso lhe daria a ela uma hipótese de o investigar. Fazer algum trabalho de detetive, antes de ele começar a encobrir o seu rasto.

Tenho de esperar que confie o suficiente em mim para acreditar no que lhe vou dizer. Oh, a ironia.

Telefonei a Adam enquanto vou no táxi a caminho de Highgate. Preciso que alguém me garanta que estou a fazer a coisa certa. Além disso, preciso de uma distração para impedir que o taxista desbobine em tom monótono a história da sua família. São muitos, é só o que vos posso

dizer. Já desliguei há algum tempo, mas até o esforço de grunhir de forma evasiva sempre que ele faz uma pausa é esgotante. Leva um instante a entender que estou a fazer uma chamada, por isso, no momento em que digo:

– Olá, sou eu.

Ele está a dizer:

– ... com algum velhote vive na Old Kent Road...

– Estás num concerto de Chas & Dave? – pergunta Adam.

– Quem me dera. Vou a caminho.

– Tal como te disse a noite passada, deita tudo cá para fora. Mal lhe tenhas contado, o resto é com ela.

Adam telefonou-me quando ia a caminho de casa, vindo do seu encontro com a mãe de Jordan que, ao que parece, se chama Mel. Não sei se ele sabia que eu estava debruçada sobre o meu telemóvel à espera de um relatório como um viciado em *crack* sobre um cachimbo. Espero não me ter denunciado assim tanto.

Passara a maior parte da noite a tentar imaginar como estava a correr a coisa entre a minha improvável paixoneta e a minha sócia. Espicacei-me com imagens para ver se de facto doía. E sim. Não muitíssimo. Só um pouco. Só o suficiente para confirmar que os meus sentimentos por Adam se metamorfosearam de amizade para uma coisa inteiramente diferente. Imaginei-o a fazê-la rir, a provocá-la da mesma maneira que faz comigo. A fazer-lhe perguntas sobre si própria, porque se interessa genuinamente pelas outras pessoas. A acompanhá-la a casa, porque aprendera a sua lição.

Ela a convidá-lo para entrar.

Quando telefonou às dez e um quarto, soltei um suspiro de alívio por nada de demasiado interessante ter acontecido. A não ser que ele lhe tivesse pespegado uma rapidinha contra a parede do parque de estacionamento do *pub*. Mas Adam não me parece do tipo de o fazer contra a parede. A não ser que ela tivesse insistido. Aí ele poderia ter sido demasiado bem-educado para dizer que não.

- Então como correu? - perguntei mal atendi.
- Bem - respondeu ele. - Ela é simpática.
- Uau! Não arranjes emprego como crítico, está bem?
Não ensinas inglês?

Adam riu-se.

- *Okay*, foi uma noite agradável. Ela é uma companhia edificante.

- Melhor. Preciso de um relato passo a passo.

- Não agora. Agora precisamos de rever o que vais dizer amanhã.

- Mas vais sair com ela outra vez?

- Sim. Possivelmente. Certo... espera aí, vou só sair do autocarro...

Ouço as portas a abrirem-se e o zumbido do vento através do telemóvel dele. Já de volta a Clapham? Fiz uns cálculos mentais rápidos. O encontro devia ter terminado ao quarto para as dez, o mais tardar. Com certeza não era um sinal auspicioso?

- Então... - disse Adam. - Continua a estar marcado para amanhã?

- Sim. Parece que Patrick passa a noite em Manchester.

- Diz-me o que vais dizer.

Adam e eu planeámos isto com todo o pormenor. Eu até tinha apontamentos escritos para poder fazer revisões. Toda a história é um campo minado que exige uma conversa cuidadosa. Em primeiro lugar, tive de inventar uma razão para saber disto tudo para começar. Tínhamo-nos decidido por uma combinação de boatos que eram difíceis de ignorar seguidos pelo facto de Adam e eu termos avistado Patrick e uma mulher a saírem de Covent Garden Hotel numa noite em que eu sabia que ele devia estar a treinar com Ben. Não estava assim tão longe da verdade. Uma ligeira falha na sequência temporal que punha Patrick e Bea a saírem juntos em vez de separados.

A grande questão era se eu lhe contava que era Bea? Eu tinha lá estado quando ela conhecera Bea no outro dia.

Vira-as conversar (e Bea a ser maternalista com Michelle) e não dissera nada. Além disso, nem sequer queria chegar perto da questão de como Patrick e Bea se tinham conhecido para começar. Tudo considerado, decidimos que não devia dizer nada. Talvez insistir que, embora Adam a tivesse visto, eu só a entrevira. Tal como disse, contornar a questão.

Eu estava a contar que ela ficasse tão abalada com o quadro geral que não se concentrasse muito nos pormenores.

Depois, esperaria simplesmente. Apoiaria a minha amiga e esquivar-me-ia quando Patrick lançasse a grande granada. Por essa altura, esperava que ela estivesse tão convencida da culpa dele que não acreditasse em nenhuma palavra que lhe saísse da boca.

Em termos de plano, não era propriamente o grande roubo de Hatton Garden.

- *Okay*, ótimo - disse Adam quando eu já recapitulara tudo outra vez. - O segredo é manter a tua posição. Não te desviares.

- Sinto-me doente. Não sei se consigo fazer isto.

- Telefone-te amanhã. Tenta dormir um pouco.

- Vou tentar. Então... vais mesmo encontrar-te outra vez com ela... Mel?

- Acho que sim. Sim.

- Fantástico. Onde vão da próxima vez?

- Para de tentar evitar ir para a cama. Falo contigo amanhã. Boa noite, Tamsin.

Hoje ligou-me no intervalo do seu almoço. Eu estava no gabinete de Anne Marie a tratar de um orçamento, mas sabia que, se perdesse a chamada dele, as hipóteses de o apanhar mais tarde seriam poucas ou nenhuma. Ele estaria de serviço ao almoço ou a supervisionar algum castigo ou a perguntar a alguém se faria na própria casa o

que quer que estivesse a fazer naquele momento. Por isso disse-lhe que era importante, escapei-me para o meu próprio gabinete e fechei a porta atrás de mim.

- Telefona-me mal saias de lá. Nesse mesmo segundo. Não me importo se for muito tarde.

- Estava a pensar que talvez pudesse lá passar a noite. Se a *dog walker* ficasse com *Ron*.

- Avisa-me se fizeres isso. Vou ficar ali sentado junto ao telefone toda a noite como um parvo.

- Aviso. Prometo. Deseja-me sorte.

- Vai correr tudo bem. Quer dizer, não vai, mas estará terminado.

Eu tinha andado a evitar Bea a manhã toda. Não conseguia olhá-la nos olhos. Sabia que ela achava que eu estava a comportar-me de forma estranha, mas parecia que não conseguia fazer nada em relação a isso. Depois da conversa de encorajamento de Adam, entreguei uma pilha de coisas para arquivar a Ashley antes de sair para ir comprar uma salada.

- Importas-te? - perguntei, atirando a pilha inteira para cima da secretária dela, onde vacilou de forma ominosa. - Não é urgente.

- Claro que não.

- Obrigada - disse por cima do ombro dirigindo-me para as escadas, ansiosa por me ir embora antes que a minha assistente me apanhasse a dar o trabalho dela a outra pessoa.

- Vou ficar em casa de Danny - disse Bea quando me viu a registar o saco de viagem quando ela ia a sair. Esgotara-me a tentar evitar falar com ela nas últimas oito horas.

- Uau! É um grande passo, não é? - retorqui, a tentar disfarçar o facto de saber que ela estava a mentir com

todos aqueles dentinhos brancos.

- Gigantesco - respondeu com um sorriso de gato que bebeu o leite.

- Bem, diverte-te.

- Estás bem? - perguntou ela e, se eu não soubesse, teria pensado que a preocupação dela era genuína.

- Sim, Só... tensão pré-menstrual. Amanhã estarei bem.

Agora estou sentada à mesa da cozinha de Michelle e Patrick. Um sítio onde me sentei inúmeras vezes ao longo dos anos. Onde me sinto em casa. De repente, pergunto a mim mesma quem ficará com a casa. Recordo-me quando Michelle a viu pela primeira vez. Levou-me com ela para eu dar uma segunda opinião, antes mesmo de falar da casa a Patrick. Apaixonámo-nos ambas por ela à primeira vista. Dois pisos aconchegantes, mais um terraço de cozinha na cave com um minúsculo jardim murado nas traseiras. Uma «verdadeira» lareira a gás a arder no fogão de sala vitoriano original. Uma parede inteira de portas de pátio desdobráveis. A perfeita mistura de antigo e moderno. Dois quartos. Conseguia perceber o que Michelle estava a pensar: isto é o sítio perfeito para começar uma família.

Quando levou Patrick para ver a casa já era assunto resolvido. Recordo-me de pensar que era comovente que ele alinhasse no que a fazia feliz. Fez-me pensar que talvez afinal não fosse assim tão horrível se ela casasse com ele.

Michelle deixa cair uma caneca de chá verde sabor de caramelo à minha frente. Ainda está com a preocupação da saúde por causa da conceção e eu não quero arriscar os efeitos do álcool. Ela senta-se na cadeira em frente.

- Tudo bem?

Inspiro devagar. Atiro-me do penhasco.

- Na realidade, não. Mich... tenho de te contar uma coisa.

Bea

Uma noite inteira fora. É apenas a quarta vez que isto acontece. Dizer que é uma coisa extraordinária, um marco, seria um eufemismo comparável a anunciar que o traseiro de Kim Kardashian é um pouco para o cheio.

Uma noite inteira significa dez vezes mais intimidade. Com isso não estou a falar de sexo, estou a falar de escovar os dentes, mau hálito de manhã e acordar sem maquilhagem. Coisas de adultos. A carne e as batatas das relações.

Fui eu que insisti. Não foi um grande gesto romântico da parte de Patrick. Tenho-me sentido um pouco insegura desde a nossa discussão sobre o meu emprego, não vou mentir. Fez-me entender que nunca vou ser a prioridade número um da vida dele. Por isso choraminguei um pouco. Bati o pé e disse que sentia que estava a ser usada. Durante algum tempo, pensei que o pressionara demasiado e que ele ia decidir que dava tudo demasiada confusão. Que o que tinha comigo devia ser diversão, não trabalho difícil. Assim, recuei um pouco e, quando dei por isso, ele

reservara um quarto, uma suíte executiva, nem menos, no The Langham.

Foi uma vitória. Que pude apenas partilhar com Ali, a quem tinha por fim feito confidências porque, apesar de Patrick insistir que ninguém devia saber, eu andava desesperada para contar o segredo a alguém para fazê-lo parecer real. Pensei que ela desaprovava, tem tendência para pregar sermões sobre a forma como as mulheres tratam as mulheres, mas tem um namorado novo, por isso, nos últimos tempos, descontraiu-se um pouco. Isto é, até correr tudo mal outra vez. E até se riu e disse que era bom para mim se me estava a fazer feliz.

Estava, até Tamsin me contar que ele e Michelle estavam a tentar ter um bebé.

Quer dizer..., não sou obtusa. Sei que ele tem de agir como se tudo estivesse normal o que, suponho, inclui dormir com a mulher de vez em quando. Mas há uma grande diferença entre isso e «estão a tentar engravidar». Tentar engravidar significa idealizar um futuro juntos. Significa famílias felizes e vamos ser mamã e papá. Significa compromisso.

E, segundo Tamsin, significa que andam naquilo como um par de virgens na sua primeira semana na universidade. Agora que começaram não podem parar. E pensar nisso põe-me literalmente doente.

Assim, agora vou a caminho do quarto andar do The Langham, não esfuziante de expectativa, não com a agitação que em geral me acomete quando me aproximo do quarto e que é uma combinação de expectativa e medo de ser vista. Estou a sentir-me chateada, usada e não apreciada. Quero saber qual é a minha posição. Quero respostas.

- Olá - diz ele, quando abre a porta só uns milímetros para verificar se sou mesmo eu.

- Olá.

Deixa-me entrar. Reparei que nas duas últimas vezes que nos encontrámos não passámos a noite toda na cama. Conversámos. Tinha-o atribuído ao facto de a nossa relação estar a progredir para uma coisa mais séria. Preocupávamo-nos um com o outro. Não era apenas sexo, tínhamos uma ligação. Pois, está bem. Ou talvez ele esteja apenas tão exausto das suas sessões de maratona com Michelle que lhe falte energia. Talvez eu devesse sugerir que deixássemos o quarto de lado e tomássemos apenas uma bela chávena de chá e puséssemos a conversa em dia.

É como se ele percebesse o ambiente. Não me surpreende, exsuda de mim como ectoplasma de um fantasma.

- Tudo numa boa? - pergunta e, não pela primeira vez, chateia-me o facto de ele ter tendência para usar às vezes uma maneira de falar meio americanada. Costumava achar aquilo *sexy*. Agora é irritante. A mesma coisa com as roupas à moda. De repente, parecem demasiado deliberadas, demasiado estudadas. Apetece-me gritar: «Não és de Brooklyn, sabes. És um menino inglês de Epsom, de colégio particular, com demasiados privilégios.»

- Estou bem - digo, claramente nada bem.

Ele revira os olhos. Fez o que se esperava dele. Estamos no mesmo comprimento de onda.

- Que porra, Bea, o que se passa agora?

- Nada - respondo aborrecida, denunciando assim que há definitivamente alguma coisa.

- Oh, não. Não vou entrar neste jogo. Se estás chateada por causa de alguma coisa diz, mas não faças toda essa cena de mártir do «está tudo bem».

Senta-se na beira da cama. A rolha do champanhe continua por saltar. Estou a morrer por uma bebida. Penso em abri-la eu, mas não parece apropriado de momento. Isto não está a correr bem. Tenho duas escolhas: ceder como de

costume e aceitar o meu estatuto de segunda categoria ou esclarecer tudo com ele. Já é tempo.

- *Okay*. - Sento-me numa cadeira à frente dele. - Tamsin contou-me que tu e Michelle estão a tentar ter um bebé.

Recosto-me para trás, deixo-o assimilar toda a dimensão do que estou a dizer, o que ele faz muito depressa, parece, porque se ri. Não era a reação de que eu estava à espera.

- É isso? É por essa razão que estás com essa disposição de merda?

- Bem, estão?

- E se estivermos? Já te disse antes que ela sempre quis ter filhos.

- O que queres dizer com «E se estivermos?». Vais para casa todas as noites para uma maratona de sexo e eu devo achar que está tudo bem?

Ele ri-se outra vez e o som é oco, maldoso.

- Dificilmente. E, mesmo que fosse, ela é a minha mulher. O que queres que lhe diga? «Desculpa, espero que não te importes, mas a minha namorada vai ficar chateada se eu dormir contigo?»

- Sabes o que quero dizer.

- Sabes que mais, Bea? Não sei.

- Vão mesmo ter um bebé?

- Ah, então estás chateada porque pensas que Michelle e eu andamos naquilo como coelhos, ou estás chateada por podermos ter um bebé? Estou baralhado.

Tento ignorar o tom sarcástico. Não aguento quando as pessoas tentam vencer discussões com tecnicismos.

- Se tiverem um bebé, o que acontece? Quero dizer, para nós.

- Não acontece nada. Continuamos como é normal.

Não sei o que sentir em relação a isto. Sei, no entanto, o que sinto em relação à outra metade da situação. E, apesar de saber que devia provavelmente manter a boca fechada, não consigo.

- Então, é... quer dizer... Tamsin disse-me basicamente que Michelle lhe contou que vocês não se largam um ao outro...

- E pode-se confiar tanto em Tamsin.

- Mas porque inventaria isso? Michelle deve ter-lhe dito alguma coisa.

- Não quero mesmo falar sobre isto, curiosamente.

- Mas, e se eu quiser? Não é justo que eu nunca saiba de nada...

- Queres que te conte tudo sobre a minha vida sexual com Michelle?

Aquilo dói. Não têm só relações sexuais de vez em quando, têm uma vida sexual.

- Não. Sabes o que quero dizer.

- *Okay*. Sim, Michelle e eu estamos a tentar ter um bebé. Sim, isso significa que temos de ter relações para o conseguir. Satisfeita?

- Mas porque querem um bebé? Porquê agora?

- Porque ela quer desde sempre e eu esgotei as razões para não devermos avançar com isso. Além disso, sabes que mais? Decidi que quero um filho. Processa-me.

Isto não é a confissão de um homem que esteja a pensar poder deixar a mulher um dia destes e montar casa com a namorada.

- Pensei... - gaguejo, não consigo dizê-lo.

- Pensaste o quê? Sempre soubeste que eu nunca ia deixar Michelle. Para além de tudo o resto, o pai dela é o meu patrão.

- Então vais ficar com uma mulher que te faz infeliz, porque isso pode afetar as tuas perspetivas de carreira se não o fizeres?

Ele fita-me com calma. O meu estômago dá uma volta.

- Quando disse eu que ela me faz infeliz?

Ele tem razão, não disse. Presumi apenas, tendo em conta todas as aventuras amorosas. Não age propriamente como um homem que valoriza o seu casamento.

E depois faço a coisa que sempre jurei que nunca faria. Torno-me ofensiva.

- Como pode ela fazer-te feliz? Quero dizer, olha para ela. É tão... desleixada.

Percebo, mal me sai da boca, que não devia ter dito aquilo. Lição número um: nunca criticar a mulher. Ele lança-me um olhar que podia congelar mercúrio.

- Como sabes como ela é?

Ah, sim, também há isso. Não lhe contei sobre o meu encontro com Michelle no escritório. Não quis que ele pensasse que as coisas estavam a ficar demasiado pessoais.

- Ela foi encontrar-se com Tamsin lá no trabalho.

- Conheceste-a?

- Só por um segundo. Não te preocupes, não revelei nada.

- Caramba. Porque não me contaste?

- Não sei. Não foi nada de especial.

Se ele acreditar nisto, acredita em tudo.

- Michelle é uma das pessoas mais amorosas e boas que conheço. Provavelmente a melhor. Não quero de maneira nenhuma feri-la, é tudo.

- Mas se eu ficar ferida, são apenas danos colaterais?

- Não sejas estúpida. Não tem nada a ver contigo. Quero só ter a certeza que Michelle está protegida. Nada disto é culpa dela.

- Então é por isso que me andas a foder? - Não consigo evitar, sai-me muito simplesmente. De uma maneira muito ruidosa, tipo grito.

Ele mantém-se calmo. Para ser sincera, preferia que gritasse comigo. Mostraria alguma paixão. Mostraria que se importa.

- O que temos é irrelevante. É separado do meu casamento.

- Que conveniente. Pergunto a mim mesma se Michelle o veria dessa forma.

- Não. Te. Atrevas. - Pronuncia-o devagar, sublinhando todas as palavras.

- Não estou... não é isso que estou a dizer.

Ele levanta-se.

- Sabes que mais, Bea, não me apetece estar aqui agora.

Merda. Não era isto que eu esperava que acontecesse. Embora não saiba muito bem o que esperava que acontecesse.

Levanto-me também.

- Não. Desculpa... eu só... preciso de pensar antes de abrir a boca.

- Podes ficar aqui, se quiseses, mas eu vou para casa.

- Não, Patrick...

- Talvez precisemos apenas de algum espaço, não sei.

- Desculpa o que disse...

Ele está a pegar no casaco.

- Eu telefono-te, está bem? O champanhe já está pago. Bem podes bebê-lo.

- Não, por favor não...

Agora estou a implorar. Muito atraente, tenho a certeza. Mas nem sequer tenho tempo para pensar no que aconteceu à mulher forte e independente que eu era, porque estou a usar toda a minha energia para tentar impedi-lo de sair porta fora.

Tamsin

Ensaiei isto tantas vezes na minha cabeça (e em voz alta com Adam) que as minhas frases devem ser perfeitas, mas, ao ver o olhar preocupado no rosto de Michelle, sou acometida pelo medo do palco. Esqueci o meu texto.

- Que é? O que se passa?

Sei que vai pensar que lhe vou contar que estou gravemente doente ou que vou emigrar para a Nova Zelândia. Sei que tenho de acabar com esse sofrimento depressa e lançá-la num pior. Merda. Cá vai.

- Lembras-te quando pensaste que Patrick estava a ter um caso? Bem, está mesmo.

Digo-o de uma assentada para deitar tudo cá para fora antes de me acobardar. Vejo a expressão do rosto dela passar de perplexidade para desgosto, via descrença. Sabe que não lhe mentiria. Irónico, não é?

- Sinto muito, Mich. Bem desejava não ter de ser eu a contar-te.

A primeira reação dela é rir-se com nervosismo. Porém, deve ser óbvio, pelo meu rosto, que isto não é piada nenhuma.

- Não compreendo...

Parece tão vulnerável que estendo a minha mão por cima da mesa e pego numa das dela.

– Eu vi-o... vi-os a eles. Na noite em que ele devia estar no treino de futebol com «Ben», naquele dia em que eu estava com Adam e tu me telefonaste, lembras-te? Estávamos sentados em frente do Covent Garden Hotel e Patrick saiu com uma mulher.

– Isso foi há semanas...

– Eu sei. Tenho andado atormentada a pensar em como te dizer. E queria certificar-me primeiro que era verdade. Que não estava a imaginar coisas. Parece que é um segredo conhecido no meio...

Ela fica arrasada.

– Não, Tamsin...

– Sinto muito.

Michelle levanta a cabeça.

– Quem é ela?

Tento manter a compostura.

– Não sei. Não a vi muito bem, Adam é que...

Michelle lança-se para esta tábua de salvação.

– Então ele pode ter interpretado mal a coisa. Ou podia ser Vic...

Vic é a irmã mais velha de Patrick. Não podia ser menos parecida com Bea, com o cabelo encaracolado ruivo.

– Não era Vic. Esta tinha cabelo comprido castanho, isso vi.

– Como sabe Adam sequer como é Patrick?

– Não sabe. Eu vi Patrick sair e sabia que não era suposto ele estar ali, por isso calculei que se passasse alguma coisa. Virei-me para ele não me ver e disse a Adam para ver se conseguia perceber o que Patrick estava a fazer. Ele viu uma mulher sair e, bem, parecia que era óbvio que não eram apenas colegas. Disse-me quando era seguro eu olhar, por isso só lhe vi as costas. Estavam de mãos dadas.

Por favor, meu Deus, não deixes que ninguém esteja a gravar o meu testemunho para ser usado em tribunal.

Nunca se aguentaria num interrogatório pela parte contrária.

Michelle solta um soluço.

– E essas pessoas todas que parecem saber tudo sobre o assunto, também não fazem ideia de quem ela seja?

– Parece que não. Acho que é verdade, Mich. Não te teria contado se não fosse.

– Assim todas as noites em que ele está a trabalhar até tarde...?

Aceno com a cabeça.

– Creio que sim.

– Achas que ele está com ela esta noite? A noite toda?

– Não sei. Parece que pode estar. Onde devia ele ir?

– Manchester.

– Sabes em que hotel ele devia ficar?

Ela abana a cabeça.

– Não posso acreditar que ele tenha feito isto. Deve haver uma explicação inocente.

– Ele veio para casa nessa noite, não veio? Na noite em que me telefonaste quando eu estava com Adam?

– Sim.

– Então podemos telefonar para o hotel e ver se ele tinha algum quarto reservado. Quero dizer, para que reservaria um quarto se só lá ia estar algumas horas?

– Oh, meu Deus – exclama Michelle, como se só agora estivesse a começar a perceber. – Achas que é isso que eles fazem?

– Sabe Deus. Mas vale a pena tentar.

– Não me vão dizer uma coisa como essa.

– Podemos inventar alguma coisa... dizer que pensamos que ele deixou lá alguma coisa...

– Espera aí... e quando eu estava preocupada antes e tu telefonaste para o escritório dele? Afinal estávamos enganadas. Como explicas isso?

Como de facto?

- Isso deve ter sido genuíno. Como serão algumas das noites dele fora, calculo.

- Íamos ter um bebé. - Grandes lágrimas grossas escorrem-lhe pelo rosto abaixo. Aperto-lhe a mão com força.

- Eu sei. Por mais horrível que seja, teria sido pior descobrir isto depois de estares grávida.

Por favor, concorda comigo. Por favor, diz que sim, graças a Deus que escapei. Não tenho essa sorte.

- Se calhar foi uma coisa que só aconteceu uma vez. Talvez seja a ideia de ter filhos. Ele teve apenas uma pequena crise de meia-idade ou algo assim. Pode ser isso, não pode?

Merda. Ela vai tentar arranjar uma maneira de lhe perdoar.

- Acho que já dura há algum tempo. E... eu não te ia dizer isto, mas não me parece que seja a primeira.

- Então por que razão concordar com o bebé? Não faz sentido nenhum.

- Não faz não. Não sei.

- Vou telefonar-lhe - diz Michelle e estende a mão para o telefone. Preciso que ela acredite que o que eu estou a dizer é inequivocamente verdade antes de ele começar a envenená-la com histórias sobre mim.

- Espera aí. Vamos tentar primeiro encontrar alguma prova. E as contas do cartão de crédito?

Ela funga. Felizmente, torna a pousar o telemóvel.

- Ele recebe-as *online*, acho eu. Não sei a *password* dele. Nunca pensei que existisse alguma razão para perguntar.

- Então telefonamos para o hotel. Qual é a pior coisa que pode acontecer? Não nos dizerem nada? Vale a pena tentar.

- Está bem. Mas fazes tu isso. Eu não consigo.

Vejo o número no Google e depois marco-o com o telefone em alta voz. Já sei o que vou dizer, como é óbvio, porque

isto fazia tudo parte do plano. Após uns toques, uma mulher atende.

- Covent Garden Hotel.

Hesito, sem saber se consigo levar isto avante.

- Olá. O meu marido ficou aí há umas semanas e acha que deixou uma coisa no quarto. Há alguma maneira de verificarem?

- Claro. Em que data foi?

- Dia vinte e quatro de setembro. - Tenho esta data gravada no meu cérebro.

Ouçó-a clicar nas teclas do computador.

- E o nome do seu marido?

- Patrick Mitchell.

- Ah, sim, o senhor Mitchell - diz ela, como se o tivesse visto ontem. Ouço Michelle soltar uma exclamação. Parece que se vai sentir mal.

Clique, clique, clique.

- Ele esteve no quarto quatrocentos e vinte e quatro e não há registo de nos terem entregado nada depois de ele partir. O que foi que perdeu?

- O relógio. Não deu por isso senão uns dias mais tarde, por isso pode tê-lo deixado em qualquer sítio...

Agora só quero desligar o telefone e cuidar da minha amiga.

- Obrigada pela sua ajuda.

Mas a prestável rececionista não larga.

- Vou contactar a governanta do andar para ver se alguém se lembra de ver alguma coisa. Tem algum número de telefone para onde possa ligar se tiver sorte?

- Oh... Vou estar fora alguns dias... num *spa*, onde não vou ter o telemóvel comigo... não se preocupe... - Cala a boca, Tamsin.

- Bem, temos o número do senhor Mitchell nos nossos arquivos, por isso poderei sempre ligar-lhe. Oh, estou aqui a ver que ele reservou outra vez um quarto para segunda-

feira. Vou tomar nota para alguém lhe dizer então se encontrarmos alguma coisa.

Olho para Michelle e ela está a fitar-me de olhos arregalados. Agora tenho mesmo de largar o telefone.

- Perfeito. Obrigada.

Termino a chamada sem esperar pela resposta dela. Michelle vai-se abaixo e começa num pranto ruidoso. Levanto-me, dou a volta à mesa e dobro-me para a abraçar. Ela soluça na minha camisola.

- Ele vai levá-la lá na segunda-feira - diz, quando para. - Disse-me que tinha futebol. Acho que não consigo aguentar.

- Ele é um sacana. Lamento, mas é mesmo.

- O que vou fazer?

- Tenho uma ideia - digo. Já estou a ver um plano a formar-se. - Só um pouco de paciência.

Bea

Se nunca experimentaram a sensação de correr atrás de um homem por um corredor de hotel a chorar e a suplicar ao mesmo tempo, não posso dizer que o recomende. Não ajuda nada a nossa autoestima.

Ele já se encontra junto ao elevador quando o apanho.

- Volta, por favor.

Olha em redor. Nervoso.

- Pelo amor de Deus, Bea. O que estás a fazer?

- Não vamos separar-nos assim.

- Não há qualquer interesse. Vou para casa - diz em voz baixa. - Telefono-te amanhã.

- Não. Isto não é justo.

- Chiu! Caramba! Não vou ter esta conversa num local público.

A campainha do elevador toca. Não tenho a mínima dúvida que, se ele se for embora agora, ter com a sua mulherzinha e para a casa em-breve-de-família, será a última vez que o vejo. Está zangado comigo. Irritado comigo. Preocupado que todo o seu mundo venha abaixo por causa de mim.

- É por isso que preciso que voltes para o quarto. Só por um minuto. Por favor.

Ele funga de cólera.

- Muito bem. Mas não vou ficar.

Segue-me pelo corredor.

Graças a Deus, lembrei-me de trazer a chave comigo, por isso abano-a em frente do sensor e lá entramos.

- Podemos muito bem abrir isto - digo, pegando no champanhe. Tomar uma bebida poderá acalmá-lo um pouco.

- Não vejo qualquer interesse se continuarmos a discutir - retruca Patrick quando lhe estendo um copo.

- Eu sei. Desculpa. Foi só... foi um choque saber, só isso. Eu não devia ter dito nada.

- Isto pretendia ser uma coisa divertida. Não preciso de mais stresse nenhum na minha vida.

Bem, aquilo pôs-me no meu lugar. Continuo a ser só um pouco de diversão. Nada mais. Não quero entrar noutra discussão, mas não posso deixar aquilo passar.

- Era. É. Mas suponho que fosse inevitável que eu comesse a querer um pouco mais passado algum tempo.

- Mas não pode ser mais. Sabes isso.

- Mais não tem de significar deixares a tua mulher e montares casa comigo. Nunca te pediria para fazeres isso. - Quem estou a tentar convencer, claro que pediria, mas o momento não é claramente ideal. - Mas com certeza que o que temos é mais do que uma queca rápida e conveniente num quarto de hotel? Ou estou a enganar-me?

Pousa-me uma mão no braço. Parece um bom sinal.

- Não. Gosto de ti, claro que gosto. Detestaria não te ter na minha vida.

- Sinceramente era só isso que queria ouvir. Só que às vezes me sinto um pouco reles, sabes. Como se pudesse ser qualquer pessoa...

- Achas mesmo que eu teria continuado a ver-te e arriscado começar a gostar de ti se fosses uma pessoa

qualquer? Teria sido muito mais fácil manter a coisa como sexo de ocasião.

- Eu sei. Desculpa.

Sorri. Aleluia.

- Para de pedir desculpa.

- Desculpa - digo eu. - Ah, ah.

Ele pousa o copo.

- Vem cá.

Quase desmaio de alívio. Nada está de facto resolvido. Ele poderá ainda ser um futuro pai a qualquer momento agora e querer começar a brincar às famílias felizes. Mas estou a aguentar-me. Ainda estou na corrida. Tenho só de perceber como é que vou ganhá-la.

Tamsin

- Acho que não consigo - diz Michelle.

Estamos ainda sentadas à mesa da cozinha, eu agora do mesmo lado que ela, com a cadeira puxada para perto, com o braço à volta dos seus ombros. Chorou durante algum tempo, embora imagine que vá recuperar em breve a sua energia.

- É só por uns dois dias.

Claro que entendo perfeitamente que todas as fibras do seu ser querem correr direitas a Patrick e acusá-lo. Eu faria a mesma coisa. Ela quer respostas.

- Ele iria simplesmente continuar a mentir-te. Desta forma não conseguirá. Pensa nisso, como vai ele explicar o facto de estar a sair de um hotel com uma mulher quando devia estar no sítio onde te disse que ia estar? E, mesmo que ele tente inventar que estava numa reunião ou que ela é uma colega, podemos perguntar na receção se tinha um quarto. Na frente dele.

Eu sei, claro, que é pouco provável que Patrick e Bea saiam juntos. São demasiado cuidadosos para fazer isso. Se nos guiarmos pela última vez, e posso imaginar que têm um

plano muito bem arquitetado e ensaiado, ela sairá primeiro, seguida por ele alguns minutos depois.

Apesar de ter estado nervosa com a questão de Michelle descobrir que é com Bea que Patrick anda a sair, percebo agora que isto é uma forma de ela ficar a saber sem me implicar de forma nenhuma. Bea avistar-me-á e a Michelle à espera na receção. Será obrigada a parar e a dizer olá. Mantenho-a a falar, pensarei em alguma coisa, para que ela não tenha hipótese de avisar Patrick. Ele aparecerá alguns minutos depois e bingo! Não duvido que um dos dois se atraioará. E então posso fingir estar tão chocada como Michelle ao perceber que a minha assistente é a amante do marido dela.

Claro que eles vão tentar arranjar maneira de eu passar a bode expiatório, mas posso safar-me com *bluff*. A menos que ambos anunciem em perfeito unísono que se conheceram quando mandei Bea tentar armar uma cilada a Patrick, ou que eu própria tenho uma história com ele, conseguirei persuadir Michelle de que eles estão a agarrar-se a qualquer coisa de tão desesperados que estão.

- Não há maneira nenhuma de eu conseguir agir como se tudo estivesse normal. Não consigo mesmo.

- É provável que ele te telefone esta noite?

Ela abana a cabeça.

- Ele diz sempre que, como regressa ao hotel demasiado tarde, não quer incomodar-me. Geralmente manda-me uma mensagem a dada altura da noite. Quando se pode esgueirar para ir à casa de banho ou...

Interrompe-se, a recordar-se que tudo o que Patrick lhe disse sobre as noites que passa fora, incluindo esta, é mentira.

- ... bem...

Enxuga outra lágrima. Assoa o nariz no lenço de papel que descubro algures no meu bolso.

- Por isso, na realidade, é apenas amanhã à noite e quinta de manhã. Presumo que não falem muito quando estão a

trabalhar?

Ela abana a cabeça.

- Se fizermos isto, ficas a saber com toda a certeza. Depois é contigo, decidir o que fazer. De outra forma, terás sempre dúvidas. De uma maneira ou de outra.

- Tens razão. Vou tentar. Mas não sei se consigo levar isto a cabo. Como pode ele fazer isto? Simplesmente não entendo. Então sou uma piada recorrente no trabalho dele? A pobrezinha da Michelle. Não faz ideia nenhuma que estamos todos a rirmo-nos por trás das costas dela.

- Ninguém se está a rir de ti.

- Achas que Verity sabe? Oh, meu Deus, isto é tão humilhante.

- Não sei. Poderá suspeitar... talvez. Não podes começar a preocupar-te com isso.

- Sinto-me tão estúpida.

- Se alguém pensar alguma coisa será que Patrick é um enorme sacana e que não te merece.

- Pobre e estúpida mulherzinha em casa enquanto o marido anda por aí com alguma jovem. Ela é nova?

- Não sei. Disse-te que não a vi bem.

- Mas o que disse Adam? Deve ter-ta descrito. Ela é bonita?

- Não disse. Eu não perguntei. Acho que estava demasiado chocada.

- Olha lá para o cliché em que já me tornei. No entanto, tem importância. Se ela for mais nova... se ela for deslumbrante... de algum modo é tudo muito pior.

Penso no aspeto de modelo de Bea.

- Ou talvez seja melhor. Ele escolheu apenas o superficial. Tem mais a ver com uma crise de meia-idade e menos com o que ele sente de facto por ti.

- Como vou contar à minha mãe e ao meu pai?

- Preocupa-te com isso mais tarde. Vamos primeiro aguentar os próximos dias.

Persuado-a por fim a ir para a cama e sento-me ao lado, a afagar-lhe o cabelo e a afastar-lho da cara enquanto ela chora.

- Não sei o que faria sem ti - diz ela a dada altura e tento ignorar o nó que se forma no meu estômago.

- Tenta dormir - respondo e sinto-me a pior pessoa do mundo. - Estarei aqui se precisares de mim.

Tamsin

Por isso aqui estamos. Eu, Michelle e Adam, sentados no restaurante do Covent Garden Hotel como se fosse a última ceia. Não foi assim que imaginei que os meus dois melhores amigos se conhecessem.

Adam organizou tudo. Pediu uma mesa com a melhor vista para a receção e, por sorte, pareceu ser um pedido perfeitamente válido. Agora Adam e eu estamos virados para a porta, só para o caso de Patrick ou Bea decidirem sair mais cedo. Michelle está de costas. Mal aguenta olhar.

Está exausta. Grandes círculos escuros debaixo dos olhos. Mas esforçou-se. O cabelo loiro parece mais brilhante e arranjou um pouco de cor com a ajuda de um bronzeador. Não quer conhecer a sua rival sem sentir que está com a sua melhor aparência, disse.

Na manhã seguinte ao dia em que lhe dei a notícia, acordei ainda na cama dela e de Patrick, deitada em cima das cobertas. Michelle não se via em lado nenhum. Arrastei-me escadas abaixo e encontrei-a sentada à mesa da cozinha, ainda de pijama, com uma chávena de chá entre as mãos. Estava com um ar desgraçado.

- Há quanto tempo estás levantada?

Encolheu os ombros.

- Não dormi propriamente. Por fim desisti e desci há cerca de uma hora.

Olhei para o relógio da parede. Dez para as seis.

- Devias ter-me acordado.

Ela mostrou um sorriso triste.

- Parecias tão tranquila. Não tive coragem.

Depois o rosto amaranhou-se e começou outra vez a chorar. Reparei em vários lenços de papel feitos numa bola em cima da mesa à sua frente.

- Por favor, diz-me que não é verdade - disse para a minha *T-shirt*.

- Não posso.

Graças a Deus que Patrick não devia chegar a casa senão ao fim da tarde. Era agora óbvio que Michelle não conseguiria não revelar que havia alguma coisa séria se ele tivesse voltado para casa na noite anterior.

- Porque não voltas para a cama mais umas horitas? Eu acordo-te para ires trabalhar.

- Não, ia sentir-me pior, acho eu. Não sei se consigo enfrentar o escritório...

Eu não achava que fosse bom para ela passar o dia inteiro sozinha, a matutar no que estava a acontecer. Tinha de tentar suprimi-lo de algum modo. Tinha de passar toda noite com ela.

- Acho que devias. Precisas de uma distração...

- Não vou conseguir fazer nada... olha para o estado em que estou.

- Diz-lhes que estás um pouco indisposta quando lá chegares. Ninguém vai pôr isso em causa. Precisas de chegar ao fim do dia de hoje, Mich.

- Não consigo.

- Fazemos o seguinte. Damos ambas parte de doentes. Fico aqui contigo.

Ela estendeu o braço e apertou-me a mão.

- Isso é tão amoroso da tua parte. Não posso pedir-te para fazeres isso. Sei como és esquisita em relação a tirar dias por doença.

Consigo mostrar um sorriso.

- Abro uma exceção.

- Não - retorquiu ela, endireitando-se. - Tens razão, devia ir trabalhar.

- Vou preparar o pequeno-almoço. - A hora muito matinal tinha-me feito sentir um pouco nauseada, mas parecia importante retemperarmos as nossas forças.

- Vou correr um pouco, desanuviar a cabeça. Vens?

- Não tenho roupa nenhuma comigo e os teus pés são muito mais pequenos do que os meus, caso contrário...

Ela conseguiu rir-se.

- Estava a brincar. Mas eu vou. Às vezes ajuda-me a pensar.

Quando voltou eu já fizera a cama, tomara duche, voltara a vestir as mesmas roupas, resistira ao impulso de remexer nas coisas de Patrick no escritório na esperança de encontrar provas e estava a fazer ovos mexidos.

- Tens a certeza de que é a coisa certa a fazer? - perguntou ela quando estávamos a comer, ou pelo menos eu estava a comer e Michelle empurrava a comida pelo prato.

- Espero que sim. Penso que sim. Quero dizer... vai ser horrível, mas possivelmente poupará meses em que ele se tenta escapar.

- Está bem - disse, engolindo por fim uma garfada de ovos. A propósito, os meus ovos mexidos são bastante irresistíveis. Estou só a dizer.

Fomos juntas no metro até Euston.

- Telefona-me a qualquer hora - pedi. - Vou manter o som ligado. E se Patrick telefonar, não atendas.

- Não.

Dei-lhe um grande abraço quando nos aproximámos da paragem dela e depois desejei não o ter feito porque vi lágrimas a formarem outra vez poça nos cantos dos olhos dela.

- Mais uma vez obrigada.

Bem desejava que ela parasse de me agradecer. Estava a fazer-me sentir pior do que já me sentia, se é que era possível.

- Arrasa com eles.

Era demasiado cedo para o trabalho, por isso parei num café perto do metro de Hammersmith, pedi um grande café e telefonei a Adam. Esperava ter de deixar uma mensagem, mas ele atendeu ao primeiro toque.

- Então?

- A coisa está feia - respondi.

- Caramba, andei de um lado para o outro metade da noite como um futuro pai.

Eu enviara uma mensagem curta a Adam só para lhe dizer que contara a Michelle e que, esperávamos, havia um plano em marcha, mas não tinha sentido que lhe podia telefonar a dar mais pormenores. Não parecia correto estar a discutir o casamento de Michelle à frente dela com uma pessoa que ela nem sequer conhecia.

Pu-lo ao corrente da chamada para o hotel.

- Golo! - exclamou ele e fiquei a pensar se ele passaria demasiado tempo com miúdos de doze anos. - Quero dizer... não... isso deu a entender que eu pensava que era uma coisa boa... foi só da emoção...

- Tudo bem. Esperemos que resolva tudo. Eles não vão ter tempo para alinhar as suas histórias e vão parecer um par de mentirosos desesperados quando me apontarem o dedo.

- Pobre Michelle - retorquiu ele e recordei-me porque gostava tanto dele.

- Eu sei. Ela está de rastos. Como é óbvio.

- Como é óbvio.

- Estás livre segunda-feira à noite, não estás? Creio que preciso de ti para apoio moral.

- Estás a gozar? Não perderia isto por nada deste mundo.

- Nenhum encontro escaldante com Mel?

- Eu e Mel vamos jantar no sábado.

- Oh. Que bom.

- Num pequeno *bistro* perto da escola.

Eu não sabia o que dizer, por isso só disse:

- Fantástico.

Perguntei a mim mesma, por instantes, se Adam teria cancelado o seu encontro se coincidissem com os meus planos.

As etapas para esta noite vão decorrer da seguinte maneira. Eu vou buscar Michelle ao trabalho e encontramo-nos com Adam no Covent Garden Hotel às sete e um quarto. Não queremos arriscar que Patrick ou Bea nos vejam quando entrarem.

Chegados ao hotel, Adam, Michelle e eu vamos jantar, ou pelo menos fingir, não sei se algum de nós terá apetite, enquanto vigiamos o átrio para o caso de eles saírem mais cedo. Patrick disse a Michele para o esperar em casa por volta das nove e meia, o que significa que terá de sair daqui cerca das dez para as nove no mínimo. O nosso plano é levantar o acampamento e ir para o átrio por volta das oito e meia, presumindo que nada acontece até lá, e depois é só esperar. Se nos perguntarem, a nossa desculpa será que estamos à espera de alguns amigos.

Michelle não se sentia muito segura em relação a pedir a Adam para vir também. Creio que se sente envergonhada. A mulher desprezada a tentar apanhar o marido pecador. Mas persuadi-a. Precisamos dele para apoio moral, para aconselhamento, para estabilidade. Para nos manter entretidas e ocupadas enquanto esperamos, porque

estaremos as duas muito nervosas. Por fim, ela concordou, relutante. Acho que não se está a sentir com forças para discussões. Pelo menos não comigo.

Por isso agora estamos aqui sentados. A tentar beber só o suficiente para ganhar coragem, mas não tanto que transformemos a noite numa cena de *No limite*. A olhar para a nossa comida em vez de comê-la.

- Então viste-a bem? - pergunta Michelle por fim, virando-se para Adam.

Está a começar a descontrair-se um pouco na presença dele. É impossível não o fazer. Seria como ignorar os avanços de um cachorrinho que nos focinhasse o braço à cata de um pouco de atenção. Adam parece momentaneamente encurralado. Tem terror de revelar alguma coisa que não devia.

- Estava escuro, mas, sim, bastante bem.

- E?

Ele engole em seco. Espero que ela não repare.

- *Hum...* tem cabelo escuro, comprido. É bastante alta.

- Que idade? - pergunta Michelle baixinho.

- Oh, bem, não sou muito bom nesse tipo de coisa, mas diria uns trinta. Trinta e tal...

- Bonita?

Ele cora, muito vermelho. Apetece-me dizer-lhe que está a ir muito bem.

- Suponho que sim.

- Calculo que ele não se esgueiraria propriamente para se encontrar com uma gárgula. - Michelle ensaia uma risada, mas sai-lhe como um cruzamento entre tosse e casquinada. Um gato a engasgar-se com uma bola de pelo.

- Sinto muito - diz Adam com doçura.

- Não. Não há problema. Quero que sejas sincero comigo. Preciso de enfrentar a verdade.

- Mas não há interesse nenhum em atormentares-te com os pormenores - observo eu, estendendo uma mão por cima da mesa e esfregando-lhe o braço.

- Estou bem. E... o que viste que te deu tanta certeza que eram um casal? Quero dizer, para além do facto de ele se encontrar num sítio em que não devia estar.

Já falámos nisto. Ele sabe o que dizer.

- Deram as mãos, só por um instante, quando pensaram que ninguém podia vê-los. E depois olharam em volta, como se para terem a certeza de que não tinham sido apanhados.

Michelle acena com a cabeça.

- É difícil explicar. Foi só... óbvio.

- Se não tivesses visto, eu nunca teria sabido - diz ela. - Quero dizer, quais são as probabilidades de isso acontecer?

Uma em milhares, provavelmente. Milhões.

- Porém, continuaria a acontecer - digo. - Apesar de ser horrível, é talvez melhor teres descoberto.

- Eu sei. Só que de momento não me parece assim.

Ficamos ali sentados em silêncio durante um minuto. Não há vantagem nenhuma em fazermos conversa fiada, porque ninguém está interessado nisso. Mas Michelle tenta, a dada altura:

- Então és professor? De que idades?

- Secundário - responde Adam e é tudo.

Cerca das oito e meia já respondemos à pergunta preocupada da empregada que quer saber se havia alguma coisa errada com a comida (Não. Deliciosa. Só não estamos com fome.) Pedimos outra rodada de bebidas para bebericar no *foyer* enquanto esperamos e pagamos a conta.

- Podem ficar sentados aqui a beber as vossas bebidas - diz a empregada prestável. - Pelo menos até alguém precisar da mesa.

- Não há problema - respondo eu, a tentar pensar numa desculpa que não faça parecer que somos os três loucos. Por fim, não me dou a esse trabalho. - Mas, obrigada.

Instalamo-nos nos cadeirões do *foyer*, eu e Michelle de um lado, Adam do outro. O elevador está bem à vista. Não há qualquer hipótese de nenhum deles passar por nós despercebido. Ocorre-me que devia ter confirmado se o senhor Mitchell de facto chegara como planeado e não cancelara no último minuto. Mas agora não parece valer a pena.

Agarro a mão de Michelle. Ela está a tremer.

- Vai acabar tudo logo - digo, embora não tenha a certeza se é uma frase muito apropriada.

Olho para o meu relógio. O tempo passa insuportavelmente devagar. Faz-me lembrar quando era criança e esperava que a missa terminasse. Parecia sempre que os ponteiros do meu *Timex* andavam para trás em vez de para a frente. A única forma de parar com aquilo era não olhar.

Passada o que parece uma eternidade, o elevador silva. Saltamos os três como se fôssemos um número de circo disparados de um canhão. Sai um casal de idade. Sinto-me irritada com eles por causa do falso alarme. Sinto que os fito zangada quando eles passam.

Voltamos a instalar-nos. Esperamos.

Silvo.

Desta vez, permanecemos sentados, de olhos colados às portas do elevador. E lá aparece ela. A minha assistente. A amante de Patrick. Bea.

Decorre uma fração de segundo antes de ela me ver. Sai do elevador, atirando com o cabelo para longe da cara. Confiante.

E depois os nossos olhares cruzam-se. Ela é um coelho encandeado com os faróis. Olha em volta, como se pudesse evaporar-se para dentro do elevador, mas as portas já se fecharam atrás dela.

Encurralada.

Cá vai.

- Bea! - exclamo, na minha melhor voz de «que bom ver-te». Tenho de me recordar que ainda não devo desconfiar dela.

- Tamsin?

- Que raio...? Michelle, conheces Bea, não conheces?

Os olhos de Bea viram-se para Michelle. O que resta de cor nas suas faces desaparece. Tenta reorganizar o rosto num sorriso. Falha.

- Oh, e este é o Adam. Falei-te dele.

Adam dá um passo em frente, de braço estendido. Grande sorriso no rosto.

- Bea! Finalmente! Tamsin está sempre a dizer que és brilhante!

Já ensaiámos isto. Adam é o único que pode reconhecer Bea como a mulher que estava com Patrick. O trabalho dele é obrigá-la a ficar sem a deixar perceber o que está a fazer. Se eu fizer demasiado, Michelle vai pensar (em retrospectiva) qual seria a minha motivação. Ele aperta-lhe a mão e eu penso de novo que ele falhou a sua vocação. Devia estar a representar *Macbeth* no teatro nacional.

Há um minúsculo instante em que Bea se descontraí. Ainda não percebeu.

- Na realidade - diz -, estou com um bocado de pressa. Foi muito bom ver-vos a todos.

- Oh, não - retruca Adam, ainda a agarrar-lhe a mão. - Não te safas com tanta facilidade. Tenho andado em pulgas para te conhecer e agora insisto em que tomes uma bebida connosco.

- Não posso, a sério. - O pânico voltou.

- Só uma bebida rápida.

- Vou atrasar-me.

Puxa a mão. Vejo que estamos em perigo de a perder. Ela precisa de chegar a algum sítio onde possa telefonar a Patrick e avisá-lo.

- Claro. A propósito, onde está Danny? Pensei que te ias encontrar com ele.

Ela está a tentar aproximar-se da porta.

- Ia. Ele cancelou por isso eu... - Abana a mão. Não tem nada.

Mudo de tática. Puxo dos galões de chefe.

- Na verdade, já agora preciso de te dar uma palavrinha rápida a respeito de Ashley.

Fita-me com ar incrédulo.

- Agora?

Adam, reparo, interpôs-se de forma descontraída entre Bea e a porta, como se pensasse que ela poderia correr para lá. Michelle está apenas com um ar um pouco confundido. A olhar em volta como se dissesse: «Não devíamos estar a vigiar a presa?»

- São só dois minutos. Não fará diferença nenhuma para... com quem te vais encontrar afinal?

- Com Ali. Vamos ao cinema e começa às nove e dez, por isso devia mesmo ir andando.

- Deixa a pobre rapariga ir embora - diz Michelle, simpática. - Desculpa, Bea. Sabes como ela é quando está obcecada com alguma coisa.

- Não vou ter hipótese amanhã de manhã - digo, debatendo-me a pensar no que seria tão urgente que, ao que parece, eu estaria preparada para placar Bea e atirá-la para o chão só para não a deixar sair antes de termos falado disso.

- Vem comigo então - retruca Bea. - Podes dizer-mo no caminho.

Não tenho nada para replicar em resposta a isto. Não posso dizer que sim e abandonar o objetivo. E, se eu disser que não, ela desaparece.

- Não. Tudo bem. Fica para depois.

- Certo, bem, até amanhã - despede-se, virando-se outra vez para a porta.

Não faço ideia do que fazer. Sem surpreender Bea e Patrick num sítio, não tenho nada. Mas, se não for mais

subtil, Michelle nunca acreditará que eu não sabia que era Bea. Preciso que Adam intervenha.

Ele ainda se encontra perto da saída. O porteiro, graças a Deus, está lá fora. Provavelmente a chamar um táxi para alguém, sem saber que o seu posto abandonado está num caos. Bea avança a passos largos na direção de Adam.

- Boa noite a todos - diz enquanto anda. Percebo que já está à procura do telemóvel na mala.

- Boa noite, Bea. Foi bom conhecer-te por fim. Desejava que tivesses podido ficar mais tempo.

Lança os braços de forma teatral, numa de lhe dar um abraço. Consegue atirar com o telemóvel que ela segura na mão esquerda para fora do seu alcance. Segue-se uma confusão de «Oh, meu Deus» e «Merda, desculpa». É quase cómico vê-lo meter-se à frente dela enquanto ela tenta apanhar o aparelho. A fingir ajudar. Tenho a certeza que, a certa altura, o vejo «acidentalmente» dar-lhe um pontapé para mais longe.

- Caramba, sou tão desastrado - ouço-o dizer. Pega na mala dela, que ela largou no chão, como se para procurar por baixo. Agarra-a com firmeza.

Bea já não consegue afastar o toque de irritação e, imagino, puro terror, da sua voz.

- Para. Deixa-me ser eu a apanhá-lo.

Empurra-o praticamente para fora do caminho, agarra no telemóvel que se encontra num canto poeirento, arranca-lhe a mala das mãos.

- Até amanhã - diz para mim, a tentar recuperar alguma dignidade.

Não faço ideia do que fazer, como impedir que se vá embora e que todo o plano vá por água abaixo.

- Boa noite - é tudo o que consigo dizer. Lanço a Adam um olhar suplicante. Faz alguma coisa.

Ele interpõe-se outra vez entre Bea e a porta. Estende o braço para lhe bloquear o caminho. Oh, meu Deus. Olho

para Michelle e ela parece apenas baralhada, o olhar a saltar do elevador para a porta.

- Sei quem és - diz Adam num tom que não estaria deslocado em *Midsomer Murders*. Foste apanhada em flagrante.

Bea parece em pânico. Empurra-lhe o braço. Há um momento em que me dá a sensação que ele é capaz de resistir.

- Não te importas de sair do caminho. Tamsin, não quero ser malcriada, mas o teu amigo é esquisito.

Vejo-a a olhar por cima do ombro de Adam, a tentar chamar a atenção do porteiro.

- O que se passa? Não entendo - pergunta Michelle baixinho.

- Vi-os aos dois juntos - está Adam a dizer. - Aqui. Há umas semanas.

Bea ignora-o. Tenta outra vez sair.

- Por favor! - grita para o porteiro que, graças a Deus, está a ajudar uma família a entrar num táxi. É um pouco como uma farsa do teatro amador. Está tudo um pouco dessincronizado e podíamos beneficiar todos de mais ensaios.

- É ela - declara Adam, com as sobrancelhas erguidas, para mim. Ajuda-me aqui.

- Bea? - exclamo, por falta de mais inspiração. - Estás a gozar, não?

- Não faço ideia do que ele está a falar - diz Bea. - Mas se não me deixa passar, vou esmurrá-lo na cara e depois chamar a polícia.

- Faz favor - retruca Adam e quase me rio porque ele parece mesmo aterrorizado.

- Tamsin...? - diz Michelle. - O que se está a passar?

Abro a boca para dizer alguma coisa, não faço ideia do quê. Bea dá um último empurrão a Adam e consegue afastá-lo. Antes de podermos fazer alguma coisa, já está na

rua. Ficamos ali todos, sem ter a certeza do que fazer a seguir.

- Bea é a amante de Patrick? - pergunta por fim Michelle.

- Adam?! - exclamo. Tenho de manter o fingimento de não saber de nada.

- Aquela é a mulher que vi com ele, portanto, se é Bea... Sinto muito, Michelle.

- Como se conhecem eles sequer? - pergunta ela e depois tenho vagamente consciência do silvo do elevador.

Todas as nossas cabeças rodam de novo como corujas com fome e depois ouço:

- Michelle?

Paramos todos o que estamos a fazer. Patrick está ali de rosto branco, confrontado com a visão da mulher à sua frente. Avista-me e há um momento em que quase perco a coragem.

- O que estás aqui a fazer? - A voz de Michelle é trémula. Sabe o que deve dizer, mas a revelação sobre Bea desconcertou-a. - Não devias estar no futebol?

Há um zumbido no bolso dele quando o telemóvel começa a tocar. Bea, sem dúvida. Patrick parece atrapalhado durante um segundo. Decide que tem de lidar com o problema que tem ali à sua frente.

- Foi cancelado. Vim só tomar uma bebida rápida - diz em voz neutra. - Mas, a propósito, porque estão todos aqui?

- Lá em cima? - pergunto e ele olha para mim com irritação.

- O quê?

- Estavas a tomar uma bebida lá em cima num dos quartos? Só tu é que saíste agora do elevador.

- O que é isto? A porra da inquisição? Não dês ouvidos a nada do que ela tem para te dizer, Mich.

- Porque não? Ela é nossa amiga.

- Creio que já não é.

Michelle ignora aquilo.

- Então porque estavas lá em cima?
- Michelle, Tamsin tem algum tipo de vendeta contra mim. Tem andado basicamente a acusar-me de todo o tipo de coisas...

- Então porque existe um quarto reservado no teu nome?
- intervém Adam.

Patrick olha para ele pela primeira vez.

- Quem diabo és tu?

- É o Adam - explico. - O meu amigo.

- É Bea? - Michelle ainda está a olhar fixamente para Patrick, com o rosto inexpressivo. Vejo-o engolir em seco.

- Quem? Não faço ideia nenhuma do que estás a falar.

- É Bea - exclama Adam em tom triunfante. Poirot no seu grande desenlace final. - Só que, claro, não sabia antes que era Bea. Mas foi a mulher com quem o vi na outra noite.

- Não entendo - digo, dando o meu melhor.

Patrick fita Michelle com intensidade.

- Não lhes dês ouvidos. Não sei que porra se passa aqui, mas isto é algum tipo de disparate. Esse gajo nem sequer me conhece, por isso como pode afirmar que me viu com alguém?

- Bea é a tua amante? - continua Michelle.

Tenho de expressar o meu choque:

- Que merda é esta? Tens andado a sair com a minha assistente? - *Okay*, nunca disse que era guionista.

- Dizes-me a verdade? - pede Michelle. A única pessoa verdadeiramente baralhada na sala.

- Claro que não. Nem sequer conheço Bea - responde Patrick.

- Então como vos vi a saírem daqui juntos na outra noite?
- pergunta Adam.

Patrick lança-me um olhar furioso.

- A sério, quem é este tipo? Porque vou pô-lo no seu lugar daqui a um minuto.

As pessoas estão a começar a olhar. Uma das rececionistas está a lançar olhares preocupados na nossa

direção e um par de comensais no restaurante estão mesmo de boca aberta.

- Está tudo bem, senhor Mitchell? - A rececionista curiosa avança para nós, os saltos a ressoarem no soalho de madeira.

- Tudo bem. Obrigado - diz Patrick em tom brusco.

- Muito bem. - Sorri. - Oh, a propósito, o seu relógio não foi entregue.

- O quê? - retruca ele, baralhado e a raiar o malcriado. Imagino que só queira que ela se vá embora. Depressa. Olho para Michelle. Está a observá-lo com atenção.

- Havia um recado no computador a explicar que pensava que poderia ter deixado o seu relógio no quarto da última vez que cá esteve, mas não encontrámos nada.

- Da última vez? - repete Michelle, a olhar para Patrick.

- Vamos conversar sobre isto em casa - diz ele, ignorando a rececionista e pegando no braço de Michelle. Ela liberta-se.

- Não. Não vamos. Vamos falar sobre isto aqui. Já ficaste aqui antes?

Patrick olha em volta. A rececionista esgueirou-se para trás do balcão, ciente de que meteu com firmeza o pé na poça. Mas mantém-se ao alcance do ouvido. Isto deve ser demasiado bom para perder alguma pitada.

- Venho aqui frequentemente para reuniões ou bebidas com colegas no bar. É óbvio que ela me confundiu com outra pessoa qualquer.

- Foi por isso que te chamou senhor Mitchell? - observa Adam.

- Podemos pelo menos dispensar a porra do inspetor Clouseau? Isto não tem nada a ver com ele. Nem com ela, já agora. - Indica-me com o polegar.

- Na realidade, Pad, tem. Se não fossem eles, eu nem saberia nada disto. Continuará a ser a estúpida mulherzinha enganada. O alvo das piadas de toda a gente.

O rosto de Patrick empalidece. Representação básica.

- Não... Mich... Tens de acreditar em mim. Nunca te trairia.

- Reservas só um quarto e sentas-te lá sozinho a ver televisão, é?

- Amo-te. Nunca estive interessado em mais ninguém.

- Se me amas então vais explicar. Fazes alguma ideia de como isto é humilhante?

Ele inspira fundo. Limpa as suas lágrimas de crocodilo. Ou talvez sejam verdadeiras. Afinal, está a ver as suas perspetivas de carreira a andar para trás.

- Tamsin tem algum tipo de vendeta contra mim. Já te disse. Tem andado a inventar todo o tipo de coisas...

- E porque faria isso?

- Não sei. Decidiu que me odeia por alguma razão. Ou que tu podias arranjar melhor. Foi sempre demasiado protetora em relação a ti.

- É a minha melhor amiga.

- Como pode ser se te anda a encher a cabeça com toda esta merda?

- É a única pessoa que confio me dirá a verdade.

Patrick bufa.

- Achas que sim?

- Vai ter de baixar um pouco o seu tom de voz, senhor Mitchell. - O porteiro coloca-lhe uma mão nas costas. - Porque não têm esta conversa lá em cima no seu quarto?

Patrick estremece.

- Claro - diz Michelle. - Tens um quarto. Vamos lá acima. Estou em pulgas para o ver.

Ele não pode negá-lo. Sabe que ela sabe.

- Só nós - diz baixinho.

- Não - responde Michelle e, apesar de eu estar aterrorizada com o que vai acontecer a seguir, estou orgulhosa por ela se mostrar tão forte. - Vamos todos. Se queres mesmo explicar-te, então fá-lo em frente de nós todos.

- Dele não.

- Nós todos. Ou vou-me embora.
- Então vamos para casa.
- Quero vê-lo, Patrick.
- Michelle... não.
- Para de te armares em paternalista comigo. Quero ver o quarto que reservaste.
- Muito bem - diz ele, rodando nos calcanhares.

Tenho de lutar contra a vontade de fugir. Sei o que ele lhe vai dizer e sei que tenho de lá estar para me certificar que ela não acredita nele. O homem moribundo a atirar granadas para matar toda a gente com ele. Mas não sei se consigo levar isto a cabo. Se consigo dar volta a isto.

Adam pega na minha mão e aperta-a.

Okay. Cá vai.

Bea

Merda. Foda-se. Caramba. Não faço a mínima ideia do que porra fazer. Para onde ir. Estou só contente por ter saído dali. Mas eles sabem. De alguma maneira, aquele estupor rechonchudo do Adam percebeu. Só posso esperar que Patrick faça o que sempre disse que faria se fosse encurralado. Negar. Negar. Negar.

Não tenho forma de descobrir o que se está a passar. Tudo o que posso fazer é esperar que ele me telefone. Tentar o segundo telemóvel dele amanhã se não souber de nada.

Entretanto, tenho de decidir se vou ou não trabalhar amanhã de manhã.

Foda-se.

Tamsin

É impossível não olhar para a cama desfeita. As cobertas atiradas para o lado por pessoas que não estavam minimamente preocupadas em tapar-se. O quarto cheira praticamente a sexo. De cada um dos lados da cama, um *flûte* de champanhe repousa na mesa de cabeceira. A garrafa vazia está em cima da mesinha de café. Parece o cenário para uma comédia picante de alcova.

Michelle solta uma exclamação ofegante e eu passo-lhe um braço pelos ombros.

- Muito bem, agora já sabes - diz Patrick. - Mas não significa nada, está bem? Foi um erro que se descontrolou. Lamento mesmo muito. Nunca quis que acontecesse.

- Há quanto tempo? - pergunta Michelle.

- Porque não perguntas a Tamsin? Foi ela que nos apresentou para começar.

Michelle olha para mim. Este é o meu grande momento.

- O quê?

- Não pensei que quisesses confessar a tua parte nisto.

Okay, cá vai. Tento deliberadamente ignorar que é a Michelle que estou a mentir.

- Se tivesse alguma ideia do que estavas a falar, sim.

Patrick vira-se para Michelle.

- Tamsin mandou Bea tentar armar-me uma cilada. Tinha supostamente ouvido boatos de que eu andava a dormir com outras e decidiu que tinha alguma coisa a ver com isso.

Solto uma mescla de grunhido de desprezo e escárnio.

- O quê? Michelle, não faço absolutamente ideia nenhuma do que está ele a falar. Porque iria fazer uma coisa dessas?

- É óbvio que ela vai tentar negar. De qualquer modo, deu tudo errado porque Bea me contou o que se passava.

- Ele está a delirar. Dirá qualquer coisa.

- Agora já não tenho nada a perder - diz ele, indicando o estado do quarto. - Porque precisaria de mentir?

Ele aí tem razão.

- Porque pensas que podes desviar a atenção de Michelle do que se tem estado a passar se lançares também as culpas para cima de mim?

Michelle olha para mim.

- Alguma coisa do que ele diz é verdade?

Obrigo-me a fitá-la nos olhos.

- Não. Claro que não. Porque acreditarias nalguma coisa que lhe sai da boca agora que sabes do que ele é capaz?

- Há quanto tempo? - pergunta outra vez a Patrick. - Diz-me a verdade.

- Não muito. E o que eu te disse sobre a forma como nos conhecemos é verdade.

- Não acredito em ti. E, mesmo que acreditasse, o que importa? Mesmo que Tam tivesse feito isso, estava só a tentar proteger-me.

- Como se fosse - digo na minha melhor voz de incredulidade.

- Sei que não fizeste. Estou só a dizer que a questão não é como eles se conheceram.

- És a porra de uma cabra - cospe Patrick.

- E tu és um sacana infiel.

- Na realidade, Tamsin defendeu-te sempre. Quando eu encontrei aquele recibo de hotel, foi ela que disse que

devia haver uma explicação inocente.

- Há uma razão para isso - retruca ele e sinto um baque no meu coração. É agora? Adam, que tem mantido um silêncio digno, comprime uma mão nas minhas costas para me dar apoio.

Falo com rapidez:

- Porque *havia* uma explicação inocente nessa altura. Telefonei para o escritório dele a fingir que era do hotel por causa de um objeto perdido e a pessoa que falou comigo disse que não tinha sido de facto ele que lá ficara, recordas-te?

Tenho de dizer isto agora, porque é uma peça do quebra-cabeças de que Patrick não devia ter conhecimento, a não ser que o que ele está a tentar dizer fosse verdade. Se ele tivesse referido o assunto sem eu o ter mencionado primeiro, Michelle acabaria por perceber que havia alguma coisa errada.

- Mas não telefonaste mesmo, pois não? - questiona ele agora. - Disseste apenas a Michelle que tinhas telefonado porque te pedi que me encobrisses.

- Ah! Agora estás mesmo a agarrar-te a qualquer coisa.

- Podes perguntar a Verity - sugere ele a Michelle.

- Não foi com Verity que ele falou - responde Michelle e apetece-me abraçá-la por se lembrar de forma tão perfeita da minha mentira. - Ela contou-me na altura que foi com outra pessoa.

- Quem? - pergunta ele em tom acusador.

- Não lhe perguntei o nome, curiosamente. Qual era o interesse?

- Que conveniente.

- Pensas mesmo que eu vou acreditar que Tamsin concordou em encobrir-te? Que descobria que estavas a ter um caso e não vinha logo contar-me?

- Ela não podia.

- Porque estás a fazer isto, Pad? - pergunta Michelle, chorosa. - Já não é suficientemente mau eu descobrir que

estás a ter uma... aventura... mas queres também tentar destruir a minha amizade com Tamsin? Como podes ser tão sádico? Deves mesmo detestar-me.

- Não! Mich, escuta. Não estou a dizer isto para ser cruel. Só acho que deves saber que tipo de pessoa ela é.

- Achas que deveria acreditar em ti tal como acreditei que estavas a trabalhar até tarde ou a jogar futebol nessas noites todas em que estavas fora de casa?

- A maioria foi, juro. Esta coisa com Bea foi só algumas vezes. Sei que é imperdoável. Mas não deixes que Tamsin te convença que eu estava a ter algum grande caso amoroso.

- Ela não está a tentar convencer-me de nada. Só me contou o que Adam viu, só isso.

Patrick vira o olhar vitriólico para Adam.

- E o que viu Adam, que não me conhece nem a mim nem a Bea?

- Vi-os juntos - declara Adam com calma. - Tamsin estava comigo, foi assim que soube que eras tu.

- Golpe de sorte numa cidade de nove milhões de pessoas, não foi?

- Não propriamente - intervenho. - Preferia nunca ter sabido.

- És uma atriz muito melhor do que pensei que fosses.

- Continua a falar, Patrick. Ninguém está a ouvir. És um homem a afogar-te agarrado a um salva-vidas.

- Acho que devíamos ir embora - diz Michelle para Adam e eu. - Acho que já ouvi o suficiente.

Vira-se para Patrick.

- Por favor, não voltes para casa hoje. Podes lá ir amanhã quando eu estiver no trabalho e levar algumas coisas. Preciso de ficar sozinha durante algum tempo.

Ele estende uma mão para ela.

- Mich... não... por favor.

- Depois falamos. Preciso de interiorizar isto tudo.

Sai e Adam e eu seguimo-la. Patrick murmura qualquer coisa para mim quando saio, mas não apanho o que ele diz.

Pergunto a mim mesma se me terei safado, mas sei que é apenas um adiamento. Presumo que Patrick não lhe está a contar o que aconteceu entre mim e ele agora, porque ainda tem esperança de conseguir reconquistá-la. Mal ela saiba a verdade toda, não haveria qualquer hipótese. Mas contará. Quando se tornar claro que Michelle não tem qualquer intenção de o aceitar outra vez (e não creio que ela o faça. A mentira tanto como a aventura deixá-la-á incapaz de confiar nele outra vez), ele lançará aquilo na cara dela. Se ele não a pode ter, eu também não.

Mas não creio que ela vá acreditar nele. Seja lá o que for que ele diga.

Tamsin

Adam e eu viajamos até Highgate com Michelle. Digo-lhe que passo a noite com ela e ele diz que também, apesar de eu o tentar persuadir que não precisa de o fazer. Ela vem calada durante o percurso até casa. Esmagada pela realidade do que acabou de acontecer.

Ficamos sentados na sala muito depois de Michelle ter ido para a cama. Duvido que ela durma, mas creio que quer ficar algum tempo sozinha para processar tudo.

- Achas que fiz o que devia? - pergunto, mal a ouço fechar a porta do quarto.

- Não faço ideia. De facto, não vejo o que mais podias ter feito. Ela precisava de saber.

- Quem me dera não ter culpas no cartório. Sinto-me uma merda. E uma hipócrita.

Adam inclina-se e dá-me uma palmadinha no joelho.

- Não podes alterar nada. Continuas a ter Michelle. O resto vai em breve ser história antiga.

- Acho que nunca lhe menti antes a respeito de nada. Agora parece que não consigo parar.

Ele estende a mão para a garrafa de vinho que surripiámos do frigorífico de Michelle e eu estendo o meu

copo.

– Precisas de parar de te atormentar.

Olho para Adam. Ele é tão gentil. Uma pessoa tão boa. Tem-se mostrado atencioso com Michelle a noite toda, ansioso para que toda a experiência fosse tão pouco dolorosa quanto possível. Sinto um nó na garganta.

– Obrigada por estares aqui. Não sei se alguma de nós conseguia ter aguentado isto sem ti.

– Oh, não, não vamos começar com pieguices ou tiro-te o copo.

– Mas estou a falar a sério.

Ele ergue a mão.

– Para com isso.

Durante uma fração de segundo, pergunto a mim mesma o que ele faria se eu o beijasse. Quero fazê-lo. De facto, percebo de repente, quero fazer muito mais do que apenas beijá-lo. Quero atirar-me a ele e dar-lhe uma boa queca no sofá de Michelle. Mas, atenção, que a última vez que me envolvi com uma pessoa num sofá a coisa não correu assim tão bem. E se eu o fizesse e ele ficasse horrorizado? E se ele dissesse que já não podíamos ser amigos, porque seria demasiado embaraçoso agora que eu mostrara quais eram os meus verdadeiros sentimentos?

Ou se eu o fizesse e ele fosse nisso e depois eu acordasse amanhã de manhã e pensasse «O que raio fui fazer? Depois de Patrick, jurei nunca mais fazer sexo bêbada. Com ninguém».

Obrigo-me a levantar-me.

– Muito bem, cama.

– Pensei que nunca mais pedias – diz ele, com um sorriso malicioso no rosto.

– Ah, ah.

Dirijo-me para a porta. Aceno uma das mãos.

– Boa noite.

– Boa noite. E, Tamsin, não fiques acordada a preocupares-te com isso.

De manhã ao pequeno-almoço, feito por Adam por sua insistência, Michelle diz:

- Quero falar com Bea. Quero ouvir o seu lado da história.

- Por esta altura eles já têm as suas histórias combinadas. O que ela te disser será o que combinaram dizer. - Preciso de continuar a reforçar o facto de que não se pode confiar que nenhum deles diga a verdade.

- Achas que eles se encontraram depois de partirmos a noite passada? - pergunta ela, triste. Adam coloca um prato de torradas em cima da mesa.

- Não sei. Mas terão com certeza falado.

- Aquela coisa que ele disse a noite passada sobre a cilada. Inventou aquilo? Quero dizer, porque pensarias sequer numa coisa dessas?

Faço uma pausa, tempo suficiente para me recompor, mas não tanto tempo que pareça que não sei o que dizer.

- Sabe Deus. Acho que ele me culpa por tu teres descoberto e quer apenas tentar ferir-me também.

Ela abana a cabeça.

- Parece que não o conheço.

- Tens a certeza de que devias ir trabalhar hoje? - pergunta Adam, sentando-se à mesa connosco.

- Oh, meu Deus, sim. Ia dar em doida se ficasse aqui sentada.

- Bem, então come. - Passa-lhe a torrada, depois a manteiga. Quase estou à espera que ele a corte em pedacinhos e lhe dê de comer. - Precisas de manter as forças.

- Vê-se que ele é professor - comento eu e ele faz-me uma careta.

- Obrigada a ambos - diz Michelle e uma lágrima cai no pedaço de torrada que está a barrar de manteiga.

- Vais ficar bem - digo eu. - Prometo.

Bea

É óbvio que vou telefonar a dar parte de doente hoje, escondida no meu apartamento, cabeça baixa e rabo entre as pernas. A tentar pensar como posso remediar os estragos.

Quando ia para casa no metro Angel a noite passada (tendo ficado por ali discretamente perto do hotel cerca de quinze minutos à chuva, perdi de repente a lata e dirigi-me para a estação de metro antes que alguém me apanhasse), recebi um telefonema de Patrick. Uma chamada a sério, uma coisa quase sem precedentes. Desta vez, no entanto, quando ouvi o telemóvel secreto tocar, não senti onda nenhuma de excitação. Apenas pavor. Sabia que não me estava a telefonar para um pouco de sexo por telefone.

- Foda-se! - exclamou ele quando atendi. - Ela foi para casa com Tamsin. Disse-me para me manter afastado. O que vou fazer?

- Queres vir até cá?

- Não! Preciso de ficar aqui para o caso de ela decidir voltar. Não posso deixar que ela pense que estava contigo.

Ah. Pois.

- Achas que pode voltar?

- Não sei. Duvido que Tamsin a deixe. O que não compreendo foi como eles souberam.

Há uma ligeira nota de acusação na voz dele, como se pensasse que eu poderia ter contado o nosso segredo a alguém.

- Não faço ideia. Adam diz que nos viu juntos, mas nunca estamos juntos fora dos quartos de hotel, por isso não pode ser verdade.

- Merda de Tamsin - bufa Patrick. - Devíamos ter tido mais cuidado.

- Porque não vou ter aí agora ao hotel? Podemos tentar resolver o que fazer.

- Estás maluca? E se Michelle decide voltar?

Não sinto qualquer desejo de esbarrar outra vez com Michelle. Nunca mais. Mas está a pôr-me nervosa que a única preocupação dele pareça ser a situação dele com ela.

- Não posso ir trabalhar amanhã - digo. Parei na esquina da minha rua. Mais perto de casa e o meu sinal desaparecerá antes de conseguir chegar ao quarto de Sarah.

- Se ela conta ao pai, estou feito - diz Patrick, ignorando o que acabei de dizer. - Nunca me vai dar o emprego do Truth Channel. E descobrirá um motivo qualquer para me expulsar do Home Improvement. Merda!

- Pelo menos tens experiência e podes encontrar qualquer outra coisa.

Ele ri-se. De facto, é mais um grunhido. A rejeitar o que eu disse.

- Sim, se o meu próprio sogro, o homem que me promoveu anos antes do tempo normal, segundo metade das pessoas no meio, pensa que não sou capaz, então tenho a certeza de que vão formar fila para me dar um emprego.

- Então estabelececes-te por conta própria. - A sua autocomiseração está a dar-me cabo dos nervos.

- Não é assim tão fácil, Bea.

- Bem, esperemos que Michelle tome juízo e te aceite de volta, eh? No final de contas, não podemos esperar que precisas de fazer o teu próprio caminho no mundo.

Ele ignora o sarcasmo.

- Não lhes contes sobre mim e Tamsin. Ela poderá contactar-te...

Então foi por esta razão que me telefonou.

- Porque não? Pensei que o interesse era esse, querias que ela fosse tão culpada como tu.

- Ainda não. Não até eu saber que está tudo definitivamente terminado com Michelle. Se ela descobrir isso, nunca mais muda de opinião.

Basta.

- Tenho de ir. Falamos em breve, está bem?

- Promete-me - pede ele.

- Curiosamente, não é provável que fale com ela, mas, se falar, garanto que vou proteger os teus interesses.

- Estás chateada comigo ou algo assim?

- Boa noite, Patrick - digo e desligo a chamada. Ele que perca o sono.

Tamsin

- Alguma notícia de Bea? - pergunto a Ashley quando já são vinte para as dez e ela ainda não chegou. Claro que nunca pensei que viesse, mas preciso de manter as aparências.

- Não. Queres que lhe ligue?

- Dá mais uns dez minutos. Pode estar presa no metro.

- Há alguma coisa que possa fazer por ti entretanto? - pergunta Ashley a sorrir.

Hesito.

- Adoraria um café.

- Com certeza. - Levanta-se. - Um café com leite magro sem muita espuma e sem açúcar?

- Perfeito.

Ainda estou em estado de choque. A noite passada parece irreal. Um sonho mau. Não há como voltar atrás agora. Fiz de Patrick Mitchell e Bea inimigos para toda a vida e a minha relação está condenada. A minha amizade com Michelle pode estar prestes a levar um duro golpe. Para ser sincera, é tudo um pouco assustador. Um pouco de mais.

Concentrar-me está fora de questão, por isso fecho a porta do meu gabinete e fico ali sentada a fitar o vazio, à

espera que chegue a tempestade de merda.

Ouve-se uma batida na minha porta e Ashley espreita, nervosa.

- Acabei de falar com ela - diz. - Não está a sentir-se bem, por isso vai ficar em casa. Foi ao médico e por isso não ligou. Parece que ele lhe disse que precisa de uns dias de baixa.

Quase me rio. Então é assim que Bea vai lidar com o facto de ter sido descoberta. Vai esconder-se.

- Oh, céus. Bem... obrigada...

- Posso substituí-la no que precisares.

- Obrigada. Tenho a certeza de que Lucy conseguirá.

Ashley continua ali. Pigarreia.

- Na realidade, Tamsin, gostaria muito desta oportunidade para fazer mais, se fosse possível. Tenho tempo enquanto estou na receção e parece uma loucura não me utilizares quando precisas de ajuda.

É talvez a frase mais comprida que já a ouvi dizer. Penso naquilo durante um momento. Qual é a pior coisa que pode acontecer? Ela dá barraca e depois peço a Lucy para tratar das coisas.

- Está bem. Deixa-me pensar no que precisa de ser feito.

- Obrigada - responde e reparo que os olhos se iluminam quando sorri.

Ian, Anne Marie e eu estamos sentados no gabinete de Ian. Num prato, na mesa baixa à nossa frente, encontra-se uma seleção de *brownies* de aspeto letal. Cheios de chili e sal marinho, diz-nos Anne Marie.

- Temos de fazer experiências com sabores fortes - explica com convicção, como se fosse um dos dez mandamentos.

Depois de muito pensar, decidi que preciso de lhes contar o que se passa, que acabei de descobrir que Bea está a ter um caso com Patrick Mitchell e, tendo em conta que ele é o

marido da minha melhor amiga, a nossa relação de trabalho vai ser, a partir de agora, um bocado posta à prova.

- Bea? - Anne Marie parece incrédula e bem pode estar. Tudo o que fiz neste ano que passou foi tecer louvores a Bea.

Ian parece apenas pouco à vontade. É o tipo de pessoa que gosta de acreditar que tudo está bem no mundo e nunca quer ouvir nada que mostre o contrário.

- Eu sei. Grande choque.

- No entanto, não creio que haja motivos legais para a despedir.

- Estou a contar que ela tenha a decência de pedir a demissão. Caso contrário, vai ser bastante impossível.

- Não podemos ter um ambiente desagradável - intervém Ian.

- Farei o possível - respondo. - Talvez ela nem sequer volte.

- Se voltar, talvez ela possa trabalhar para Ian e Lucy para ti? - sugere Anne Marie, sempre diplomata.

- Não - dizemos Ian e eu em uníssono.

De facto, preferia arriscar com Bea do que tentar lidar com a arrogância de Lucy. Imagino que Ian esteja a pensar que quer ficar o mais longe possível do melodrama.

- Como está a tua amiga a reagir? - pergunta Anne Marie.

- Está arrasada. Como é óbvio. Não fazia ideia absolutamente nenhuma.

Mergulha um *brownie* no café, perdendo um pedaço.

- Para ser sincera, sempre ouvi dizer que ele era um bocado mulherengo.

Inacreditável.

- Porque é que toda a gente parecia saber disto menos eu?

Anne Marie encolhe os ombros.

- Dizias-me se achasses que Ian andava a ser infiel?

- Sim!
- Esperem aí um minuto, deixem-me fora disso - exige Ian.
- Está bem então, Ian não. Alguém que sabias que era meu amigo?
- Ela tem alguma razão.
- Eu sei, eu sei. Só que me faz sentir uma idiota.
- Bem, parece que fomos todos idiotas no que diz respeito a Bea.
- Suspiro.
- Tens a certeza de que não posso despedi-la? Porque ia ficar muito, muito satisfeita.
- Certamente que não.
- Anne Marie é uma picuinhas com as regras. Pessoalmente, não acredito que Bea me levasse a tribunal se eu a pusesse na rua, mas lhe promettesse uma carta de recomendação. De facto, não é má ideia. Com certeza não há problema se eu lhe oferecer a escolher: sais agora = boas referências; ficas = más referências. Mas e se ela decidir então ficar para sempre? Talvez não.
- Vamos ver se ela volta sequer - digo. - Não acredito que vá querer ficar perto de mim.

Os dias seguintes passam, nebulosos. Bea continua sem ir, dizendo a Ashley, a quem peço para lhe telefonar outra vez, que o médico lhe disse para ficar na cama até ao fim de semana. Ashley trata muito bem do meu arquivo e organiza por ordem alfabética os DVDs nas minhas prateleiras.

Todos os dias, depois do trabalho, vou direita para casa de Michelle. Na primeira tarde, encontro-a em lágrimas, porque Patrick esteve lá, como ela pediu, enquanto ela estava fora e levou algumas das suas roupas. Tem estado a bombardeá-la com telefonemas, conta-me, e ela não atendeu nenhum. Deixou mensagens a dizer que está

hospedado num hotel, que está tudo acabado entre ele e Bea, que fará tudo para conseguir Michelle de volta.

- Achas mesmo que houve outras antes dela? - pergunta-me enquanto partilhamos uma garrafa de vinho.

- Acho. E penso que andava com Bea há muito mais tempo do que está a admitir.

- Como sabes?

- Não sei. Mas é o que ouço dizer.

- Eu devia pelo menos falar com ele. Dar-lhe uma oportunidade para me contar toda a verdade.

- Acho que isso não vai acontecer. Quer dizer, fala com ele, obviamente, mas não acredites em tudo o que ele diz.

- Oh, meu Deus - exclama em lágrimas. - Acho que não aguento.

Estendo a mão e esfrego-lhe o braço.

- No fim, vai correr tudo bem. Vais sentir-te melhor.

- Agora nunca mais vou ter um bebé.

Tenho estado a pensar se Patrick poderá usar a coisa do bebé como manobra de pressão. Sei que Michelle andarà a fazer cálculos na sua cabeça. A perceber que, quando encontrar alguém novo, assumindo que isso acontece, e decidirem assentar e ter filhos, poderá já ser demasiado tarde para ela.

- Graças a Deus não estás grávida. Quero dizer, imagina estares presa a ele para sempre agora que sabes do que ele é capaz.

- Não sei. Talvez um bebé o fizesse mudar...

Interrompo-a.

- Não! Não, não, não. Sabes que não é assim que a coisa funciona. Ias ter de ficar a cuidar de uma criança enquanto ele andava por aí a fazer o que lhe apetecia.

Acho que fica surpreendida com a violência da minha resposta. Mas não posso parar por aqui.

- Pensa no que seria para o bebé. Quererias mesmo trazer um bebé para um casamento infeliz?

- Mas não éramos infelizes, essa é que é a questão. Ou pelo menos eu não pensava que fôssemos.
 - Mas agora sabes...
 - Tens razão. Sei que tens. Merda.
- O telemóvel dela toca. Patrick outra vez.
- Vou ignorá-lo - diz, desligando o som.

Dirijo-me para a minha própria casa cerca das dez e peço ao motorista do táxi para parar na casa da *dog walker* de caminho, para poder ir buscar *Ron*. Ele saúda-me como se tivessem passado catorze semanas e não catorze horas desde que me viu pela última vez e o meu sentimento de culpa sobe alguns furos. Pago a Sharon o trabalho extra, confirmo se pode fazer a mesma coisa na noite seguinte e vou para casa.

Sei que Adam está no seu encontro número três com Mel esta noite. Tenho andado a controlar as horas, nervosa, desde que saí de casa de Michelle. Já é mais tarde do que era quando se despediram a semana passada. Não sei porque presumo que ele me telefonará automaticamente mal o encontro termine, mas o facto de não saber nada dele faz-me recear o pior. Estou tentada a telefonar-lhe. Numa de «Oh, desculpa! Estás com Mel? Esqueci-me!» e depois, como quem não quer a coisa, perguntar como está a correr, mas sei que estou a ser ridícula. Ele diz que ela é porreira. Devia ficar feliz por ele. Mas não estou.

Na noite seguinte, quando chego a Highgate, Patrick está lá. De pé na sala, a fitar-me furioso quando Michelle me deixa entrar. O meu primeiro instinto é virar costas e fugir. O segundo é telefonar a Adam, que combinou vir ter connosco mais tarde com um caril, para lhe dizer para se esconder lá fora até a costa estar livre. Sei que Patrick me detesta, mas nunca me agrediria fisicamente. Adam, por

outro lado, poderá ser atacado. Não que eu saiba que Patrick seja violento. Mas também há um par de meses havia uma série de coisas que eu não sabia sobre ele e que descobri depois.

- O que estás aqui a fazer? - pergunta ele.

- Podia perguntar-te a mesma coisa.

- Sim, mas depois parecerias uma idiota, porque esta é a minha casa.

- Michelle pediu-me para vir. Duvido que possas dizer a mesma coisa.

Ele vira-se para Michelle.

- Mich, precisamos de falar. Podemos ter algum tempo sozinhos sem ela por perto?

- Não sei se há alguma coisa para falarmos - responde ela. - A não ser que me queiras explicar porque tens, há anos, essa fama lá no teu trabalho.

Ele parece ofendido.

- Suponho que ela te contou isso?

- Então não é verdade?

- Claro que não! Isto... Bea... é a primeira vez, juro.

Emito um ruído de escárnio.

- Pad, para de me mentir - diz Michelle.

E, embora eu saiba o que ela quer dizer, continua a haver uma mentira, ou pelo menos uma omissão, que eu não me importaria que ele proferisse.

- Não estou a mentir. - Ele já nem consegue olhar para mim agora. Ou não quer.

- Não há interesse nenhum em estares aqui - continua Michelle, com a voz a vacilar. - Acho que devias ir embora.

Patrick estende uma mão para ela e ela dá um passo atrás para evitar que ele lhe toque.

- Michelle, por favor...

- Se não queres falar em frente de Tam, então não quero falar. Só ias tentar enganar-me.

Ele lança um olhar furioso na minha direção.

- Foi isso que ela te disse? Sabes que ela só está preocupada consigo própria, certo?

- Sei pensar por mim, sabes.

- Não lhe dêes ouvidos. Não acredites em nada do que ela diz.

Michelle apoia-se na mesinha, onde, desde que eles vivem nesta casa, ambos guardam as suas chaves.

- Porque me mentiria Tamsin? É a minha melhor amiga. Conheço-a há muito mais tempo do que te conheço a ti...

- Achas que a conheces? Não fazes ideia. - Desfecha-me outro olhar nojento e eu obrigo-me a fitá-lo, desafiadora.

- Como conseguiste inventar isto sobre Tamsin? - questiona Michelle com uma força na voz que me faz sentir orgulhosa e ainda mais envergonhada ao mesmo tempo. - É só com isto que te preocupas? Uma estúpida vendeta? Achas que Tamsin é responsável pelo falhanço do nosso casamento, porque ela me contou como tu és? Não achas que tem a ver com o que tu fizeste, não com o facto de teres sido apanhado?

- Queres contar-lhe tu ou conto eu? - lança-me Patrick com violência. Sinto o estômago dar uma volta. Cá vai.

Simulo uma risada de descrença.

- Contar-lhe o quê?

- Sabes o quê. Queres mesmo que eu vá por aí ou queres sair para eu poder falar com a minha mulher sozinho?

Fito-o com calma. Obrigo-me a parar de tremer.

- Não faço ideia nenhuma do que estás para aí a dizer.

- Muito bem. Michelle, quando te contar isto vais perceber que estou a dizer a verdade, porque nunca me vais aceitar de volta mal saibas. Mas preciso que vejas Tamsin como ela realmente é.

Michelle parece baralhada. Olha de Patrick para mim.

- Mal posso esperar para ouvir isto - digo. O meu coração lateja nos ouvidos. Lembra-te de parecer surpreendida com o que ele disser, digo comigo mesma. Lembra-te de achar a coisa risível.

- Tamsin e eu fizemos sexo.
- Olha para Michelle como se dissesse O que achas disto?
- Solto uma gargalhada ruidosa.
- *Okay*, isso é brilhante.
- É óbvio que ela vai negar, mas é verdade.
- E quando exatamente é que isso aconteceu? - pergunto.
- Um *ménage à trois* com Bea?
- No teu apartamento. Há cerca de quatro meses.
- Não sejas ridículo - diz Michelle.
- É verdade - afirma Patrick. - Ela até me mandou uma mensagem depois a dizer para não contarmos nada, mas apagou-a naquela manhã em que apareceu aqui em casa muito cedo. Lembras-te?
- Que conveniente - comento eu.
- Pergunta a Bea. Ela até contou a Bea.
- Chega - exclama Michelle num tom estridente que nunca a ouvi usar antes. - Podes ir-te embora agora.
- Ela sabia de mim e de Bea há que séculos, mas encobriu-me porque tinha medo do que eu te podia contar se não o fizesse.
- Nem sequer menciones o nome dessa mulher à minha frente. Pensas que quero saber das mentiras que tu e... ela... forjaram?
- Como podia eu saber há que séculos? - digo. - Estás sempre a dizer que só estiveste com ela um par de vezes. E isso aconteceu antes ou depois de eu ter mandado Bea armar-te a tal cilada? Vê se alinhavas melhor a tua história.
- Há quanto tempo dura isto? Tu e Bea? - Michelle fita-o de forma penetrante.
- Patrick olha para o chão.
- Há cerca de quatro meses.
- Então continuavas a mentir-me mesmo depois de eu ter descoberto? Como esperas que acredite nalguma coisa que te saia da boca para fora?
- É verdade - afirma ele. - Juro.

- Se dormiste comigo - interrompo -, como dizias de forma tão categórica que Bea tinha sido a única? Ou isso era outra mentira?

Ignora-me. Olha para Michelle.

- Achas mesmo que temos alguma hipótese? - diz ela. - Ou me traíste com a minha melhor amiga...

- É uma mentira completa - intervenho com rapidez.

- Sei disso. Ou inventaste uma história sobre traíres-me com a minha melhor amiga só para tentar destruir a nossa amizade? Seja o que for, és nojento.

Ele não diz nada, roda sobre os calcanhares para se ir embora. Jogou a sua cartada e falhou.

- Não voltes cá mais - lança Michelle. - Não me telefones. Nada.

Ouç-o abrir a porta e depois:

- O que porra estás aqui a fazer?

- A trazer comida - explica a voz de Adam. Nervoso.

A porta bate com força. Adam aparece, de sacos de plástico na mão.

- Caramba, o que é que perdi?

Desempacoto o caril na cozinha, embora não saiba se nos apetece muito comer, a mim ou Michelle. Mal consigo segurar nas embalagens de plástico, as minhas mãos tremem tanto. Ouço Michelle a contar a Adam as afirmações de Patrick e Adam a fazer um ótimo trabalho a achá-las ridículas.

- Imagino que ele dirá qualquer coisa nesta altura. Está bastante desesperado.

- Isso fez-me decidir - ouço-a dizer. - Terminou. Não há interesse nenhum em pensar sequer em dar-lhe outra oportunidade. O facto de ele inventar uma coisa destas... não, nunca mais podia confiar nele.

- Sinto muito, Michelle. Quem me dera que as coisas tivessem corrido de maneira diferente.

Apareço à porta.

- A comida está pronta se algum de vocês quiser.

- Nunca recuso comida - diz Adam. - E tu precisas de comer alguma coisa, Michelle, se não vou ficar ofendido.

- Eu sento-me com vocês. Mas não sei se consigo comer.

Por fim come, porque Adam está sempre a oferecer-lhe pedacinhos saborosos e ela não tem forças para estar sempre a recusar.

- Nunca quiseste filhos, Adam? - pergunta quando ele está praticamente a fazer uma versão do «lá vem o comboio, abre a boca» com um *badji* de cebola.

- Caramba, sim. Há anos que ando desesperado.

- Verdade? - exclamo, incrédula. - Nunca mencionaste isso.

- Nunca perguntaste.

Michelle insiste.

- A tua mulher não queria?

- Não aconteceu e depois percebemos que tínhamos cometido um erro com o casamento.

- Então se a coisa funcionar com Mel, recebes logo uma família já prontinha.

- Meu Deus. Por favor, não me deixes ficar com a responsabilidade daquele pequeno estupor. É um monstro.

- Oh - digo, como se tivesse acabado de me lembrar. - Como correu o encontro a noite passada?

Ele faz uma careta.

- Fomos ao cinema. Deixei-a escolher.

Ergue as sobrancelhas na expectativa e eu rio-me.

- E...?

- *Doidos à Solta 2*.

- Ah!

- Receio que não sejamos um par perfeito.

- Não podes simplesmente largá-la porque ela escolheu uma porcaria de filme! - exclama Michelle e ri-se como não faz há que tempos. Penso em como estou contente por ter

Adam aqui. É como ter um cobertorzinho andante, falante, na sala. É uma companhia tão boa.

- É um indicador de coisas mais fundamentais. Um sentido de humor que é uma porcaria. Nenhum entendimento da narrativa. Uma falta de empatia. Além disso, decidi que não estou realmente interessado nela. E acho que ela também não está interessada em mim, para dizer a verdade. Não fui eu propriamente que a larguei, mas sim nós os dois que arranjámos desculpas para não termos de nos encontrar outra vez.

Esforço-me por apagar o sorriso do rosto.

- Ele é um tipo tão simpático - diz Michelle mais tarde quando ele está na casa de banho. - É uma pena que não gostes dele dessa maneira.

Reviro os olhos. Pois.

- Tomei uma decisão.

Já bebemos um par de copos de vinho. Michelle tem estado a aguentar-se notavelmente bem. Animada, sem dúvida, pelas tentativas de Adam para a alegrar. Pergunto-me se ouvir Patrick dizer o que disse sobre mim foi na verdade um alívio. Pôs as coisas a preto e branco. A zona cinzenta do «talvez possamos tentar outra vez se ele prometer comportar-se» desapareceu. A ironia do facto de a única verdade que ele proferiu ser a coisa que a fez acreditar que ele era um mentiroso não me passa despercebida. Não me sinto bem com isso. Como podia sentir? Mas o resultado final é que conta.

- Vou eu sair - diz ela. - Ele que fique com a casa.

- O quê? Não, Michelle, tu adoras esta casa.

- Acho que já não. E, desta forma, não teremos de ter uma longa batalha tortuosa. Pego simplesmente nas minhas coisas e alugo qualquer coisa noutra sítio. Ele que assuma a hipoteca sozinho.

- Esta casa deve valer duas vezes mais do que quando para cá vieram. Não podes oferecer-lhe simplesmente todo esse lucro.

- Não quero saber. Se ele quiser ser decente e comprar a minha parte, tudo bem, mas não vou lutar contra ele por causa disso. É dinheiro que nunca tive para começar e os preços do imobiliário podem descer outra vez para a semana e liquidar tudo. Ajudas-me a arrumar as minhas coisas?

- Claro. Se tens mesmo a certeza. Mas pensa bem nisso durante uns dias.

- Vou pensar. Mas não creio que mude de opinião.

- Sabes que podes ficar comigo o tempo que quiseres.

Ela estende o braço e pousa a sua mão sobre a minha.

- Obrigada.

- Muito bem - diz Adam. - Vai em frente e não olhes para trás.

- Quem disse isso? Foi o grupo S Club 7? - observo e ele recompensa-me com um sorrisinho.

- Oh, meu Deus, vou ter de contar aos meus pais.

- Por amor de Deus, fá-lo depressa, antes que Julian lhe ofereça o Truth Channel. Acho que não ia aguentar.

- Vens comigo no fim de semana? - pergunta ela e digo que sim, claro. Tudo o que ela precisar que eu faça.

Bea

Quando a campainha toca cerca das sete e meia, presumo que seja alguém para uma das outras. Não estou à espera de ninguém. A triste e pequena Cinderela sentada em casa sozinha, a tratar das suas feridas. Por isso, quando Ali aparece à porta do meu quarto com Patrick a reboque, é um grande choque para não dizer pior.

O meu primeiro pensamento é merda, estou de pijama, o que estou a usar há quarenta e oito horas seguidas, sem maquilhagem e a trincar uma grande sanduíche consoladora. Queijo e maionese com manteiga de um centímetro de espessura. Quase de certeza que tenho alface nos dentes.

Tantas vezes que fantasiei que ele aparecia aqui inesperadamente. A dizer-me que a deixou. Que não pode viver sem mim. Espero que a euforia nervosa entre em ação, mas não sinto nada.

- Desculpa, devia ter telefonado primeiro - diz ele, quando vê o estado em que estou. Ali espera no corredor. Na esperança de assistir a algum melodrama.

- Não faz mal - respondo, empurrando a sanduíche para o lado.

- Posso entrar?

- Claro.

Ele fecha a porta na cara de Ali. Tenho a certeza de que o quarto deve tresandar a comida velha, ar viciado e sabe Deus que mais, por isso abro um pouco a janela e retraio-me quando a brisa fria entra.

Patrick vem por trás de mim, passa os braços à volta do meu peito, focinha no meu pescoço. Hesito durante um segundo e depois afasto-me para fora do seu alcance.

- Então o que se passa? - pergunto.

- O que queres dizer com isso?

- Sabes o que quero dizer. Da última vez que falámos, andavas desesperado para conseguir que a tua mulher voltasse para ti. Presumo que o facto de aqui estares signifique que não resultou.

Ele faz aquela coisa em que põe a cabeça para um dos lados e semicerra os olhos. Costumava achar aquilo *sexy*. Para ser sincera, ainda acho. Mas vou resistir. Já é altura de recuperar algum amor-próprio.

- Estava só em pânico. A ideia de perder toda aquela familiaridade, presumo. De enfrentar o desconhecido.

- Então estás a dizer que a decisão foi tua? Pensei que ela te tinha posto fora.

- Ao princípio sim. Mas depois convidou-me a ir lá esta tarde e era óbvio que estava a ceder. Foi quando percebi que não era o que queria.

Meu Deus, o que este homem consegue mentir.

- Ela sabe de ti e Tamsin?

Assente com a cabeça.

- Contei-lhe. Mal percebi que tinha de terminar aquilo, pensei que devia pôr tudo em pratos limpos. E dar a Tamsin o que ela merece, obviamente.

- E ela acredita em ti?

- Tamsin vai convencê-la de que não é verdade. Já não quero saber.

Pois.

- Então, assim tal e qual, o teu casamento terminou? E é o que tu queres?

- Podíamos ir viver juntos - sugere ele.

- E então o teu sogro? E o teu emprego? - Não existe qualquer hipótese num milhar de milénios que Patrick jogue fora, de forma voluntária, a oportunidade de dirigir o novo canal estrela. De forma nenhuma.

Ele encolhe os ombros.

- Tal como tu disseste, podia estabelecer-me por conta própria.

Estende um braço, puxa-me para ele.

Fito-o a direito nos olhos.

- Juras que esta é a tua decisão? Não é só ressaca emocional porque sabes que acabou tudo definitivamente com Michelle?

- Claro que não. Amo-te, Bea. Pronto, já disse.

- És a porra de um mentiroso - respondo e empurro-o para longe. - Não me podes tratar como algum tipo de prémio de consolação. Andavas desesperado para consertar o teu casamento e estavas-te borrifando para mim até que Michelle, como é óbvio, não o quis.

- Estava baralhado...

- Não. Estou farta de ser a segunda escolha.

- Não vais ser segunda nada. Estou a tentar dizer-te... Meu Deus, Bea, porque estás a complicar tanto isto?

- Desculpa. Sei que seria muito mais fácil para ti se eu alinhasse simplesmente em tudo o que estás a dizer, mas isso não vai acontecer.

- Foda-se, perdi a minha mulher por tua causa.

- E eu perdi o meu emprego por tua causa. Agora não posso voltar. Além disso, para que conste, perdeste a tua mulher por *tua* causa. Foste tu que lhe fizeste promessas, não eu.

- Isto é estúpido - diz ele, com a maturidade de uma criancinha a quem negaram um chocolate. - Se me for embora agora, acabou. Não haverá segundas oportunidades.

- Não quero uma segunda oportunidade. Não quero ser uma pessoa cujo namorado só está com ela porque a mulher não o aceitou de volta. É humilhante, não percebes?

- O que posso fazer para te convencer de que não é isso?

- Nada - digo. - É demasiado tarde para isso.

- Então o que devo fazer agora?

- Não sei. Voltas para o sítio onde estás hospedado. Tentas ser solteiro por uns tempos. Procuras outro emprego. Entras para o seminário. Não quero saber.

- Nunca me devia ter metido nisto! - exclama ele furioso.

- Não, se calhar não. E eu também não.

Fica ali parado durante um segundo, como se não soubesse o que fazer, e depois sai, batendo com a porta atrás dele.

Gostaria de dizer que me sinto aliviada, orgulhosa de mim mesma pela posição que tomei. Não sinto. Volto para a cama e choro na almofada até que Ali traz dois enormes copos de vinho e decidimos que bem podemos embebedar-nos.

Estou sentada no meu gabinete. Ainda ninguém chegou e já tive várias vezes de me controlar para não agarrar nas minhas coisas e fugir. Não faço ideia do que esperar. Nenhuma.

Ao princípio, não fazia tenção de voltar. É claro que não é opção continuar a trabalhar para Tamsin. Mas depois pensei: «Porque perder tudo? Ela não me pode despedir assim logo, isso eu sei.» Por isso a minha intenção é entregar o meu pedido de demissão hoje (que corresponde a um mês), marcar as férias que me restam (oito dias) e

passar simplesmente o resto do tempo de cabeça baixa à procura de outro emprego. Se Tamsin não me der recomendações, tenho a certeza de que posso pedir a Ian ou a Anne Marie. Poderá parecer um pouco estranho para um potencial empregador, dado que sou assistente de Tamsin, mas será melhor do que nada. Quatro semanas. São vinte dias úteis. Menos oito. Doze dias para aguentar a merda que ela me atirar para cima.

Ouçó o estrondo da porta e a seguir passos na escada. O meu coração começa a bater com força. Ashley sobressalta-se quando me vê, o que me faz sobressaltar também. Guinchamos as duas como se estivéssemos numa montanha-russa.

– Pregaste-me um susto – diz ela a rir-se. – Estás a sentir-te melhor?

É óbvio que não sabe de nada. Descontraio-me um pouco.

– Sim, muito, obrigada. Espero que não vos tenha pegado a todos. – Dissera a Ashley ao telefone que tinha um problema estomacal. Algum tipo de norovírus.

– Bem, não perdeste nada. Está tudo em dia.

– Ótimo. Obrigada.

A seguir é Lucy. A sua preocupação é toda consigo própria, claro. Torna-o evidente abrindo muito a janela e abanando a mão à frente do rosto sempre que falo.

Quando ouço outra vez a porta estou mais calma. Por mais que Tamsin me queira ver morta, não vai provocar uma discussão em frente destas duas. Talvez nem sequer tenha contado a Ian nem a Anne Marie, penso, mas descarto essa ideia muito depressa quando vejo Ian aparecer na receção, lançar-me uma olhadela e fugir lá para cima. Suponho que era esperar demasiado.

Anne Marie consegue emitir um olá frio e depois Tamsin entra. Ouço Ashley a dizer em tom alegre:

– Bea voltou.

E mantenho os olhos no ecrã do computador, aparentemente absorvida.

- Ótimo - diz Tamsin. Pelo que consigo perceber pelo canto do olho, nem sequer olha para mim. - Não te importas de telefonar àquele realizador que está marcado para hoje e pedir-lhe se pode vir meia hora mais tarde, Ashley? Tenho a certeza de que Bea tem coisas para pôr em dia.

É uma surpresa. Tamsin a pedir a Ashley para fazer uma chamada. Deve estar mesmo desesperada, só para não ter de lidar comigo. Ótimo. Quanto mais ela mantiver a distância melhor.

E depois ela aparece na soleira da porta.

- Bea, podes vir um minuto ao meu gabinete?

Tamsin

Não estava à espera de a ver ali sentada. Durante o fim de semana tinha-me convencido que ela nunca mais ia voltar. Podíamos enviar pelo correio o recibo de ordenado final, com consideráveis deduções por causa da forma como ela nos deixara ficar mal sem nenhum pré-aviso, e eu podia iniciar a tarefa árdua de descobrir uma nova assistente. Desta vez, uma mais velha e casada, com um rosto tipo luva de boxe muito usada.

Na realidade, estava a sentir-me bem. Mais leve, como se um enorme peso me tivesse sido retirado dos ombros. Michelle passara o fim de semana em minha casa. No sábado de manhã, tínhamos passado horas a retirar tudo o que ela queria guardar da casa dela. Era muito pouco para uma mulher de trinta e oito anos, mas deu para encher os nossos dois carros. Michelle decidira partir apenas com as suas coisas pessoais. O resto, as «coisas» que um casal acumula, era substituível. Felizmente, convencera-a a não assinar simplesmente a cedência da casa. Patrick podia comprar a parte dela ou podia vender a casa e dividiriam o dinheiro, eram essas as opções que lhe ia apresentar.

Todos os seus bens materiais estavam agora guardados no meu quarto extra e ela já começara a olhar para anúncios de apartamentos para alugar. Adam, que recusara com tato ajudar na mudança quando eu lhe falara nisso, porque achou que poderia ser insensível uma pessoa que Michelle conhecia apenas há muito pouco tempo andar a remexer nas cinzas moribundas do seu lar conjugal, oferecera-se para a ajudar a mudar-se quando ela encontrasse um sítio novo.

- Sou muito habilidoso - declarou.

Por alguma razão, aquilo fez-me rir. Era uma bazófia tão pouco impressionante.

- Ótimo. Esperemos que a casa que ela encontrar esteja a cair.

No domingo à tarde, eu e Michelle tínhamos ido visitar Julian e Miriam a Maidenhead. Claro que eles ficaram encantados quando abriram a porta. Uma visita inesperada da filha e da filha adotiva era o que consideravam a surpresa perfeita. Mas uma olhadela a Michelle e, com o seu sexto sentido feiticeiro de pais, perceberam que alguma coisa se passava.

- O que aconteceu, querida? - perguntou Miriam antes de termos sequer despedido os casacos.

Michelle suspirara e depois desfizera-se em lágrimas, reduzida a ser de novo uma criança à vista da sua mamã.

- Patrick tem um caso - soluçou.

Escusado será dizer que Julian e Miriam ficaram chocados, perturbados e em última análise furiosos. De facto, Julian estava praticamente incandescente de raiva por o seu protegido ter pago à família daquela forma. Vi a promessa do emprego do Truth Channel escapar às garras de Patrick e desabar no chão.

- Podes voltar a morar aqui - sugeriu Miriam quando Michelle lhes acabou de contar tudo.

- Não deixes que ele fique com a casa - intrometeu-se Julian. Já ameaçara ir esmurrar Patrick na cara e até

Michelle tentara não se rir.

– Não vou deixar. E fico em casa da Tamsin algum tempo, só até encontrar um apartamento.

– Bem, a tua cama está cá sempre se a quiseses.

E estava mesmo. O quarto de Michelle estava quase igual ao que fora quando nos tínhamos ido embora as duas aos dezoito anos. As nossas camas individuais de frente uma para a outra em paredes opostas. As mesmas mantas brancas e cortinados floridos de um verde pálido. Apenas a tralha tinha desaparecido. E o meu cartaz dos Backstreet Boys.

– Cuida dela – sussurrou-me Miriam ao ouvido quando partimos, depois de nos terem forçado a comer sanduíches e bolos. Eu tinha um pedaço de bolo embrulhado na minha mala «para mais tarde». O que se passa comigo e os bolos? Julian estava ocupado a dizer a Michelle que lhe ia arranjar o nome de um bom advogado.

– Vou cuidar.

Ela abraçou-me.

– Graças a Deus que ela te tem a ti.

– Claro – respondi, esperando que ela não pressentisse o sentimento de culpa que conseguia sentir a descer sobre mim como o calor de um radiador. Não tinha de se preocupar. Fazer Michelle feliz ia ser a minha principal prioridade a partir de agora.

– Fecha a porta e senta-te.

Bea tem o rosto branco. Na realidade, não faço ideia do que lhe vou dizer. Sei apenas que não posso fingir que não aconteceu nada.

– Para ser sincera, estou um pouco surpreendida por estares aqui.

– Não me podes despedir – diz ela e pergunto a mim mesma se isto vai ser mais complicado do que eu esperara.

- Eu sei. Pensei apenas que podias ficar afastada durante um pouco mais tempo, é tudo.

- Não te preocupes. Vou entregar o meu pedido de demissão. E tenho umas férias para gozar. Não vais ter de me ver muito.

- Nem sequer vais pedir desculpa?

- Porque preciso de te pedir desculpa? Afinal, portaste-te tão mal como eu.

Ignoro aquilo. Agora tenho de empurrar o que fiz para o fundo da minha mente. Fingir que nunca aconteceu.

- Confiei em ti. Sabias como eu estava preocupada com Michelle. Caramba, Bea, sabias a consideração que tinha por ti.

Ela parece um pouco contrita. Bebe um longo gole da sua garrafa de água.

- Não era para acontecer. Aconteceu simplesmente e depois entrou numa espiral que se descontrolou. Não podia propriamente contar-te. E não vamos esquecer que, para começar, foste tu que me enviaste para lá para o seduzir.

- Para fingir que seduzias. Caramba, como esqueceste aquela cena de «por favor, não me obrigues a fazer isto» e foste para a cama com ele?

- Tal como tu fizeste, suponho.

- Nós não... bem... aconteceu naquela noite? Foi quando começou?

Abana a cabeça a confirmar.

- Se te faz sentir melhor, não o vou ver mais.

- Podes casar com ele agora, não quero saber. O estrago está feito.

- Escuta, sinto-me horivelmente mal por causa de Michelle, verdade que sim. Mas, se não tivesse sido eu, tinha sido outra pessoa qualquer.

Claro que ela tem razão.

- Provavelmente.

Sinto que não há mais nada a dizer. Não lhe vou pedir para ficar, porque nunca mais poderia confiar nela. Mas

também não consigo odiá-la. A conclusão é que o culpado é Patrick. E Bea eu estamos provavelmente empatadas em segundo lugar.

- Dou-te uma carta de recomendação.

Vejo lágrimas a brotarem-lhe dos olhos e desvio o olhar. A única hipótese é mesmo ela ir-se embora.

- Obrigada.

- É melhor ires dizer a Anne Marie que te vais embora. Tornar a coisa oficial.

- Certo. Sim. - Levanta-se, funga. - Café?

- Fantástico, obrigada.

E assim, sem mais nem menos, preciso de começar a procurar uma nova assistente.

QUINTA PARTE

Tamsin

Estou sentada no quarto do apartamento de Michelle, em Maida Vale, a vê-la preparar-se para o seu primeiro encontro pós-Patrick. Está com um aspeto deslumbrante. A expressão crispada e abatida desapareceu e foi substituída por uma coisa mais parecida com o seu velho eu. Mais ou menos na última semana começou mesmo a parecer feliz. Mais feliz pelo menos. A caminho da felicidade.

Na próxima semana concluirá a compra da sua nova casa, um apartamento de um quarto e uma casa de banho e meia, perto de St John's Wood High Street. Comigo e/ou Adam a reboque a maioria das vezes, visitou cerca de trinta apartamentos, desde os grandes e bonitos em zonas assustadoras, a estúdios do tamanho de selos de correio em códigos postais pretensiosos. Este é um compromisso entre as duas coisas. Fica numa das ruas não-tão-desejáveis a meros metros de sofisticada beleza. O prédio está bem cuidado e é seguro, mas sem nenhum dos extras, como porteiras e ginásios abertos vinte e quatro horas, que fariam subir o preço. Com a ajuda da sua parte do lucro da venda da casa (que se vendeu numa questão de dias a um

comprador que pagou a pronto, mal Patrick meteu na cabeça que não havia nenhum final feliz no horizonte. E pagar a parte de Michelle estava fora de questão dadas as perspectivas duvidosas da sua carreira) e uma grande hipoteca, ela conseguiu convencer a proprietária idosa da casa a aceitar a sua oferta.

Entretanto, tem estado aqui, desde uma semana depois de a bomba ter explodido. De alguma maneira, conseguiu que o apartamento alugado parecesse um lar, apesar da decoração duvidosa e mobiliário utilitário.

- Demasiado? - pergunta agora, absorvendo o batom de um rosa pálido com um lenço de papel.

- Estás linda. E, além disso, ele sabe muito bem como tu és.

- Na realidade, estou nervosa, não é uma idiotice?

- Esquece que pretende ser um encontro romântico. Não fiques toda constrangida.

- É uma coisa estúpida de se fazer? - Vira-se para mim.

- De modo nenhum. Acho que é fantástico.

As últimas semanas de trabalho com Bea foram o que se poderia chamar interessantes. Apesar de saber que ela se estava a sentir culpada, era um pouco tarde de mais. Eu não conseguia afastar a ideia de que ela teria continuado com Patrick se tivesse achado que ele estava realmente interessado. Mas também não estava para me incomodar a castigá-la. Depois de toda a histeria e emoção, tudo o que eu queria era uma vida pacífica.

Para ser sincera, ela manteve a bolinha baixa e dedicou-se ao seu trabalho. Não tenho bem a certeza do que estava a fazer, porque parecia agora bastante preferível pedir a Ashley quando eu precisava de alguma coisa, ou fazê-la eu, do que ter mais contacto com Bea do que era necessário.

Ela foi a várias entrevistas enquanto ainda se encontrava connosco e eu dei-lhe as horas de folga. Nem sequer sei

qual era o lugar a que concorria. Não perguntei.

No seu último dia, Ian e Anne Marie fizeram-lhe uma festa de despedida, como de facto deviam. Ela não fizera nada de errado a nível profissional, apenas a nível pessoal. Andei ali pela receção enquanto eles brindavam com espumante e bolo e lhe entregavam um *voucher* de presente e um cartão. Ela entrou no meu gabinete mesmo quando eu estava a vestir o casaco. Eu tinha estado à espera de evitar qualquer tipo de adeus. Não sabia o que dizer.

Fechou a porta atrás dela, o que me pôs de imediato nervosa.

- Só queria dizer - começou, antes de eu lhe poder perguntar o que queria. Saiu tudo de uma assentada, como se tivesse ensaiado e quisesse deitá-lo cá para fora antes de esquecer o texto. - Não quero que penses que andarei por aí a espalhar boatos ou a contar a alguém alguma coisa do que se passou. Não queria que pensasses que ia para um novo emprego e falaria mal de ti ou de... sabes de quê....

Fez uma pausa. Tenho de ser sincera, foi um peso que me saiu de cima. Apesar de Bea não ser dada a dizer mal, já perguntara a mim mesma se ela conseguiria resistir a não difamar um pouco o meu nome. Não que eu pensasse que as pessoas fossem acreditar nela, presumiriam com toda a probabilidade que era despeito, mas, desde quando as pessoas têm de acreditar em boatos para os espalharem?

- Obrigada. E digo o mesmo para ti. Dou-te a carta de recomendação e ponto final.

- Desculpa se lixei tudo. Não é uma coisa de que me orgulhe.

- Eu sei. Vai correr tudo bem. Vais arranjar alguma coisa.

Ela ficou ali embaraçada durante um momento, como se não soubesse o que fazer ou dizer a seguir. Eu senti um nó na garganta. Fiz um esforço para não chorar.

- Certo. Bem... tenho de ir... Obrigada, Tamsin. A sério...

Senti uma vontade ridícula de a abraçar. Mas contive-me. Era uma coisa positiva o facto de estarmos a seguir em frente como dois adultos, mas eu não queria que ela pensasse que estava tudo perdoado, porque não estava.

- Boa sorte a encontrares alguma coisa - desejei. - Se eu ouvir falar de alguma coisa...

Ela lançou-me um sorriso cauteloso.

- Obrigada.

Duas semanas depois, um dos grandes independentes pediu-me se recomendava alguém. Estavam à procura de uma secretária de produção para um dos seus programas que ia ser outra vez encomendado. Um programa sobre remodelação de casas. Um desses que tem tudo a ver com os grandes construtores. Há anos que passa na televisão. Se calhar em final de vida, mas queriam oferecer-lhe um contrato de nove meses, que é o melhor que se consegue no mundo do *freelance*. Recomendei-a bastante, disse que seria um grande trunfo para a equipa.

Alguns dias depois, recebi um cartão de Bea a dizer-me que conseguira o emprego. Dei-o a Ashley para o colocar na receção.

Entretanto, pusemos anúncio para uma nova assistente.

- O que procuras? - perguntou-me Anne Marie enquanto estávamos sentadas a tremer na esplanada de um café local, chávenas de café à nossa frente. Ela tinha aberto um bloco-notas. Caneta a postos.

- Alguém que não vá andar a dormir com os responsáveis pela contratação de programas. - Ela lançou-me um olhar. Muito engraçado.

Eu andara a pensar muito naquilo. Valorizaria mais a eficiência ou a lealdade? Desculpava alguns erros de ortografia, se soubesse que não havia qualquer hipótese de a minha assistente andar a dormir com o marido da minha amiga? Não que ela ainda tivesse um marido, mas sabem o que quero dizer. Seria importante se não fôssemos amigas,

se não déssemos de vez em quando umas risadas e bebêssemos um copo juntas? Não. De maneira nenhuma.

- Presumindo que não posso ter tudo? Alguém em quem possa confiar.

- Bem, não vamos assumir já que não podes ter tudo. Deve haver por aí centenas de boas candidatas.

- Oh, meu Deus - gemi. - Só a ideia de ter de treinar alguém.

- Sei que não vais estar interessada, mas Ashley quer concorrer.

O meu primeiro instinto foi soltar uma exclamação de troça. Alguns meses antes e teria se calhar dito «Ashley quem?». Mas pensei naquilo por um segundo. Há semanas que Ashley estava a fazer mais ou menos esse trabalho. De cabeça baixa, a tratar de tudo sem fazer alarde, a controlar a receção ao mesmo tempo. Ainda não lixara nada, que eu tivesse reparado. Também ainda não fizera nada que me chateasse.

- Mas isso é uma ideia de génio.

Anne Marie pareceu surpreendida, como aliás deveria.

- Não estás só a dizer isso porque ela é o diabo que já conheces? Nunca pensei que estivesses tão interessada nela.

- Só nunca reparei que ela estava ali. Pelo que percebo agora, poderá ser uma boa coisa.

- Teremos de pôr um anúncio, por isso não tens de decidir já.

- Merda, a sério?

Ela assentiu.

- O que é bom, porque, se a escolheres, vais saber que não o fizeste só porque ela é a opção mais fácil.

- Está bem. Mas, a não ser que alguém brilhante apareça, estou a pensar que ela é a escolha acertada.

- Bem, isso ia fazer-me muito feliz - respondeu Anne Marie a sorrir. - Agora, o que queres pôr no anúncio?

Claro que já sabem o que vou dizer. Passados dois dias de entrevistas aborrecidíssimas, demos o trabalho a Ashley. É uma assistente eficiente, prestável e que me dá apoio. Gosto de a ter por perto. Não nos fechamos no meu gabinete a pôr o mundo nos eixos, mas acho que isso é bom. Não lhe conto a minha vida amorosa, nem lhe peço para me ir comprar roupa interior. Temos os limites adequados entre chefe e assistente. Está a funcionar.

No início, fiz um esforço para ver se ela compreendia de que forma eu gostava que se fizessem as coisas.

- Organiza-os primeiro por experiência, mas depois separa as pilhas em que se baseiam - disse, entregando-lhe uma pilha de currículos de equipas de filmagens.

- Eu sei - respondeu ela, sem qualquer veemência na voz.
- Costumava fazer isso para Bea.

Afinal, ela costumava fazer uma data de coisas para Bea. O tempo todo que eu pensava que a minha assistente era a única pessoa em quem se podia confiar que fizesse as coisas como deve ser, parece que ela estava a delegar metade do trabalho numa assistente própria.

Porém, quando Ashley me traz café ainda não sabe tão bem como quando Bea o trazia, mas, em termos de defeitos, posso bem viver com este.

Patrick e Michelle cortaram todos os laços agora que a casa foi vendida. Para ser justa com ele, ele deixou-a em paz mal percebeu que não havia esperança nenhuma. E, claro, mal descobriu que ela tinha contado ao pai, provavelmente pensou que não existia razão nenhuma para tentar a reconciliação. Penso que ele a amava, mas não assim tanto. Ela convinha-lhe, era amorosa, de confiança e não reclamava, mas, se não viesse acompanhada de uma etiqueta de emprego fantástico, não valia a pena lutar por ela.

A propósito, ainda está agarrado ao seu cargo no Home Improvement Channel, embora eu saiba que Julian tornou claro que gostaria que ele se fosse embora. Ordenou ao departamento de finanças que passe a pente fino as despesas de Patrick. Em particular, que verifique bem os pormenores referentes a quaisquer quartos de hotel. Não há qualquer promessa de uma boa carta de recomendação. De facto, Julian parece agora apreciar dizer mal dele a quem o queira ouvir. Por isso, as hipóteses de Patrick ser contratado por outrem estão a diminuir. Imagino que se agarre à posição onde se encontra até se tornar insustentável. E depois terá provavelmente de descer de posto. Fazer as coisas de forma mais difícil.

Telefonou-me algumas vezes depois de a bomba estourar. Da primeira vez, atendi sem querer e depois desliguei logo outra vez quando ele começou a lançar insultos e acusações. Desde então, tenho sido mais cuidadosa. Também houve mensagens. Sempre a aludir ao que aconteceu entre nós. Ignorei-as a todas. Sinto que são uma armadilha que me coloca, a tentar que eu me incrimine com a minha resposta.

Nos últimos tempos, não tenho sabido nada dele e nem quero saber. Por enquanto, a Castle não fará nenhuma propostas para quaisquer programas novos ao Home Improvement. Sobreviveremos.

Bea

Secretária de produção na série 8 de *DIY Heroes*. É mais excitante do que parece. Na verdade não, a não ser que se pensasse que não se ia conseguir nunca mais um emprego na indústria televisiva e, nesse caso, é o Santo Graal. Estou grata. É mais do que mereço.

O programa é filmado em Manchester e eles disseram-me que tenho de estar «sediada em Manchester» (o que significa que não querem saber onde vivo, não pagam o meu alojamento), por isso decidi desistir do meu apartamento com Ali e Sarah e alugar lá um quarto numa casa partilhada. Não há nada que me prenda em Londres e é bom ser flexível neste meio. Agora estou a viver num quarto numa casa perto de Salford, com Katya e Lindsay como colegas. Ainda não consegui conhecê-las muito bem, não tenho tido tempo.

O meu novo etos é trabalho, trabalho, trabalho. Fazer com que reparem em mim. Ser promovida. Não me envolver em nada que lixe isso. As horas de trabalho são muitas, mas estou grata. Não quero passar demasiado tempo a fitar as paredes da minha nova casa.

Patrick deixou por fim de me telefonar. O segundo telemóvel há muito que desapareceu, como é óbvio, mas, durante semanas, o meu telemóvel normal apitou com chamadas perdidas (leia-se «ignoradas») de «Ben». Não respondi a nenhuma. Apaguei as mensagens. Ele é uma parte da minha história que não sinto qualquer desejo de visitar.

Homens em qualquer molde ou formato estão fora da minha agenda por enquanto. Preciso de me concentrar em mim e na minha carreira. Tudo o resto pode esperar.

Nunca pensei dizer isto, mas sinto saudades de Tamsin. Percebi por fim que, no que diz respeito a chefes, ela era bastante boa. Lá no *top* com os melhores, provavelmente.

Tamsin

No rescaldo imediato, apoiei-me muito em Adam. Michelle ficou comigo durante umas semanas enquanto procurava um apartamento para alugar. Era quase como termos outra vez vinte anos, mas com choro extra.

Adam vinha da outra ponta de Londres todas as noites e trazia garrafas de vinho e comida. Tê-lo por perto era como ligar um desses purificadores do ar que, supostamente, nos acalmam. Ou isso só funciona para gatos?

Porque eu me estava a sentir nervosa e Michelle, compreensivelmente, um pouco como lixo, havia o perigo de nos pegarmos. Chegámos perto de discutir um par de vezes quando estávamos sozinhas, uma coisa inédita para as duas. Nada de significativo, apenas irritaçõezinhas, como se não conseguíssemos comunicar uma com a outra num ambiente tão fechado. Penso que começámos ambas a ansiar pelas visitas de Adam como uma espécie de refrigério. Era como se precisássemos de permissão para nos rirmos e descontraírmos e fingirmos que estava tudo bem.

Não vou mentir, a minha paixoneta aumentava um pouco todos os dias. Quem precisa de maçãs do rosto definidas quando se pode ter uma relação baseada em amizade primeiro? De repente, a ideia de estar com alguém tão bom, carinhoso, tão pouco complicado, parecia a coisa mais *sexy* de sempre. Até já me reconciliara com o facto de ele querer uma horda de filhos. Já aprendera a amar os que imaginara na minha cabeça. Mini Adams felizes, rechonchudos e traquinas, com um sentido de humor malandro e um elemento de bondade de um quilómetro de espessura.

Tentei refrear a coisa, mas comecei a sentir-me embaraçada ao lado dele. Constrangida. Percebia que sonhava acordada em momentos inapropriados e depois corava da próxima vez que o via, como se ele me pudesse ler os pensamentos.

Entretanto, ele continuava a ser exatamente o que sempre fora. Divertido, insultuoso, provocador, atencioso. Nada no seu comportamento mostrava que retribuía os meus sentimentos. Eu sabia que ia ter de enfrentar aquilo a dada altura, mas tinha tanto medo de o assustar e fazer desaparecer, ficava tão preocupada face à perspectiva de perder a sua amizade que estava sempre a recuar no último minuto.

Nem sequer contei a Michelle o que sentia. Passara tanto tempo a contar-lhe (era verdade na altura) tudo o que não me interessava em Adam que, agora que gostava dele, não conseguia muito bem admiti-lo. Além disso, ele era tão errado para mim, tão improvável, que pensei que ela se pudesse rir. Não que tivesse sido uma coisa má. Ela precisava de coisas para se rir.

Aconteceu também outra coisa nessa altura que me desviou a cabeça daquilo. O sentimento de culpa avassalou-me. Não que não estivesse já a sentir-me culpada. Rebentava de culpa. Mas, de repente, tornou-se a minha maior preocupação. Não sentimento de culpa em relação ao

que acontecera, não tanto isso, embora como é óbvio lá estivesse também, mas em relação ao facto de ainda estar a enganar Michelle. Ela não fazia ideia nenhuma do que eu lhe fizera, do que a sua melhor amiga era capaz. Não era justo deixá-la confiar em mim quando eu não merecia confiança. Fui dominada pela necessidade de lhe contar a verdade. Era como uma voz enervante na minha cabeça sempre que o nome de Patrick vinha à baila. Eu sabia que seria um erro horrível. Sabia que isso significaria que eu e ela nunca mais poderíamos ser amigas. Mas também não conseguia entender como poderíamos ser amigas se não lhe contasse. As amigas não se tratam assim umas às outras.

- De onde surgiu isso agora? - perguntou Adam enquanto beberricávamos cervejas no The George antes de irmos buscar comida chinesa ao Weng Wah House em Haverstock Hill.

- Não sei. É simplesmente tão errado não lhe ter contado e agora não consigo afastar esse pensamento. Tenho medo de poder deixar escapar tudo um dia destes.

- Ela ia ficar arrasada.

- Eu sei. Mas será uma razão para não lhe contar?

Ele brincou com uma base de copo de cerveja.

- Pensei que tudo o que tínhamos feito era para garantir que ela nunca ia descobrir o que aconteceu entre ti e Patrick.

- Era. Mas agora penso que foi egoísta. Tinha tanto a ver com proteger-me como com protegê-la a ela.

- Qual é a diferença?

- Acho que não está certo. Ela é a minha melhor amiga. Não lhe devia ter mentido.

- Mas, se lhe contares, não só a perdes como lhe partes o coração.

Sei que ele tem razão, mas já não parece assim tão simples.

- Não creio que consiga conter-me. Estou sempre a ter esta avassaladora necessidade de confessar.

Fitou-me a direito nos olhos e senti os joelhos a tremer. Creio que até corei. Fantástico.

- Cá vai o que penso. Contar-lhe seria egoísta. De alguma estranha forma masoquista far-te-ia sentir melhor. A tua consciência ficaria limpa. Mas Michelle sentir-se-ia pior. Muito pior.

- Mas ela merece saber a verdade.

- O que não merece mesmo nada é perder o marido e depois perder a melhor amiga no espaço de poucas semanas. A coisa correta a fazer seria guardares isso para ti.

- A sério? Achas que sim?

- Sei que sim.

- E se eu não conseguir?

- Tens de conseguir. Sentes-te uma merda e então? Isto não tem a ver contigo. Tem a ver com endireitar as coisas.

- Como ficaste a porra de tão esperto?

Ele ergueu as sobrancelhas.

- Sou um professor, sei tudo.

Olhou para o relógio.

- Temos de ir andando. As nossas bolinhas de camarão vão ficar frias. Vai tornar-se mais fácil quando ela mudar para a casa dela, acredita em mim. Estão a passar demasiado tempo juntas, por isso é impossível agirem normalmente.

- Gostava que tivesses sido meu professor. Podia ter prestado mais atenção.

- *Okay* - disse ele, levantando-se. - Isso é uma coisa muito esquisita de se dizer.

- Mas aposto que os teus miúdos te adoram.

- Chamam-me Pillsbury. Como o bonequito do anúncio. Tenho a certeza de que deve ser um sinal de afeto e respeito, sim.

Soltei uma risada.

- Não chamam nada.

- Oh, mas chamam. Não na minha cara, como é óbvio. Nas minhas costas, mas muito alto para eu poder ouvir. Fere imenso. É *bullying*, de facto. Eu devia processar as autoridades locais.

- Ah! Posso chamar-te isso?

Mostrou uma expressão magoada.

- Com certeza que não. Já estou marcado para a vida inteira.

A caminho de casa, pensei que seria muito bom enfiar a minha mão na dele. Dar-me-ia uma sensação de segurança.

E quase o fiz.

Tamsin

- Tenho de te dizer uma coisa.

Isto foi no fim de semana passado, um par de meses depois de Michelle se ter separado de Patrick.

Michelle tivera altos e baixos, mas, de forma gradual, os altos tinham começado a superar os baixos. Parecia, por fim, que pusera Patrick e o seu casamento falhado para trás das costas. Eu ainda andava roída de sentimentos de culpa, mas seguira o conselho de Adam. Nada se ganharia se Michelle descobrisse a verdade. Por mais que eu sentisse que queria exorcizar esse fantasma, tinha de aprender a viver com ele. Tornara-se mais fácil com o tempo. Eu quase conseguia esquecer que alguma vez acontecera durante dias a fio.

Estávamos novamente no *spa*. Desta vez era oferta dela, sem dúvida porque dessa forma sabia que eu não conseguiria dizer que não. Estávamos na sauna, de rosto vermelho e a transpirar. Ela tinha esperado que as outras duas mulheres que lá estavam connosco saíssem.

- O quê?

- Sinto-me estúpida.

Não suporto quando as pessoas me provocam com um *trailer* em vez de irem direitas ao acontecimento principal.

- Em relação a quê? Diz-me.

- Está bem. Mas tens de prometer não te rires. Ou dizer alguma coisa.

- Mich, vou matar-te se não me dizes logo do que estás a falar.

Ela endireitou-se e olhou para mim.

- Acho que gosto de Adam.

Durante um segundo não assimilei muito bem o que ela estava a dizer. Claro que ela gostava de Adam. Ele era fantástico. Depois percebi. Ela GOSTAVA dele. Da mesma maneira que eu GOSTAVA dele. Esta era a minha oportunidade para admitir que eu também. Fazer valer os meus direitos.

- Diz alguma coisa - pediu ela.

Olhei para ela e os olhos dela brilhavam. Parecia animada como não acontecia há meses.

- Uau! - exclamei. - Quando aconteceu isso?

- Não sei. É ridículo? É ridículo, não é?

Sim. Pensei. Por favor, não deixes que ela esteja a falar a sério.

- Não. Quero dizer... é uma surpresa. Não fazia ideia sequer que pensavas nele dessa maneira.

- Eu também não. Acho que foi devagarinho. Ele é tão... adorável.

E bom. E amoroso. E atencioso. E divertido.

- Sentes-te atraída por ele?

Ela corou, muito vermelha.

- Sim. Como louca.

- Ele sabe?

- Não! Meu Deus, não. Não digas nada.

- Não vou dizer. - Não saberia o que dizer.

- Sei que se calhar pensas que sou estúpida. Quero dizer, sei que achas que ele é completamente não atrativo...

- Eu não disse isso.

- Disseste mais ou menos depois daquele vosso primeiro encontro.

Isso é porque ele se insinua devagar, pensei. Não vai fazer ninguém apaixonar-se à primeira vista, mas aos poucos vai encher-nos a cabeça por pura força de personalidade. É um tipo muito mais insidioso, muito mais profundo de atração.

- Creio que só disse que não era o meu tipo...

- Bem. O que estou a dizer é que sei que, como é óbvio, ele não é lindo de morrer, mas acontece que penso que é. Pronto. Agora podes rir-te de mim.

Eu não queria. Queria chorar.

- Não. Eu... não sei o que dizer...

- Sei que ele é o teu amigo, por isso não queria que pensasses que eu estava a imiscuir-me...

Tudo em mim queria gritar: por favor, não, eu própria só agora estou a reconciliar-me com o que sinto por ele. Estivera a preparar-me para lhe dizer a verdade a ele. A tecer fantasias sobre o sentimento ser recíproco e termos um futuro. Porque não o tinha feito há uma semana? No dia anterior? Porque não confessara a Michelle o que sentia?

Não que eu possuísse qualquer prova que ele reagisse de qualquer outra maneira exceto ficar horrorizado. Sabia que era a razão principal para me ter sentido tão hesitante. Adam nunca fizera nada que me levasse a acreditar que se tinha apaixonado por mim como eu me apaixonara por ele. Ou sequer que me achava nem que fosse metade atrativa.

E depois percebi. Michelle seria um partido muito melhor para Adam do que eu. Ambos mereciam alguém que valorizasse o que era tão especial neles. Que os tratasse bem e nunca os traísse ou lhes mentisse.

E, quando pensei melhor naquilo, percebi que ele provavelmente também gostava dela. Tinha sido tão atencioso e solidário. Estava sempre a dizer-me como ela

era adorável e que merda Patrick devia ser. Eu não tinha
era juntado as peças do *puzzle*.

Inspirei fundo. Tentei controlar a sensação de pânico.
Sorri.

- Não. Vai em frente. Acho que podiam dar-se muito bem
juntos.

Tamsin

Michelle foi incapaz de dar o primeiro passo. Só de pensar nisso começava a transpirar.

- E se ele se rir na minha cara? Ou, pior, se ficar horrorizado?

- Não fica. Tenta apenas ficar sozinha com ele.

O meu estômago deu uma volta com a ideia. Não pensava em mais nada desde que ela me confessara. Adam apanhado de surpresa, incapaz de acreditar na sua sorte, a tocar-lhe no rosto, a avançar para um beijo. O meu Adam.

Mas não podia negar-lhe isto a ela. De alguma maneira, se eu desistisse das esperanças que albergara para mim e Adam me afastasse e desse a minha bênção a Michelle, sentiria que tinha cumprido a minha penitência pelo que fizera. Eu devia ter sido educada como católica, mesmo, porque tenho uma capacidade impressionante para sentir culpa. Não que haja nada de errado com isso. Mereço sentir culpa. Mas talvez, se conseguisse corrigir as coisas de outra maneira, pudesse desconstrair-me um pouco. Libertar-me.

- Não podias sondá-lo um pouco? Só tentar perceber se ele pensa que sou um completo horror?

- Não. Por favor, não me peças para fazer isso.

- Não é preciso seres muito óbvia. Só ficares com uma ideia... em teoria...

Recordo-me de quando Michelle me pediu para fazer isto uma vez. Tínhamos cerca de quinze anos. E não consegui pensar em mais nada para dizer, por isso marchei até ao rapaz e perguntei: «Gostas de Michelle ou não?»

Felizmente que ele disse que sim. Acabaram por andar juntos uns meses. Desta vez era mais complicado. Havia amizades que se comprometeriam. Corações adultos que se quebrariam. Mas havia também a hipótese de duas pessoas que eu amava acabarem por ser muito felizes.

Devia-lhe isso.

- Está bem. Vou tentar. Mas não prometo nada.

- Não me denuncies, está bem?

- Claro que não. Serei o auge da subtileza.

- Sinto-me doente - disse ela e eu pensei «Eu também».

Antes de eu ter oportunidade para o encostar à parede, passámos os três uma noite juntos a comer e a beber de mais em casa de Michelle. Era como os Sábados de Ataque Cardíaco outra vez, só que com uma mudança de pessoas e local. De alguma maneira, Michelle conseguira tornar a sua casa alugada no sítio em que todos nos queríamos congregar. Acolhedora, calorosa, confortável.

Adam já lá estava quando eu cheguei e fiquei aliviada porque não queria ter de informar Michelle dos meus progressos, que aliás não eram nenhuns. Eu não via Adam há um par de dias e não parecia o tipo de coisa de que se poderia falar ao telefone. E, além disso, ainda estava a tentar processar as implicações. A desistir do sonho que andava calmamente a fermentar dentro de mim há semanas.

Estavam os dois a trabalhar na cozinha quando entrei com a minha chave. O rádio ligado. Adam, com um gorro de Pai Natal a fazer alguma dança estúpida ao mesmo tempo que fatiava tomates. A cantar um cântico de Natal. Michelle, que nunca canta, a acompanhá-lo numa desafinação. Digo cozinha, mas é um canto da sala dedicado a um par de armários, um forno, um frigorífico e uma placa. Está feito de forma inteligente, mas básica. Bem, comparado com o espaço acolhedor e muito querido de Michelle em Highgate.

A primeira coisa que me surpreendeu quando os vi lado a lado, ambos a cortar qualquer coisa, foi que pareciam um casal. Um casal em que ela era muito mais atraente do que ele, mas ainda assim um casal. Pareciam tão à vontade juntos. Ele estava a dizer alguma coisa para a fazer rir e ela estava a olhar para ele com o que só posso descrever como adoração, continuando a trinar. O nó no meu estômago apertou-se mais.

- Boa noite - disse e eles sobressaltaram-se ambos. Desfizemo-nos todos em risinhos. Eu de nervosismo, eles do choque de me verem ali de pé, imagino.

- *Okay*. Então vou sair outra vez e fingir que não vi isso.

- Ele está a ensinar-me o descante - explicou Michelle, a rir-se.

- Oh! Pensei que te tinhas ferido.

Lançou-me um olhar.

- Muito engraçada.

- Olha aqui - disse Adam, tirando com uma concha da sopa uma coisa vermelha com mau aspeto de uma panela para um copo. - Fizemos vinho quente com açúcar.

- Estamos apenas no dia dois de dezembro - retorqui, aceitando o copo quente.

- Exato. Estamos em dezembro. Isso significa que é Natal.

- Oh, não. Não és uma dessas pessoas, és?

- Que pessoas?

Fiz uma careta.

- A brigada do mês da alegria obrigatória?

- Que queres que te diga? Estou cheio das alegrias da temporada.

- Não liguês a Tam - interveio Michelle. - Ela fica um pouco Scrooge quando se trata do Natal.

- Isso não é nada verdade. Adoro o Natal. Só que o adoro *no* Natal. Não semanas antes.

- Bem, então aviso-te - interrompeu Adam - que vou ser insuportável, porque não me consigo faltar.

- Isso é o que dá passares o teu tempo todo com adolescentes - retorqui, estendendo o braço e pegando num pepino para o cortar. - Paraste o desenvolvimento.

- Adam está a ajudar a ensaiar o coro da escola para o concerto de Natal - referiu Michelle, como um progenitor orgulhoso.

- Caramba. Pensei que a maioria dos miúdos que ensinavas eram basicamente selvagens.

- E são. Mas podem faltar a matemática durante uma semana para vir ensaiar. Ias ficar surpreendida com a quantidade deles que descobriu que adora cantar. A propósito, podes vir assistir se quiseres.

- Creio que estou ocupada nessa noite.

Ele riu-se.

- Ainda não te disse quando é.

- Eu sei. Assume simplesmente que estou ocupada todas as noites. Muito, muito ocupada.

- Bem, eu adoraria ir - disse Michelle e Adam lançou-lhe um sorriso que dizia muito.

- Ótimo. Posso mostrar-te a minha cadeira na sala dos professores. É muito emocionante.

- Caramba, preciso de me sentar.

Adam andava numa de fazer exercício. Isso envolvia acompanhar-me e a *Ron* em passeios a Primrose Hill e, de

vez em quando, correr num grande círculo enquanto eu ficava sentada num banco e observava. Um *Ron* encantado trotava atrás dele, com a cauda a abanar e a língua de fora. Ambos a ofegar. Era um pouco como ter dois cães.

Mas estava a dar os seus frutos. Ele parecia ter um pouco mais de firmeza à volta do queixo. Apetecia-me dizer-lhe para não ir longe de mais. Era perfeito como era. Mas já não tinha nada a ver comigo. Não que alguma vez tivesse tido, exceto nas minhas fantasias.

Eu andava há alguns dias a tentar encontrar uma introdução para a conversa de Michelle. Não sabia se estava sempre a adiar porque tinha medo de lixar tudo ou se porque tinha medo do que podia acontecer a seguir.

- Estás a tentar fazer demasiado, depressa de mais. Tens de ir a pouco e pouco.

- Diz a especialista. - Deixou-se cair ao meu lado, com *Ron* aos seus pés.

- Na realidade, perdi um quilo nos últimos tempos. Não faço ideia por que motivo. De facto, estava só a tentar dar-te uma desculpa para parares.

- Ah. Nesse caso, és uma autoridade e eu preciso de fazer o que dizes.

- Tenho um encontro amanhã à noite - disse, quando ficámos ali sentados a olhar para o longe. Não tinha. Estava a usar aquilo como transição para a conversa que queria ter, mas também porque pensava que seria uma boa ideia colocar um ponto final se (e não pensava que fosse esse o caso) Adam acalentasse quaisquer dos mesmos pensamentos clandestinos sobre nós que eu acalentava.

Desde a revelação de Michelle que eu tentava desligar-me da minha paixoneta. Tinha andado a enumerar todos os defeitos de Adam. A recordar-me que, fisicamente, não teria olhado duas vezes para ele antes de ter ficado a conhecê-lo. Não sabia dizer se estava a funcionar. Ainda sentia o desejo de estender o braço e agarrar-lhe a mão

enluvada, mas talvez não fosse uma coisa tão avassaladora como era dantes. Não tinha a certeza.

O que era estúpido era que nem sequer sabia se ele gostava de Michelle. Se descobrisse que ele não estava interessado, talvez pudesse ainda agarrar-me a alguma esperança para mim mesma. A seu tempo. Assim, não parecia que o estava a roubar mesmo debaixo do nariz dela. Mas eu sabia que ele devia gostar dela. Se sabia o que era bom para ele.

- Other Half?

- É.

- Excelente. Conta-me tudo sobre ele. Bom sentido de humor? Tem de gostar de cães?

- Sabe Deus. Parece bom na fotografia. Trabalha no teatro. É mais ou menos tudo.

- Como se chama?

- *Hum...* Tim. Ou Tom. Uma coisa assim. Na realidade, não sei porque vou.

- Vê se descobres primeiro, está bem? Porque tratá-lo pelo nome errado não é de facto forma de conquistar o coração de um homem.

- E então tu? Alguma coisa?

Ele abanou a cabeça.

- Não.

Senti uma onda de alívio e depois lembrei-me por que razão ali estava. Cá vai:

- Estava a pensar sugerir que Michelle experimentasse.

Ele riu-se.

- Por causa do sucesso que nós temos tido?

- Exato. Achas que é demasiado cedo para ela ter encontros românticos outra vez?

- Caramba, não. Embora ela possa pensar que sim.

- Embora não pense que ela precise de procurar *online*. Quero dizer, ela é tão atraente...

Esperei. Tentei avaliar a reação dele.

- *Mmm.*

Fantástico. Muito conclusivo.

Tentei outra vez.

- Talvez devêssemos pensar em alguém para ela. Conheces alguns homens porreiros?

- Isso é sempre um desastre, não achas? A nossa ideia de quem é porreiro pode ser o pior pesadelo dela.

- Ela precisa de uma pessoa gentil. Alguém que seja bom para ela. Ela não quer saber da aparência - acrescentei apressadamente. Será que imaginei? As orelhas dele arrebitaram-se um pouco com este último comentário?

- Eu diria que Patrick estava bem classificado nesse aspeto. Não está? Embora eu não seja especialista na atração sexual dos homens. Sempre pensei que John Stapleton era *sexy*.

- Quê? Bem... exato. E vê lá a merda que acabou por se revelar. Isto é Patrick. Não John Stapleton. Além disso, Michelle nunca se preocupou com nada disso. Patrick foi apenas uma aberração.

Adam puxou a manga do casaco de malha com capuz para baixo, para tapar a mão. Tinha ficado frio.

- Acho que Michelle é demasiado boa para o Other Half.

- Ao contrário de nós, queres dizer?

Riu-se.

- Pois. Não consigo imaginá-la a lidar com todas aquelas tretas.

- Tu estás lá. És quem disseste que eras. Para além da parte do divórcio muito amigável.

Ele ergueu uma sobrancelha.

- Como sabes? Podia ter uma mulher e seis filhos escondidos algures. Ou ser um assassino em série. Um assassino que gosta primeiro de conhecer as suas vítimas muito, muito bem.

- Oh, sempre achei essas duas coisas sobre ti. Mas tens razão em relação a Michelle. Ela é demasiado confiante. Precisa de conhecer alguém como se fazia antigamente.

- Talvez a devesse encorajar a... não sei... entrar para uma aula de salsa ou algo assim.

Oh, pelo amor de Deus.

- E então se fores tu? És solteiro. E normal. Mais ou menos.

Ele bufou.

- Ela não vai querer sair num encontro romântico comigo.

- Mas quererias? Quero dizer, se ela quisesse?

- Não quererá.

- Hipoteticamente.

- Eu teria pensado que Michelle podia escolher mais ou menos quem quisesse...

- Por amor de Deus, Adam! Sentes-te atraído por ela ou não, porque ela sente-se por ti...

Aquilo fê-lo calar-se.

- E, se não sentires, claro que tudo bem, mas, por favor, não lhe digas que eu to disse assim tão frontalmente, porque eu devia ter sido subtil.

- Bem, isso correu bem. - Tinha um pequeno sorriso no rosto e percebi que quaisquer ideias que eu tivesse acalentado sobre eu e ele juntos tinham acabado.

- E, se achas mesmo que gostas dela, e vocês acabarem por ficar juntos, lembra-te só que se fizeres alguma coisa que a magoe te matarei.

- Acredita em mim, já vi como és quando alguém te chateia...

- Quando alguém chateia Mich. Há uma diferença.

- Ela sente mesmo...? Quero dizer...

Assenti.

- Sabe Deus porquê.

- Desespero? - replicou ele e aquilo fez-me rir.

- Provavelmente. Estás interessado então?

- Meu Deus, sim. Ela é adorável. Só nunca pensei...

- Estou a falar a sério, Adam. Não a convides para sair a menos que realmente penses que existe alguma coisa. Para

além do óbvio.

- Acho que ela é muito perfeita.

- E tens de me deixar andar com vocês os dois e não me sentir como algum tipo de patética parte sobresselente.

- Oh, caramba. Não fará diferença nenhuma para nós, não é? És a minha melhor amiga.

Era? Assimilei o que ele disse e experimentei ver o que achava daquilo. Descobri que gostava.

- Não se não o deixarmos.

- Nunca. Quero dizer, posso imaginar uma bela vida com Michelle e bebés e felicidade, mas continuarei a precisar de vez em quando de alguém com quem me sentar no *pub* e queixar-me da mulher.

- Fico a contar com isso.

Ele olhou para mim. Parara por fim de transpirar.

- Isto não é algum tipo de brincadeira complicada, pois não?

Revirei os olhos.

- Uau. Então agora o que faço? Convido-a para sair?

- Creio que é assim que a coisa funciona.

- Como os meus alunos do oitavo diriam «A merda tornou-se real».

- Isso é porque são uns idiotas de treze anos. Tu, por outro lado, és um homem eloquente de quarenta e dois anos, por isso não comeces.

- Mesmo.

Bufei.

- *Okay*. Vou-me embora agora. Telefona-me quando chegares à puberdade.

Levantei-me, prendi a trela à coleira de *Ron*.

- Vou para casa tomar um duche - disse Adam. - Telefona-te depois.

Deu-me um abraço. Uma palmadinha nas costas. Fiz-lhe o mesmo.

Tamsin

Tanto Michelle como Adam insistiram que me juntasse a eles mais tarde, apesar de ter tentado protestar que invadir o seu primeiro encontro romântico era um bocado radical, mesmo para mim. Em resposta, Michelle anunciou que faziam tenções de comer no restaurante de tapas em Haverstock Hill, que fica a curta distância do meu apartamento, e que estavam a planear aparecer depois, quer eu gostasse quer não.

Passei a noite a ver televisão, a embrulhar um ou outro presente de Natal (um creme de corpo com aroma de chocolate para Anne Marie, um cachecol *Ted Baker* para Ian) e quer a pensar quer a tentar não pensar no que está a acontecer ali perto.

A minha inapropriada paixoneta por Adam está a retroceder, mas ainda não desapareceu por completo. Não consegui ainda desligar muito bem a imagem que tinha criado de uns futuros nós a rirmo-nos a caminho da velhice. Tenho só de a retificar. De ajustar a agulha. Porque, não duvidem, se ele e Michelle decidirem ir em frente, não há

qualquer hipótese de eu ser alguma vez apanhada meio despida a rolar no meu sofá com ele. Mesmo que ele quisesse, que não quer e nunca quererá. Se penso que terei alguma vez de me preocupar se Adam é fiel a Michelle? Nem por um instante. Aquele homem é feito de princípios.

Não posso voltar atrás em relação ao que fiz com Patrick, mas agora sinto que posso remediar a situação. Posso juntar as duas pessoas que mais amo no mundo e vê-las forjar um futuro feliz. Pensar nisso faz-me chorar, mas também me faz sentir bem. Estou a fazer o que é correto.

E, sejamos realistas, a longo prazo, Michelle será dez vezes mais feliz com Adam do que alguma vez podia ter sido com Patrick, por isso talvez lhe tenha feito um favor. Não que imagine que ela alguma vez visse a coisa dessa maneira.

Preocupo-me que Adam possa alguma vez revelar-lhe o meu segredo? Nem por um segundo. Ela ficaria demasiado ferida e ele não deixaria isso acontecer, de maneira nenhuma.

A campainha toca, *Ron* dá um salto e começa a correr em círculos. Carrego para abrir a porta lá em baixo e percebo, mal lhes vejo os rostos, que correu bem. Parecem duas crianças excitadas na véspera de Natal. Sabendo sem sombra de dúvida que há presentes no horizonte.

Espero por uma pontada de inveja. Em vez disso, sinto uma descarga de afeto. Um progenitor orgulhoso.

- Então? - pergunto, antes de eles despirem sequer os casacos.

- Horrível - diz Adam. - Esqueci-me que só estive com Michelle quando tu também estavas. Quando tu não estás, ela é uma pessoa completamente diferente. Racista. Homofóbica. Chamou a um dos empregados parolo ranhoso porque ele lhe deixou cair o guardanapo...

Michelle guincha o seu desacordo.

- Óbvio que nada disso é verdade.

Eu associo-me:

- Bem, disseste certa vez a um taxista que era um desclassificado pedaço de merda porque ele subiu a Fitzjohns Avenue em vez de seguir através de Primrose Hill.

- Não disse nada! - Vira-se para Adam a rir-se. - Isso nunca aconteceu.

Adam emite um som teatral de desaprovação, abana a cabeça.

- É sempre quem menos se espera.

Michelle ignora-o.

- Vou beber um copo de vinho. Mais alguém quer?

Serve-nos a todos e afundamo-nos, eu na poltrona, Adam e Michelle ao lado um do outro no sofá. A dada altura, um deles, não vejo qual, enfia a mão na do outro. Sinto-me feliz, triste, invejosa e aliviada, tudo ao mesmo tempo. Um *cocktail* de emoções contrárias.

Ron iça-se para o assento, para o meu lado, a bufar com o esforço. Aconchega-se no espaço entre mim e o braço da poltrona, cabeça no meu colo, e começa a risonhar quase de imediato. Passo-lhe a mão pelas orelhas hirsutas.

- Oh, Adam e eu vamos fazer compras de Natal no Selfridges amanhã depois do trabalho, queres vir? - pergunta Michelle. - Podíamos comer em St Christopher Place, num sítio qualquer.

- Oh... não sei... - Sei que querem incluir-me, mostrar-me que o facto de eles estarem juntos não significa que vou agora ficar sozinha, mas não quero intrometer-me na sua florescente história de amor.

- Tens de vir - diz Adam. - Assim Mich pode fazer compras e nós podemos queixar-nos.

Michelle faz-lhe uma careta.

- E tens de me ajudar a escolher alguma coisa para os meus pais.

- Está bem. Mas não comecem a pensar que têm de me convidar para todos os vossos encontros românticos, porque isso seria esquisito.

- Só mesmo os mais íntimos - diz Adam.

Antes de eles se irem embora (Adam vai levá-la a casa antes de seguir, pois tem escola amanhã de manhã. E não imagino que nenhum deles seja pessoa de sexo-no-primeiro-encontro), Michelle e eu ficamos sozinhas durante uns minutos enquanto ele vai à casa de banho.

- Divertiste-te então?

Ela olha para mim. Os olhos a brilhar.

- Foi fantástico. Senti-me tão à vontade. Não houve nada daqueles constrangimentos de primeiro encontro.

- Porque já o conheces tão bem.

- Exato. Sinto-me tão feliz. Realmente feliz como deve ser pela primeira vez há que séculos.

- Bem, mereces ser.

- É engraçado como as coisas se resolvem, não é?

- Às vezes, temos de passar pela merda toda para chegar ao que é bom.

- Descartes? - Ela ri-se.

- Um dos alunos de Adam, acho eu.

- Muito profundo.

Partem numa confusão de casacos, cachecóis e promessas de nos encontrarmos no dia seguinte. Sirvo-me de outro copo de vinho, instalo-me no sofá com *Ron*. Sinto-me descontraída como não me sentia há meses. A voz enervante de ódio por mim mesma na minha cabeça parece por fim ter cessado. Ligo o computador. Entro no *site* Other Half.

Olho para *Ron*, coço-lhe a cabeça e ele suspira de êxtase. Sinto-me bem.